



PREFÁCIO DE  
ANDRÉ KFOURI

Prêmio Livro  
do Ano de 2014  
pela revista  
*Panenka*

# GUARDIOLA

## CONFIDENCIAL

MARTÍ  
PERARNAU



Um ano dentro do Bayern de Munique acompanhando de perto  
o técnico que mudou o futebol para sempre

## DADOS DE COPYRIGHT

### Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe [Le Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de oferecer conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

### Sobre nós:

O [Le Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: [LeLivros.site](#) ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados [neste link](#)

*"Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não mais lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade poderá enfim evoluir a um novo nível."*



## Sumário

[Prefácio](#)

[Capítulo 1](#)

[Momento 1](#)

[Momento 2](#)

[Momento 3](#)

[Momento 4](#)

[Momento 5](#)

[Momento 6](#)

[Momento 7](#)

[Momento 8](#)

[Momento 9](#)

[Momento 10](#)

[Momento 11](#)

[Momento 13](#)

[Momento 14](#)

[Capítulo 2](#)

[Momento 12](#)

[Momento 15](#)

[Momento 16](#)

[Momento 17](#)

[Momento 18](#)

[Momento 19](#)

[Momento 20](#)

[Momento 21](#)

[Momento 22](#)

[Momento 23](#)

[Momento 24](#)

[Momento 25](#)

[Momento 26](#)

[CAPÍTULO 3](#)

[Momento 27](#)

[Momento 28](#)

[Momento 29](#)

[Momento 30](#)

[Momento 31](#)

[Momento 32](#)

[Momento 33](#)

[Momento 34](#)

[Momento 35](#)

[Momento 36](#)

[Momento 37](#)

[Momento 38](#)

[Momento 39](#)

[Momento 40](#)

[Momento 41](#)

[CAPÍTULO 4](#)

[Momento 42](#)

[Momento 43](#)

[Momento 44](#)

[Momento 45](#)

[Momento 46](#)

[Momento 47](#)

[Momento 48](#)

[Momento 49](#)

[Momento 50](#)

[Momento 51](#)

[Momento 52](#)

[Momento 53](#)

[CAPÍTULO 5](#)

[Momento 54](#)

[Momento 55](#)

[Momento 56](#)

[Momento 57](#)

[Momento 58](#)

[Momento 59](#)

[Momento 60](#)

[Momento 61](#)

[Momento 62](#)

[Momento 63](#)

[Momento 64](#)

[Momento 65](#)

[Momento 66](#)

[Momento 67](#)

[Epílogo](#)

[Sumário](#)

# GUARDIOLA

## CONFIDENCIAL

MARTÍ  
PERARNAU



Um ano dentro do Bayern de Munique acompanhando de perto  
o técnico que mudou o futebol para sempre

Tradução de Gabriel Roberti Gobeth

Prefácio de André Kfourí





*Aos que têm dúvidas. Porque eles estão certos.*

## PREFÁCIO

Há uma passagem neste livro que vai arrepiar os pelos do seu corpo. Não pretendo arruinar a experiência, apenas direi que tem a ver com Lionel Messi e um dos momentos que, para Pep Guardiola, justificam a profissão de técnico de futebol. São poucas linhas que você vai ler e reler, imaginando como a cena se deu e tentando compreender como um instante, na solidão de uma sala iluminada pela tela de um computador, pode ter tanto significado.

Esta leitura lhe proporcionará outros momentos marcantes, como a conversa entre Guardiola e o lendário enxadrista Garry Kasparov, um encontro de cérebros privilegiados traduzido em palavras. Ou a descrição minuciosa das sessões de treinamento do Bayern de Munique, material valioso para os interessados no método de trabalho em campo de um técnico revolucionário. Ler e reler será um hábito que o acompanhará até o último ponto, quando a estranha sensação de chegar ao final de um livro a contragosto se instalará. E você será convidado a começar de novo.

Pep Guardiola é um mistério. Como profissional e como pessoa, mantém o acesso a seu mundo restrito a poucos. Não permite invasões e não gosta de vazamentos. Antes deste trabalho de Martí Perarnau, o que foi publicado a respeito do técnico catalão se assemelhou a um olhar afastado, baseado em conversas com quem pôde ver mais de perto. O autor entrou na bolha, foi convidado a sentar-se à mesa e nos trouxe um relato sem precedentes. Um dos grandes méritos deste livro é ser capaz de surpreender não o leitor que quer conhecer Guardiola, mas o leitor que julga conhecê-lo.

Uma das surpresas é a desmistificação de um treinador identificado por muitos como um guardião da estética. O objetivo principal dos times dirigidos por Guardiola não é praticar um futebol belo — essa é apenas a impressão que eles provocam. Seus únicos dogmas são a coragem e a bola. E seu presente para o jogo é desfazer o falso conflito entre “jogar bem” e “vencer”, uma falácia criada por preguiçosos que encanta os enamorados pelo futebol feio, algo ainda mais deplorável do que não gostar de futebol. O Barcelona de Guardiola foi impiedoso com todos eles ao confiscar seus argumentos, como disse definitivamente César Luis Menotti em entrevista à revista argentina *El Gráfico*: “Guardiola foi um furacão devastador, arrasou com toda a farsa e a mentira, as destruiu, as aniquilou de tal maneira, que agora até os italianos querem ter a bola e jogar”.

A monumental obra do Barcelona dos “pequenos”, dos meios--campistas frágeis e geniais, reformou uma época em que a faixa central do campo parecia



território exclusivo para gladiadores musculosos especializados na negação do jogo. O sistema aperfeiçoado por Guardiola criou um time histórico, que reprogramou os objetivos de clubes e seleções em relação à maneira de atuar. Quando os executivos do Bayern imaginaram como deveria ser o futuro do time em termos de estilo, Guardiola representava a visão mais completa e inovadora. Este livro é um diário da implantação de um jeito de jogar futebol que contraria as características do que sempre se praticou na Alemanha. Mais uma demonstração do caráter transformador de Pep, pois não se trata de criar um Barça que fale alemão, mas sim um Bayern que fale “guardiolês”.

Lamento pelos seus afazeres diários. Mesmo os obrigatórios serão influenciados por estas páginas — as próximas, que fique claro — magistralmente escritas por Martí Perarnau, enfim traduzidas para o português. Elas são uma linha direta com o Steve Jobs do futebol.

*André Kfoury*

## CAPÍTULO 1

### TEMPO, PACIÊNCIA, PAIXÃO

“Precisamos de paciência.”

KARL-HEINZ RUMMENIGGE



\*\*\*

“Precisamos de paixão.”

MATTHIAS SAMMER



\*\*\*

“Preciso de tempo.”

PEP GUARDIOLA

## Momento 1

### O enigma de Kasparov

*Nova York, outubro de 2012*

Garry Kasparov balançou a cabeça enquanto terminava o prato de salada. Usou as mesmas palavras pela terceira vez: “É impossível”. Já falava com um tom de irritação na voz. Pep Guardiola insistia em lhe perguntar as razões pelas quais considerava ser impossível competir com o jovem mestre Magnus Carlsen, o mais promissor enxadrista do momento.

O jantar transcorria em clima amigável. Guardiola e Kasparov haviam se conhecido semanas antes, e desde o início o técnico catalão demonstrou abertamente seu fascínio pelo grande campeão. Kasparov encarna qualidades que Pep admira profundamente: rebeldia, esforço, inteligência, dedicação, persistência, força interior... Daí o entusiasmo ao conhecê-lo pessoalmente e encontrá-lo para dois jantares, em que conversaram sobre competitividade, economia, tecnologia e, é claro, esporte. Guardiola se afastara da elite do futebol poucos meses antes e começava a gozar de um ano de tranquilidade em Nova York. Deixara para trás, no FC Barcelona, um período triunfal — o mais brilhante, bem-sucedido e apaixonante da história do clube catalão, talvez inigualável: seis títulos em sua primeira temporada, além de catorze troféus dos dezenove possíveis em quatro anos. Os resultados de Guardiola eram excepcionais. Mas, para alcançá-los, ele havia se esgotado. Exausto e descontente, disse adeus ao Barça antes que os danos provocados fossem irreversíveis.

Em Nova York, ele queria começar de novo e viver um ano de paz, esquecimento e tranquilidade. Precisava preencher um reservatório de energia que tinha se esvaziado e passar mais tempo com a família, que pouco via pelos compromissos de trabalho. Sua intenção era conhecer novas ideias e dedicar-se aos amigos. Um deles era Xavier Sala i Martín, professor de economia da Universidade Columbia e tesoureiro do Barça em 2009 e 2010, a última etapa de Joan Laporta como presidente do clube. Sala i Martín é economista de prestígio internacional e um bom amigo dos Guardiola. Morando em Nova York há muito tempo, ele foi essencial para que a família de Pep vencesse algumas reservas em relação à cidade norte-americana: os filhos não dominavam o inglês e Cristina, a esposa, ocupava-se demais com o negócio da família na Catalunha. Assim, não entendiam bem o que Guardiola propunha. Sala i Martín encorajou a família a curtir a experiência de viver em Nova York, que acabou sendo muito melhor do que esperavam.

Sala i Martín também é amigo íntimo de Garry Kasparov. No outono, a família

Guardiola convidou o economista para visitar sua casa em Nova York “Sinto muito, mas esta noite tenho um compromisso: marquei de jantar com o casal Kasparov”, desculpou-se, antes de sugerir a Pep que o acompanhasse. Guardiola ficou encantado com a ideia, assim como o próprio Kasparov e sua esposa, Daria. Foi um encontro fascinante. Não falaram de xadrez nem de futebol, mas de invenções e tecnologia, da coragem de romper paradigmas, das virtudes de não se acovardar diante da incerteza e da paixão. Falaram muito da paixão. Kasparov expôs de forma clara suas ideias pessimistas sobre os avanços tecnológicos. Segundo ele, o mundo está estacionado economicamente porque o potencial tecnológico serve basicamente para jogos e novos inventos não possuem a relevância dos antigos. Na opinião de Kasparov, a invenção da internet não pode ser comparada à da eletricidade — que provocou uma autêntica transformação econômica, permitindo o acesso da mulher ao mercado de trabalho e multiplicando por dois o volume da economia mundial. O ex-campeão mundial de xadrez explicou que a verdadeira influência da internet na economia produtiva, não na financeira, é muito inferior à que teve a eletricidade. Deu como exemplo o iPhone, cuja capacidade processadora é muito superior à dos computadores da Apollo 11, os *agc* (Apollo Guidance Computer), que possuíam cem vezes menos memória ram que um smartphone atual. Segundo Kasparov, os *agc* serviram para levar o homem à Lua, mas agora usamos a potencialidade de um telefone celular para matar passarinhos (referindo-se ao game popular *Angry Birds*). Sala i Martín, um homem de raciocínio prodigioso, assistiu maravilhado à conversa entre Kasparov e Guardiola: “Foi fascinante ver dois homens tão inteligentes improvisando um diálogo sobre tecnologia, invenções, paixão e complexidade”, disse.

O encantamento mútuo foi tamanho que, poucas semanas mais tarde, eles se encontraram para um segundo jantar — ao qual Sala i Martín não pôde comparecer porque estava na América do Sul, mas que teve a presença de Cristina Serra, esposa de Pep. Naquela segunda noite, sim, se falou de xadrez. Guardiola ficou surpreso com a intensidade de Kasparov ao falar sobre o norueguês Magnus Carlsen, visto por ele como o indiscutível futuro campeão mundial — o que de fato aconteceu um ano depois, em novembro de 2013, com a vitória sobre Viswanathan Anand por 6,5 a 3,5. Kasparov rasgou elogios ao jovem mestre (de 22 anos na época), a quem chegou a treinar secretamente em 2009, e também detalhou algumas fraquezas que deveria corrigir se quisesse dominar por completo o mundo do tabuleiro. Foi então que Guardiola perguntou se Kasparov se sentia capaz de vencer o emergente campeão norueguês. A resposta o surpreendeu: “Tenho capacidade para derrotá-lo, mas é impossível”. Guardiola imaginou se tratar de uma frase politicamente correta que continha toda a diplomacia que um homem impetuoso como Kasparov era capaz de demonstrar. E por isso insistiu: “Mas, Garry, se você tem capacidade, por que não

conseguiria vencê-lo?”. A segunda tentativa obteve a mesma resposta: “É impossível”. Guardiola é teimoso, muito teimoso, e não largou o osso que Kasparov lhe atirara. Insistiu uma terceira vez, enquanto o enxadrista ia se encerrando cada vez mais em sua concha protetora, os olhos fixos no prato, como naqueles tempos em que precisava defender uma posição frágil no tabuleiro. “É impossível”, voltou a dizer com certo ar de lamúria. Guardiola mudou de tática, afastou o prato de salada, que mal havia tocado, e decidiu esperar outra oportunidade para sondar as razões pelas quais Kasparov se sentia incapaz de vencer o jovem Carlsen. Não só por curiosidade, mas porque tinha consciência de que a resposta podia guardar um dos segredos do esporte de alto nível.

Fazia só quatro meses que Pep abandonara o comando do Barça, depois de construir um cartel de vitórias único e inimaginável. Tinha deixado o clube porque se sentia vazio, desgastado, esgotado, incapaz de levar mais glórias a uma equipe que havia se fartado de tantas conquistas. Foi o primeiro e único na história do futebol a conseguir os seis títulos possíveis em uma mesma temporada. Mas Guardiola renunciou ao Barça por esgotamento e agora, já renovado e recuperado, ciente de que a energia voltava ao seu corpo — e, sobretudo, à sua mente —, via-se diante de um dos grandes mitos do esporte, o qual lhe repetia sem hesitar que ainda possuía as capacidades para vencer, mas que era impossível fazê-lo. Sentiu curiosidade, é lógico. O enigma de Kasparov continha muito mais que uma anedota para contar aos netos; nele se encontrava a resposta para o que Guardiola desejava saber há muito tempo: por que se desgastara tanto no Barça? E, principalmente, como evitar tanto desgaste no futuro?

Se eu tivesse que definir Pep Guardiola, diria que ele é um homem que duvida de tudo. A origem dessas dúvidas não é a insegurança nem o medo do desconhecido: é a busca da perfeição. Ele sabe que alcançá-la é impossível, mas a persegue do mesmo modo. Por isso, muitas vezes tem a sensação de que seu trabalho está inacabado. Guardiola é obcecado pelas dúvidas. Acredita que só pode encontrar a melhor solução depois de examinar todas as opções. Lembra, nesse aspecto, o mestre enxadrista que analisa todas as jogadas possíveis antes de realizar o movimento seguinte. A obsessão por esclarecer as dúvidas é um traço da essência de Pep, capaz de dar voltas e mais voltas em torno de qualquer assunto que envolva o jogo antes de tomar uma decisão.

Quando estuda como encarar uma partida, ele não duvida da vocação do seu time: todos ao ataque, com a bola e para ganhar. Mas esses são conceitos muito amplos, e Guardiola desenha com traços finos. Suas grandes ideias são imutáveis, contudo se compõem de muitas pequenas ideias, que ele vai destrinchando na semana que antecede a partida. Pensa e repensa sobre a escalação, a entrada de

um jogador em vez de outro, os movimentos que cada atleta fará em função do adversário, a sintonia de algum jogador com um companheiro, como trabalhar as linhas da equipe diante do ataque inimigo...

A mente de Guardiola se parece com a do enxadrista que calcula e analisa todos os movimentos, próprios e do adversário, para antecipar mentalmente o desenvolvimento da partida. Jogue contra quem jogar, a preparação será idêntica: não haverá um segundo de descanso até que ele estude e avalie todas as opções. E quando terminar, voltará de novo a todas elas. É o que Manel Estiarte, seu braço direito no Barça e no Bayern, chama de “lei dos 32 minutos”, em alusão à dificuldade de fazer Pep se desconectar do futebol. Estiarte emprega todos os recursos ao seu alcance para de vez em quando conter a obsessão do treinador e obrigá-lo a se distrair, mas sabe por experiência própria que a distração não dura mais de meia hora: “Você o leva para comer em um restaurante para que se esqueça do futebol, mas depois de 32 minutos já vê que ele começa a divagar. Os olhos miram o teto, ele faz que sim com a cabeça, diz que está escutando, mas não olha pra você, já está pensando outra vez no lateral esquerdo do time adversário, nas coberturas do volante, nos apoios ao ponta... Passou meia hora e ele volta a suas digressões internas”, explica Estiarte.

Se os jogadores estiverem fechados com ele, se o Bayern o apoiar, Guardiola não se desgastará tanto com a tensão causada pela análise constante das variáveis. Às vezes, Estiarte o manda embora de Säbener Straße, a cidade esportiva do Bayern, para que ele se desconecte. Nesses dias, Guardiola volta para casa e passa um tempo com os filhos, brinca com eles, mas meia hora depois vai até um canto que preparou no final de um corredor, que não chega sequer a ser um quarto pequeno, e recomeça suas divagações. Passaram-se 32 minutos e é preciso repassar novamente todas as dúvidas, apesar de ser a quarta vez no dia em que as examina.

Por tudo isso, a resposta de Garry Kasparov era tão importante. Daí vinha sua insistência em resolver o enigma. Por que um mestre lendário como Kasparov, cujas capacidades são excepcionais, considerava impossível derrotar um rival? Foram Cristina e Daria, as esposas, as rainhas daquele tabuleiro nova-iorquino, que desvendaram o enigma. Levaram a conversa novamente para o rumo da paixão, desse ponto passaram à exigência e ao desgaste emocional e, por fim, desembocaram na concentração mental. “Talvez seja um problema de concentração”, sugeriu Cristina. Daria deu a resposta: “Se fosse só uma partida e durasse apenas duas horas, Garry poderia vencer Carlsen. Mas não é assim: a partida se prolongaria por cinco ou seis horas, e ele não quer viver outra vez o sofrimento de passar tantas horas seguidas com o cérebro funcionando a todo vapor, calculando possibilidades sem descanso. Carlsen é jovem e não tem consciência do desgaste que isso provoca. Garry tem, e não gostaria de voltar a

passar por isso durante dias a fio. Um conseguiria se manter concentrado por duas horas; o outro, por cinco. Por isso seria impossível ganhar”.

Naquela noite, Guardiola dormiu pouco e pensou muito.



### Chuva e expectativa em Munique

*Munique, 24 de junho de 2013*

É festa de São João, o primeiro dia de Guardiola no Bayern, e está chovendo. Ele parece não se importar. Está radiante, precisa até conter em alguns momentos o sentimento de plenitude que o invade. Mais do que medo, o que Guardiola sente é felicidade, e ele não quer esconder isso. Felicidade, basicamente, porque está de volta ao futebol. E regressa, além de tudo, no lombo de um cavalo impetuoso e veloz como o Bayern, um clube que também está em êxtase e transborda emoção, como se a contratação de Pep fosse mais um título na temporada da tríplice coroa, ou a primeira conquista do novo percurso.

É 24 de junho de 2013, e o Bayern vive um dia histórico. Mas realiza-se apenas uma entrevista coletiva. Foram credenciados 247 jornalistas, o maior número já registrado no clube para um evento dessa natureza. O ambiente na Allianz Arena é extraordinário, como se a chegada de Guardiola fosse, mais que uma apresentação, um acontecimento. O entusiasmo invade o estádio de Munique, há tensão no ar e uma multidão se amontoa na sala de imprensa. O técnico está exultante com a retomada das atividades. Ele rejuvenesceu, não é o homem extenuado que abandonou o Barça: o brilho voltou aos seus olhos. Deve ser a proximidade da bola. É a paixão. “Eu gosto de futebol, já gostava antes de ser jogador. Gosto de jogar, gosto de ver, gosto de falar de futebol. Vou me confinar em Säbener StraÙe para aprender rápido tudo o que preciso saber sobre o clube, sobre os jovens da base e, principalmente, sobre os rivais na Bundesliga”, ele diz.

Karl-Heinz Rummenigge, presidente do comitê executivo do Bayern, logo estabelece os objetivos: “Para nós, o título mais importante é o da Bundesliga, um campeonato de 34 rodadas, ainda que o mais atraente seja o da Champions — nela não dá para garantir nada, e não adianta jogar de forma mecânica. Tenho muita vontade de saber o que Pep mudará na equipe”. O técnico faz com as mãos um gesto que indica que mudará muito pouco, embora me dê a sensação de estar sendo diplomático. Perto se encontram seus principais colaboradores, que parecem concordar com ele. Manel Estiarte, sempre à sombra, será seu braço direito, pronto a lhe dizer o que for necessário para ajudá-lo a manter o rumo. Domènec Torrent ocupará o posto de treinador assistente, a ser dividido com Hermann Gerland, um profissional da casa que acompanhou o crescimento de Thomas Müller, David Alaba e Philipp Lahm. Gerland cairá como uma luva na equipe de Guardiola.

Também está sentado entre os jornalistas Lorenzo Buenaventura, o preparador



físico que largou tudo para seguir Guardiola até o Barça, de onde também partiu junto com o técnico. Buenaventura, peça-chave entre os colaboradores, acompanhou Pep até Munique. A seu lado está Carles Planchart, que dirigirá a equipe de *scouting*, encarregada da indispensável tarefa de analisar os rivais e, principalmente, os movimentos do próprio time.

Cristina, a esposa de Guardiola, e Maria, a filha mais velha, sentam-

-se na sexta fileira do auditório. Ali também está Pere Guardiola, irmão do técnico, assim como Evarist Murtra, o diretor que propiciou a chegada de Pep ao banco do Barça, e Jaume Roures, empresário que explora os direitos audiovisuais do futebol espanhol. O representante do treinador, Josep Maria Orobitg, fecha o pequeno grupo de familiares e amigos.

O Bayern recebe Guardiola com a sensação de ter adquirido a última peça para concluir a escalada até o topo do esporte. Rummenigge expressa a ideia assim: “Conseguimos diminuir em dez pontos a diferença para o Barcelona no ranking mundial, mas ainda somos os segundos. Ainda não somos os primeiros, apesar dos grandes êxitos obtidos na temporada. Estou contente por ter conseguido contratar alguém como Guardiola. É um privilégio para o Bayern”. Pep tenta conter o entusiasmo crescente: “Seria muita presunção afirmar que o Bayern pode marcar uma era. Temos que ir passo a passo. As expectativas são muito altas e não é fácil. Estou um pouco nervoso”. Para a surpresa de todos, ele se expressa em um alemão correto, provocando certo alvoroço, já que ninguém esperava esse nível de conhecimento da língua. Chega a usar expressões gramaticalmente complexas: emprega com acerto o pronome demonstrativo “diese” e usa reiteradamente o difícil vocábulo “Herausforderung” quando fala do *desafio* que terá, algo que os meios de comunicação alemães destacaram em profusão. Com o passar dos meses, esse domínio do idioma lhes parecerá normal, ainda que muitas vezes Pep volte a pedir calma a algum jornalista de fala mais apressada.

Todos querem saber o que mudará, se haverá uma revolução parecida com a que ele fez ao chegar ao Barça em 2008, quando dispensou Ronaldinho e Deco. Guardiola rejeita a ideia: “São poucas as coisas para mudar na equipe. Cada treinador tem suas ideias, mas, na minha opinião, não é preciso mudar muito numa equipe que ganhou quatro títulos” (ele inclui a Supercopa de 2012). “O Bayern está muito bem, é um time excelente. Espero mantê-lo no nível alcançado com Heynckes, que é um grande técnico, a quem admiro não somente pelas últimas façanhas, mas por toda a carreira. Espero logo me encontrar com ele, porque sua opinião me interessa muito. É uma grande honra ser seu sucessor. Ele merece todo o meu respeito.”

Como se nunca tivessem ganhado nada, clube e técnico deixam para trás os respectivos históricos e parecem querer começar juntos uma nova vida — ainda

que em quatro anos Guardiola tenha conquistado catorze títulos e o clube de Munique, de história gloriosa, sete. É por isso que Uli Hoenes, presidente do clube, não está mentindo ao jurar que se beliscava quando Guardiola aceitou sua proposta: “No princípio, quando Pep disse que podia se imaginar algum dia treinando aqui, não podíamos acreditar”.

Eles iniciam essa caminhada conjunta com paixão juvenil, grandes esperanças e altas expectativas, mas também com o peso de saber que tudo ainda está por ser feito. No futebol, sempre se começa do zero e só existe o presente: “Quando um clube como o Bayern chama, você atende na hora. Estou disposto, estou pronto. Para mim é um desafio. Meu período no Barcelona foi fantástico, mas eu precisava de novas metas e o Bayern me ofereceu essa possibilidade. Estou preparado e, ainda que sinta a pressão, tenho que ser capaz de viver com ela. Como treinador do Bayern, você precisa fazer o time jogar bem e ganhar. Mesmo que, repito, não ache que um time tão vencedor precise de grandes mudanças”. É um discurso bastante diferente do articulado em 2008, quando ele assumiu o Barça e prometeu correr e lutar até o último arremesso lateral do último minuto do último jogo. Aqui, o esforço é dado como certo, e a pressão que Guardiola exercerá sobre si mesmo e os atletas será como a chuva ou a cerveja em Munique: fará parte da paisagem.

Nesse 24 de junho, seu ideal futebolístico se resume a poucas palavras: “Minha ideia de futebol é simples. Gosto de atacar, atacar e atacar”. Todos descem para o campo para que Guardiola experimente pela primeira vez o banco da Allianz Arena. Recordando Kaváfis e o célebre poema sobre Ítaca, de que o técnico tanto gosta, um dos catalães presentes na fresca manhã de segunda-feira em Munique lhe deseja “que o caminho seja longo”. Guardiola se volta e completa: “Que seja bom!”.

A verdade é uma só: Guardiola não aguentava mais ficar sem futebol. Quase provocou um ataque de nervos em Manel Estiarte quando lhe pediu que organizasse seu escritório em Säbener Straße a partir de 10 de junho. “O que você vai fazer lá? Não haverá ninguém! Aproveite as férias, porque serão suas últimas em muito tempo...”, ele respondeu.

Pep volta para onde quer estar. Com sua paixão, o futebol. Mas e o Bayern, do que precisava? Por que a mudança? Por que o cavalo ganhador, três vezes ganhador, muda de cavaleiro? Por quê? *Warum?*

Compreender a razão pela qual o Bayern decidiu mudar de técnico na temporada de maior sucesso da sua história exige um esforço intelectual difícil nos tempos de hoje. Obriga a refletir sobre a vida dos clubes, a complexidade do futebol e o papel dos dirigentes de uma empresa que mescla o tangível e o intangível, gols e gritos em partes iguais. O que houve na Baviera foi que um grupo de grandes ex-jogadores decidiu projetar um novo caminho para um clube

cujo estilo de jogo sofria de certo déficit de identidade. O Bayern tinha história, poder, dinheiro, autoestima, sustentação social e uma trajetória gloriosa. Seus inúmeros êxitos se somavam às melhores virtudes germânicas: a persistência, a fé indestrutível e a fortaleza de espírito. Mas era difícil definir com exatidão sua filosofia de jogo. Hoeneß e Rummenigge decidiram adquirir o que faltava. Não se limitaram a ir atrás de mais títulos, procuraram também um selo de identidade que caracterizasse sua hegemonia, uma assinatura duradoura. O objetivo era que, depois de algum tempo, a marca Bayern deixasse de ser vista apenas como reflexo de esforço, coragem, potência e vitórias. E nessa busca, o eleito foi Guardiola.

Talvez a maior demonstração de inteligência bávara tenha sido se renovar enquanto o Bayern estava no auge. Se a escolha fosse pela continuidade, ninguém reprovava o clube — especialmente à vista do tríplice sucesso de Heynckes e seu plantel. Com Guardiola o que se quis foi dar um passo além, ser um pouco melhor e, sobretudo, ser melhor com mais frequência e de forma perceptível. Não era um projeto fácil, porque Heynckes chegara muito longe. Nesse 24 de junho, no gramado da Allianz Arena, Guardiola revela os primeiros sinais de cumplicidade com Matthias Sammer, o diretor técnico do Bayern que lhe dará muito suporte nos meses seguintes. Os olhos de Pep parecem transmitir o paradoxo que o Bayern vive: após chegar ao topo, decidiu voar ainda mais alto.

Em Munique chove cerca de 134 dias no ano, e Guardiola também terá que se acostumar com isso.



### Momento 3

#### É o Bayern

“Prepare-se, Manel. Escolhi o Bayern.”

*Nova York, outubro de 2012*

Em Pescara, noroeste da Itália, Manel Estiarte sorri ao pensar em Guardiola: rápido na escolha de um novo ciclo, lento no adeus a um capítulo já encerrado. No fim, o destino não será a Inglaterra, mas a Alemanha.

A conversa acontece em outubro de 2012, cinco meses depois da saída do Barcelona. Durante esse período, Guardiola recebeu ofertas de vários clubes: Chelsea, Manchester City, Milan — e, logicamente, do Bayern. Na realidade, não eram promessas financeiras, mas cartas de amor, propostas que pretendiam arrebatá-lo do coração do técnico que levou o Barça ao topo.

A despedida em Barcelona foi longa e difícil. Guardiola expôs os motivos do adeus ao amigo Estiarte antes de fazer o mesmo com o clube ou com o próprio Tito Vilanova (falecido em abril de 2014, vítima de câncer na garganta), seu assistente técnico e sucessor. Explicou tudo com detalhes, mas a realidade poderia ser narrada de forma resumida: desgaste. Depois de quatro anos de intensidade máxima, Guardiola havia se esgotado mental e fisicamente. Estava exausto. Tinha dado tudo o que podia e se sentia incapaz de continuar.

Não era o único motivo, claro. Durante quatro anos, Pep se desdobrou no papel de técnico, líder, porta-voz, presidente virtual e até mesmo organizador de viagens. Primeiro, trabalhou sob a presidência de Joan Laporta, de personalidade vulcânica, capaz de fazer o bem e o mal ao mesmo tempo, elétrico, ousado. Em seguida, atuou com Sandro Rosell, um homem que esconde a frieza do tecnocrata sob uma máscara de doçura. Nesse período, Guardiola usou sua calma e sobriedade para compensar o comportamento histriônico de Laporta, e respondeu ao espírito hesitante de Rosell com uma superdose de energia. O convívio com os dois presidentes esteve longe de ser tranquilo.

Mas em relação a Laporta, ele sentia gratidão. Ainda que não fossem grandes amigos, Pep lhe agradecia pela dupla oportunidade oferecida: a primeira, dirigir a equipe filial, o Barcelona B, que Guardiola fez subir da difícil terceira divisão, um título sempre destacado por ele em seu currículo; e a segunda, treinar o time principal um ano mais tarde. Seu reconhecimento era sincero e profundo, e se estendia ao diretor esportivo, seu antigo companheiro de equipe no *Dream Team* de Cruyff, o habilidoso ponta Txiki Begiristain.

Os anos sob o comando de Laporta não foram calmos, apesar do sucesso incontestável. Time e clube seguiam por caminhos diferentes: em vez de ter a

sensação de conduzir um barco veloz, Guardiola se sentia no leme de um imenso transatlântico. Nenhuma decisão era simples, fosse a de transferir os treinamentos para a nova cidade esportiva, estender o contrato de patrocínio aos membros da comissão técnica, coordenar as filmagens publicitárias ou definir a política do clube diante de qualquer conflito. O Barcelona era uma engrenagem complexa que marchava em direção e ritmo diferentes daqueles que Guardiola imprimia à equipe. Mas, mesmo com todas essas dificuldades, a sintonia esportiva com Laporta era completa. E o time ganhava tudo.

Entretanto, no início de 2010, Guardiola percebeu que o futuro em Barcelona não seria fácil. Sandro Rosell era o principal aspirante ao cargo de presidente nas eleições do verão daquele mesmo ano. Favorito indiscutível, Rosell havia sido vice-presidente esportivo do clube de 2003 a 2005, quando se demitiu por desentendimentos com Laporta. Voltaria para suceder o desafeto, um feito alcançado por impressionante maioria dos votos.

Com Laporta, o técnico conquistara os seis títulos possíveis na temporada: Liga, Copa do Rei, Champions League, Supercopas da Espanha e da Europa e Mundial de Clubes. Mas a chegada de Rosell à presidência acrescentou um novo elemento à já complexa gestão do clube: a animosidade, o rancor. Em particular, o novo presidente chamava Pep de “dalai-lama”. Não parecia confiar nele, via-o como alguém totalmente alinhado com Laporta e se remoía pelos seis títulos que seu antecessor havia conseguido “antes da hora”. A distância entre presidente e técnico aumentou depois da primeira grande decisão de Rosell, quando conseguiu que a assembleia de sócios votasse a favor de mover uma ação judicial contra Laporta. Rosell habilmente se absteve. Para Guardiola, aquilo marcou o início de um longo adeus.

Durante quatro anos, Pep exigiu o rendimento máximo de seus atletas, o que provocou atritos inevitáveis. É claro que alguns seguiam treinando sem se abalar, mas outros já se dedicavam menos, porque se consideravam os melhores do mundo, como atestava a imensa lista de títulos conquistados. Mais de um membro do elenco já se motivava apenas nos grandes jogos e procurava desculpas para evitar as partidas duras e frias de janeiro e fevereiro em campos hostis. Além disso, um jogador recém-contratado não fazia por merecer a confiança que recebera.

Apesar de o conjunto seguir funcionando, Guardiola disse um dia: “Quando notar que os olhos dos meus jogadores não brilham mais, será hora de ir embora”. No início de 2012, alguns olhares estavam apagados.

Guardiola se foi porque se sentia desgastado. Ainda que se diga em Barcelona que pesou em sua decisão o fato de Rosell ter se negado a apoiá-lo na suposta remodelação do plantel, que incluiria a dispensa de jogadores como Piqué, Fàbregas e Daniel Alves, o técnico respondeu de maneira contundente quando

lhe perguntei sobre isso: “Não é verdade. Não faria sentido nenhum. Fui embora do Barcelona porque havia me esgotado por completo. Anunciei a decisão ao presidente em outubro de 2011 e não houve nenhuma mudança posterior de opinião. Não pedi para reformular o elenco: não seria lógico, porque eu já tinha decidido ir embora. A única verdade é que naquele ano ganhamos quatro títulos e jogamos melhor do que nunca, com o 3-4-3 contra o Real Madrid ou o 3-7-0 que usamos no Mundial de Clubes. Jogamos maravilhosamente, mas eu estava no limite do desgaste e já não sabia que variações táticas ainda poderia oferecer à equipe. Por isso fui embora. Não houve nada mais”.

Ele foi para Nova York em busca de sossego — tarefa nada fácil, considerando os seguidos ataques que chegavam de Barcelona.

O ano sabático foi repleto de propostas de clubes que sonhavam em contratá-lo. O Manchester City de seu colega Txiki Begiristain insistiu muito. Pep se reuniu em Paris com Roman Abramovich, que estava disposto a tudo e já tinha até começado a renovar o elenco do Chelsea com jogadores bem ao gosto de Guardiola, como Hazard, Oscar e Mata. Uma delegação do Bayern assistiu, no dia 25 de maio de 2012, à última partida de Pep no Barça, a final da Copa do Rei contra o Athletic de Bilbao, em Madri. Foi a derradeira vitória com o Barcelona (3 a 0), o último título conquistado.

Naquela ocasião, os dirigentes do Bayern não se reuniram com Guardiola, mas com seu representante. Fazia seis dias que o time de Munique sofrera uma dolorosa derrota contra o Chelsea na final da Champions League, em plena Allianz Arena. Foi a fatídica noite dos pênaltis perdidos, um golpe duríssimo que encerrava uma temporada amarga. Uma semana antes, em 12 de maio, na final da Copa da Alemanha disputada em Berlim, o Borussia Dortmund vencera os bávaros por 5 a 2. E o Borussia era a mesma equipe que havia conquistado de forma brilhante o segundo título consecutivo na Bundesliga, abrindo oito pontos de frente em relação ao Bayern. Em poucas semanas, três títulos tinham sido perdidos: a Liga, a Copa e a Champions. Depois da derrota na cruel final europeia, Heynckes prometeu à esposa que só continuaria “mais um ano”. Os diretores do Bayern pensavam da mesma maneira: tinham que procurar um substituto. Queriam Guardiola e, seis dias mais tarde, viajaram a Madri para deixar claro esse desejo.

Guardiola também se interessava pelo Bayern. Um ano antes, no final de julho de 2011 — pouco depois de ter conquistado de modo brilhante (por 3 a 1) a Champions League diante do Manchester United em Wembley —, o Barcelona disputou a Copa Audi em Munique. Pep gostou da cidade esportiva de Säbener Straße, menor e com menos instalações que a do Barça. Reservadamente, comentou com Manel Estiarte: “Gosto disto. Um dia eu poderia treinar aqui”.

Estiarte não se surpreendeu com a afirmação, porque alguns meses antes já

escutara a mesma frase em relação a outro grande clube. Foi um dia depois de terem eliminado o Real Madrid nas semifinais da Champions: Guardiola e Estiarte tinham viajado a Manchester para ver ao vivo o rival da final em Wembley. Em 4 de maio de 2011, sentados na tribuna de Old Trafford, assistiram ao Manchester United × Schalke 04 que levaria a equipe de sir Alex Ferguson a mais uma final. Encantado com a atmosfera da partida (o time da casa venceu por 4 a 1), Pep disse ao amigo: “Gosto deste ambiente. Um dia eu poderia treinar aqui”.

Guardiola sente autêntica veneração pelos grandes nomes do futebol europeu e pelas equipes lendárias. Por isso, Estiarte não estranhou o encantamento do amigo. Desta vez, pelo Bayern. Tampouco foi surpresa para ele o sentimento de admiração em relação a Uli Hoeneß e Karl-Heinz Rummenigge quando os quatro tomaram café juntos. Trocaram palavras amáveis e de consideração mútua. O Bayern tinha acabado de contratar Jupp Heynckes para liderar a segunda fase do plano bávaro (a primeira foi executada por Van Gaal), e Guardiola vinha da conquista de outra Champions e seguia comprometido com o Barça, de modo que nenhum deles cogitava uma aproximação definitiva.

Ao contrário do que se disse, Pep não lhes deu seu número de telefone. Era o mês de julho de 2011 e abandonar o Barça ainda não fazia parte dos planos, muito menos deixar seu contato. Para o técnico que conquistara tudo o que se podia imaginar com um estilo de jogo que apaixonou o mundo inteiro não seria preciso anotar dados pessoais em um bilhete. “Não foi exatamente como se relatou na imprensa: tínhamos jogado uma partida amistosa contra o Bayern e nos encontramos com Kalle [Rummenigge] e Uli [Hoeneß] para conversar um pouco. Expressei a eles minha admiração pela equipe que comandavam e elogiei o Bayern como grande clube que sempre foi, nada além disso. Nunca tinha imaginado treinar o Bayern. Nem naquele momento pensei nisso, não ofereci meus serviços. Alguns anos depois aconteceu, mas porque o futebol tem dessas coisas, não porque eu provoqueei ou planejei esse desfecho”, explicou Guardiola.

Na primavera de 2012 a situação já havia mudado substancialmente, como ocorre tantas vezes no futebol. Esgotado e exausto, apesar da conquista de mais quatro títulos — as Supercopas da Espanha e da Europa, o Mundial de Clubes e a Copa do Rei —, Guardiola se despedia de Barcelona. Cheios de energia apesar de terem perdido todos os títulos, Hoeneß e Rummenigge sabiam que Heynckes só teria mais um ano à frente da equipe e começavam a pensar em um substituto. Foram atrás de Guardiola na final da Copa do Rei em Madri para fazê-lo saber desse interesse. Reuniram-se com o representante de Pep e puseram as cartas na mesa: Heynckes já tinha avisado que iria embora, e eles queriam Guardiola para o ano seguinte.

Em outubro, numa das conversas por FaceTime que realizavam

ocasionalmente, Guardiola disse a Estiarte: “Prepare-se, Manel. Escolhi o Bayern”. Os dois foram esportistas de nível internacional e campeões olímpicos. Mas são muito diferentes, e talvez por isso se complementem tão bem. Guardiola foi um jogador excepcional, que gostava de passar despercebido em campo. Jogava muito longe do gol adversário e sabia conduzir a equipe como ninguém. Antes de realizar uma jogada, já tinha pensado na seguinte. Todos os seus movimentos tinham o objetivo de pôr o companheiro na melhor posição possível, facilitar suas ações. Para Guardiola, o sucesso consistia em organizar o time.

Já Estiarte foi “o Maradona da água”, um atleta de polo aquático único, com incrível talento para decidir jogos. Por sete anos consecutivos, entre 1986 e 1992, foi eleito o melhor jogador do mundo dessa modalidade. Ganhou todos os títulos possíveis, conquistou todas as medalhas existentes e recebeu os maiores prêmios. Era um goleador insaciável, um “assassino” da área. Jogou 578 vezes pela seleção espanhola, e com ela marcou 1561 gols, além de participar de seis Jogos Olímpicos. Resolvia sozinho as partidas e por isso também era chamado de “o Michael Jordan da água”. Tinha sido o artilheiro máximo em quatro Olimpíadas consecutivas e em todas as outras competições, mas não conseguia ganhar o ouro com a Espanha. Até que, um dia, resolveu mudar.

Em uma de suas reflexões, quando já havia iniciado uma amizade muito boa com Guardiola, compreendeu que se continuasse jogando de maneira individualista, buscando o gol sem pensar na equipe, talvez seguisse sendo um homem de recordes, mas nunca alcançaria o ouro olímpico. Assim, após ser vice-campeão nas Olimpíadas de Barcelona, modificou sua forma de jogar.

Fez uma dura autocritica, renegou o egoísmo típico do artilheiro e se pôs à disposição do coletivo. Passou a defender ainda mais que os outros, deu preferência à troca de passes com os companheiros e renunciou às jogadas individuais. Estiarte deixou de ser o artilheiro dos torneios, mas a sorte da equipe mudou: a seleção espanhola ganhou o ouro olímpico e o campeonato mundial. Seu sacrifício pessoal significou o sucesso de todos.

Como fizera no Barcelona, Estiarte se mantém à sombra também no Bayern, enquanto Guardiola comanda a equipe. Ele sabe melhor do que ninguém o que sente um artilheiro e como é se debater entre as aspirações pessoais e as necessidades do coletivo. Anos depois de ter sido como Maradona ou Michael Jordan, sua principal característica é a discrição. Sonda o ambiente, intui o que pode acontecer, antecipa-se ao movimento seguinte e oferece à equipe sua experiência. Acima de tudo, protege e ajuda Pep em tudo o que é possível, como o meio-campista que dá passes de gol ao atacante.

Por tudo isso, é uma pessoa muito importante para o técnico. Perguntei a Guardiola sobre essa importância: “Olha, os técnicos são sempre muito sós, e o que nós queremos ter ao nosso lado é fidelidade. Nos momentos de solidão,



naqueles momentos em que as coisas não vão bem, que sempre existem e sempre existirão, o técnico quer ter por perto pessoas em quem pode acreditar e confiar. Manel sempre foi isso: fidelidade. Além da grande ajuda que me dá, do trabalho concreto que realiza, da quantidade de coisas que ele faz por mim, além de tudo isso, em Manel tenho alguém em quem me apoiar nos momentos ruins ou de dúvida. E também nos bons momentos. É incrível poder dividir todos esses momentos com ele. Manel foi o melhor no seu esporte e tem uma intuição especial; ainda que se trate de outra modalidade, o atleta em si é muito parecido em uma ou outra especialidade. Ele tem intuição para saber se estamos indo bem ou não, se perdemos o pulso, se o vestiário é nosso ou não, se há informações vazando, coisas desse tipo... Isso só é possível saber com uma intuição especial, de quem sabe ler olhares e gestos. E Manel tem isso. Além de ter sido o melhor do mundo no seu esporte, tem também essa intuição. Os outros atletas fazem as coisas de forma mecânica; os realmente bons possuem um dom especial para se destacar. Bem, Manel tem esse dom”.

Guardiola não hesita em recorrer a ele. “Às vezes digo: ‘Manel, senta, me diz quais são as suas impressões’. Ele é muito sincero e inteligente. No início não me dizia tudo, mas cinco anos depois me conhece melhor e consegue transmitir muito mais essas sensações. Sabe quando deve me dizer as coisas e quando não deve. Por tudo isso, preciso dele ao meu lado. Somos amigos também, claro. Sua fidelidade é absoluta e, mesmo depois de ter sido o Maradona da água, ele é o primeiro a arregaçar as mangas, seja qual for o trabalho a ser feito.”

Em outubro de 2012, em Nova York, Maria, Mârius e Valentina, os três filhos de Guardiola, ainda sofriam um pouco para aprender o inglês e se adaptar à escola. O telefone do técnico catalão toca com frequência com propostas para dirigir times de futebol. O City de Txiki Begiristain é insistente. Abramovich lançou mão de todos os seus encantos: quer Pep e vai construir um Chelsea sob medida para ele. Vai dar o que Guardiola pedir. Os alemães são muito sérios: não fazem grandes promessas e dizem apenas o que precisa ser dito.

“Prepare-se, Manel. Escolhi o Bayern.”

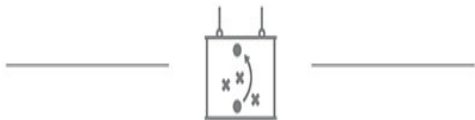
Escolher o Bayern não implica assinar o contrato imediatamente. Significa abrir um processo de negociações para chegar a um acordo financeiro e trocar algumas ideias sobre filosofia de jogo. Mas Hoeneß não vacila: “Não se preocupe, encontraremos o dinheiro”.

O Bayern decidiu não ter dívidas bancárias. Primeiramente, estabelece o investimento necessário; em seguida, comunica o plano aos sócios, que fazem o aporte dos fundos. E é assim nesse caso: Guardiola é o investimento, e os sócios logo terão o dinheiro para realizá-lo.

Pep, Uli e Kalle falam de futebol, sobre como jogar e quais jogadores utilizar. Já é o suficiente. Os três logo se entendem quando a conversa inclui uma bola.

Debatem sobre Mario Gómez, Luiz Gustavo e Tymoshchuck, e Guardiola diz que não quer que o Bayern libere Toni Kroos. Em dezembro os contratos são assinados em Nova York, durante a visita do presidente Hoeneß à casa de Guardiola, e já em janeiro o acordo vem a público. O Bayern não tem a delicadeza de avisar Heynckes, que se ressentiu dos amigos Hoeneß e Rummenigge. Na verdade, os dois dirigentes executaram a missão de buscar um substituto para o técnico, que comunicou que deixaria o Bayern na primavera de 2013. De qualquer modo, faltou informá-lo com antecedência sobre quem seria seu substituto.

Pep avisou o Manchester City, o Chelsea e o Milan a respeito de sua escolha, mas a rede de televisão Sky Itália é que acaba revelando que Guardiola será o novo treinador do Bayern, e o clube de Munique precisa antecipar o anúncio oficial do acordo, divulgado em 16 de janeiro de 2013. Em Barcelona, as más línguas aproveitam para dizer que Guardiola escolheu um destino muito confortável. Nesse momento, no entanto, poucos podem imaginar como Heynckes elevará o nível das exigências ao conquistar a tríplice coroa, consagrando-se como uma lenda entre os técnicos do Bayern.



## Momento 4

### Na vanguarda do futebol europeu

*Munique, 25 de junho de 2013*

“Estamos na terceira fase da renovação do futebol do Bayern de Munique.” A frase é de Paul Breitner, lenda do Bayern e do Real Madrid. Ele explica as diferentes etapas dessa renovação e volta ao final dos anos setenta: “Durante décadas, o Bayern jogou com o mesmo sistema. Com o técnico Pál Csernai, Kalle e eu começamos a jogar da forma como o Bayern jogou até 2008: podemos chamá-la de um 4-1-4-1, 4-2-4 ou 4-4-2, mas na verdade é sempre a mesma proposta tática com alguns movimentos diferentes. Este sistema já caducou. No século xxi, faz parte do passado”.

No Bayern havia a certeza de que era preciso mudar, mas não se sabia exatamente como. Até que chegou o holandês Louis van Gaal. “Sabíamos que hoje em dia só se pode ganhar títulos com o futebol que o Barcelona pôs em prática”, Breitner diz. “O Barça começou a jogar como um time de basquete: com movimentação intensa e mudanças de ritmo, alternando posições, com posse de bola... Chegava a até cinco horas de posse de bola em 90 noventa minutos”, ele ri. “O futebol moderno é assim, e talvez continue sendo assim o futebol da próxima década até que se implemente uma nova ideia. Como podíamos mudar nosso futebol antiquado pelo futebol de hoje? Com Louis van Gaal. E foi uma ideia acertada, porque renovou totalmente o nosso sistema”, explica.

Segundo Paul Breitner, Van Gaal representou a primeira fase da evolução no jogo do Bayern: “Ele fez a equipe jogar com posse de bola e alterou alguns movimentos. Começamos a praticar o jogo de posição em vez do estilo clássico do Bayern. Mas as posições eram fixas. Cada jogador tinha seu lugar, seu círculo de influência e só. Não podia e não devia sair desse círculo. Foi assim que começamos a jogar focados em passar a bola entre nós. Chegamos a fazer partidas com 80 por cento de posse de bola, mas sem ritmo. Éramos muito lentos. Todo mundo na Allianz Arena começava a bocejar a partir de meia hora de jogo, porque passávamos a bola sem ritmo. Os 71 mil espectadores sabiam, em cada momento, o que ia acontecer. Era um jogo correto, mas muito previsível”.

Jupp Heynckes capitaneou a segunda fase: “Ele manteve o sistema do Van Gaal, mas mudou o conceito de apenas manter a bola. Viu que a ideia era boa, mas que era necessário desenvolvê-la com velocidade, com mudanças de ritmo. Precisou de dois anos para implantar sua filosofia. Conseguiu no segundo turno do último campeonato, que ganhamos com recorde de pontos [a temporada 2012/2013]. No primeiro turno, de agosto a dezembro, ainda foi preciso corrigir

movimentos; mas, nas primeiras partidas do segundo turno, em janeiro e fevereiro, a equipe já tinha o ritmo desejado e um jogo completamente diferente do início”, explica Breitner.

Pep Guardiola foi o escolhido para liderar a terceira etapa: “Exatamente. Heynckes ainda jogava com posições fixas, mas em alta velocidade e com o objetivo de marcar muitos gols. Não queríamos só a posse da bola, a ideia era marcar muitos gols. Agora, com Pep, já passamos à alternância de posições, à circulação constante da bola, à movimentação contínua dos atletas. Estamos a caminho de jogar como o Barça de dois ou três anos atrás, que jogou melhor do que nunca”.

A explicação de Paul Breitner acontece quando Guardiola acaba de ser apresentado como novo técnico. Ainda há mais esperanças que realidades. O Bayern, não nos esqueçamos, teve sete treinadores em uma década: de Hitzfeld a Guardiola, sete treinadores. Não é exatamente um exemplo de estabilidade, muito embora pareça coerente a evolução dos últimos três anos relatada por Breitner.

Em 25 de junho de 2013, apenas um dia depois da apresentação oficial de Pep, torna-se inevitável a pergunta: começa uma nova era no futebol europeu? Começa a *ditadura* do Bayern? Na Biergarten, cervejaria típica da Baviera no Viktualienmarkt de Munique, falamos sobre isso com três jornalistas catalães: Ramon Besa, do *El País*, Marcos López, do *El Periódico* e Isaac Lluch, do diário *Ara*. Os três duvidam: “Pode ser, mas não é certo, porque o Barça ainda não entregou os pontos e outras potências vão se encorpando em outros lugares. Não sei se voltará a haver já de imediato um grande ditador no futebol europeu, como foi o *Pep Team*. Não podemos saber se o Bayern de Guardiola será esse novo grande ditador”.

Mounir Zitouni, jornalista da revista alemã *Kicker*, menciona a inteligência emocional como fator-chave para que a Operação Guardiola seja um sucesso: “Pep tem um plano e os jogadores terão que mudar algumas ideias. Nós, jornalistas, também precisamos fazer um esforço de compreensão. Será muito importante que os jogadores se adaptem à nova maneira de jogar. Mas Pep também terá que se adaptar. Tem que ser um compromisso de ambas as partes, que poderá trazer bons resultados, já que nesse elenco existe muita qualidade. Será uma questão de inteligência emocional para as duas partes”.

Nas cidades mais envolvidas com futebol na Alemanha, grupos de aficionados de todos os clubes reúnem-se com jornalistas, blogueiros e tuiteiros para dividir opiniões e algumas cervejas. Naquela mesma noite, nós jantamos em Munique com um desses grupos, que se chama #tpMuc. Stefen Niemeyer, um desses fanáticos, acompanha o Bayern em todas as viagens do time. Quando o trabalho de Guardiola ainda está por começar, Stefen considera que a decisão do clube foi

a mais acertada: “Em dezembro de 2012 já diziam que tínhamos perdido a Bundesliga, a Copa da Alemanha e a Champions. Hoje se diz que o Bayern foi a equipe perfeita, mas em dezembro de 2012 não era assim. Uma das habilidades do Bayern consiste em sempre buscar caminhos para progredir e melhorar. Fez isso com Heynckes e faz também com Pep. É claro que o legado de Heynckes é muito especial, mas ainda há coisas que motivam, como ganhar a Supercopa europeia do Chelsea de Mourinho, com quem temos contas pendentes. Ou tentar ganhar a Champions League duas vezes consecutivas, fazer nossos atletas jogarem ainda melhor. Ou seja, existem metas a serem alcançadas. Pep pode conseguir. Por isso é uma decisão *win-win*”.

No futebol, muitos consideram uma decisão de alto risco mudar enquanto se está ganhando. “Para mim faz todo o sentido. Guardiola, por muitas razões, era visto como o melhor técnico do mundo até o ano passado. E o Bayern tinha a oportunidade única de dar um passo adiante. Era preciso tomar uma decisão, e estou de pleno acordo com o que foi feito. Ganhamos todos: o futebol alemão, o Bayern de Munique, os torcedores e Guardiola. Acho que ele tem um plano de ação que consiste em aplicar o tipo de futebol que aprendeu em Barcelona, que chega perto da perfeição, mas pretende também conhecer outras facetas do jogo praticado em outras partes do mundo, outras mentalidades. Por isso decidiu trabalhar no exterior, para aperfeiçoar seu estilo e seu repertório tático. Pep teve muito tempo para analisar o Bayern e acho que tem a ideia de não copiar exatamente o jogo do Barcelona, mas de melhorar o Bayern mudando algumas coisas. E suponho que depois de três anos ele ainda irá a outro país, em busca de outro estilo”, diz Niemeyer.

Falamos com Christian Seifert, diretor-executivo da liga alemã, a Deutsche Fußball Liga (dfL), e ele se diz contente com a chegada do técnico: “Na Alemanha, todo mundo está entusiasmado com Guardiola. A contratação não provocou ciúmes ou qualquer tipo de irritação. Em todos os lugares se considera que ele fará muito bem à Bundesliga. É um grande estímulo. Com ele, seremos melhores”.

Encerramos nossa busca pelas razões para a contratação voltando a Paul Breitner: “O Bayern não pensou em ninguém mais, só em Pep Guardiola. Projetamos o que precisava ser feito para que ele viesse a Munique. Era nosso futuro e nossa única possibilidade”.

Os diretores do Bayern precisaram de muita coragem para mudar o que estava funcionando. “Se dissemos só isso, esquecemos uma verdade. Antes de começar a temporada 2012/2013, Jupp Heynckes tomou uma decisão: era o seu último ano. Ele a comunicou a Hoeneß e Rummenigge. Ou seja, Heynckes iria embora e teríamos que substituí-lo de qualquer maneira. Então, os dirigentes do Bayern começaram a pensar em Pep. Pensaram nele muito antes de o Bayern

conseguir a tríplice coroa, muito antes. Em março ou abril, muita gente perguntou por que mudaríamos de técnico se Heynckes estava ganhando tudo e o time jogava muito bem. Por quê? Por quê? Porque essa decisão quem tomou foi Heynckes em junho de 2012. Com Pep não havia nenhum risco. Todo mundo estava convencido de que ele deveria ser nosso novo técnico”, explica Breitner.

“É possível que o clube volte a dominar a Europa como o Bayern dos anos 1970 ou o Bayern de pouco tempo atrás?”, pergunto a Breitner. “Tenho certeza de que o Bayern liderará o futebol europeu nos próximos cinco anos, mesmo que não ganhe todos os anos a Champions League. Na verdade, não é preciso ganhá-la todos os anos para ser o melhor. Penso que o Bayern entrará em uma era de ouro como a do Barcelona nos últimos cinco anos. Estou certo disso”, ele responde.

“Você reconhece que um grande paradoxo está sendo criado? O clube de Beckenbauer contrata o *filho* de Cruyff para consolidar seu sucesso”, comento com ele. “Não, não é um paradoxo, de maneira alguma. Respeitamos muito o futebol holandês, e Johan Cruyff sempre foi um grande amigo e adversário, mas sobretudo é uma grande pessoa e foi um técnico excelente no Barça. Não é nenhum paradoxo, de forma alguma”, afirma Breitner.

Beckenbauer e Cruyff, jogadores emblemáticos do Bayern e do Barça, e símbolos da Alemanha e da Holanda, enfrentaram-se na final da Copa do Mundo de 1974 em Munique. Agora, seus herdeiros se unem para alcançar o mesmo objetivo: a supremacia no futebol europeu. Sobre o tabuleiro de xadrez, Guardiola jogou com as peças vermelhas.



## Momento 5

### O primeiro treino

*Munique, 26 de junho de 2013*

Se tivesse que ir para a guerra, o primeiro soldado que Guardiola recrutaria seria Lorenzo Buenaventura.

Buenaventura é madrugador por natureza e não vê problemas em se levantar da cama às seis da manhã. Guardiola o chamou para um café bem cedo, a fim de revisar os detalhes do treinamento desta tarde, 26 de junho, a primeira jornada de trabalho no Bayern. Já há muito tempo eles sabem perfeitamente em que consistirá a sessão inaugural, que será realizada na Allianz Arena, porque o clube acredita no comparecimento em massa dos torcedores.

Os dois precisaram de poucas conversas para concluir o plano de trabalho das primeiras sete semanas. Trocaram algumas ideias — Guardiola em Nova York e Lorenzo em Cádiz — e ajustaram calendários. O clube marcou alguns amistosos antes do início da Bundesliga, programado para a sexta-feira, 9 de agosto. Mas a série de partidas inclui também uma rodada da Copa da Alemanha e, principalmente, a Supercopa alemã, em Dortmund, justamente contra o Borussia. Mais adiante, o Bayern ainda participará de outro amistoso com o objetivo de recolher fundos para as vítimas das inundações que assolaram a Baviera.

Em 14 de maio de 2013, Guardiola escreveu um e-mail de cinco linhas com o plano de ação das primeiras sete semanas e o enviou à sua equipe de colaboradores. A meta era simples: ser competitivo na Supercopa da Alemanha e começar a Bundesliga em boa forma. Era um documento singelo, preparado em catalão e alemão, que incluía um período de retiro na Itália muito esperado por todos. Para Pep, a viagem era uma bênção, muito diferente das terríveis turnês de pré-temporada que enfrentava com o Barça. Para Buenaventura, também. Nos primeiros 45 dias, o novo preparador físico do Bayern pôde coordenar um trabalho que visava 13 jogos (dez amistosos e três oficiais) e 45 sessões de treino, das quais doze foram jornadas duplas, de manhã e à tarde. No Barcelona, Buenaventura nunca teve condições semelhantes. No Bayern, somando treinamentos e jogos, os atletas realizarão cerca de sessenta sessões de trabalho em apenas sete semanas. É um luxo para os padrões dos grandes clubes, e Buenaventura está satisfeito.

Ele não fala alemão, somente inglês, mas se comunica sem dificuldades com o pessoal do Bayern. É um dos preparadores físicos de melhor reputação no mundo, e formou-se com Paco Seirul-lo. Apesar de ter origem no atletismo, Seirul-lo fez escola na preparação física voltada para o futebol e outros esportes

coletivos. Pôs seu método em prática no *Dream Team* de Johan Cruyff e já acumula 25 anos de sucesso no Barça.

Buenaventura aprendeu com Seirul-lo a metodologia dos microciclos estruturados, que se baseia em pequenos ciclos de treinamento, de três a cinco dias, dedicados ao trabalho de alguma capacidade física: força de resistência, força elástica ou força explosiva, dependendo do jogador e do momento da temporada. Sempre utilizando a bola, o treinamento simula as condições técnico-táticas da partida seguinte. Ou seja, os jogadores treinam exatamente como jogam. E em cada minuto do treinamento estão presentes os princípios de jogo que Guardiola propõe.

Em todas as sessões, dá-se prioridade a determinados objetivos técnicos e táticos que Guardiola e Buenaventura estabeleceram: um dia é a saída de bola; no outro, a pressão depois de perder a bola no ataque, e assim por diante.

A primeira sessão de trabalho do novo Bayern tem um protagonista: a bola. Rummenigge estava curioso para descobrir como seria: “Quero ver logo os treinamentos para saber o que Pep mudará na equipe”. Matthias Sammer disse o mesmo com outras palavras: “Agora é o momento de conhecer Pep, de ele nos conhecer e de trabalharmos juntos da melhor maneira possível”. Para Rummenigge, Sammer e especialmente para os jogadores, o primeiro treino guarda uma grande surpresa. Não haverá corridas contínuas, nem séries de mil metros, nem circuitos de musculação, nem atividades de atletismo: só uma montanha de bolas.

Durante o café da manhã no hotel Westin Grand München, Guardiola repassa com seus colaboradores o planejamento do dia e às 7h30 se dirige a Säbener Straße. Ainda não há treino a essa hora, mas os jogadores aparecem para a revisão médica e Guardiola quer cumprimentá-los. No gramado da cidade esportiva do Bayern, os recém-chegados terão contato com os veteranos da comissão técnica, que permaneceram no clube depois da partida de Jupp Heynckes: Hermann Gerland, que será o primeiro assistente técnico junto com Domènec Torrent; Toni Tapalović, treinador de goleiros desde que chegou ao Bayern com Manuel Neuer em 2011; Andreas Kornmayer e Thomas Wilhelm, os dois preparadores físicos que vão colaborar com Buenaventura.

Às quatro da tarde, Buenaventura e seus dois auxiliares estão na Allianz Arena organizando as atividades do dia. São acompanhados por três jogadores da equipe juvenil, que aprendem o que deve ser feito para depois demonstrar os movimentos à equipe principal. Enquanto isso, cerca de 7 mil torcedores estão chegando. Cada um pagará cinco euros em benefício das vítimas das inundações, apesar da longa viagem até o estádio: as obras de remodelação da estação de Fröttmaning, a mais próxima da Allianz Arena, obrigam o grupo a descer do metrô em Alte Heide e fazer uma demorada transferência em ônibus especiais.



No metrô de Munique quase ninguém fala ao celular, muito embora quase todos usem o aparelho para ler ou escrever. As viagens são silenciosas, o que surpreende quem está acostumado à agitação mediterrânea. Só muito de vez em quando alguém rompe o protocolo e inicia uma conversa telefônica, mas aos sussurros, dificilmente levanta a voz. Esse silêncio se transforma em gritaria nos dias de jogos, quando torcedores barulhentos e alegres invadem os vagões, muitas vezes misturados aos adversários. Juntos, eles transformam a viagem em um concurso de cânticos, que começa muito antes do aconselhável para suas gargantas. Mas hoje é dia de estreia, e quem comparece à Allianz Arena são famílias cheias de crianças: Guardiola chegou e o clima é de festa.

Pep ainda não fala aos jogadores sobre os objetivos da temporada. Essa conversa ficará para depois. Por diferentes razões, vários dos principais atletas estão ausentes: Javi Martínez, Dante e Luiz Gustavo, que não chegam até 15 de julho; Robben, Alaba, Mandžukić, Shaqiri, Van Buyten e Pizarro, que irão diretamente ao retiro na Itália dentro de uma semana; além dos lesionados Götze, Schweinsteiger e, claro, Badstuber, que será baixa durante toda a temporada. Por isso, Guardiola evita um longo discurso. Faz 398 dias que não comanda um treinamento e seu maior desejo é voltar ao seu verdadeiro escritório: o gramado. Um minuto antes das cinco da tarde ele sobe ao campo acompanhado de cerca de vinte jogadores, muitos deles da base. No círculo central, dirige ao grupo pouquíssimas palavras: “Só tenho uma exigência: todos têm que correr. Vocês podem errar um passe ou uma jogada, mas não podem parar de correr. Se pararem, *kaputt*, fora do time”.

Em seguida, o treino começa.

A primeira conversa é, portanto, breve e concisa. Duas horas mais tarde, Jan Kirchhoff, uma das novas contratações do Bayern, diz: “Esperávamos que ele falasse em inglês, mas todas as instruções foram em alemão”.

A sessão começa com alguns *rondos*<sup>1</sup> de aquecimento. São formados três círculos, cada um com oito atletas. Seis deles, situados ao longo do perímetro, começam a passar a bola com a máxima velocidade enquanto dois, no interior, tentam roubá-la. O exercício é muito menos dinâmico que no Barcelona, onde os jogadores praticam isso desde a categoria infantil. Os campeões da Europa ainda parecem um pouco travados, e Guardiola coça a cabeça. Eles esperavam atletismo e se encontraram com uma bola.

O anel mais baixo das arquibancadas do estádio está cheio de torcedores, mas não se ouve quase nada. O torcedor alemão pode ser muito barulhento e cantar sem parar dentro dessas modernas catedrais, mas quando assiste a um treinamento é respeitoso com os protagonistas e permanece em silêncio. Após duas séries de *rondos* de oito minutos, interrompidas para hidratação, e de alguns movimentos para ativação, o aquecimento está concluído. A bola não deixa de

fazer companhia para os atletas, que passam ao primeiro exercício específico: um trabalho de resistência com três linhas. Guardiola e Buenaventura interrompem várias vezes para corrigir os movimentos, porque os jogadores têm dificuldades para compreender os detalhes, por mais que Wilhelmi, Kornmayer e os juvenis repitam cada ação insistentemente. E Pep continua coçando a cabeça. Buenaventura explica esse primeiro exercício: “É um trabalho de resistência em setenta metros. Na ida, o ritmo é mais lento, porque os jogadores realizam três exercícios técnico-táticos. A volta é somente uma corrida. No total, eles terão corrido aproximadamente quatro quilômetros em idas e voltas de um trajeto de cerca de 150 metros. É uma atividade de resistência em que, em vez da simples corrida, introduzimos um trabalho de cooperação, que depois se transferirá para o jogo. Ou seja, há conceitos do jogo de Pep em cada uma das linhas: um é procurar o terceiro homem e encontrá-lo bem posicionado; outro é o dois contra um; e o terceiro é uma sequência de passes. No início, os três jogadores cooperam e depois cada um faz o seu trabalho — isso é totalmente novo para eles. Nos anos anteriores, esse mesmo trabalho de resistência podia incluir séries de oitocentos metros, mil metros, ou de corrida contínua. Nós introduzimos a bola, a cooperação e mais alguns conceitos de jogo”.

No banco, Matthias Sammer e Bastian Schweinsteiger assistem atentamente. Basti sofreu uma cirurgia no tornozelo direito, realizada em 3 de junho. O primeiro informe médico falou em dez dias de recuperação, mas já transcorreu mais do que o dobro desse tempo e ele ainda não está em condições de treinar. Nas arquibancadas do estádio, Holger Badstuber e Mario Götze também observam os companheiros. Em setembro, Badstuber terá que operar novamente o joelho direito. Em 3 de dezembro de 2012, ele passou por intervenção cirúrgica devido à ruptura do ligamento cruzado sofrida durante a partida contra o Borussia Dortmund, mas amargou uma recaída em meados de maio. A seu lado, Götze sente problemas musculares. Em 30 de abril, sofrera ruptura fibrilar dos músculos isquiotibiais da perna esquerda durante a semifinal Real Madrid × Borussia Dortmund na Champions. Forçou a recuperação para tentar disputar a final, mas também teve uma recaída e, quase dois meses depois da lesão, segue afastado dos treinamentos. Nos três casos, as ausências são mais longas que o anunciado. Guardiola volta a coçar a cabeça.

No gramado, o exercício básico do dia, comandado por Buenaventura, já terminou. Os jogadores realizaram as corridas mais rápido que o necessário, e no aspecto técnico demonstraram algumas falhas, talvez pela presença de muitos jovens da base. Dez treinamentos depois, a mesma atividade terá execução quase perfeita.

Em seguida começam as quatro séries de quatro minutos de jogos de posição, as denominadas “conservações”, uma atividade muito importante para o

treinador. Ao redor de um retângulo posicionam--se quatro jogadores, outros quatro se colocam na parte interna e três atuam como coringas. A bola passa a circular após o primeiro toque e o técnico emprega seguidas vezes o mesmo termo: “Druck! Druck!” [“Pressão! Pressão!”]. É a primeira pista do que Guardiola quer para o Bayern: uma equipe que faça a bola circular rapidamente, que seja intensa e exerça forte pressão.

Dois jogadores recebem instruções específicas. O primeiro é Toni Kroos, aconselhado sobre a melhor maneira de posicionar o corpo para dar continuidade à circulação da bola. Dar um passe pensando no seguinte é um princípio básico para Guardiola, que, como jogador, estava sempre um segundo à frente dos demais. Ele dedica muitos minutos a Kroos, a quem vê como o futuro regente dessa orquestra futebolística bávara. Ensina que não basta soltar a bola, mas que o atleta deve passá-la com um propósito e deslocar-se imediatamente para o lance seguinte, oferecendo uma alternativa ao companheiro. Insiste que o passe que será dado em seguida é ainda mais importante, e que por isso Kroos deve se oferecer como apoio, como o vértice de um triângulo, de forma que a bola continue sempre em movimento e a equipe domine e controle o jogo. É preciso passar e se oferecer, às vezes se movimentando, às vezes permanecendo na posição original; pensar antes dos outros sobre qual será a utilidade do próximo passe. Kroos parece entender sem dificuldades e aplica o conceito nos exercícios seguintes.

Então chega a vez de Jérôme Boateng, que, para o técnico, é um talento a ser lapidado. Ao longo de toda a temporada o trabalho de Guardiola com Boateng ganhará contornos de obsessão, a fim de que o atleta corrija três pontos fracos: mantenha o posicionamento ideal na linha de defesa, marque com mais intensidade e não perca a concentração. Desde o primeiro dia, Pep busca dispor a linha defensiva bem adiante, muitos metros além do que é comum nas equipes adversárias. O objetivo é se antecipar aos atacantes rivais e defender para a frente, não para trás, sempre com velocidade e agressividade. Na ausência de Javi Martínez, o rendimento de Boateng pode ser chave.

O treinamento se encerrou: foram oitenta minutos de esforços breves e intensos que permitiram trabalhar aspectos táticos do jogo. Será assim até o final da temporada: sessões muito intensas de uma hora e meia, direcionadas às exigências táticas da próxima partida e com 100 por cento de comprometimento.

Restam dois jogadores com quem Guardiola ainda quer falar a sós. O primeiro é Pierre-Emile Højbjerg, volante que em abril de 2013, aos dezessete anos, estreou na equipe principal. Os relatórios pedidos por Guardiola e elaborados por Albert Celades, ex-jogador do Barça e do Real Madrid e atual técnico da seleção espanhola sub-21, descrevem Højbjerg como um diamante bruto. Guardiola observou-o com atenção neste primeiro treino. Através de aulas intensivas nas

quatro semanas seguintes e de maneira mais intercalada ao longo do restante da temporada, ele vai se dedicar a corrigir e refinar as qualidades do jovem atleta dinamarquês, além de ensinar a ele todos os truques do ofício; Pep, afinal, também jogava na posição de volante.

Nos alongamentos que sinalizam o final da sessão de treino, seguidos de movimentos proprioceptivos e de um leve trabalho de reforço abdominal, os jogadores se distribuem pelo círculo central. O técnico se aproxima de Ribéry, e os dois estabelecem a sintonia que marcará esta relação. Pep e Franck sentem admiração mútua: o treinador é fascinado pelo talento do atacante; o jogador francês sente que Guardiola pode fazê-lo dar mais um grande salto na carreira. Eles estão fadados a se entender, mas levarão meses até encontrar a melhor forma de comunicação — e não apenas por dificuldades impostas pelo idioma. Concluída a atividade, Pep pergunta se Ribéry também fica à vontade jogando no comando do ataque. Para o atleta não é simples entender o que Guardiola pretende. O técnico catalão acostumou-se a ter Lionel Messi como falso 9: um centroavante que não permanece na área, que se posiciona mais atrás e surge de repente em investidas contra os zagueiros do time adversário. Para Guardiola, o centroavante ideal não deve ficar na área, precisa vir de trás preparado para concluir uma ação coletiva. Ele intui que Ribéry possui esse potencial e pode ser um atacante excepcional pela zona central. Mas o ponta francês, habituado à faixa esquerda do ataque do Bayern, não visualiza com clareza as ideias do treinador. Serão necessários tempo, paixão e muita dedicação mútua para que Ribéry atue bem pelo centro do ataque.

Pep não dispõe de tempo de sobra, mas a paixão pelo que faz é evidente enquanto autografa centenas de camisas de torcedores na Allianz Arena. O carinho dos fãs o surpreende. Ele sente que o futebol corre novamente por suas veias e que poderá superar qualquer adversidade. A seu lado, Domènec Torrent fala em inglês e Hermann Gerland responde em alemão. Os dois precisam se entender, porque são os principais assistentes técnicos de Guardiola.

O último a abandonar o campo neste primeiro treinamento é Lorenzo Buenaventura, uma visão que se repetirá até o último dia da temporada: ele será sempre o primeiro a pisar no gramado e o último a ir embora.



1 No Brasil, os *rondos* são conhecidos como rodas de “bobinho”.

## Momento 6

“Leo, é o Pep. Tenho uma coisa muito importante para lhe mostrar. Venha agora!”

*Weiden in der Oberpfalz, 29 de junho de 2013*

Weiden in der Oberpfalz é um pequeno povoado da região do Alto Palatinado, perto da fronteira que separa a Baviera da República Checa. Em Weiden acontece a primeira partida de Guardiola como técnico do Bayern. É meio-dia de sábado, 29 de junho. Houve tempo para que Pep comandasse apenas quatro treinos com a equipe, repleta de garotos da base. Todos estão à espera do retiro no Trentino italiano, onde serão incorporados ao grupo quase todos os campeões da Europa. Na estreia, Guardiola conta com apenas treze integrantes do elenco profissional e recebe a ajuda das jovens promessas.

O primeiro jogo não poderia ser mais tranquilo. Todos os anos, o Bayern enfrenta uma das 3600 sedes oficiais da torcida do clube: é o *Traumspiel* (jogo dos sonhos). Nesse ano, a sorte sorriu para o Weiden-Bayern, o time dos torcedores de Weiden. A partida é um grande acontecimento para a pequena localidade de 41.684 habitantes, dos quais mais de um quarto — 11 mil — comparece ao evento. Apesar de se tratar só de uma festa, Pep aproveita a estreia para deixar clara a intenção de jogar com um único volante.

O sucesso do Bayern de Jupp Heynckes se deveu a diversos fatores. Um deles foi a solidez da dupla de volantes (*Doppelsechs*, na terminologia alemã), formada por Bastian Schweinsteiger e Javi Martínez. Os dois atuaram na zona de influência do tradicional número 6 no futebol alemão, fechando espaços e limitando as possibilidades dos times adversários. A dupla de Heynckes funcionou muito bem e foi uma das chaves para a conquista da tríplice coroa. Mas, como era de esperar, Pep Guardiola desfez o sistema desde o primeiro minuto do primeiro jogo.

Quando Guardiola era jogador, sendo atleta de elite por mais de uma década, atuava como volante único. Era o homem que se movimentava à frente da defesa e organizava o time. No Barça, esse jogador atua com a camisa 4. Na Argentina, é o 5. Na Alemanha, o 6 — ou um *Zentraler Mittelfeldspieler*. Na Espanha, é o denominado *mediocentro* ou, em algumas equipes, *mediocentro de posición*. É o jogador que recebe a bola diretamente dos zagueiros ou do goleiro e, com todo o campo à frente, escolhe como e por onde começar a jogar. É também o atleta encarregado de cortar o penúltimo passe dos rivais, que pode evitar que um contra-ataque mortal desmantele a defesa; por isso, suas virtudes defensivas são essenciais.

No entanto, o jovem Guardiola — que era magro, franzino e lento — não

possuía grandes qualidades defensivas e, por isso, costumava participar mais ativamente da criação do jogo de ataque. Johan Cruyff notou sua presença quando Pep nem sequer jogava como titular no Barça b. O auxiliar Carles Rexach disse a Cruyff um dia, no final dos anos 1980: “O melhor dos garotos é Guardiola, mas ele não joga”. E o treinador promoveu Pep ao grupo principal e o fez jogar. Ele usava a número 4 e, desde então, passou a definir o sentido da posição de volante no Barcelona. Não demorou a estrear no *Dream Team* que Cruyff estava construindo, que por sua vez foi a semente do jogo de enorme sucesso do Barça nas décadas seguintes. Consciente de suas fraquezas, Guardiola se dedicou a aprimorar suas virtudes. Como não era veloz, fazia a bola correr mais rápido que todos; como não prevalecia nas disputas físicas, decidiu enganar os rivais com seus passes; como não podia defender usando a força, defendia atacando. Enquanto jogador, já cultivava os valores do técnico que viria a se tornar: ante o temor de ser atacado, a estratégia era atacar, evitando o jogo de choques através do passe, fazendo a bola circular em velocidade.

Num dia de dezembro de 2013, terminado o treinamento em Säbener Straße, Guardiola resumiu sua carreira como jogador de futebol em poucas palavras: “Você acha que eu teria jogado por onze anos no Barcelona se tivesse dependido da minha velocidade, força ou capacidade de marcar gols?”. Em toda a carreira no Barça, foram só treze gols em 385 jogos.

Para sobreviver na selva que é o futebol, Guardiola precisou potencializar algumas virtudes pouco habituais no esporte: prever o passe seguinte antes mesmo de receber a bola, exercitar o corpo para dominar por completo o gesto técnico e concentrar a força de seu jogo no apoio ao companheiro através do passe. Sua maior satisfação sempre foi superar as linhas inimigas com um passe. “Se tenho uma linha de cinco rivais à minha frente, o que eles querem é que eu circule a bola por fora, de lateral a lateral, um movimento em forma de u, que não leva perigo. Essa linha de cinco estará próxima da linha de quatro defensores, e entre as duas linhas eles não vão deixar nenhum espaço. São duas linhas compactas que tentam me obrigar a fazer os movimentos por fora. Por isso, tenho que posicionar dois pontas bem abertos e bem à frente, e o resto dos atacantes deve se movimentar entre as linhas. Tenho que ludibriar essa linha de cinco, fazê-la se mexer, se desordenar, eles precisam acreditar que vou por um lado e então, *pá!*, faço um passe por dentro para um dos meus atacantes. É isso. Os adversários terão que girar completamente e correr em direção ao próprio gol. Foi assim que consegui fazer a diferença.”

É justamente isso que Guardiola procura em seu médio-volante. No Barça, encontrou essas virtudes em Sergio Busquets. Agora está em Weiden in der Oberpfalz, no final de junho de 2013, onde dispõe do jovem Pierre-Emile Højbjerg. Bastaram dois treinos para que Pep se encantasse com o futebol de

Højbjerg. Já haviam lhe falado bem dele, muito bem: relatórios excelentes, uma estreia em abril com Heynckes e um futuro excepcional. Højbjerg tem visão, uma leitura de jogo que lhe permite superar uma linha de cinco rivais com um simples passe. Guardiola sente que ele pode ser o Busquets do Bayern, ainda que naquele momento seja só uma promessa de dezessete anos que tem muito a amadurecer.

Højbjerg é justamente o único dos 23 jogadores do Bayern a disputar os noventa minutos do amistoso que abre a pré-temporada. A partida se encerra com vitória do time de Munique por 15 a 1, e logicamente não há muito a dizer sobre o jogo em si. A primeira formação de Guardiola teve estes onze jogadores: Neuer; Lahm, Kirchhoff, Can, Contento; Højbjerg, Schöpf, Strieder; Markoutz, Müller e Rankovic.

Aqui abro parênteses para falar um pouco sobre terminologias no futebol. Cada país tem suas peculiaridades na hora de se expressar sobre o jogo. Já vimos que um mesmo tipo de jogador, o volante, atua com a camisa 6 na Alemanha, a 5 na Argentina e a 4 no Barcelona, onde também é chamado de “pivô”.

Algo similar acontece com os esquemas numéricos que pretendem reproduzir a colocação dos jogadores no campo. Guardiola os despreza: “São apenas números de telefone”. Um de seus mentores, Juanma Lillo, vai mais longe: “Os jogadores não ficam nessas posições nem no pontapé inicial”. Mas para facilitar a compreensão, nós utilizaremos tais esquemas. Se na Espanha dizemos que Guardiola joga sempre com um 4-3-3, na Alemanha diremos que é um 4-1-4-1. Parece muito diferente, mas é exatamente a mesma coisa. Quatro defensores, um volante, dois meias por dentro mais dois pontas e, à frente de todos, um atacante. Nenhum desses esquemas pode resumir a complexidade do jogo de uma equipe. De qualquer forma, para me referir ao Bayern de Guardiola, vou utilizar normalmente o esquema 4-3-3.

Pep estreou com só um volante, como era de esperar. Quando jogador, ele sempre evitou a dupla de volantes, porque limitava suas virtudes. Reduzia seu espaço no campo, impedia que ele comandasse as ações da equipe, dificultava o correto posicionamento do corpo e, acima de tudo, anulava seu princípio básico como futebolista: calcular o passe seguinte antes de receber a bola. Com a dupla de volantes, Guardiola se sentia perdido e sufocado. Portanto, como técnico ele também a evita sempre que pode, muito embora vá encontrar, com o passar do tempo, sua versão particular da ideia.

Højbjerg joga muito bem. Guardiola se identifica com o jovem dinamarquês, com sua forma de se perfilar ao receber a bola e fingir que fará o passe para um dos lados quando, na realidade, seu alvo é o lado oposto. Está convencido de ter nas mãos um diamante bruto que terá que lapidar nos próximos três anos, o período de seu contrato como treinador do Bayern.



Weiden é uma festa mesmo com o 15 a 1 no placar final. O jovem austríaco Oliver Markoutz marca o primeiro gol da era Guardiola aos dez minutos de jogo. No intervalo, o placar aponta um discreto 3 a 0, mas o time de torcedores se esfacela no segundo tempo, quando o Bayern joga com estes onze atletas: Starke; Rafinha, Wein, Boateng, Schmitz; Højbjerg, Weihrauch, Kroos; Weiser, Ribéry e Green.

O segundo tempo é uma exibição de Toni Kroos, ainda que os flashes sejam para dois jovens: Patrick Weihrauch — muito ligeiro na área, que marca quatro gols — e Julian Green — uma flecha pela ponta, que marca três. Kroos dá fluidez e continuidade ao jogo, seja a partir da esquerda, seu posicionamento natural, ou da direita. Apesar da fragilidade do rival, esses 45 minutos bastam para que Guardiola confirme aquilo que intuía antes de chegar e que comprovou no primeiro treinamento: Toni Kroos será uma peça vital da engrenagem. Não é só bom jogador, mas é muito inteligente. Vai carregar a batuta.

Franck Ribéry estreia como falso 9, uma posição que Guardiola adora, porque a desenvolveu para Leo Messi e converteu o argentino no jogador de futebol mais letal do planeta. A posição não foi inventada por Pep: ele a resgatou de um baú de recordações. O falso 9 existe no futebol desde os tempos do argentino Adolfo Pedernera, um dos líderes da chamada *La Máquina* do River Plate (1936-45), muito embora o primeiro grande intérprete da posição tenha sido o húngaro Nándor Hidegkuti, protagonista nos anos 1950 de grandes façanhas com sua seleção, a Hungria dos “Mágicos Magiares”. Jogadores como Alfredo Di Stéfano, Michael Laudrup ou Francesco Totti foram grandes falsos 9, mas essa figura estava afastada do cenário mundial até que em 2 de maio de 2009 Guardiola a recuperou.

Foi no estádio Santiago Bernabéu contra o Real Madrid. Estava em jogo o título da Liga, o primeiro dos três consecutivos que Guardiola obteria com o Barça, e o técnico catalão lançou sua arma secreta. Aos dez minutos de jogo, ainda com o 0 a 0 no placar, deu a ordem para que Lionel Messi e Samuel Eto'o trocassem de posição. Eto'o, centroavante, foi para a direita. Messi, ponta-direita até então, ocupou a zona central do ataque, mas recuando como se fosse mais um meio-campista. Os zagueiros do Real Madrid, Metzelder e Cannavaro, não souberam como reagir à mudança.

Em novembro de 2013, preparando este livro, jantei em Düsseldorf com Christoph Metzelder. Ele ainda recordava atônito o acontecido: “Acho que o primeiro jogo com o falso 9 de Guardiola foi esse 6 a 2 do Barça sobre o Real. Ele colocou Eto'o na direita e Messi no meio. Fabio [Cannavaro] e eu nos entreolhamos: ‘O que fazemos? Vamos até o meio de campo com ele ou ficamos aqui atrás?’. Não soubemos o que fazer e foi impossível pará-lo”.

O Barça de Guardiola ganhou aquele jogo com um histórico 6 a 2 que, além

de valer o título da Liga, deu início a um período excepcional para o clube, o qual acumulou títulos, glórias e um prestígio jamais visto. O falso 9 ficou gravado na memória como uma das grandes contribuições de Guardiola. Não porque ele o inventou, mas porque o redefiniu através de um atleta brilhante como Messi.

E como Pep decidiu resgatar do passado esse tipo de jogador? Aconteceu um dia antes da partida. Era uma sexta-feira, feriado de Primeiro de Maio. Guardiola permanecera no centro de treinamentos do Barcelona estudando o adversário, uma rotina iniciada naquela época e repetida até hoje no Bayern. Durante dois dias ele analisa a equipe que vai enfrentar, avaliando suas virtudes e fraquezas. Revê jogos inteiros e trechos em vídeo preparados por seus auxiliares. Naquela época, ele já trabalhava com Domènec Torrent e Carles Planchart, que hoje estão no Bayern. No dia anterior ao jogo, Guardiola se fechou em sua sala e, ao som de música suave, procurou a solução para o problema: como atacar o adversário? Onde criar superioridade? Estava atrás de inspiração — que, é claro, nem sempre chega. O próprio Guardiola explicou o processo em Barcelona, ao receber a medalha de honra do Parlamento da Catalunha, em setembro de 2011: “Antes de cada jogo, eu me fecho em uma sala que arrumei para mim, coloco dois ou três vídeos do rival que vamos enfrentar, pego papel e caneta e faço anotações. É justamente aí que se produz esse momento incrível, esse instante em que me dou conta de que descobri o que buscava, de que encontrei o segredo para ganhar. É uma sensação que dura apenas um minuto, um minuto e vinte segundos talvez, mas que dá sentido à minha profissão”.

Quando explicou em público esse sentimento quase mágico, ele estava pensando provavelmente naquele Primeiro de Maio. Foi um momento-chave, no qual sentiu ter encontrado a solução ideal para enfrentar o Real Madrid, que na época estava dezessete jogos seguidos sem perder no campeonato. Revendo um jogo anterior entre as duas equipes, Guardiola percebeu que a pressão dos meios-campistas madrilenhos Guti, Gago e Drenthe sobre Xavi e Touré era muito intensa, mas que os dois zagueiros, Cannavaro e Metzelder, permaneciam muito atrás, perto da área do goleiro Casillas, e deixavam uma zona aberta entre a zaga e os meias do Real. Um espaço gigantesco, vazio.

Eram dez da noite e Guardiola estava sozinho no centro de treinamentos do Barça. Não havia mais ninguém, nem seus auxiliares, só ele em uma sala com luz baixa. O técnico imaginou Messi se movimentando livremente por aquele enorme espaço vazio do gramado do Bernabéu, às costas dos meios-campistas do Real e encarando sozinho Metzelder e Cannavaro, petrificados sobre a linha da área, em dúvida sobre como investir contra o argentino. Viu a jogada com tanta clareza que pegou o telefone. Não ligou para nenhum dos seus analistas, nem para Xavi, o cérebro do time. Ligou diretamente para Messi: “Leo, é o Pep. Tenho uma coisa muito importante para lhe mostrar. Venha agora!”, lhe disse.

Às dez e meia da noite, Messi, de 21 anos, bateu à porta da sala de Pep. O técnico lhe mostrou o vídeo e congelou a imagem que exibia o espaço vazio que, a partir do dia seguinte, seria dele: a zona Messi, a do falso 9. “Leo, amanhã em Madri você vai começar no lado do campo, como sempre. Mas, se eu fizer um sinal, você procura as costas dos volantes e passa a se movimentar por essa área que acabei de mostrar. É a mesma coisa que fizemos em setembro passado em Gijón”, esclareceu.

Em Gijón, no dia 21 de setembro de 2008, com a água batendo no pescoço após ter perdido a primeira partida da Liga diante do Numancia, e empatado a segunda contra o também modesto Racing de Santander, Guardiola colocava em jogo seu futuro como técnico do Barça. Decidiu mandar Eto'o para a ponta direita e posicionar Messi no espaço do falso 9, como o argentino jogara muitas vezes nas categorias inferiores. O Barça goleou (6 a 1) e deu início à caminhada triunfal de Guardiola. Sete meses mais tarde, o treinador resgatava a mesma ideia e a explicava pessoalmente ao protagonista: “Leo, quando Xavi ou Andrés transpuser a linha adversária e lhe passar a bola, vá direto até o gol, até o Casillas”.

O episódio ficou em segredo. Ninguém mais no Barça soube da conversa entre Guardiola e Messi naquela noite de Primeiro de Maio, exceto Tito Vilanova no dia seguinte, já no hotel da concentração. Minutos antes de começar o jogo de 2 de maio, Pep chamou Iniesta e Xavi e lhes disse: “Se vocês virem Leo entre as linhas do Real e pelo meio, não tenham dúvida: passem a bola para ele. Será como em Gijón”.

Naquele 2 de maio de 2009, o Barça massacrou o Real Madrid por 6 a 2, Messi se transformou em falso 9 e Pep sorriu feliz.

Desde então, Guardiola confia nessa estratégia. Hoje estreia em Weiden com seu falso 9 de Munique: Franck Ribéry. Falou com ele sobre sua intenção na primeira sessão de treinos, na Allianz Arena, mas o francês ainda não vê o assunto com bons olhos. Formado no futebol de rua, o natural para Ribéry é pegar a bola em uma ponta, correr, driblar o zagueiro e dar um passe de gol a um companheiro. Ele demora a compreender que pode dar um salto qualitativo se atuar mais centralizado, afastando-se das linhas que limitam o campo; se recuar um pouco, receberá a bola entre as linhas, às costas dos volantes adversários, e depois de alguns metros estará cara a cara com os zagueiros, perto do gol. Guardiola está convicto de que dispõe de três ou quatro atletas no elenco que podem jogar como falso 9: Mario Götze, Franck Ribéry, Arjen Robben e Thomas Müller. O francês já está em testes, apesar de ainda não ter sido seduzido pela ideia.

Ribéry inicia o jogo por dentro e se entende bem com Kroos, Weiser e Weihrauch, mas rapidamente se desloca para a ponta esquerda, seu território

natural, onde se sente mais à vontade mesmo com o limite imposto pela linha de cal. Guardiola deixará de insistir com ele durante algum tempo, mas não se esquecerá do plano. Jamais se esquece de nada: simplesmente adia os movimentos à espera da ocasião mais adequada. A ideia de Ribéry como o falso 9 vai aguardar uma oportunidade melhor.

Weiden in der Oberpfalz é uma festa, apesar da goleada — ou talvez graças a ela. Os torcedores do Bayern viram de perto alguns de seus ídolos, os recentes ganhadores da triplice coroa, do glorioso *triple*, agora reforçados por Pep Guardiola, o técnico que carrega a aura da invencibilidade. Mas enquanto os torcedores se divertem, o técnico tem muito em que pensar: Højbjerg e o único volante, Kroos e o ritmo da equipe, Ribéry e o falso 9...

“Viu o potencial do Lahm?”

*Regen, 30 de junho de 2013*

Faltam quatro dias para que o Borussia Dortmund inicie os treinamentos da temporada e o Bayern já vai disputar a segunda partida amistosa. Desta vez, em Regen. Na entrada do vestiário, há uma mesa com bolos, tortas e refrescos. Vários jogadores se servem de bolo de chocolate. Guardiola se surpreende ao ver, pelo segundo dia consecutivo, a mesa com produtos de confeitaria. Falta uma hora e quinze minutos para o jogo contra o TSV Regen e ele pergunta a Kathleen Krüger por que o time local recebia o Bayern com bolos e tortas — justamente como havia acontecido no dia anterior, em Weiden in der Oberpfalz. Na verdade, trata-se de um costume do próprio Bayern. No ônibus de volta a Munique, quatro horas mais tarde, Pep conversa com Matthias Sammer: “Precisamos de um nutricionista”, ele diz.

Regen fica perto da fronteira entre a Alemanha e a República Checa, a uma hora e meia de Munique. O time local joga na sétima divisão alemã e foi fundado em 1888. A partida foi organizada em comemoração aos 125 anos do TSV Regen. Sete mil torcedores abarrotam as pequenas arquibancadas do estádio e aplaudem entusiasmados quando Daniel Kopp abre o placar para o time da casa. É um dia ensolarado, e Guardiola elegeu uma formação que lembra a do Barça em seus últimos dias como treinador: posicionou os jogadores em um 3-4-3, com Emre Can, Boateng e Contento como únicos defensores. O jornalista Isaac Lluch, o único catalão que cobrirá de forma permanente a primeira temporada de Pep no Bayern, dá destaque à escalação em sua crônica para o diário *Ara*: “Guardiola fez o campeão alemão beber da fonte de Cruyff que carrega consigo, a do 3-4-3”, escreveu.

Como jogador, Guardiola atuou no 3-4-3 montado por Cruyff no Barça. Já como técnico, ele empregou o esquema de forma recorrente na última temporada com o Barcelona, basicamente para dar um lugar no time titular a Cesc Fàbregas, que acabava de voltar ao clube catalão. Muito embora jogar com três zagueiros parecesse uma escolha arriscada, Pep impôs grande rigor tático à equipe e obteve excelentes resultados. Entre os mais importantes, a virada contra o Real Madrid no Bernabéu, numa partida que José Mourinho começou ganhando aos 27 segundos, com gol de Benzema. Guardiola, que começara o jogo no 4-3-3, adotou o 3-4-3 aos dez minutos e acabou vencendo confortavelmente (3 a 1).

Em Regen, ele decide experimentar o esquema durante o primeiro tempo. Seus objetivos de pré-temporada são testar todas as possibilidades e estudar os jogadores. Ainda que pareça estranho, Guardiola não conhece os jogadores do

Bayern. Não os conhece? É claro que sabe quem são, conhece seus históricos, suas virtudes e defeitos — impossível não saber nada sobre Ribéry, Lahm e Neuer! Mas o técnico busca um conhecimento mais profundo, não apenas a superficialidade de um simples *scouting*: quer ter plena consciência do que cada jogador pode oferecer e do que ele pode exigir de cada um. Quer testar seus limites.

Na época em que Pep era técnico do Barcelona, muito se falou sobre seu desejo de ter no elenco dois jogadores para cada posição: dois laterais direitos, dois laterais esquerdos, dois centroavantes... Nada mais distante da realidade. O que Guardiola pretende é o oposto: ter atletas capazes de ocupar duas posições no terreno de jogo. Se possível, três. Ele procurava alguém que pudesse ser volante, zagueiro ou meia, como Sergio Busquets. Ou que fosse zagueiro, lateral pelos dois lados e volante, como Javier Mascherano.

A razão para essa preferência é o objetivo de ter um elenco reduzido. O ideal para ele é dispor de vinte jogadores, no máximo. Mas todos eles — exceto os muito especializados, como os goleiros — têm de saber atuar em três posições diferentes e render ao máximo nelas. Guardiola sabe perfeitamente que possui atletas com essa capacidade: Javi Martínez pode ser volante, meia ou zagueiro central, como já demonstrou no Bayern e no Athletic de Bilbao. Mas Pep quer muito mais: pretende saber até que ponto pode exigir de cada um dos jogadores. E o momento para descobrir isso é agora, na pré-temporada, quando não existem obrigações competitivas. Ele pediu para começar logo os treinamentos, dez dias antes do Borussia, exatamente para dar a devida atenção a essa questão.

Se em Weiden dedicou-se a Ribéry, em Regen pensa especialmente em Lahm. Como escreve Isaac Lluich em sua crônica: “O eterno capitão do Bayern e da seleção alemã se movimentou muito bem como meio--campista, oferecendo-se para oxigenar o jogo e realizar as transições ofensivas. Foi a principal inovação do dia”. Lahm jogou no meio de campo, à direita do único volante, que foi novamente Højbjerg.

O Bayern vence com tranquilidade o segundo amistoso (9 a 1). No ônibus de volta para casa, Guardiola pede a Sammer a incorporação de um nutricionista à equipe. Não quer mais tortas nem bolos. Para ele, a alimentação do jogador é um aspecto importante, que deve ser observado com cuidado, principalmente após os jogos. Seus critérios nessa matéria estão longe de ser radicais, mas são rigorosos. Sammer não demorará em atender ao pedido: na semana seguinte, Mona Nemmer se juntará à expedição do Bayern à Itália. Acabaram-se os bolos.

Durante a volta a Munique, aliás, a cabeça de Guardiola já está em outro lugar: mais precisamente, em Lahm. A viagem se transforma em uma conversa monotemática entre Guardiola e Domènec Torrent, assistente técnico, sentado a

seu lado: “Viu o potencial do Lahm? Viu como ele encontra os corredores, como gira e protege a bola? Certamente pode jogar tanto na lateral como no meio de campo”. É o prenúncio de uma das grandes descobertas da temporada...



*Arco, 6 de julho de 2013*

Não me dei conta de que estamos no primeiro fim de semana do mês de julho, o início das férias de verão. Turistas de meia Europa enchem os aeroportos e as estradas e, para piorar, eu erro o caminho: subo pela margem ocidental do Lago de Garda, não pela oriental. É um trajeto lindo, repleto de pequenos povoados enfeitados com flores — Salò, Bogliaco, Gargnano, Campione, Limone sul Garda —, mas não é possível circular a mais de quarenta quilômetros por hora. Acabo levando muito tempo para chegar ao Trentino.

Pelo quarto ano consecutivo, o Bayern realiza sua pré-temporada nessa localidade do norte da Itália. Os municípios da região pagam uma boa quantia em dinheiro, além dos custos de estadia, para que o clube de Munique se instale na área, tornando-se um enorme fator de atração. E parece funcionar: o Trentino é tomado pelos turistas, e não apenas alemães. Guardiola e seus atletas atraem multidões. Eu também me dirijo ao local porque, após os primeiros dias de agito em Munique, Pep concordou em tomar um café comigo e falar sobre este livro. No Trentino, ele dispõe de tranquilidade e tempo.

A chegada ao centro de treinamento do Bayern, em Arco, traz duas surpresas. A primeira é que a sessão do sábado será com os portões fechados, sem acesso permitido ao público e à imprensa. Nos quatro anos de Barça, era costume de Guardiola fechar os treinos e podia-se imaginar que faria o mesmo no Bayern. Uli Hoeneß, presidente do clube, pede que Pep faça treinos abertos sempre que possível, para que os torcedores tenham contato com os atletas, e os dois acabam chegando a um acordo para toda a temporada: o treino pós-jogo será sempre aberto, mas a maioria dos restantes será fechada.

As razões para essa política de Guardiola são duas: além de preferir trabalhar sem qualquer tipo de distração, ele tenta evitar a divulgação de seus métodos de treinamento. As sessões de treino não contemplam apenas a estratégia para cada partida, mas fazem parte de um aprendizado contínuo, que dura o ano todo. Em cada sessão, Guardiola explica aos jogadores um movimento específico e, em seguida, passa à sua execução. Depois de algum tempo, retoma cada um dos conceitos. Desse modo, o elenco acabará conhecendo e dominando as mais variadas ações de jogo e, quando for necessário, terá segurança para pô-las em prática.

Dito de outra maneira: Guardiola possui um vasto catálogo de ideias e movimentos futebolísticos que vai explicando e treinando dia a dia. Não leva em



conta só o jogo seguinte, mas os momentos em que a temporada se divide. É por essa razão que deseja trabalhar com a maior discrição possível. Quando voltar a Munique, chegará até mesmo a instalar uma cortina gigante sobre o campo nº- 1 de Säbener Straße.

A segunda grande surpresa é que Pep decidiu me conceder acesso livre à equipe. Eu esperava conseguir algumas facilidades, como tomar café com ele e comparecer a alguns treinos, o que permitiria levar adiante o projeto deste livro. Mas a inesperada decisão de Guardiola revolucionou a ideia inicial: ter acesso livre significa ver e escutar tudo, conhecer de perto seus métodos de treino, seus processos de tomada de decisão e seu planejamento. Equivale a trabalhar “infiltrado” em um clube de elite e receber uma avalanche de informações internas. Nem em meus sonhos eu podia imaginar que os campeões da Europa e o técnico mais bem-sucedido da década iriam me conceder tamanho privilégio.

Em troca, Guardiola pede apenas uma coisa: discrição total durante a temporada. “Escreva o que quiser e critique o que quiser, mas durante a temporada não conte lá fora o que você vê aqui dentro”, ele me diz.

É um acordo perfeitamente aceitável. Durante um ano, viverei de perto todas as contingências da equipe: as alegrias e tristezas, as lesões, as táticas ensaiadas, os ajustes, as enfermidades, as atitudes negativas e positivas, as broncas, os elogios, as dúvidas, as contratações cogitadas... Vou saber de tudo, mas terei que conter meu espírito jornalístico e segurar até a publicação deste livro.

Então, as portas do estádio de Arco estão fechadas no treinamento deste sábado, 6 de julho de 2013. Faz dois dias que o Bayern chegou à Itália, e Pep aproveitou a manhã de descanso para mostrar aos jogadores um vídeo sobre a pressão que o time deve fazer nos adversários. São imagens extraídas dos primeiros sete treinamentos, e o técnico explica aos atletas que não deseja esforços prolongados: não quer ver Ribéry ou Robben correndo oitenta metros em cada lance para perseguir os zagueiros rivais. A pressão que Guardiola almeja dura “quatro segundos no máximo”.

O treino desta tarde tem como foco a pressão sobre o time adversário. Os zagueiros e um volante se alinham para sair com a bola, enquanto os atacantes pressionam com muita intensidade para roubá-la. Neuer se destaca pela habilidade com os pés e Mandžukić lembra Eto'o pela agressividade na marcação. Guardiola, aos gritos, não para de dar instruções sobre como pressionar os defensores. “É a pressão de quatro segundos. Não quero ver Ribéry perseguindo o lateral pelo campo todo. Basta voltar até o meio de campo. O que precisamos conseguir é fazer pressão todos juntos durante esses poucos segundos e recuperar rápido a bola, lá na frente”, esclarece.

Quando a sessão termina, sob forte calor, Guardiola se senta em um banquinho e compartilha suas ideias: “Nosso trabalho deve ser intenso e detalhado. Se fosse

só marcar o homem, no um contra um, não precisaríamos trabalhar. Eu me sentaria aqui e pronto. Mas se quisermos jogar de uma maneira diferente, temos que dar muito duro para poder executar os movimentos corretos”.

Não tem meio-termo: para que o time jogue ao estilo de Pep, a realidade é de muito trabalho. “Precisamos treinar com intensidade máxima. É como nos *rondos*: ou se pratica totalmente ou não se faz nada. Se os jogadores não gostam disso, então vamos correr pelas montanhas, mas não jogaremos tão bem quanto poderíamos”, avisa.

Defender com a marcação por zona, fazer pressão sobre os adversários por quatro segundos, aproximar-se rapidamente do jogador rival que está prestes a receber a bola, ter paciência no meio de campo para criar espaços, subir ao ataque de forma compacta... Pep vai revelando seus princípios fundamentais de jogo. “Esta equipe só precisa de um pouco de cadência. O resto ela já tem. Cadência no meio de campo. Uma saída de bola limpa desde Neuer, o avanço compacto, em conjunto, no início da jogada. Subir passo a passo, sem pressa, para que nenhum dos nossos jogadores fique isolado. Todos juntos até cruzarmos o meio de campo e então, *zás!*, atacamos como uma manada de búfalos”, explica.

Kroos possui essa capacidade de cadenciar o jogo. Schweinsteiger e Götze também. E Thiago.

“Thiago está vindo”, ele diz. Tenho que perguntar várias vezes: “Que Thiago? Thiago Alcântara? O Thiago do Barça? A pérola da *cantera* do Barça?”. “Sim, esse Thiago”, Pep responde.

Se o Bayern conseguir mandar Mario Gómez para a Fiorentina — e tudo indica que conseguirá, porque o atacante está de acordo —, vai investir o dinheiro obtido na contratação de Thiago, que está na mira dos bávaros desde o verão de 2011, um ano antes de Guardiola sair do clube catalão.

Mario Gómez se comporta de maneira muito profissional. Treina com a mesma intensidade que os companheiros, apesar da transferência iminente para a Itália. Pep, na verdade, não se importaria em mantê-lo no elenco, pois reconhece seu valor. No entanto, não faria muito sentido continuar com ele e outros dois centroavantes, Mandžukić e Pizarro, em uma equipe que, sem dúvidas, vai utilizar o falso 9 — função que pode ser realizada por Mario Götze, Thomas Müller e Franck Ribéry. Portanto, a saída de Gómez é inevitável, e a chegada de Thiago está muito próxima.

Thiago só quis escutar a oferta do Bayern, e o acordo já estava fechado. Ainda que alguns da imprensa insinuem que ele poderia acabar no Manchester United, o mais velho dos irmãos Alcântara segue ansioso para se juntar a Guardiola. Curte férias em uma pequena casa de Begur, na Costa Brava catalã, onde está

quase incomunicável. Chegou a comprar uma antena especial para captar o sinal de celular, mas não conseguiu se conectar à internet. Viverá alguns dias de tensão, esperando que Mario Gómez assine com a Fiorentina e Rummenigge, principal executivo do Bayern, feche o acordo com o Barça. Serão oito longos dias até que no domingo, 14 de julho, a operação seja concluída.

Guardiola e sua comissão técnica estão felizes e cheios de elogios ao Bayern. De fato, a sempre eficiente organização alemã, que às vezes é criticada pela rigidez, revela-se esplendorosa no Trentino, onde o centro de imprensa montado pelo time faz inveja ao de qualquer sede de Copa do Mundo.

O Bayern trata Guardiola e seus auxiliares com carinho. No clube, não existe a menor dúvida de que se trata do homem mais importante na entidade depois do presidente. Todos os funcionários colaboram para que seus planos sigam adiante. Muito se comenta sobre a eficiência da pessoa encarregada da logística no clube e também sobre os méritos da supervisora da equipe, Kathleen Krüger, uma jovem que até pouco tempo atrás jogava como meio-campista do poderoso Bayern feminino e que agora cuida com mão de ferro de todos os detalhes do vestiário masculino.

Faz uns dias que Guardiola deixou de ter aulas de alemão. Sua professora, torcedora do Borussia Dortmund, ficou em Nova York. Ela acha que a convivência diária com os jogadores e a imprensa deve bastar para que o treinador se comunique bem. “Nosso linguajar no campo é muito direto: *druck* (pressão), *schwingen* (equilíbrio), *sehr gut* (muito bem). Com esse tipo de interação, acho que já posso me virar”, ele explica.

Já vimos que Pep fala alemão com bastante correção. E cada treino, vivido com grande intensidade, é mais um pequeno aprendizado.

Depois da sessão dedicada à pressão dos atacantes, Stefano, que cuida do estádio de Arco, nos convida para um refresco. A tarde é quente e o convite é bem-vindo. Stefano é um homem culto e explica, para nossa surpresa, que apesar de se situar no norte da Itália, perto do Tirol austríaco, o Trentino abriga nada menos que 450 espécies diferentes de frutos, alguns muito necessitados de calor, como o abacate. Arco e Riva del Garda possuem um ecossistema peculiar, dotado de um microclima que origina esse verdadeiro prodígio da natureza. Ao pé das montanhas, ergue-se um jardim de frutas.

Stefano conhece muito da cultura, geografia e natureza locais. Também tem faro para o futebol. “Guardiola é o terceiro técnico do Bayern que conheço em quatro anos, e posso dizer uma coisa: Van Gaal comandava só com o olhar, em silêncio. Heynckes era um técnico que se movimentava um pouco mais e distribuía algumas instruções aos atletas. Mas Guardiola é um turbilhão de energia, um vulcão...”, assegura.

## Momento 9

### O hotel dos pássaros

*Riva del Garda, 7 de julho de 2013*

Não há outros hóspedes no Lido Palace de Riva del Garda. O hotel foi reservado exclusivamente para o Bayern. Nesse primeiro domingo de julho, dois vigilantes guardam a cerca de aço que blinda o estabelecimento junto ao lago, e a chegada se dá por uma longa alameda. Milhares de pássaros dão as boas-vindas ao viajante. Cantam sem interrupção, harmoniosos, criando um ambiente que faz lembrar um anúncio publicitário: se existe agora um lugar tranquilo no mundo, é este.

Guardiola está no terraço do Lido Palace revisando no computador o treino do dia anterior. É obcecado por futebol e trabalho. Vive para o futebol, mas só é capaz de desfrutá-lo quando trabalha de forma metódica e detalhada. Ao longo do ano, chegará a lamentar o fato de ser tão meticuloso e exigente, já que sabe que o futebol também reserva alegrias a quem pensa menos nos detalhes e se entrega ao acaso e ao talento puro. Mas a autorreprovação é feita a meia-voz, ele não parece convencido do que diz.

Atrás da vidraça, Domènec Torrent, assistente técnico, também estuda em seu computador o último treino. É uma situação curiosa: Pep do lado de fora e Domènec, dentro, ambos revisando separadamente a “pressão de quatro segundos” treinada no dia anterior: “Prefiro ver sozinho, para fazer minha própria avaliação e depois comparar com a dele”, nos diz o assistente, que analisa com rigor o comportamento do chefe. Segundo ele, “Pep começou a toda. Está mais conectado do que nunca. Venho lhe dizendo que ele precisa ir pianinho para não passar muitos conceitos aos jogadores de uma só vez. São atletas muito inteligentes taticamente e que gostam do nosso modelo de trabalho, de atividades com bola e sem séries de corrida. Mas a gente precisa levar em conta que eles estão aprendendo um idioma novo”.

O termo “idioma” aparecerá muitas vezes nas conversas ao longo do ano. Refere-se a certa maneira de entender o futebol, tanto no jogo quanto na metodologia de treinamento. Guardiola faz clara distinção entre ideia, idioma e pessoas.

A *ideia* é a essência de um time e de seu técnico. A síntese e a vocação. No caso de Pep, pode ser resumida com as palavras usadas por seu pai futebolístico, Johan Cruyff: “A ideia é ter a bola”.

O *idioma* é o método que permitirá expressar a ideia no campo de jogo. É o conjunto de sistemas, atividades e princípios que, através do treinamento, devem ser empregados na implementação da ideia.

Por fim, as *pessoas*. Por mais elaborados que sejam, ideia e idioma não poderão ser interpretados corretamente se os jogadores não estiverem dispostos a cooperar. Não se trata apenas de ter atletas adequados para pôr a ideia em prática, o que é imprescindível: é necessário que exista entre eles a predisposição para aprender os segredos do idioma, trabalhá-los e corrigi-los, sem hesitação.

Ideia, idioma e pessoas formam conjuntamente o modelo de jogo e são fundamentais para o sucesso ou fracasso de um técnico.

Para Guardiola, o desafio no Bayern de Munique é muito maior que o enfrentado no Barça, por uma razão simples: no Barça, o idioma de jogo é ensinado desde a base. Milhares de crianças passam por La Masia e recebem todos esses ensinamentos do clube, delineado por Johan Cruyff há mais de 25 anos e desenvolvido por grandes técnicos. É um idioma completo, fechado e muito específico. Desde os seis anos, centenas de aspirantes a jogadores de futebol se integram à *cantera* e aprendem uma maneira de jogar. Quando um deles chega à equipe principal, já acumulou mais de 10 mil horas de prática orientada sempre na mesma direção. Já é, portanto, um especialista no idioma.

Isso não existe no Bayern. Pelo menos, não com a mesma profundidade. Não existe o “idioma” nem a estrutura que o ensina. Para Pep, essa diferença é muito importante. Domènec Torrent explica: “Estamos ensinando a eles um idioma novo e é preciso ir devagar, como se estivéssemos ensinando primeiro os números, depois os dias da semana, depois os verbos etc... É uma nova realidade e temos que ser flexíveis e cautelosos. Antes, por exemplo, eles faziam a marcação homem a homem; agora passamos a marcar por zona. Não queremos que abandonem a posição que devem guardar para marcar um adversário porque, nesse caso, basta um passe longo do rival e nossa organização vai por água abaixo. Mas é questão de tempo e eles estão aprendendo muito bem. O exercício de pressão de ontem foi muito bem realizado se considerarmos que foi a segunda vez que o praticaram”.

Surpreende a forma como os jogadores interagem com Guardiola. Não se nota aquele clássico distanciamento hierárquico entre o técnico e os atletas. Nessa manhã, ao som do canto dos pássaros, o treinador parece mais um integrante do grupo. Boateng e Alaba passam pelo terraço e brincam com ele; Schweinsteiger o interrompe e se senta à mesa para se despedir. Terá que voltar a Munique, com o dr. Hans-

-Wilhelm Müller-Wohlfahrt, para dar continuidade ao tratamento do tornozelo operado em junho. No Trentino, existem menos recursos que em Munique e a recuperação segue lenta demais. Guardiola se preocupa, porque Bastian é peça fundamental em seu modelo de jogo. Por isso, quer animá-lo a se recuperar o quanto antes: “Precisamos de você, Basti”.

Quem chega em seguida é Lorenzo Buenaventura, que esteve com os mais

jovens conduzindo um treino de força e também com Arjen Robben, recém-incorporado à concentração. “Com Robben, realizamos as mesmas atividades do primeiro dia na Allianz Arena, com as três linhas e as coberturas. Ele aprendeu rápido e bem”, informa Buenaventura. Guardiola se interessa exatamente pelo trabalho do atacante holandês. “Foi esplêndido, Pep, esplêndido. Ele trabalhou muito bem”, é a resposta de Lorenzo.

Robben será uma das surpresas do ano. Assim que se anunciou a contratação de Guardiola pelo Bayern, em janeiro de 2013, logo surgiram dúvidas sobre a permanência do holandês no clube. Meses depois, Robben foi decisivo com seus gols na conquista da Champions League, e mesmo assim não desapareceram os boatos de que Pep não contaria com ele. Mas o atacante chegou ao Trentino com excelente atitude, como se em vez de ter sido o autor do gol decisivo em Wembley fosse mais um jovem disposto a ganhar um lugar no elenco. Desde o primeiro treino desse domingo de julho, Arjen se dedica por inteiro e conquista Pep. Falamos com o próprio Robben, e suas palavras são certeiras: “Começo a temporada com a mente aberta a novas ideias”.

Para assimilar essa nova linguagem futebolística é imprescindível ter a mente aberta. E os jogadores de Guardiola parecem compartilhar essa disposição. Se o técnico fez o esforço de aprender alemão, os jogadores correspondem adaptando-se à linguagem da bola proposta por Pep. A estranheza inicial com os *rondos*, os *Kreisspiele*, transformou-se em entusiasmo, como reconhece Toni Kroos, um dos mais felizes do grupo nas atividades com bola. “A bola é muito rápida”, comenta Daniel van Buyten. “Isso nos obriga a jogar e pensar rápido.”

Lorenzo Buenaventura aproveita o momento para expor a sua visão sobre o técnico: “Pep é obcecado por trabalho. E, às vezes, um revolucionário. Noventa e nove por cento dos treinadores não teriam mexido em nada, porque o Bayern ganhou a tríplice coroa. Mas ele tenta ir além do senso comum. Tenta trazer coisas novas para o futebol e evoluir ano a ano. O futebol dos últimos 25 anos teve três grandes marcos: a era Sacchi, a era dos holandeses e a era do Barça. Três marcos em 25 anos: os italianos, os holandeses e Pep”, assegura.

Meses mais tarde, durante as férias de Natal, Fabio Capello dirá alguma coisa parecida: “Guardiola deixou um dos três grandes legados da história moderna do futebol. Temos a escola holandesa, o Milan de Sacchi e o futebol de Guardiola”.

Voltando a Riva del Garda, a adaptação ao novo idioma de jogo proposto pelo técnico não será simples. Na opinião de Lorenzo Buenaventura: “Não é a mesma coisa falar com Xavi e Iniesta, que vivem há vinte anos no Barcelona, já praticaram tudo aquilo mil vezes. Fazer isso aqui é diferente, não podemos acelerar o processo. Pep começa bem, vai devagar, explicando o abecê, mas de repente acelera e quando você menos espera já está no ‘z’ e repassou o alfabeto todo. Essa imersão não dá frutos tão rapidamente”.

A conversa não passa despercebida por Guardiola — porque, apesar dos pássaros, no terraço amplo se ouve tudo — e ele se aproxima para participar da troca de ideias: “Sim, muito bem, mas se perdermos dois jogos seguidos dirão que é por culpa de tanto *rondo* e por não estarmos fazendo séries de mil metros na pré-temporada, ou porque não subimos as montanhas do Trentino”, ele gesticula, sorri, empurra Buenaventura. “Os jogadores não dirão isso, e gente como Toni Kroos vai afirmar que está muito feliz por treinar sempre com a bola; mas é certeza que, se perdermos, alguém escreverá que foi porque treinamos dessa maneira...”, explica.

Buenaventura ri de sua forma de prever os desastres. “Trabalhei com mais de trinta técnicos. Muitos deles eram excelentes e sempre guardamos alguma coisa de cada um; mas de Guardiola fico com tudo, porque ele possui uma característica vital no esporte: a disposição para o risco. É como quando no salto em altura vem um cara [Dick Fosbury, 1968] que um dia decide saltar de costas e rompe todos os esquemas preestabelecidos. Quantos caras assim existem no futebol, dispostos a romper com o que está consolidado, com o tradicional? É aquela famosa frase: ‘Tudo já está inventado’. Mas veja só, não está. Pep é capaz de chegar a um país novo, analisá-lo e saber exatamente o que tem que ser feito. Aplica coisas novas e assume riscos.”

O Bayern acaba de contratar Mona Nemmer como nutricionista. A jovem inicia o trabalho nessa manhã. Ela está no terraço do Lido Palace ao lado dos cozinheiros do hotel, com quem prepara o cardápio para os dias seguintes. Trata-se de uma profissional de 28 anos, com experiência nas categorias de base da seleção alemã. O Bayern atendeu ao pedido de Guardiola por um especialista em nutrição, campo em que ainda havia margem para evolução, apesar do excelente trabalho na alimentação depois dos jogos. O ônibus da equipe conta com cozinha própria, de forma que os jogadores recebem sua porção de massa pré-cozida, salada e carne ou peixe assim que os confrontos se encerram, o que é fundamental para a recuperação fisiológica. Dessa cozinha, assim como de toda a alimentação do Bayern, quem cuida é o famoso Alfons Schuhbeck, verdadeira instituição culinária em Munique. Agora, Mona Nemmer complementará o cuidado nutricional, ocupando-se dos detalhes.

Para Buenaventura, é um aspecto fundamental: “Como todos os times grandes, o Bayern joga uma partida a cada três dias, e isso influi demais no planejamento da preparação. Estudos médicos feitos na Itália demonstram que a recuperação após cada partida depende da alimentação do atleta. Assim, no terceiro dia após o jogo, quando se alimentou bem, o jogador recuperou 80 por cento do glicogênio dos músculos. Somente 80 por cento! Imagine se ele se alimentou mal... E depois de quatro jogos consecutivos em ciclos de três dias, o risco de lesão aumenta 60 por cento”.

Nessa sucessão de jogos a cada três dias reside a necessidade de implementar um rodízio entre os atletas. Atuando com essa frequência, a recuperação nunca supera os 80 por cento, fora que o acúmulo de partidas provoca lesões e quedas de rendimento. “No Barcelona, jogadores como Messi, Busquets, Xavi, Daniel Alves ou Pedro participaram de até nove ou dez partidas consecutivas a cada três dias, e alguns chegaram a doze. E se o ciclo se interrompeu, foi porque foram convocados pela seleção de seu país, mas para continuar jogando. Isso é terrível para o atleta porque, além do risco de lesão, leva a uma grande perda de rendimento. Por isso, é importante ter um elenco completo que permita, de vez em quando, deixar alguém de fora de uma partida e lhe dar um pequeno ciclo de cinco dias de treinos”, explica Buenaventura. No Bayern, prevê-se que a temporada atual exija menos. “Só o fato de não haver turnê pela Ásia no verão já é uma bênção”, prossegue. “E esta pré-temporada significa uma grande vantagem, porque temos vários ciclos de cinco dias completos, nos quais podemos trabalhar sem interrupções. Nesses ciclos, fazemos seis ou sete sessões de treino, mas sem o tradicional esgotamento físico. E depois ainda tem a outra bênção: a pausa de inverno.”

Ao longo dos meses seguintes, Lorenzo Buenaventura voltará a falar sobre as vantagens dessa parada. Hoje, faz apenas uma observação: “Ter catorze dias inteiros de festa no Natal e depois duas semanas de preparação é uma vantagem competitiva muito grande”.

Guardiola e Torrent comparam suas conclusões no fim da manhã, após terem visto separadamente o exercício de pressão realizado no dia anterior. Os pássaros continuam cantando às margens do Lago de Garda. O técnico se preocupa com o tornozelo de Schweinsteiger, que já viaja de volta a Munique.





*Arco, 7 de julho de 2013*

Eles treinaram como feras. Pep Guardiola se aproxima do banco e diz: “Treinavam assim no Barça no primeiro ano!”.

Ele agita os braços, um movimento que sempre o vemos repetir durante as partidas, e volta a dizer: “Treinavam assim no primeiro ano, como feras”.

Estamos no banco do pequeno campo de treinos, em Arco. O Bayern se prepara para as grandes batalhas do primeiro ano de Guardiola, o ano da sucessão de Heynckes, o ganhador da triplice coroa. Sammer, diretor esportivo do clube, está sentado no mesmo banco e comenta os movimentos que Pep ordena no gramado. O grupo está disputando um jogo de onze contra dez, e o técnico exige pressão dos atacantes e coberturas dos zagueiros e meios-campistas. A intensidade é formidável. Guardiola corre e grita sem parar. Sammer sorri: “Vamos nos divertir”.

“Temos dois objetivos”, nos dirá Sammer naquela tarde de domingo. “Alcançar a estabilidade em alto nível e tentar criar uma era de conquistas.” Meses antes, em janeiro de 2013, quando a triplice coroa ainda era uma utopia, um alto executivo de uma das principais empresas de material esportivo do mundo explicou com outras palavras: “Em Munique, eles não estão felizes com a forma de jogar da equipe. Os diretores têm uma visão moderna da gestão e acreditam que o time deve jogar de outro modo. Agora estão em um bom momento, focados nas vitórias, mas Hoeneß e seu pessoal não esquecem que essa equipe perdeu duas Champions em três anos, duas Bundesligas consecutivas e foi massacrada na Copa pelo Dortmund. Eles querem ganhar, mas querem jogar de forma mais estável, sem altos e baixos”.

Por isso, Guardiola foi contratado para liderar o que Paul Breitner definiu como “a terceira fase” do plano do Bayern.

Quando estava em Nova York, Pep Guardiola imaginou como seria seu Bayern. Ainda que não tenhamos falado o bastante sobre esse assunto, porque o tempo voava, sua equipe ideal, antes de conhecer com profundidade os jogadores, creio que seria composta de Neuer no gol; Lahm, Javi Martínez, Dante e Alaba na defesa; Schweinsteiger como volante; Götze e Kroos como meias; Müller e Robben como pontas; e Ribéry como falso 9. Na realidade, o ideal seria ter Götze e Ribéry alternando na posição de falso 9. Mas se essa era sua escalação no papel quando vivia em Nova York, a realidade mostraria que um time de futebol é um organismo vivo, que cresce e se desenvolve, sofre adversidades e infortúnios e os supera, gera expectativas, melhora em alguns

aspectos e piora em outros. Em resumo, evolui. No geral, evolui de forma diferente do que se esperava. Nunca é como você imaginou que seria.

De qualquer forma, Javi Martínez e Dante não estão na concentração no Trentino; o vice-capitão, Schweinsteiger, voltou a Munique para acelerar o tratamento do tornozelo; e Götze, mesmo passados dois meses e meio de sua lesão na coxa, só pode se exercitar na bicicleta ergométrica. Robben treinou apenas uma vez e Thiago ainda não foi contratado pelo Bayern. Se alguma vez sonhou com um time titular indiscutível, agora Pep está muito distante dessa equipe e já se pergunta se Thiago chegará a tempo para a final da Supercopa em Dortmund, ou se precisará usar o jovem Højbjerg contra as “cobras criadas” do Borussia.

Na concentração, Alaba, Van Buyten, Mandžukić, Shaqiri, Pizarro e, finalmente, Robben uniram-se ao grupo. Sete garotos da base retornaram a Munique após o convívio de dez dias com os mais velhos. Guardiola continua dedicando bastante tempo a conversas particulares: com Boateng, que demonstra excelente disposição para se aperfeiçoar e progredir; com Neuer, em quem deposita uma confiança cega; com Toni Kroos, seu alter ego dentro de campo desde o primeiro dia; com Lahm, cuja inteligência tática surpreenderá o treinador; e, claro, com Højbjerg. Pep dá verdadeiras aulas ao garoto para que aprenda o jogo de posição e saiba avançar e encontrar as linhas de passe, levando o time à frente. Decidiu protegê-lo, porque viu no dinamarquês um projeto de grande jogador.

Nessa tarde de domingo em Arco, a parte principal do treinamento é uma partida de quarenta minutos que possui dois objetivos: melhorar a pressão exercida pelos atacantes e aperfeiçoar a cooperação entre os demais jogadores quando o time todo pressiona o adversário. Para atingir o primeiro objetivo, Mandžukić e Müller marcam agressivamente os zagueiros rivais até encurralá-los em um dos lados do campo, enquanto Ribéry ou Shaqiri vêm em seu apoio. Guardiola fica satisfeito novamente com o esforço: “São animais famintos quando fazem pressão. Você diz ao Müller para correr quarenta metros em diagonal até a lateral e ele vai a todo gás, volta lá atrás e repete o movimento cem vezes se for preciso”. Mas Pep também pondera que uma pressão tão intensa sobre a defesa adversária não será habitual: “Faremos essa pressão poucas vezes na temporada, contra times como o Barça e alguns outros. O restante das equipes, na terceira vez que pressionarmos a saída, passará a dar chutões. Vamos receber a bola de presente e ter que trabalhar outros aspectos para evitar os contra-ataques e o perigo da segunda bola”.

Apesar de se tratar de um recurso empregado em poucas ocasiões, Lorenzo Buenaventura nos explica por que Guardiola o pratica tão minuciosamente: “Ele se preocupa em cobrir todos os cenários possíveis. Mesmo sabendo que alguns

conceitos só serão utilizados duas ou três vezes na temporada, explica-os muito bem para que o jogador e o time passem a ter mais um recurso à disposição. São como ferramentas. A maioria das equipes não sai jogando com o goleiro quando enfrenta os grandes como o Bayern, o Barça, o Arsenal, o Real ou o City. Portanto, saber fazer pressão sobre o goleiro rival com atacantes adiantados é um recurso para momentos específicos, mas você tem que saber como usá-lo. Por isso, Pep ensina todo o movimento e vai repetir esse treino ao longo do ano”.

O segundo objetivo do dia é ensaiar a cooperação entre todos os jogadores na pressão sobre o rival, com atenção para as coberturas. Quando o zagueiro sobe para pressionar o atacante adversário, o volante ocupa seu lugar. Se é o lateral quem avança contra o ponta, o zagueiro cobre sua posição e, novamente, o volante faz a cobertura do posto abandonado. Quando o time consegue conter o avanço de um atleta pelo lado do campo, a cooperação entre o volante, o lateral e o meia é decisiva para a roubada de bola. O Bayern trabalha esses movimentos repetidas vezes. De vez em quando, Guardiola para o jogo e corrige os atletas, especialmente Boateng e Højbjerg, para que coordenem melhor suas ações: “Tem que ser instantâneo. Højbjerg, se Jérôme avançar, você cobre a posição dele. Se Lahm subir, Jérôme faz a primeira cobertura e Højbjerg cobre Jérôme”, explica.

Pierre-Emile Højbjerg possui um sentido inato para a posição. Ostenta a grande virtude de Sergio Busquets, o eixo do Barcelona, mas sem ter passado pela base catalã. Faz os movimentos certos com naturalidade e tem apenas dezessete anos. Além disso, sua disposição para aprender é ótima e contrasta com a de outros jovens promissores que, por suas reações, parecem não gostar das correções de Guardiola. Um time é um organismo vivo: há jogadores que crescem e se aprimoram — como Shaqiri, que está conquistando o chefe, ou como Højbjerg e Boateng, sempre dispostos a absorver tudo. Mas também existem aqueles que perdem espaço, pelo rendimento ou pela atitude. Uma equipe nunca é uma foto imutável.

Se estivesse aqui, Rummenigge teria gostado do treino. Mas ele ainda não chegou ao Trentino. Está cuidando dos últimos detalhes da transferência de Mario Gómez à Fiorentina. Assim que essa operação se concluir, Thiago poderá vir: ele já tem um acordo com a equipe de Munique e não quer escutar nenhum outro clube. No Bayern, ninguém vislumbra qualquer empecilho à transação, já que o Barça há tempos vem dando pistas de que quer vender o jogador. Quando Guardiola ainda treinava o Barcelona, no verão de 2011, o clube já sondou o mercado em busca de um comprador para Thiago. Mais tarde, permitiu que seu contrato contivesse uma cláusula especial, determinando que se ele não jogasse um mínimo de minutos durante o ano, o valor de sua rescisão seria reduzido de 90 milhões para 18 milhões de euros. Além disso, mesmo com a Liga já ganha

naquele ano, ninguém no clube pensou em mudar os planos para que Thiago chegasse a esse mínimo de minutos jogados. O Barça demonstrou claramente o desejo de vender o atleta, e não parece provável que faça resistência agora, diante de uma boa oferta.

Terminado o treino, Arjen Robben diz o que considera a principal virtude do Bayern: “Aqui não temos um Messi ou um Cristiano Ronaldo, mas temos a mentalidade coletiva. Também temos jogadores que têm valor, claro, que fazem a diferença. Mas somos sobretudo uma coletividade, que no ataque sempre quer marcar mais um gol e na defesa trabalha em grupo. Esta é a nossa força”.

Guardiola se aproxima do banco visivelmente satisfeito com o trabalho realizado e repete: “Treinavam assim no Barça no primeiro ano. Treinavam assim, como feras!”. E acrescenta: “Não dá para estar sempre no topo da montanha: Bolt, Federer... Achávamos que eles nunca parariam de ganhar, mas não é possível, simplesmente não é possível”.

É inevitável a lembrança de Garry Kasparov e de seu “É impossível!”.

Mas o Bayern, apesar dos títulos recentes, demonstra o apetite voraz de quem ainda não chegou ao cume. “Aqui, todos nós queremos alguma coisa. Eles têm um técnico novo, novos conceitos para aprender e querem ganhar jogando melhor do que no ano passado. Eu quero ganhar com outros jogadores. Vamos ver se conseguimos...”.



Jogando pelos lados

*Arco, 8 de julho de 2013*

Guardiola não demora a imaginar qual será sua escalação titular para a temporada. Sem dúvida nenhuma, Neuer no gol, Lahm e Alaba nas laterais, ainda que Rafinha esteja rendendo muito bem nos primeiros treinos e possa vir a ser um bom complemento. Javi Martínez, Boateng e Dante são os três homens que terão de se revezar nas duas posições na zaga. Mais à frente, como volante único, Schweinsteiger. É verdade que ele rendeu muito bem na temporada passada como parte de uma dupla de volantes, mas Guardiola acha que o vice-capitão será capaz de atuar no mesmo nível jogando sozinho. A seu lado, dois meias de muita capacidade criativa: Kroos e Thiago. Claro, Thiago ainda é um projeto e sequer está contratado. Se acabar não vindo, então Götze poderia ocupar o seu posto. E no ataque, muitas variantes, mas todas elas com Ribéry como peça indiscutível.

Entre a escalação imaginada por Pep nos primeiros dias de julho e o que de fato acontecerá nos meses seguintes existe um abismo: o da realidade. Futebol é incerteza e acaso, incidentes e acidentes. Nenhum jogador está sempre em plena forma e nenhum time é uma foto imutável. A diferença entre a equipe imaginada e a real será considerável, entre outras razões porque ao longo do segundo semestre de 2013 o grupo passará por uma epidemia de lesões. Somente quatro jogadores do elenco conseguirão chegar ao Natal sem nenhuma contusão: o goleiro reserva Tom Starke, os zagueiros Boateng e Van Buyten, além do atacante Thomas Müller. Os outros vinte terão se lesionado. Alguns — como Neuer, Mandžukić e Alaba — apresentarão problemas leves; outros — como Schweinsteiger, Thiago e Robben — sofrerão lesões mais graves e prolongadas. Sem falar em Holger Badstuber, que passará mais um ano no departamento médico.

Essas circunstâncias vão abalar os planos de Guardiola, obrigando-o a *inventar* jogadores para cobrir determinadas posições, além de comprometer muitas decisões táticas em razão das dificuldades de assimilação dos novos conceitos de jogo. Mas o técnico não imagina nada disso quando, sentado no banco em Arco, depois de outra jornada de trabalho, explica como pensa em fazer o seu Bayern jogar. E nesse ponto, suas previsões serão mais certeiras: pouco a pouco, o time acabará trabalhando como Guardiola quer. E como ele quer que o time jogue?

Em 8 de julho de 2013, Guardiola acha que o Bayern deve fazer a diferença pelos lados do campo. A princípio, parece uma declaração surpreendente, porque no Barça, ainda como jogador ou já como treinador, ele sempre buscou a

superioridade por dentro. Montou, afinal, o Barça dos meios-campistas: com Busquets, Xavi, Iniesta, Fàbregas, e até mesmo Messi — que também iniciou como meia na final da Champions de 2011, contra o Manchester United. Conseguir superioridade na zona central era a marca característica de Pep. E no Bayern será diferente? Na verdade, não. O que ele explica é que continua querendo superioridade no meio, mas pretende dar mais um passo e dobrá-la por fora, pelos lados do campo.

Por quê? Porque no Barça tinha à disposição Leo Messi, a quem chama de “aquela fera”, “um animal”. Messi resolvia tudo no Barça. Seus companheiros gravavam a superioridade numérica no meio de campo e lhe passavam a bola: “Ele dava o drible e marcava o gol pelo time todo”. No Bayern, Pep não dispõe de um Messi. Tem um jogador excepcional como Mario Götze — hábil, liso, inteligente, bom goleador — e um finalizador magnífico como Mandžukić — duro, lutador e eficiente. Mas Messi era de outra dimensão.

Desse modo, sob o calor italiano, Guardiola revela sua ideia de jogo: gerar superioridade no meio de campo, mas desequilibrar pelos lados. No Barça, Xavi e Iniesta conseguiam a superioridade pelo meio, onde Messi também desequilibrava. No Bayern, Guardiola imagina que as coisas serão um pouco diferentes: “Quem são nossos homens mais desequilibrantes? Os de lado de campo: Ribéry e Robben. Portanto, temos que ir por fora. Seremos superiores por dentro, mas abrindo em diagonal. Temos que avançar bastante a equipe para que eles não precisem começar a jogada muito atrás”, explica.

Em apenas duas semanas de trabalho, esta já é uma grande obsessão do técnico: que Ribéry e Robben evitem dar muitos piques longos, de oitenta metros. “Se eles começarem a jogada muito atrás, o lateral e o volante adversários virão marcá-los, e será difícil se livrar deles. Mas se estivermos mais à frente, com os zagueiros na linha do meio de campo, então a cooperação entre os adversários será muito menor. Transformaremos cada jogada em um mano a mano. Nesse tipo de lance, os nossos são os melhores e cansarão de fazer gols. Eles também poderiam cruzar, já que temos grandes finalizadores na área. No Barça, quem provocava o desequilíbrio era o Messi por dentro; no Bayern, serão Ribéry e Robben por fora”.

Essas são suas ideias no mês de julho. Suas ideias e sua escalação sonhada. Ele até pode seguir desenvolvendo as ideias, mesmo que lentamente, mas levará mais de meio ano para dispor de todos os atletas e terá que driblar as muitas dificuldades recorrendo à imaginação.

E não basta dizer como se quer jogar. É preciso trabalhar esse plano dia a dia, como Lorenzo Buenaventura nos explica em detalhes: “Pep vem me dizendo que temos que chegar pelos lados muito mais que no Barcelona. Por quê? Porque os ingredientes são diferentes. Nas partidas do Barça, quantos cruzamentos na área

o lateral faz? Talvez quatro por jogo, e olhe lá! No início, quando Messi caía mais pelos lados, ele sempre se encarregava de decidir em uma jogada pessoal. Portanto, não havia cruzamento. Se Daniel Alves chegava à linha de fundo, normalmente o lance terminava com um passe para trás. Além disso, não tínhamos finalizadores especialistas. Então, se chegávamos quatro vezes, já era muito. Mas, no Bayern, há jogos em que cruzamos mais de vinte vezes, porque Müller e Mandžukić exigem isso. Se você está na ponta e vê essas feras chegando, é claro que o normal é pôr a bola dentro da área. O nível de aproveitamento do Bayern nesse tipo de lance é muito superior ao do Barça, e acho que ao das outras equipes também. O grande desafio de Pep será realizar as jogadas pelos lados, mas manter também jogadores por dentro para controlar o contragolpe adversário. Ou seja, tentar prever onde pode cair o rebote para conseguir atacar a segunda jogada”.

O preparador físico do Bayern, que também é treinador de futebol e de natação, dedicará especial atenção à decisão estratégica de Guardiola. Ele vai criar exercícios específicos que permitam aprimorar esta combinação: obter superioridade numérica pelo meio, abrir os lados do campo para que os atletas que jogam por fora possam desequilibrar, chegar rápido e em bom número à área e, ao mesmo tempo, guardar o melhor posicionamento para cortar na raiz qualquer contra-ataque do rival. Várias semanas depois, já no mês de outubro, enquanto tomamos café em um dia de folga, Buenaventura se lembra da conversa na Itália e acrescenta mais detalhes. “Há alguns dias treinamos na sede do banco que patrocina o Bayern [HypoVereinsbank]. O exercício básico foi assim: saída de bola com três jogadores, às vezes com o lateral aberto e às vezes com o lateral fechado; à frente, o volante, os meios-campistas e os três atacantes. As jogadas de ataque sempre incluíam um passe em diagonal, superando uma das linhas e sempre concluindo pelo lado do campo. Quando o lateral acabava a jogada por fora, o meia estava bem na entrada da área, na posição que em teoria é a do volante adversário, representado por um boneco, porque devia ficar atento a um possível contra-ataque. Era curiosíssimo. Passados alguns dias, Guardiola explicou ao grupo o porquê do exercício: ‘Lembram-se daquele dia em que fizeram tudo aquilo e sempre acabava no boneco? Era exatamente por esta razão e por aquela outra...’”

“Isso tudo é fruto da análise que Pep fez do futebol alemão: quem contra-ataca e como. Portanto, tínhamos que trabalhar os mecanismos de proteção. Chegar [à área adversária] com presença e, ao mesmo tempo, não deixar de vigiar o rival. Se já é difícil coordenar uma boa chegada, imagina fazer isso prevendo que algo dê errado e preparando--se para o contragolpe! Isso é o que Guardiola tem a mais: é capaz de analisar como se joga em um determinado país, não renunciar aos nossos pontos fortes — nesse caso, jogar pelos lados, porque somos bons nisso — e, ao mesmo tempo, pensar na recomposição que evita a resposta contrária. É

um jeito diferente de se preparar: treinamos o ataque e a anulação do rival. E todo dia ele introduz um elemento novo e um detalhe do nosso adversário.”

Voltemos ao Trentino. Na manhã de 8 de julho, Mario Gómez se despede dos companheiros depois do café, com um discurso breve, mas elegante. Faz um mês que Matthias Sammer, o diretor esportivo, comunicou a ele que o Bayern queria transferi-lo. Gómez concordou, depois que Mandžukić lhe roubara o posto de titular à base de gols. “Amo o clube e sempre serei do Bayern”, disse o jogador aos companheiros nesse dia. E fez as malas.

A muitos quilômetros do Lago de Garda, quem também quer fazer as malas é Thiago. Seu acordo com o Bayern está selado, falta apenas Rummenigge telefonar para Sandro Rosell. Thiago tirou três semanas de férias e somente agora começou a treinar por conta própria. Teme que, no último momento, qualquer detalhe possa travar a operação. E se preocupa também porque só faltam três semanas para a Supercopa alemã contra o Borussia Dortmund e ele não quer perder a final.





*Munique, 25 de julho de 2013*

Quando deixou a Itália para voltar à Alemanha, Pep ainda tinha dúvidas: Pierre-Emile Højbjerg estava apto a ocupar a posição de volante na final da Supercopa alemã em Dortmund, mas significava um risco imenso. Que alternativa havia? Depois de nove dias de concentração, Pep já sabia que não poderia contar com Schweinsteiger, Götze, Javi Martínez, Dante e Luiz Gustavo, então teria que encarar o grande rival apenas com os jogadores que tinham treinado em dois períodos à sombra do castelo de Arco. A menos que Thiago chegasse.

Guardiola dedicara mais horas a Højbjerg que a qualquer outro jogador: havia explicado a ele como posicionar o corpo ao receber a bola para passá-la de imediato com maior eficiência e como se posicionar entre os zagueiros para ajudá-los na saída de bola. Estimulara o garoto a ser valente e se atrever a cruzar as linhas adversárias, fosse conduzindo a bola ou através de um passe longo e rasteiro. Trabalhando por horas a fio e sem dar trégua ao dinamarquês, Pep se sentiu como Cruyff quando orientava um jovem chamado Guardiola a ser o “4” do Barcelona. Assim, ensinou a Højbjerg o manual do volante no jogo posicional.

Mas permaneciam dúvidas sobre efetuar um teste desses: usá-lo no Westfalenstadion — diante de um Borussia excepcional e ansioso por revanche, em razão da derrota na final da Champions League — não parecia ser a melhor forma de lançar um menino de dezessete anos que tinha grande potencial. Era arriscado demais e talvez pudesse até comprometer seu futuro. Em dois jogos amistosos disputados no Trentino (13 a 0 contra o Paulaner Team e 3 a 0 diante do Brescia), Pep escalou Højbjerg como volante, mas na viagem de volta de Verona a Munique, depois de muito pensar, enfim decidiu que não era prudente queimar o jovem dinamarquês em Dortmund. Passou a avaliar outras opções.

Recém-chegado da Itália, no domingo, 14 de julho, o Bayern disputou um amistoso em Rostock contra o Hansa, um histórico clube alemão que passava por grave crise econômica. Desde o ano anterior, Uli Hoeneß tinha se comprometido a disputar esse jogo com o objetivo de arrecadar fundos que permitissem ao Hansa renovar sem dificuldades sua licença federativa e jogar a terceira divisão do futebol alemão. A operação foi um sucesso: 28 mil torcedores lotaram a dkb-Arena e deixaram quase um milhão de euros na conta do clube de Rostock. Em campo, Guardiola escalou Toni Kroos como volante. Foi uma declaração de intenções: o treinador testava alternativas para não queimar Højbjerg diante do Borussia. Toni era a primeira dessas opções, desde que estivesse bem protegido: em Rostock, o ponto de apoio foi novamente Philipp Lahm. O capitão já havia

jogado como meio-campista na segunda partida amistosa (contra o TSV Regen) e também na terceira (contra o Paulaner Team), e Guardiola começava a gostar do comportamento do lateral na zona central do campo. O Bayern venceu por 4 a 0 e, durante os cinco dias seguintes, a equipe pôde trabalhar em Säbener Straße de forma contínua pela primeira vez desde a chegada de Guardiola. À saída do estádio de Rostock, o técnico recebeu uma mensagem de texto no celular: “Thiago está contratado”.

Dias antes, na despedida ao Trentino, Pep havia dito: “Thiago oder nichts” [Thiago ou ninguém]. E Rummenigge apresentou uma oferta formal ao Barcelona. Uma oferta como a do Bayern era perfeita para a diretoria do clube catalão, porque pagava o preço desejado e, além disso, evitava que a saída da pérola de La Masia provocasse muitas críticas, já que seria possível usar a justificativa de que Guardiola o havia “roubado”. O vazamento da notícia não era obra do Bayern nem do jogador, isolado na Costa Brava; só podia ter origem na parte vendedora, pensou Guardiola, o que significava que a operação estava bem encaminhada.

Naquele dia no Trentino, os jornalistas alemães lhe perguntaram se era verdadeiro o interesse do Bayern pelo jogador, e o técnico foi contundente: “Sim, claro que o quero”. Foi tão assertivo que a resposta provocou um longo silêncio na sala de imprensa anexa ao hotel: os jornalistas não esperavam tamanha demonstração de sinceridade, ainda que a intenção de Pep não tenha sido apenas ser franco, mas também acelerar uma operação já quase fechada. Expondo-a em público, pretendia concluí-la. Se o Barça deixara vaziar a notícia, Guardiola se apressava em confirmar seu interesse pessoal. Anunciou também que não haveria outras contratações: “Thiago ou ninguém”.

Nesse 11 de julho, Guardiola fez mais que confirmar o interesse por Thiago: atacou duramente Sandro Rosell, presidente do FC Barcelona até 2014, quando renunciou. Rosell havia denegrido Cruyff, retirando dele a distinção de presidente de honra, além de enviar aos tribunais de justiça o presidente anterior — Joan Laporta, que foi quem contratou Guardiola como técnico do Barça — e defender o clube com surpreendente indiferença durante graves incidentes, como a acusação de doping ocorrida em março de 2011.

Se, sob a presidência de Laporta, Guardiola tivera que atuar inúmeras vezes como porta-voz informal do clube (os órgãos de imprensa catalães chagaram a chamá-lo de “presidente virtual”), durante o mandato de Rosell ele percebeu com frequência um desapego profundo e gradual, que se tornou mais evidente na última temporada.

Pep decidira falar com clareza de uma vez por todas e fez isso no Trentino: “Este ano eu disse ao presidente Sandro Rosell que estaria a 6 mil quilômetros de distância e só pedi que me deixassem em paz, mas não fizeram isso, não

cumpriram sua palavra. Não cumpriram. Eu vivi a minha etapa lá e fui embora. Não foi uma decisão deles, eu quis partir. E acabei indo a 6 mil quilômetros de distância. Eles que façam seu trabalho, que fiquem contentes com os jogadores que têm, que façam o que têm de fazer. Desejo a eles todo o sucesso do mundo, pois, em alguma medida, isso me alegraria também, já que nem preciso dizer o que aquele clube significa para mim. Mas neste ano houve muitos momentos em que eles passaram dos limites”.

Guardiola atacou diretamente o ardiloso Sandro Rosell, e essa não foi uma boa estratégia. Na verdade, Pep sabia muito bem disso, mas decidiu não se conter. Nas palavras de Sala i Martín: “Naquele dia, Pep precisava extravasar. Já fazia muito tempo que vinha sendo atacado e não abria a boca. Era inevitável que explodisse”. É provável que a forma e o local para a explosão tenham sido equivocados, porque os jornalistas alemães não compreendiam os detalhes do caso. Não somente porque Guardiola falou em catalão, mas porque o contexto era difícil de entender: os anos de convívio, as desfeitas sofridas, a manipulação do último ano, os interesses financeiros e editoriais em Barcelona... Tudo muito complexo. A imprensa alemã contentou-se com o básico: Guardiola estava muito irritado com Sandro Rosell pela forma como fora tratado ao deixar de ser técnico do Barcelona — uma percepção que, no fim, era também um retrato fiel da realidade.

Thiago chegou a Munique dias depois e, na quarta-feira, 7 de julho, fez o primeiro treino. Apresentava-se praticamente sem preparação: um mês antes estava disputando a final da Eurocopa sub-21, na qual a Espanha venceu (4 a 2) a Itália com três gols dele mesmo, e desde então mantivera a forma apenas correndo e pedalando pelas montanhas, na companhia do irmão mais novo, Rafinha, que havia sido emprestado pelo Barça ao Celta de Vigo. Thiago chegava entusiasmado a Munique: “É incrível que alguém tão competente como Pep confie em mim. Quando o melhor técnico do mundo chama, não tem muito o que pensar”.

Guardiola havia sido treinador de Thiago desde que o atleta era juvenil: escolheu-o para jogar no Barça aos dezesseis anos, e o levou para a equipe principal com dezoito. Confiou cegamente nele e, como faz agora com Højbjerg, passou muitas horas lapidando o diamante, tratando principalmente de conceitos defensivos, como o próprio Thiago recorda, pouco depois de sua chegada: “Pep tirou muitas coisas do meu estilo de jogo, da minha maneira de executar as jogadas. Eu sou brasileiro! Fiquei irritado com ele muitas vezes, porque sempre me pedia calma. Nas vitórias, sempre tentava esfriar os ânimos para que não nos sentíssemos eufóricos. Ele tirou muitas coisas do meu jogo, provavelmente as superficiais, mas em troca me deu recursos bem mais importantes. E o saldo é muito positivo”. Thiago chegava disposto a tudo: “Agora, preciso me libertar. Pôr

em prática tudo o que Pep acrescentou à minha forma de jogar e extrair a minha essência”.

Ele logo poderia demonstrar tudo isso, porque três dias mais tarde foi titular no Hamburgo × Bayern que abriu o troféu Telekom. O Bayern atropelou por 4 a 0 e Thiago deu sinais de sua classe jogando como volante posicional, com Kroos a seu lado. Guardiola começava a revelar suas intenções para a final em Dortmund: se Thiago resistisse fisicamente, seria o volante titular na Supercopa.

Na final do troféu, no dia seguinte, domingo 21 de julho, o técnico repetiu a ideia, mas acrescentou mais uma peça. Com Thiago como volante, Lahm e Kroos ocuparam os outros dois lugares no meio-campo. O capitão trazia o instinto defensivo e Kroos, a criatividade. O trio funcionou maravilhosamente, e o Bayern massacróu o Borussia Mönchengladbach (5 a 1). Se a parte física de Thiago suportasse, já existia uma equipe titular para enfrentar o Dortmund na semana seguinte. Mas ainda faltava receber o Barça na Allianz Arena.

O jogo não era um desejo de Guardiola por uma razão evidente: sua ligação com o Barça é profunda e apaixonada. Seria estranho se não fosse assim, considerando que estamos falando de uma cria de La Masia que atuou como gandula, jogador, capitão, técnico, porta-voz e símbolo do Barcelona. Pep foi de tudo no clube catalão, e foi tudo o que realmente quis ser: jogador e técnico. Enfrentar o ex-clubes nunca será agradável para ele.

A partida amistosa havia sido marcada para a quarta-feira, dia 24, apenas três dias antes da final da Supercopa da Alemanha, outro motivo para o descontentamento. Mas se tratava da Copa Uli Hoeneß, um tributo ao presidente, ao patriarca, ao *papa* do Bayern, como ele é chamado carinhosamente, então era preciso atender ao compromisso. Para o Barcelona, também não era um confronto ideal: seus jogadores da seleção espanhola seguiam de férias, e o pior era a recaída do técnico, Tito Vilanova — cinco dias antes, soube-se que ele estava novamente doente e teria que abandonar definitivamente o banco do clube que conduzia ao título da Liga. Na terça-feira, 23 de julho, Gerardo *Tata* Martino fora apontado como o novo técnico, mas não houve tempo para que ele estivesse em Munique para o jogo.

No banco do Barcelona se sentou Jordi Roura, que já fora técnico interino enquanto Tito Vilanova se recuperava dos problemas de saúde em Nova York, no início de 2013. O Barça, além disso, voltava ao estádio de seu pesadelo mais recente: apenas três meses antes acontecera a semifinal da Champions, na qual Jupp Heynckes comandara o massacre por 4 a 0 — na volta, no Camp Nou, deu Bayern novamente, por 3 a 0. Somados todos os fatores, ninguém estava muito feliz com a partida, mas era preciso jogá-la.

Thiago foi o volante do Bayern de novo, outra vez acompanhado por Lahm e Kroos. O time para o jogo em Dortmund parecia montado. O amistoso teve

pouquíssima história, apesar de ter provocado importantes consequências. O Bayern venceu por 2 a 0, o Barcelona praticamente não conseguiu desenvolver seu jogo, nenhum dos times produziu grandes jogadas aliás, mas na quinta-feira pela manhã Guardiola recebeu péssimas notícias: Neuer e Ribéry estavam lesionados. O goleiro sentia um pequeno incômodo no adutor da coxa. O atacante tinha a perna dolorida por conta de uma pancada. Não poderiam atuar em Dortmund.

Em 25 de julho, Guardiola faz cara de poucos amigos e amaldiçoa o amistoso com o Barça. Não gostara da ideia, não queria o jogo, não era conveniente disputá-lo três dias antes de uma final e, para sua infelicidade, o amistoso deixara no departamento médico dois de seus atletas mais importantes: o goleiro titularíssimo e o atacante que mais desequilibra. Pep está enfurecido. Chega à sua primeira partida oficial com diversas baixas.

Ele passa a noite estudando a fundo o Borussia de Jürgen Klopp. É um hábito seu, às vésperas de todos os jogos. Durante dois dias e meio investiga o adversário até o mínimo detalhe e busca os pontos fracos por onde atacar. Seu processo de análise faz lembrar o de Magnus Carlsen, campeão mundial de xadrez, que avalia as possibilidades básicas de determinada posição no tabuleiro sem o auxílio da computação; com essas ideias próprias, ele instrui seus auxiliares para que busquem variantes com o emprego de computadores avançados. Guardiola também prefere analisar o rival por si só, sem levar em consideração as conclusões de Carles Planchart e da equipe de analistas. Depois de ter radiografado o adversário, aí sim ele compara suas opiniões com os apontamentos da comissão técnica e finaliza a análise. Certa vez, mencionamos essa grande semelhança e Guardiola se mostrou agradavelmente surpreso pela comparação com Magnus Carlsen no processo de análise. “O xadrez me interessa cada vez mais”, disse.

Dúvidas. A verdade é que Pep sempre tem dúvidas. Pensa e repensa em tudo: no modo de atacar o adversário, na escalação, nas instruções individuais e coletivas. Sem Neuer e Ribéry, sem Javi Martínez e Dante, sem Götze e Luiz Gustavo, e com Schweinsteiger mancando, o técnico decide atacar. Tem dúvidas e se debate entre as palavras de Rummenigge (“Precisamos de paciência”) e as de Sammer (“Precisamos de paixão”). Paciência e paixão, as duas grandes armas de Guardiola. Como ele quer que seja a primeira grande aparição pública do seu Bayern?

Enfim, entre paixão e paciência, Pep escolhe a paixão. Na dúvida, opta por sua crença mais profunda: atacar, atacar e atacar. Tira Philipp Lahm do meio-campo e o devolve à lateral direita. Vai jogar em Dortmund com todos os atacantes possíveis e correr um grande risco.



A derrota de Dortmund

*Dortmund, 27 de julho de 2013*

Pep carrega Valentina nos braços. A menina se abraça com força ao pai, como se entendesse a amargura do momento. Os jogadores do Bayern já estão no ônibus, esperando o técnico com a camisa branca empapada de suor. Faz um calor mediterrâneo em Dortmund, 38 graus, e Guardiola acaba de perder seu primeiro jogo oficial e sua primeira final com o Bayern: a Supercopa alemã é do Borussia (vitória por 4 a 2). A dez metros da cena passeia, eufórico, Jürgen Klopp — vulcânico como sempre, exultante, feliz pelo triunfo.

A Supercopa alemã é disputada em jogo único e foram vendidos todos os ingressos para o Signal Iduna Park de Dortmund, como acontece em todos os jogos de quase todos os estádios do futebol alemão. A final foi transmitida para 195 países, e os dois técnicos estavam apenas no início de uma longa e amistosa rivalidade.

Não existe glória sem desafios. Para Pep, Klopp era o adversário mais difícil que poderia encontrar em sua estreia oficial: Borussia e Bayern, confrontando-se por mais um título, e estamos apenas no mês de julho. Bela maneira de iniciar um caminho. Trata-se de um antagonismo que parece promissor, talvez pela comparação inevitável com o embate Guardiola versus Mourinho, que levou os técnicos e suas respectivas equipes — Barcelona e Real Madrid — a grandes evoluções táticas e à excelência no jogo. Klopp seria o Mourinho alemão? Refiro-me apenas ao jogo de estratégia, não a questões colaterais. É verdade que Guardiola se cobra tanto que praticamente não precisa de pressão externa para criar propostas inovadoras. E Klopp tem o mesmo perfil, o que sugere a promessa de um duelo de engenhosos enxadristas sobre o tabuleiro dos enigmas futebolísticos.

Dortmund, uma cidade orgulhosa de si mesma e de seu Borussia amarelo e negro, dá dolorosas boas-vindas a Guardiola. Essa é a Bundesliga real, em que no mês de julho já estão ligados os foguetes propulsores do vice-campeão europeu. Desde a final de Wembley, 63 dias antes, a equipe local mudou apenas um jogador: o lesionado Piszczek está ausente, e Nuri Şahin atua no meio de campo. O time titular do Dortmund, no tradicional 4-2-3-1, é o seguinte: Weidenfeller; Großkreutz, Hummels, Subotić, Schmelzer; Şahin, Bender; Blaszczykowski, Gündoğan, Reus; Lewandowski.

No Bayern, ao contrário, da equipe titular que ganhou a Champions não entram em campo Neuer, Dante, Schweinsteiger, Javi Martínez e Ribéry. Meio time fora. Thiago atua como único volante, com Kroos e Müller como meias,

enquanto Robben e Mandžukić ocupam as pontas e Shaqiri, o comando do ataque. O time veio em um 4-3-3, com a seguinte escalação: Starke; Lahm, Van Buyten, Boateng, Alaba; Thiago, Müller, Kroos; Robben, Shaqiri e Mandžukić.

Após hesitar entre a paciência e a paixão, Pep escolheu partir para o ataque. Deixa Lahm na defesa e posiciona Müller ao lado de Thiago e Kroos no meio de campo. Isso significa que o time passará a maior parte do tempo formando um 4-2-4 em razão da tendência de Müller de se juntar ao ataque: afinal de contas, ele é um atacante. Guardiola vê com clareza que não pode escalar Müller como meio-campista, porque seus instintos o impedem de manter a posição na região central do campo. O técnico é vítima da própria ambição: mesmo que o Bayern ocupe o campo de defesa do Borussia, sofre para dominar o jogo diante de uma equipe programada especialmente para o contragolpe. Nas condições em que o time chega a Dortmund, Lahm poderia ter sido essencial como recurso defensivo no meio de campo, mas Pep preferiu lançar-se sem salva-vidas ao ataque. E pagou muito caro.

O técnico catalão havia dito que o início seria difícil: e foi mesmo. O Bayern não vence no Signal Iduna Park desde 12 de setembro de 2009, quando Van Gaal comandava a equipe. Este dado já basta para comprovar que, em casa, o Borussia é uma fortaleza — ainda mais se aos cinco minutos recebe um presente do visitante. Basta um erro de Tom Starke, o substituto de Neuer, para que o time de Klopp possa acionar sua estratégia preferida, agrupando-se em um 4-4-2 e entregando a bola e os corredores laterais ao adversário, que fatalmente concederá o espaço necessário ao contra-ataque. Em poucos anos, Klopp fabricou uma “máquina de matar”. O Borussia é vice-campeão da Europa, vencedor da Bundesliga em 2011 e 2012, e seu estádio é praticamente inexpugnável. Em sua estreia, Guardiola não consegue alterar essa tendência, e é inegável que, além de vencer, a equipe da casa brilhou com excepcional atuação em seu jogo de controle dos espaços, fechada em si mesma — como se adotasse a formação defensiva das legiões romanas — e explosiva ao vislumbrar qualquer brecha para as disparadas em velocidade.

O calor em Dortmund é úmido, parecido ao chamado *bochorno* de Barcelona, quem sabe fazendo Pep se lembrar de suas origens. A temperatura é tão alta que são autorizadas duas paradas técnicas para que os times se refresquem, as *Trinkpause*, uma em cada tempo, uma para cada treinador. Klopp utiliza a primeira delas, aos 24 minutos, com o placar a favor. Enquanto os protagonistas bebem água e se refrescam, o técnico do Borussia passa instruções a seus atletas de defesa. A poucos metros, Guardiola fala com seus atacantes: essa imagem servirá como emblema perfeito de duas posturas antagônicas.

O Dortmund não se incomoda por não ter a bola, ao contrário: gosta de esperar e sair para morder. A bola não fica nos pés dos seus jogadores, porque o time



domina bem os espaços por onde pode correr. Não sofre com o domínio adversário e defende-se bem, mesmo quando é empurrado para a própria área. Gündoğan e Lewandowski ficam livres na região do círculo central enquanto os outros oito jogadores permanecem muito juntos. O Bayern se posiciona no campo do rival e procura os buracos por onde entrar, mas tem grandes dificuldades e chega pouco. Klopp se dirige ao vestiário no intervalo com o semblante de quem acertou muito mais que Guardiola.

Depois da parada, o técnico do Bayern move suas peças de ataque: manda Robben para a esquerda, Mandžukić para o centro e Shaqiri para a direita. Parece pouca coisa, mas o jogo muda. Dois jogadores avançam um pouco: Thiago e Lahm. O gol de empate é fruto de um passe por infiltração do primeiro e um cruzamento sensacional do capitão. A cabeçada de Robben empata o jogo, e o Bayern parece voltar à partida. Mas será pura ilusão.

Em apenas 180 segundos, o placar passa de 1 a 0 para 3 a 1 a favor do Borussia, e a equipe do Bayern se abala emocionalmente. Kroos não se movimenta bem e Van Buyten está arrasado após marcar, contra, o segundo gol do time da casa. Gündoğan, excepcional meio-campista, faz o terceiro em seguida, e a final se torna ainda mais difícil para o time de Munique. Guardiola não podia imaginar como seria complicado jogar em Dortmund.

Mesmo assim, o Bayern parte em busca do empate: Robben marca e diminui a diferença para 3 a 2, e logo em seguida Müller dispara contra o travessão. Mas o Borussia define o jogo quando os bávaros estavam todos no ataque. Thiago é o símbolo desse desequilíbrio: dá passes primorosos no ataque, mas perde uma bola crucial na defesa. Os passes no campo de ataque se transformam em um gol e um chute no travessão; a bola perdida na defesa significa o quarto gol do rival. Uma experiência amarga para o meia: mais uma baixa na interminável batalha entre os que controlam a bola e os que controlam o espaço.

O duelo entre os donos da bola e os donos do espaço vem marcando o futebol atual e parece evidente que aquele que atingir o equilíbrio triunfará. A tensão entre os dois conceitos de jogo é intensa em todo o mundo, e na Alemanha há dois exemplos paradigmáticos de cada estilo: o Bayern e o Borussia. Guardiola pretende que seus jogadores cheguem lenta e gradualmente até o círculo central, e que sejam velozes e diretos no campo adversário. Encontrar essa combinação precisa pode ser a chave para o futuro, mas é evidente que o Bayern não acerta na mistura por enquanto. Thiago passa a simbolizar o desafio que se apresenta, da mesma maneira que simboliza a própria Supercopa: excelente para encontrar brechas no campo rival, mas frágil na proteção à própria meta.

Mais que para o Bayern, a derrota é dolorosa para Guardiola, que desejava iniciar sua passagem por Munique com um título. Era a primeira das seis taças que o Bayern disputaria nessa temporada, oportunidade que se deve ao sucesso

obtido por Jupp Heynckes — uma herança pela qual o técnico catalão agradece em público sempre que pode. Transbordando intensidade e paixão, pouco vistas a essa altura da temporada em qualquer outro lugar da Europa, a Supercopa lança dúvidas sobre quem será o próximo detentor da coroa no futebol alemão. Um ano atrás, no verão de 2012, o Bayern de Heynckes recebeu em seu estádio o Borussia de Klopp, para a disputa da mesma Supercopa. Aquele Bayern havia perdido duas Champions, duas Bundesligas consecutivas e cinco jogos seguidos diante do Borussia, o último dos quais por um 5 a 2 sofrido. Mas a equipe de Munique ganhou a Supercopa de 2012, conseguindo reverter a tendência e pavimentar o caminho para a histórica tríplice coroa. Agora, Jürgen Klopp adoraria que a Supercopa tirada de Pep tivesse o mesmo efeito sobre o Borussia: venceu a primeira disputa e reforçou a sensação, que já pairava no ar, de que uma enorme rivalidade poderia marcar a temporada. Guardiola trabalhou demais no primeiro mês como técnico do Bayern, mas percebeu que ainda havia muito a ser feito se quisesse reinar no continente.

Ele descobriu também que, na Alemanha, os treinadores aparecem lado a lado às coletivas de imprensa após os jogos: os dois aparecem juntos. O alemão, feliz e radiante; o catalão, aturdido. Pep não entende uma pergunta formulada rapidamente por um jornalista local e tem problemas para compor um relato fiel da partida. Divaga em alguns momentos. Parece estar com a cabeça ainda no banco do Signal Iduna Park, como se quisesse retroceder às oito e meia da noite, hora em que a partida começou, e voltar a jogá-la. Não esteve especialmente afiado durante os noventa minutos, e sua escalação inicial surpreendeu pela ausência de Lahm no meio de campo. Por que descartou a *fórmula Lahm*, testada com sucesso nas partidas anteriores?

Durante a entrevista conjunta, Guardiola parece estar pensando nesse detalhe. Esteve lento durante o jogo, como se o ano sabático em Nova York tivesse enferrujado sua capacidade de reação. É apenas a segunda final que perde como técnico. A primeira foi em 2011, a Copa do Rei diante do Real Madrid, mas desta vez ele mostrou alguma apatia, talvez pelo mormaço de Dortmund. Está confuso e parece distraído na coletiva, chegando a responder algo que não lhe perguntaram. Mas aceita a derrota diante de Klopp, a quem felicita com convicção: “O Borussia ganhou merecidamente”. Deve estar se perguntando se esse time será seu novo Numancia: apenas um primeiro passo mal dado em um caminhada que vai se aprumando até se transformar em um desfile glorioso. Será isso? Será que o Dortmund se converterá no novo Numancia, guardadas as inúmeras diferenças entre um time e outro?

Um Guardiola mais emocional se abala com o golpe recebido. A derrota significa pouco para o Bayern, afinal a Supercopa é considerada um torneio de menor importância na Alemanha, mas se trata de uma ferida profunda para o

técnico, que não gosta de perder nunca.

Sua família chegou a Dortmund ao meio-dia e o acompanhará durante alguns dias em Munique. Os três filhos vestem camisetas brancas com listras vermelhas. Pep secou o suor do rosto para tomar nos braços a caçula, Valentina, enquanto explica a Mârius, o filho do meio, alguns detalhes táticos do jogo.

No ônibus vermelho que deixa o Westfalenstadion, ele por acaso se senta ao lado do amigo Estiarte — juntos mais uma vez nos bancos da frente, exatamente como há cinco anos, na volta após a derrota sofrida pelo Barça diante do Numancia. Ruminando o momento da derrota. Três crianças de camisetas brancas e vermelhas se despedem dele, acenando com as mãos. O caminho começa de novo, e a subida é íngreme, montanha acima.



## CAPÍTULO 2

### **O PRIMEIRO TÍTULO**

“Do xadrez, esse jogo lógico por excelência,  
fazem parte a sorte, a sorte e a sorte.”

SAVIELLY TARTAKOWER, MESTRE ENXADRISTA

A desconstrução como método criativo

“Para criar, precisamos de liberdade, pressão e risco.”

*Arco, 9 de julho de 2013*

Foi o famoso cozinheiro catalão Ferran Adrià que, ao fechar o El Bulli, seu conhecidíssimo restaurante, ofereceu esta receita sobre a criatividade. Guardiola nunca se considerou um gênio criativo, um inventor. Vê-se mais como um “ladrão de ideias”: alguém que quando era jogador experimentou, mas sobretudo aprendeu; e que, ao se transformar em técnico, continuou aprendendo. Já no topo como treinador, Pep seguiu convencido de que ainda restava muito por descobrir e passou a estudar aquilo que os melhores vinham fazendo. “As ideias são de todo mundo. Eu roubei o máximo possível”, diz.

Suas influências? Todas as que se pode imaginar. Cruyff, é claro, é uma delas. Mas Sacchi também. Além de visões bastante opostas do jogo, como as de Menotti e Capello. Os holandeses, os italianos, a agressividade competitiva dos argentinos, a inovação dos húngaros, a constante busca do Barcelona por superioridade no meio de campo, o perfeccionismo de Bielsa, a lucidez analítica de um técnico desconhecido na elite competitiva como Juanma Lillo, a paixão dos escoceses... Guardiola não aceita rotular a si mesmo. Não quer se encerrar em uma categoria; mas, se for preciso, que seja a de “ladrão de ideias”.

Se ele é um revolucionário do futebol, isso se deve à sua capacidade de desconstruir. Pep estuda muito, aprende com os sábios, extrai a essência das ideias semeadas nos campos de futebol do mundo inteiro e, com elas, constrói um sistema de jogo próprio. Nesse sentido, sua criatividade guarda apenas uma leve semelhança com a de um gênio da cozinha como Ferran Adrià, capaz de inventar uma receita a partir do nada. A semelhança está nas desconstruções, um método muito utilizado por Adrià, que decompõe a estrutura de um prato tradicional e volta a construí-lo de maneira totalmente diferente da já estabelecida.

A criatividade de Guardiola é desse tipo. O falso 9 desenhado para Messi é um bom exemplo. Como jogador, Pep foi companheiro de Michael Laudrup no *Dream Team* de Cruyff. E Laudrup foi um falso 9 extraordinário. Aquele time que conquistou quatro Ligas espanholas consecutivas e deu ao Barça sua primeira Copa da Europa jogou muito tempo sem centroavante. Cruyff deixava vazia a zona do finalizador e utilizava Laudrup como “homem sem posição”. Os zagueiros rivais não sabiam como lidar com ele. Quando se davam conta, Laudrup estava longe da área, mas havia facilitado a chegada de surpresa dos

companheiros que arrematavam ao gol. Guardiola foi testemunha e protagonista daquele período. Mais tarde, estudou o histórico da jornada do falso 9: Pedernera, Hidegkuti, Palotás, Di Stéfano, Laudrup, Totti...

De tudo isso, ele extraiu as essências. Decom pôs a figura e a reconstruiu para Messi. Qual é a autêntica essência do falso 9? Deixar vazia uma zona normalmente ocupada. Os times costumam usar um centroavante na região central da área, aquela em que um chute é meio gol. Para Guardiola, o falso 9 deixou de ser um jogador e se converteu em um conceito: esvaziar a região central do ataque. Ele percebeu em Messi as capacidades táticas para compreender a ideia. Ao seu melhor jogador, queria dar o melhor espaço, o do centro do ataque, mas pretendia deixar o território desocupado. Pep disse a Messi que a área seria dele, mas sob a condição de que não pisasse lá se não fosse para finalizar uma jogada. Ele deveria chegar à zona do arremate, mas não deveria permanecer nela. Já conhecemos os resultados.

Desconstruir a figura do falso 9 e reconstruí-la na forma de um espaço vazio que só deve ser ocupado no momento da finalização é o tipo de criatividade que Pep exercita. Desestruturar o movimento, desmontar as peças e com elas fabricar uma dinâmica parecida, mas que obtenha um rendimento diferente: esse era o tipo de criatividade que ele utilizava quando pedia a Robben e Ribéry que corresse por quarenta metros no máximo. Pretendia eliminar as deficiências de um movimento e reconstruí-lo a partir de outros princípios, mas mantendo seu fundamento: continuaria sendo um ataque pelos lados, rápido e direto, buscando desorientar a zaga adversária, mas seria mais breve, mais intenso e mais vantajoso — ainda que, para dar certo, fosse preciso fazer a equipe avançar agrupada até o meio de campo.

“Gostaríamos que Ribéry não voltasse além da linha do meio de campo”, diz Manel Estiarte nessa manhã de 9 de julho. O Bayern está treinando duro apesar de ter que enfrentar o Brescia à tarde, numa partida amistosa de melhor nível que as anteriores. “Ribéry se entregou à causa de Pep. Talvez prefira fazer algumas coisas de outro modo, mas dá 100 por cento. É um sujeito incrível, que se ‘alemanizou’, com tudo o que isso traz de bom. Sua vontade e entrega não têm limites. Mas nós queremos canalizar essa energia, para que ele não percorra os oitenta metros vinte vezes por jogo e possa se concentrar em esforços mais curtos e mais produtivos”, explica Estiarte.

O treino da manhã é de uma intensidade incrível — como todos os da temporada, na verdade. Consiste, basicamente, em trabalhos de correção da equipe na fase de defesa organizada. Guardiola se entusiasma com o aprofundamento da organização defensiva. É uma de suas características. Ele não é um romântico lânguido do futebol, nem um esteta como tantas vezes se imagina, mas sim um pragmático feroz: quer ganhar. Fala-se muito dos seus

olhos de poeta, mas na verdade o que se esconde atrás deles é um ferrenho perseguidor de vitórias. Acima de tudo, Pep quer ganhar. À sua maneira, com suas ideias de jogo, é claro, mas não para empunhar a bandeira do jogo bonito, muito menos para proclamar que só existe um caminho para se chegar à excelência. Guardiola é um competidor apaixonado: precisa ganhar. E para conseguir, deixa tudo o que tem no campo, ainda que jogando à sua maneira.

Se ele trabalha tanto a armação da defesa, é porque quer atacar. Um dia, já na cidade esportiva de Säbener Straße, comentei: “O que você mais trabalha é a organização defensiva”. Ele respondeu em poucas palavras: “Se eu quero atacar muito, isso é fundamental. O alicerce do meu jogo é a forma de defender”.

Ao longo da temporada serão dezenas de sessões de treino como a que acaba de ser concluída, com o time se preparando para enfrentar os cruzamentos laterais, os escanteios adversários, os levantamentos de bola pelo meio ou os ataques em que o rival está em superioridade numérica. Guardiola decompõe todas as jogadas possíveis do oponente e, para cada uma delas, buscou soluções. Os jogadores se esforçaram ao máximo e Estiarte está muito contente: “Eles estão com uma disposição mental excelente, querem aprender e cumprem tudo o que nós pedimos. Se pedirmos que subam essa montanha [Castello di Arco], eles subirão dez vezes seguidas...”. Guardiola, como sempre, é cauteloso: “Não será fácil. No início, vão sofrer para jogar com intensidade e, ao mesmo tempo, ter que pensar nos novos conceitos. Não é fácil jogar e pensar ao mesmo tempo. É difícil passar os noventa minutos concentrado e jogar bem se você precisa pensar em cada movimento ou se preocupar com a sua posição”.

O técnico enxerga dificuldades no horizonte neste momento em que todos preveem um futuro vitorioso e tranquilo: “Não será fácil”, insiste. “Eles estão demorando a assimilar alguns conceitos, porque sempre defenderam marcando homem a homem em todo o campo, e eu quero que mudem para evitar deixar buracos ou áreas sem cobertura.”

Pep também sente falta de um pouco de cadência no meio de campo. Tem Kroos, jogador excepcional que distribui bem a bola, mas precisa aperfeiçoar seu estilo. Então, espera ansioso pela chegada de Thiago, pois ainda não imagina a importância que Lahm terá nesse papel: “Esses jogadores já têm a parte física e a capacidade para pressionar. Preciso acrescentar algumas noções táticas sem que eles percam essas virtudes. Só falta a eles um pouco de cadência. No Barça, quem se encarregava disso era Iniesta. Ele pegava a bola e parecia que o tempo parava, tudo entrava em ordem. Aqui, ainda falta isso”.

Com Thiago, o técnico calcula que terá dezesseis jogadores titulares, o número que gosta de administrar. Guardiola prefere contar com elencos enxutos, de pouco mais de vinte jogadores, para dirigi-los sem criar tensões. Sofre sempre que precisa cortar atletas dos jogos, e por

isso prefere manter um grupo reduzido, com quinze ou dezesseis jogadores que possam ser titulares. É uma característica muito própria de Pep, o que não significa que seja uma virtude. Nos quatro anos com o Barça, foram muitas as improvisações quando faltou elenco. É verdade que a maioria delas funcionou, como nas duas finais da Champions com a defesa remendada, mas não deixaram de ser momentos delicados. Guardiola e sua comissão técnica preferem o elenco enxuto, porque um número maior de atletas não é garantia contra incidentes: mesmo com 25 jogadores da mesma categoria, talvez também fosse preciso improvisar. De qualquer forma, sendo um defeito ou não, Guardiola só se sente à vontade no comando de grupos reduzidos. Hoje mesmo, no Bayern, ele reflete sobre o assunto: “Não sei onde porei todos eles quando chegarem os da Copa das Confederações [Javi Martínez, Dante, Luiz Gustavo], além de Götze, Schweinsteiger...”.

A verdade é que a negociação para a transferência de Luiz Gustavo já está encaminhada, mas ainda assim Pep pensa e repensa as possíveis combinações. No papel, não há espaço para todos, muito embora a realidade vá se encarregar de mudar suas preocupações. Quando as lesões começarem, o problema de Guardiola não será onde colocar os atletas, mas como montar um time competitivo. De fato, Pep logo terá que resolver verdadeiros quebra-cabeças para escalar a equipe, já que nem uma vez sequer em 2013 contará com todos os jogadores ao mesmo tempo. É o ponto negativo de comandar um elenco pequeno.

Encerrado o treinamento, uma imagem chama a atenção de Guardiola e seus assistentes. Como se fossem dois amigos de infância, Ribéry e Robben continuam batendo bola juntos, alheios a tudo, como se estivessem na praia trocando passes. Muitos lembram que poucos meses antes, na primavera de 2012, os dois se engalfinharam no vestiário da Allianz Arena durante um Bayern × Real Madrid na Champions. Agora, dão gargalhadas juntos no gramado. Como as coisas mudam no futebol!

O técnico e Manel Estiarte, seu braço direito, entram então numa discussão sobre quais foram os melhores momentos do Barça nos últimos anos. Para Estiarte, os pontos mais altos foram “o primeiro tempo contra o Arsenal no Emirates Stadium [31 de março de 2010, 2 a 2] e o primeiro tempo contra o Chelsea em Stamford Bridge nas semifinais da Champions de 2012. Nunca jogamos melhor que naqueles dias”. Guardiola discorda: “A partida contra o Chelsea foi fabulosa, mas acho que jogamos melhor na final do Mundial de Clubes contra o Santos. Aquele foi o nosso auge”.

À tarde, o Bayern mostrará pernas pesadas diante do Brescia, equipe da Série B italiana. O treino matinal, somado às inúmeras sessões nos dias anteriores, impede que o jogo tenha fluência. Guardiola começa com a melhor escalação



possível no dia de hoje: Neuer; Lahm, Van Buyten, Boateng, Alaba; Højbjerg, Müller, Kroos; Shaqiri, Mandžukić e Ribéry.

A preleção aos jogadores antes da partida é rápida, mas tão significativa que servirá como linha mestra nos meses seguintes. Contém apenas dois pontos: primeiro, até o meio de campo é preciso que o time chegue agrupado e de forma cadenciada; segundo, assim que pisar no campo adversário, o time deve ser o Bayern de sempre, vertical e direto.

Uma conversa simples e breve: cadência até o meio de campo, velocidade no trecho final.

As determinações não serão cumpridas. Durante o primeiro tempo, Guardiola dará instruções a Boateng para que fique atento à linha defensiva, a Kroos para que dite com mais decisão o ritmo do jogo e ainda pedirá que Shaqiri jogue mais aberto, junto à lateral, alargando e aprofundando o campo. Diante de um adversário obstinado, mas não muito perigoso, o Bayern vencerá por 3 a 0 (Müller, Kroos, Kirchhoff); contudo, Pep não ficará satisfeito, uma vez que ganhará ainda mais consciência de todo o trabalho que tem pela frente até chegar onde deseja.

Naquela noite, Mario Götze também voltará a Munique. Até então, havia realizado apenas sessões de bicicleta ergométrica e musculação, e começara a fase de recuperação ativa. Sua volta ao ritmo de competição ainda parece bem distante.

No campo, após o jogo, retomamos a conversa com Estiarte sobre a criatividade do técnico. Como um treinador aprende? Como evolui e melhora? “Basicamente, vendo jogos, estudando vídeos do próprio time e dos adversários. Ele revê as partidas com atenção para os detalhes, pensando em possíveis novos movimentos ou repassando os erros. E a partir daí, deve refletir, criar novas ideias e movimentos para ensaiá-los nos treinos e jogos. É um processo similar ao realizado quando analisamos um adversário. Pep põe música na caverna [é assim que chama sua sala], se isola e busca solução para os enigmas: Como posso fazer estragos no adversário? Qual é seu ponto fraco? Onde posso conseguir superioridade? Onde farei a diferença?”, explica Estiarte.



## Recuperados

*Munique, 29 de julho de 2013*

Neuer e Ribéry treinam normalmente com o grupo. É surpreendente. Passaram-se apenas 48 horas desde a final da Supercopa alemã e eles já estão recuperados. É inevitável indagar sobre a rápida evolução: se não tinham condições de jogar no sábado à noite, como podem estar tão bem na segunda-feira ao meio-dia? Será que o Bayern exagerou na cautela ao deixar de utilizá-los contra o Borussia?

Neuer tinha sofrido um pequeno estiramento no adutor; Ribéry, uma forte pancada na perna. Por decisão médica, as lesões foram suficientes para que eles sequer viajassem a Dortmund. Mas quarenta horas depois, os dois reaparecem, descansados e inteiros, treinando debaixo da chuva interminável que cai sobre Munique. É a primeira pergunta que Guardiola faz a si mesmo. O técnico estava acostumado, no Barcelona, a explorar todas as possibilidades para que um jogador pudesse ser escalado, até o derradeiro minuto. Quando aconteciam lesões como as de Neuer ou Ribéry no Barça, os jogadores em questão viajavam com o grupo e se submetiam a mais um teste pouco antes do início da partida. Pep preferia esperar sempre até o último instante. Aqui em Munique, os costumes são outros, mas o técnico duvida do acerto da decisão. Imagina que, se tivessem viajado a Dortmund, talvez Neuer e Ribéry pudessem ter passado por testes à tarde que avaliariam suas condições de jogo. Talvez tivessem jogado a final e o resultado fosse diferente. Talvez.

“Maldito jogo contra o Barça, maldito jogo! Nunca mais um amistoso três dias antes de uma final, nunca mais...” Guardiola ainda não tirou da cabeça a partida contra o ex-club e todas as suas consequências. Sua comissão técnica revisou detalhadamente a final da Supercopa nas quarenta horas que se passaram desde o confronto, e as conclusões são semelhantes ao que se viu ao vivo: uma sucessão de erros individuais comprometeu a equipe. Os analistas do Bayern concluem que o time não jogou uma partida ruim do ponto de vista coletivo, mas foi mal individualmente. É possível que a decisão do técnico, de não proteger Thiago com o apoio de Lahm, tenha influenciado: “Talvez tenha sido um erro”, admite um membro da comissão.

O treino é aberto ao público. Centenas de torcedores comparecem a Säbener Straße empunhando guarda-chuvas, em um silêncio quase religioso que permite ouvir as instruções do técnico. Chove torrencialmente. Os atletas torciam por um clima mais ameno, depois de seguidas jornadas de sol intenso, mas as condições meteorológicas do dia são raras para o mês de julho. Chove demais em Munique quando Mario Götze vem para o campo, já com a alta médica nas mãos. Chove

tanto que o jogador retarda sua entrada no gramado, e eu aproveito para comentar com ele sobre o clima espetacular das partidas em Dortmund, seu clube: “É terrível jogar naquele ambiente. A Südkurve parece uma montanha, é a maior arquibancada do mundo, a mais terrível”.

Meses depois, ele terá de enfrentá-la.

Götze trabalha com bola pela primeira vez em muitos meses. Dá alguns piques rápidos e intensos, parece recuperado por completo da ruptura muscular sofrida há exatamente noventa dias. A lesão original não tinha sido grave, mas ele forçou a volta para a final da Champions e o quadro se agravou. O final de seu calvário parece próximo: Guardiola anuncia que na sexta-feira seguinte ele se juntará ao grupo.

Thiago não treina. Em Dortmund, o meia sofreu uma pancada no tornozelo, mas a verdadeira razão de sua ausência é uma espécie de desgaste generalizado. É o caso típico do atleta que dá 200 por cento para estar em um compromisso importante e, em seguida, sofre uma queda brusca de condição geral. Thiago chegou extremamente motivado e, contra o Barça e o Borussia, rendeu mais do que seu corpo permitia. Agora, precisa de alguns dias para se recuperar do esforço. Aparenta estar esgotado, com olheiras, dores por toda parte e precisa de um respiro.

Não haverá mais contratações neste verão, apesar de a imprensa cogitar o polonês Lewandowski. O centroavante do Borussia Dortmund é um prodígio e o Bayern já poderia contratá-lo, mas decidiu esperar mais um ano. Se a contratação de Götze não tivesse provocado tanto alvoroço, é provável que Lewandowski também já estivesse treinando em Säbener Straße — talvez no lugar de Mario Mandžukić, um excelente finalizador na pequena área, mas que aparentemente terá vida curta no Bayern. Por tudo o que se ouviu, não restam dúvidas de que a comissão técnica do Bayern gosta do estilo de jogo de Lewandowski, de como ele trabalha a bola e participa do jogo de equipe... Mas a verdade é que o atleta chegará apenas no ano seguinte.

Os planos imediatos já estão definidos: não haverá mais contratações e dois jogadores serão transferidos. Emre Can seguirá para o Bayer Leverkusen em 2 de agosto; Luiz Gustavo, para o Wolfsburg no dia 16 do mesmo mês. As razões são basicamente econômicas. Højbjerg treinará com a equipe principal, mas jogará no time b, e Kirchhoff permanecerá — apesar da perspectiva de uma transferência no Natal. Guardiola parece já estar convencido de que não convém utilizar Thomas Müller como meio-campista.

Abrigado da chuva ao lado de Mârius — o filho de Pep, que segue com atenção todos os movimentos do pai —, Manel Estiarte sente que chegou o momento de revelar os verdadeiros objetivos de Guardiola em seu primeiro ano no Bayern: “A meta é ganhar a Bundesliga. Todo o foco estará no título da liga. O

segundo alvo é que o time aprenda a forma de jogar pretendida por Pep, que cresça e evolua; que, ao final da temporada, a equipe jogue muito melhor que agora. Isso já aconteceu com Pep no Barça b [o segundo time do Barcelona, que ele treinou na temporada 2007/2008 e que conquistou o título da terceira divisão]: a equipe começou jogando de maneira horrorosa, mas viveu uma transformação e, no último mês e meio do campeonato, foi invencível. Aqui, também pensamos em ir de menos a mais. E em estabelecer as bases para que no segundo ano se jogue exatamente como Pep quer”.

A meta foi estabelecida: o título da liga.

*Munique, 29 de julho de 2013*

Começa a aula especial de defesa, que durará um dia e meio. É a primeira de muitas a serem ministradas pelo técnico ao longo da temporada. E já desde o início Guardiola dá um colete amarelo a Javi Martínez, incluindo-o no grupo dos zagueiros. Se o meio-campista espanhol ainda não havia lido nos jornais, agora já sabe que papel o técnico preparou para ele: o de zagueiro central. Chove sem parar. Os quatro atletas escolhidos como defensores titulares são Rafinha, Javi Martínez, Dante e Alaba. Colete amarelo para os quatro. Postado entre eles, Guardiola irá detalhando os movimentos pretendidos em cada tipo de jogada. Os jogadores que atacam são Lahm, Boateng, Van Buyten e Kirchhoff. É significativo que o capitão Lahm não figure na defesa selecionada como titular: talvez o técnico já comece a pensar nele apenas como meio-campista.

Durante quarenta minutos, Guardiola se dedica exclusivamente a explicar ao grupo os movimentos de cobertura. O que faz o lateral quando é atacado por um ponta, para onde vai o zagueiro central e onde se coloca o quarto-zagueiro, até que ponto o lateral do lado oposto pode recuar, quando o zagueiro deve avançar para a marcação e como seu companheiro deve fazer a cobertura, o posicionamento ideal do volante... São movimentos predeterminados, uma coreografia que pretende bloquear os corredores internos pelos quais é possível desmontar a defesa.

Javi sofre e Dante se diverte. Para Javi Martínez, essa tarde de dilúvio tem um duplo significado. Sem que se diga uma só palavra, tem início a sua transformação em zagueiro central. E, além disso, o jogador precisa apagar tudo o que aprendeu no Athletic Club de Bilbao, onde o técnico Marcelo Bielsa pedia que ele fizesse marcação homem a homem. No Bayern, a marcação será sempre por zona. É uma grande mudança para o espanhol, que parece estar começando novamente do zero. Em quase todos os lances, Javi vai aonde não deve, sobe no momento errado ou se afasta de Dante em vez de se aproximar do brasileiro. É uma tarde repleta de correções. Com paciência quase infinita, o grupo repete a coreografia sem cessar: Kirchhoff abre de um lado, Lahm ataca em profundidade, Alaba marca agressivamente, Dante cobre as costas do lateral austriaco, Javi se perde e Guardiola intervém, interrompendo a ação. Corrige Martínez e recomeça. São quase 45 minutos sob a tempestade de raios e trovões na sede do time de Munique. O trabalho não para.

Javi sofre demais, não apenas pela mudança nos conceitos de jogo, mas também porque voltou de férias em condições físicas ruins. Ontem, domingo, ele

terminou o treino vomitando por conta do cansaço e hoje se exige dele concentração total. Pep enche o gramado de marcações e sinais para que a defesa saiba por onde se movimentar. Visto de fora, o exercício faz lembrar uma coreografia em que os bailarinos se movem para cobrir a posição do companheiro que avança para marcar. Depois, todos retomam o posicionamento inicial e devem manter uma distância ideal do vizinho. Mas não há nada de balé.

Muito embora estejam exaustos pelo esforço e pela concentração, ao final da aula os atletas pedem licença a Guardiola para correr um pouco em um morro próximo. O técnico brinca comigo: “Diga-me, você que conhece atletismo, serve para alguma coisa essa corrida contínua, além de fazer mal para as costas?”. Ele ri e prossegue: “Quando voltarem, acreditarão que treinaram pesado, porque correram quinze minutos. Mas é um efeito placebo. Eles acham que os exercícios de posição e conservação não exigem da parte física”.

O técnico, na realidade, brinca com coisa séria: o tipo de treinamento que adota é condicionado pelos seus princípios de jogo e sempre, sempre, possui características técnico-táticas. São treinos que não se limitam a trabalhar o físico. Que não incluem tiros de velocidade ou de resistência nem sessões de levantamento de peso. Compreendem somente atividades físicas pontuais para melhorar as condições de algum atleta que esteja voltando de uma lesão. Ao lado de Guardiola, Lorenzo Buenaventura explica: “No início eles ficaram surpresos por não fazermos séries de mil metros de corrida, ainda que o Bayern já fosse menos alemão, o menos clássico dos [times] alemães. Eles já faziam trabalhos com bola e estavam acostumados à dinâmica dos dois jogos por semana, em que não há margem para muito treino físico e é preciso fazer trabalhos mais curtos e de qualidade”.

O preparador físico do Bayern diz que, na sua visão, o trabalho de embasamento técnico supera qualquer outro tipo de atividade: “No que diz respeito ao volume e à intensidade, não acho que exista grande diferença entre o nosso método e os outros. A maior diferença de tempo de permanência no campo será de apenas dez ou quinze minutos a menos da nossa parte, principalmente se considerarmos o trabalho de prevenção feito na academia. Optamos pela qualidade em detrimento da quantidade, realizamos mais atividades de qualidade em vez de trabalhos físicos prolongados. Foi isso que chamou a atenção deles, além da altíssima porcentagem de trabalho com bola. De fato, não fazemos nada sem bola, somente alguns treinos de recuperação e trabalhos específicos para recondicionar algum jogador”.

Os defensores voltam, empapados de suor depois de correr quinze minutos em bom ritmo. As expressões são de satisfação. Guardiola dá tapas nas costas deles e cascudos nas cabeças dos mais jovens. Entra no vestiário e continua zombando do grupo. Gira e pisca um olho: “Efeito placebo!”.

As aulas de defesa estão apenas começando.





*Munique, 30 de julho de 2013*

Na manhã seguinte, já sob um sol escaldante, vemos a primeira aplicação prática da coreografia. É um jogo em campo reduzido, com três equipes de seis jogadores mais um coringa, o goleiro juvenil Leo Zingerle — um verdadeiro fenômeno com a bola nos pés, que sempre ajuda o time que ataca. No conjunto vermelho, é claro, Javi Martínez e Dante atuam juntos. A equipe que sofre um gol para de jogar imediatamente e é substituída pelo terceiro time, apesar de a atividade não ser interrompida em momento nenhum. Portanto, todos têm que ficar muito atentos ao andamento da disputa. O exercício, de longos 45 minutos, é outro suplício para Javi. Aos 25 minutos, ele já está exausto. O jogo, chamado “área dupla”, só para se nenhuma das equipes marca um gol. Nesse caso, depois de quatro minutos Hermann Gerland soa o apito e força uma parada. É um trabalho muito intenso, que exige grande concentração e provoca muitos erros por causa do cansaço.

É como se Guardiola estivesse com um chicote. Durante toda a manhã em Säbener Straße, acostumados às ordens de Pep em alemão, dessa vez só o ouvimos gritar em espanhol: “Javi, avança!”, “Javi, olha o Dante, olha o Dante!”, “Javi, não, agora não vai pra cima!”, “Javi, abre, abre. Mais!”... Não há trégua para Javi. Dante resolve gritar também para apoiá-lo. Enquanto isso, Robben e Ribéry fazem das suas. É pá-pá-pá, um gol atrás do outro, mas ninguém presta atenção no placar, apenas na aula de atuação defensiva que Martínez está recebendo. Guardiola o obriga a estar sempre atento ao companheiro que comanda a linha defensiva, pede que se poste olhando para ele e que só avance agressivamente deixando sua posição quando o adversário com a bola invadir sua área de influência. Orienta o jogador a se esquecer de perseguir o atacante rival por todo o campo como fazia em Bilbao — uma tendência que Javi ainda não corrigiu — e pede que, depois de subir para marcá-lo, aprenda a voltar rápido para sua posição e mantenha a linha. O técnico quer principalmente que Javi não perca de vista o companheiro que lidera a linha defensiva. Insiste com ele para que abra de um dos lados para receber a bola do goleiro e que se adiante sem medo, conduzindo a pelota, para que o time consiga superioridade no meio de campo. Em síntese, exige que ele assuma o papel fundamental de um zagueiro central no jogo de posição, um marco ideológico para Pep.

Thiago Alcântara, que se limitou a correr e trabalhar na academia antes da visita médica para o exame do tornozelo, é um dos que assiste à partida com atenção. Guardiola diz a ele: “Javi está quase dominando a posição. Quando

conhecer todos os truques, teremos outro zagueiro de luxo”.

Mas os ensinamentos não terminam aqui. Pouco antes das sete da noite, a segunda sessão de treinos desta terça-feira consiste em outro exercício de defesa: sete atacantes contra cinco. E quem são os cinco que defendem? Obviamente, Rafinha, Javi, Dante e Alaba, mais o volante, que nesta ocasião é Kirchhoff. Os sete atacam com disposição e os cinco se defendem como podem. Quando se fecha bem posicionado em sua área, o Bayern vai muito bem, mas o técnico acha que deve melhorar a organização defensiva anterior, que precede o momento em que já estão todos na área.

“Javi, sobe até o atacante!”, “Agora não, Javi, agora não!”, “Javi, olha o Dante, olha o Dante, a linha, a linha!”... O reset mental foi absoluto: em 24 horas e três treinamentos, Javi Martínez recebeu seu batismo oficial como zagueiro central do Bayern e teve que apagar de sua mente qualquer lembrança da marcação homem a homem. Com a humildade de quem se entrega por inteiro, o jogador está aprendendo um novo papel.

Quando acaba a segunda sessão do dia, Guardiola e Javi continuam no gramado. O técnico explica, um por um, os corredores que toda linha de defesa tem que proteger e como é possível fechar esses espaços. Javi Martínez pergunta ao técnico sobre os velhos duelos entre o Barcelona e o Athletic de Bilbao. Ele se interessa pelos segredos daquelas finais da Copa do Rei em que o Barça venceu com autoridade a equipe basca. E Pep revela em detalhes os movimentos que criavam as vantagens: como Mascherano conduzia a bola para criar superioridade no meio, como Messi arrastava consigo o zagueiro central e abria um grande espaço vazio nas proximidades da área, como o Barça aproveitava a superioridade e o espaço criado para chegar em grupo e surpreender o Athletic. Hoje, é Javi quem coça a cabeça enquanto se lembra daquele pesadelo e compreende exatamente por que as coisas aconteceram daquela forma.

Guardiola está entusiasmado com o trabalho realizado durante esses dias de fim de julho. Por que uma ênfase tão especial à defesa? “É a nossa base. Para mim, a forma de defender é a base para tudo”, explica.

Três crianças loiras correm e pulam pelo campo de treinamento. São os três filhos de Arjen Robben: Luka, Lynn e Kai, sempre presentes em Säbener Straße. Loiros de madeixas quase brancas, os meninos chutam bolas tentando vencer o pai, transformado em goleiro improvisado. A vinte metros dali, Toni Kroos, prestes a ser pai pela primeira vez, dispara bomba atrás de bomba contra Starke. Faz seus arremates após cruzamentos de um lançador peculiar: ninguém menos que Manuel Neuer, que não passa um dia sem cruzar bolas ou chutar a gol como se fosse mais um atacante.

Kroos tem um chute fantástico, que é aperfeiçoado todas as tardes à base de muito ensaio e repetição, mas no fim Guardiola tem que mandar que ele pare.

Aponta para o quadríceps e diz que já basta. Não pode mais correr riscos: Müller vem se queixando de dores na panturrilha, Thiago tem um estiramento no tornozelo desde a final da Supercopa, Götze ainda inicia sua recuperação com os primeiros tiros de velocidade e Schweinsteiger realiza neste momento a décima segunda arrancada de setenta metros sob as ordens de Lorenzo Buenaventura, com vinte segundos para recuperação entre cada série. O vice-capitão exige um trabalho específico, porque está muito longe da forma ideal depois da cirurgia no tornozelo e quase não consegue girar o corpo: toda a atividade tem que ser realizada em linha reta para evitar a sobrecarga no pé operado.

Durante os vinte minutos seguintes, a família Holzapfel dá atenção especial ao gramado. São anos de dedicação diária à mesma atividade: ocupam-se da tarefa o pai e suas duas filhas gêmeas, responsáveis pela empresa Der Hummelmann. Enquanto isso, Kroos e Neuer guardam as bolas, Robben continua brincando com os filhos e Guardiola toma um ar sentado logo à entrada do vestiário. O técnico, então, explica em detalhes três de seus fundamentos de jogo: a linha defensiva, os quinze passes iniciais e o cuidado com os jogadores livres.



Três dos conceitos fundamentais de Guardiola

*Munique, 30 de julho de 2013*

Quando conquistou a incrível tríplice coroa na temporada 2012/2013, Jupp Heynckes posicionou sua linha de defesa a 36,1 metros do gol defendido por Manuel Neuer. É a distância média em que se situavam os quatro defensores, que foram principalmente Lahm, Boateng, Dante e Alaba. No primeiro mês de competição, e na prática com os mesmos atletas, o Bayern de Pep Guardiola avança nada menos que sete metros, segundo o relatório publicado por Christoph Gschossmann no site oficial da liga alemã ([www.bundesliga.de](http://www.bundesliga.de)). O Bayern de Guardiola se defenderá, em média, a 43,5 metros de Neuer. Será, com folga, a equipe a defender mais à frente em todo o campeonato alemão: o Wolfsburg atua a 41,2 metros do goleiro; o Borussia Dortmund, a 39,4 metros.

Esse dado não é casual, mas sim fruto de uma proposta que Guardiola trabalha sem descanso: a de posicionar sua defesa perto da linha de meio-campo e, se possível, até mesmo na metade contrária durante alguns minutos, para encurralar o adversário. Isso permite que o Bayern se mantenha agrupado, com seus jogadores próximos entre si — excetuando-se os pontas —, e possa cortar na raiz os contra-ataques da equipe rival.

Quando o campeonato começar, não será tão fácil pôr em prática essas ideias sem correr muitos riscos. Mas ainda faltam dez dias para que a Bundesliga 2013/2014 tenha início e ainda não sabemos que a adoção plena dessa estratégia levará bastante tempo. Estamos sentados com Guardiola na porta do vestiário do time de Munique, e o técnico nos explica três de seus conceitos fundamentais de jo-

go: a linha defensiva, os quinze passes iniciais e o cuidado com os jogadores livres.

#### ALINHA DEFENSIVA

A linha é determinada pela posição da bola. O defensor mais próximo dela é quem demarca a linha, não importando se é um zagueiro ou lateral. Se se trata do lateral, o zagueiro mais próximo deve vigiar suas costas, o outro zagueiro deve vigiar as costas do primeiro e o lateral do lado oposto deve cuidar das costas do segundo zagueiro. Nesse caso, o perigo se reduz porque a bola está muito longe desse último atleta.

Nas palavras de Guardiola: “Os quatro devem se contrabalançar constantemente e impedir que os corredores entre eles sejam muito largos. Têm que evitar que se possa entrar neles com facilidade. O zagueiro central deve

avançar para pressionar o atacante que recebe a bola e, nesse preciso instante, o segundo zagueiro deve ocupar o lugar do primeiro, que subiu para fazer a pressão. Enquanto isso, o volante deve voltar para cobrir a posição do segundo zagueiro. Tem que ser um movimento contínuo de cobertura do companheiro, quase como um biombo que se dobra em sequência. Deve ser instantâneo”.

## Os QUINZE PASSES INICIAIS

A posse de bola é só um instrumento, uma ferramenta, não é um objetivo nem um fim em si. O técnico explica: “Se não houver uma sequência de quinze passes preparatórios, é impossível realizar bem a transição entre ataque e defesa. Impossível. O importante não é ter a bola, nem passá-la muitas vezes, mas combinar os passes com uma intenção. Os percentuais de posse de bola ou o número de passes de um time ou de um atleta não têm a menor importância: o que importa é a intenção por trás dos passes, o que se buscava quando foram dados, o que uma equipe pretende quando tem a bola em seu poder. Isso é o que importa!

“Ter a bola é importante se você vai dar quinze passes seguidos no meio de campo com o objetivo de ordenar a si próprio e, simultaneamente, desordenar o adversário. E como o desordenamos? Tentando trocar esses passes em velocidade, com um sentido concreto. Com essa sequência de quinze passes, você agrupa a maioria dos seus atletas, ainda que precise deixar alguns deles distantes entre si para alargar a equipe contrária. E enquanto você troca esses quinze passes e se ordena, o adversário o persegue por todos os lados, procurando roubar a bola, mas, sem se dar conta, acaba se desorganizando completamente.

“Se você perde a bola, o jogador que conseguirá roubá-la provavelmente vai estar sozinho e cercado de atletas seus, que a recuperarão com facilidade ou, pelo menos, impedirão que o time adversário possa construir uma transição rápida. Esses quinze passes de preparação são os que impossibilitam a transição do rival.”

## O CUIDADO COM OS JOGADORES LIVRES

No futebol, há basicamente dois tipos de propostas: as que se organizam pela bola e as que se constroem pelos espaços: “Se você quer ganhar os jogos mantendo a bola em seu domínio, deve proteger suas costas e cuidar dos rivais que atuam livres, que no basquete costumam ser os pivôs, jogadores que ficam posicionados no garrafão rival para marcar pontos com facilidade”, diz Guardiola.

De modo geral, a equipe que se propõe a jogar pelos espaços e cede a bola ao rival deixará um número reduzido de jogadores livres. Normalmente, serão dois: o meia-atacante e o atacante; talvez um, o meia-atacante, que esperará em um dos lados do campo até que um companheiro consiga roubar a bola. O outro

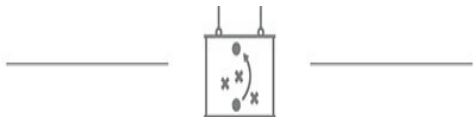
atleta livre, o atacante ou centroavante, estará em uma posição mais central, mas oposta à do primeiro. Os times mais eficazes nessa estratégia roubam a bola e logo acionam o jogador posicionado em uma das pontas, que costuma ter boa técnica de passe para fazer a assistência com vantagem ao atacante mais avançado. Executando bem esses movimentos — roubada de bola, passe e assistência —, é possível explorar com facilidade as costas da defesa adversária.

Como se defender de uma ação dessas? Basicamente, adotando quatro medidas: evitar perder a bola nas zonas centrais do campo, que permitem ao rival iniciar essa manobra; conseguir, através dos quinze passes de preparação, que seus jogadores estejam muito próximos do ponto de perda da bola e possam recuperá-la imediatamente; fazer pressão sobre o primeiro atleta a receber a bola roubada, ou seja, o jogador que está livre na lateral; e antecipar-se ao último dos adversários que recebe a bola. Nesse caso, será crucial o papel do zagueiro que o acompanha: “Em um time que pretende ser protagonista com a bola, o cuidado com os rivais que jogam livres é o principal objetivo defensivo”, pontua Guardiola.

Já é quase noite na cidade esportiva do Bayern. Os filhos de Robben foram para casa jantar, e os demais jogadores se preparam para ir embora. Guardiola explicou seus princípios defensivos, os três pilares sobre os quais sua organização se sustenta: a atenção à linha defensiva, situada o mais perto possível da metade do campo; a utilização dos quinze passes que ordenam o próprio time e, ao mesmo tempo, desorganizam o rival; e o cuidado com os adversários que atuam com liberdade, para evitar que eles aproveitem os espaços deixados. Poderíamos continuar conversando noite adentro, mas Estiarte chega para resgatar Guardiola de si mesmo, e ainda responde à pergunta que lhe faço: se Pep é um técnico defensivo. “Eu acho que não, ele é completo, na verdade. Trabalha muito todos os movimentos defensivos, mas também os ofensivos. Acredita que o segredo está no centro do campo, em reunir ali todos os que têm mais talento para obter a superioridade no meio.”

Já está escuro, mas Guardiola volta do vestiário ao lembrar que uma pergunta intrigante ficara sem resposta: como e onde ele aprendeu os conceitos defensivos. Teria sido na Itália, em seu período como jogador? “Imagine, não foi na Itália que aprendi. Você aprende olhando e pensando. A defesa sempre me interessou muito, porque exige a prática e o trabalho árduo. O ataque se apoia mais no talento inato; a defesa, no trabalho que você é capaz de realizar. Por isso, eu me ocupo tanto da organização defensiva e dos movimentos correspondentes. Você verá que, ao longo do ano, a cada intervalo de algumas semanas, repassaremos os conceitos defensivos. O time que não faz isso está perdido. Mas se me perguntar onde nasce a criatividade em matéria de defesa, eu direi que o segredo é observar e refletir.”

Observar e refletir.



*Munique, 31 de julho de 2013*

Pep Guardiola chega às oito; Manuel Pellegrini, às nove. É dia de jogo. Os jogadores logo estarão na cidade esportiva do Bayern. Hoje começa a Copa Audi, o clássico torneio de verão em Munique, e o Manchester City e o Bayern treinam pela manhã para as semifinais da tarde. A equipe inglesa está na chave do Milan, e o time bávaro vai enfrentar o São Paulo, então até o momento só se olham de soslaio. No campo de treinamento nº- 3, o City ensaia escanteios e faltas laterais. Pellegrini corrige seus atletas. No campo nº- 1, Guardiola está entretido em uma longa conversa com Jérôme Boateng.

O técnico se entusiasma com uma descoberta: o zagueiro é totalmente autodidata. O jovem alemão explica que ninguém lhe ensinou como defender. Boateng chega a confessar que desconhecia a possibilidade de organização da linha defensiva, imaginava que cada zagueiro atuava de forma instintiva. Guardiola está encantado com esse lado “selvagem” de Boateng, porque sente que tem uma pérola nas mãos — um atleta de potencial elevado e muita vontade de aprender — e intui que nos meses seguintes o jogador dará um grande salto qualitativo, se continuar se dedicando aos treinos.

Por isso, Pep passa alguns minutos com ele, todos os dias, repassando os fundamentos da organização defensiva. Até o final da temporada, Guardiola e Boateng terão revisado inúmeras vezes os movimentos apropriados. Ainda que o rendimento do zagueiro venha a apresentar altos e baixos, seu processo de formação será mantido nos dez meses seguintes, porque Guardiola está convencido de que se trata de um atleta de grande potencial. Quando identifica um jogador com essas características, o técnico é obstinado: considera que o trabalho diário pode provocar um grande salto de qualidade. Sempre usa como exemplo Éric Abidal, que aos trinta anos viveu uma incrível evolução técnico-tática: transformou-se do atleta conhecido apenas pela potência física em um jogador completo, de técnica refinada, com excelente visão de jogo.

Lorenzo Buenaventura nos explica as razões para esse tipo de evolução: “Mesmo com a idade, há aspectos em que se pode melhorar. O técnico é um deles. Tratei disso muitas vezes com Paco Seirul-lo. Os jogadores que chegam ao Barça custam muito a se adaptar, em razão da metodologia especial do clube. Lembro-me dos primeiros treinos de David Villa. Apesar de ser rápido e versátil, e de conhecer oito ou nove companheiros de seleção, ele demorou a pegar a nova dinâmica. Os jogadores podem aperfeiçoar a técnica e o sentido tático



mesmo se já tiverem ultrapassado os trinta anos, não há dúvidas. E também o aspecto físico. Podemos imaginar que não há margem de melhora, mas o corpo é uma esponja e isso está acontecendo aqui no Bayern. O futebol inglês e o alemão são de muita correria, mas se você começa a fazer outro tipo de trabalho, diferente como o nosso, com a bola, alcança evoluções físicas importantes. Sobre tudo na dinâmica coletiva. Se mudarmos o tipo de movimento e acrescentarmos força e bola, o progresso dos atletas pode ser muito significativo”.

Guardiola está focado em Boateng: viu nele o potencial de um grande zagueiro e não deixará de tentar aprimorá-lo, enquanto o atleta o acompanhar nesse esforço. E é exatamente assim: quando o jogador diz “basta” ou desiste de se empenhar, quando deixa de acreditar em sua própria capacidade de evoluir, o técnico não insiste, encerra o trabalho. Já era. Se o jogador não investe toda a sua energia na ideia, Guardiola não dá um passo sequer a mais. Afinal, ele pensa, são atletas adultos, cercados de conselheiros e assessores, donos da própria carreira: eles é que devem decidir se querem evoluir ou não.

O que está acontecendo com Thomas Müller é diferente. O técnico via no atacante bávaro um grande potencial para jogar também como meio-campista. Sem a técnica de Kroos ou Thiago, mas com qualidades que poderiam fazê-lo render bem nessa região do campo: é veloz, agressivo, insistente ao exercer pressão e muito dinâmico. No entanto, todas as vezes em que o põs na linha de meios-campistas, seu rendimento foi decepcionante. Não se trata de falta de esforço, porque Müller é um atleta que se entrega e está sempre disposto a tudo. Como explica Gaby Ruiz, comentarista da rede espanhola *Digital Plus*: “Müller é o protótipo do bávaro — concentrado, sério, persistente, dedicado. Cumpre ordens. É capaz de dar o sangue literalmente para fazer o que se espera dele”.

Mas Thomas não consegue alcançar, no meio de campo, o nível previsto por Pep: abandona a posição quando deve mantê-la ou continua estático quando o certo era se movimentar. Não se trata, no entanto, de obedecer ou não as ordens recebidas, mas de uma dificuldade de entender o que é mais adequado para a equipe em cada instante, uma característica própria dos meios-campistas: Müller possui outras grandes virtudes, mas não essa. Pep ainda insistirá por mais algumas semanas, mas ao final compreenderá que não é possível transformar o atacante em meia.

Quando o Manchester City deixa o gramado rumo ao vestiário, os jogadores do Bayern, que atuarão duas horas mais tarde que os ingleses, comecem os *rondos*, já convertidos em símbolo da nova equipe. O *rondo* foi o traço básico de identidade que Johan Cruyff implantou no Barcelona, e não há time no mundo que o pratique com mais qualidade que os catalães. Já dissemos que a atividade consiste em um círculo formado pelos jogadores, que passam a bola entre si à

máxima velocidade possível, normalmente com um toque só, tentando evitar que os atletas dentro do círculo a recuperem. Quando um dos jogadores de dentro toca a bola, ele troca de lugar com o atleta do círculo que a perdeu. Naturalmente, os jogadores que estão na parte interna sofrem e correm muito mais perseguindo a bola que os que estão no perímetro, apenas trocando passes entre si.

Os atletas do Bayern começaram a praticar esse exercício em 26 de junho, no primeiro treino com Guardiola, e nessas cinco semanas houve uma evolução notável, como relata Buenaventura: “Em todos os aspectos, não só nos *rondos*, houve uma grande evolução ao longo deste primeiro mês. Todas as ações que você realiza em espaços reduzidos e nas quais há uma, duas ou três tarefas que devem ser executadas rapidamente ou com a intervenção de todos os atletas têm um aprendizado difícil. Mas tanto nos *rondos* quanto nos jogos de posição e nas ações com a bola, houve uma evolução muito grande”.

Apesar disso, o melhor *rondo* no Bayern ainda é aquele no qual o próprio Guardiola participa. Pelas coisas que diz e por seu desempenho, a atividade com ele costuma funcionar melhor. Com o passar dos meses, essa diferença irá desaparecendo e os atletas vão evoluir de maneira excepcional. Na primavera de 2014, esse exercício alcançará excelente nível no Bayern e também se transformará em traço de identidade do próprio time.

O treinamento matinal se limita aos *rondos*. Somente Thiago se afasta do grupo, como fizera Schweinsteiger ontem, para executar nove piques de setenta metros com vinte segundos de recuperação entre eles. Está tentando voltar à condição física ideal. No fim, faz mais sete tiros de quarenta metros. Mas Thiago ainda manca e, apesar de dizer que gostaria de jogar a partida da tarde, seu rendimento na sessão de corridas demonstra que ele não estará em campo. Hoje, permanecerá nas tribunas. Guardiola coça a cabeça: “Não tenho meios-campistas. Só Kroos está bem. Schweinsteiger ainda não pode girar, Müller não gosta da posição, Thiago está mancando. E ainda demos sorte de ele ter vindo! Hoje é a vez de Lahm jogar como meia...”.

O comentário do treinador alude à imagem que vem se difundindo, de que estamos diante do “Bayern dos meios-campistas”. Ele gosta dessa ideia, mas no momento não dispõe de atletas que possam pô-la em prática. As lesões prejudicaram a equipe, e será muito pior nas semanas seguintes, quando a maioria dos jogadores sofrerá novas contusões ou terá recaídas de problemas antigos. Na verdade, Pep não poderá realizar um treino com o elenco completo até... 5 de fevereiro de 2014.

Os serviços médicos do Bayern são muito eficientes, mas Guardiola ainda não se acostumou com sua forma de trabalhar. Não há, por exemplo, nenhum médico nos treinos em Säbener Straße. Se um jogador sofre algum incidente, os

fisioterapeutas o atendem; se é sério, terão de transportá-lo à clínica particular do dr. Hans-Wilhelm Müller-Wohlfahrt, no centro da cidade. O doutor é uma referência mundial e está no Bayern há mais de trinta anos. Apesar disso, Guardiola acostumou-se a contar com um médico nos treinamentos, e esse assunto voltará à pauta durante toda a temporada. Ontem mesmo, o técnico anunciou na coletiva de imprensa que Mario Götze se juntaria ao grupo em dois dias, porque recebera a alta médica após completar uma série de sprints sem dificuldades; contudo, nesta manhã, foi comunicado que é melhor esperar mais uma semana. Essas mudanças deixam o técnico desconcertado. Ele ainda não assimilou o ocorrido na Supercopa alemã, quando não pôde dispor de Neuer e Ribéry — que, quarenta horas mais tarde, já estavam recuperados.

O pior, de qualquer forma, é que as lesões serão uma companhia persistente ao longo de toda a temporada.



Pellegrini é o termômetro

*Munique, 1<sup>o</sup> de agosto de 2013*

O Manchester City marcou cinco vezes nos primeiros 35 minutos de jogo. Foi um espetáculo, uma apresentação assombrosa. Mas nos seis minutos seguintes, o time levou três gols do Milan. A fragilidade defensiva da equipe de Manuel Pellegrini também surpreendeu. O 5 a 3 que o placar registrava no intervalo seria o resultado definitivo desta primeira semifinal da Copa Audi. O City eliminara o Milan deixando claro quais eram suas forças e fraquezas, as mesmas que revelaria ao longo da temporada: um grande poder de fogo e uma defesa instável. Uma equipe pouco equilibrada.

Na segunda semifinal, o Bayern veio com a melhor formação possível. Neuer e Ribéry já estavam recuperados, e Pizarro era o centroavante titular — uma confirmação de que Guardiola não estava muito satisfeito com o rendimento de Mandžukić até então. Além disso, Javi Martínez estreava como zagueiro depois das aulas de colocação defensiva. Não foi um jogo brilhante do Bayern, embora a equipe tenha dominado o São Paulo, criando muitas chances de gol e batendo os rivais por 2 a 0.

A postura do Bayern transformou o veterano goleiro são-paulino Rogério Ceni na estrela da partida após defender doze chutes a gol e pôs em evidência aquela que seria uma característica da equipe nos meses seguintes: a baixa eficiência nos arremates.

Javi Martínez e Dante passaram o jogo todo preocupados em proteger a linha defensiva e em corrigir o próprio posicionamento. Notava-se que Javi estava inseguro, mas Dante lhe deu força: “É uma fera e é muito inteligente. Se formarmos uma dupla de zaga, será muito tranquilo atuar ao lado dele”.

A final do torneio, programada para a quinta-feira, 1<sup>o</sup> de agosto, veria pela nona vez um embate entre Guardiola e Pellegrini: nos oito confrontos anteriores, o técnico chileno havia conseguido no máximo um empate (3 a 3 no Camp Nou, quando dirigia o Villarreal). O catalão acumulara sete vitórias. Apesar de números tão favoráveis, Pep respeita e valoriza demais o técnico do City: “Conheço Pellegrini muito bem e ele é um grande treinador. Tem jogadores fantásticos”.

Soava à frase feita, mas Guardiola estava sendo sincero: via o City como um dos grandes rivais na batalha pela Champions League. Ainda era cedo para fazer planos para o futuro, e o técnico tinha apenas a Bundesliga e a Supercopa europeia em mente, mas se alguém lhe perguntasse sobre os grandes adversários na Champions, ele não deixaria de apostar no City, no Barcelona, no Real Madrid

e no Borussia Dortmund.

Pep foi perguntado sobre a reação de Mandžukić ao marcar o primeiro gol da semifinal. O atacante croata, que entrara após o intervalo substituindo Pizarro, fizera um gesto desafiador na direção do banco de reservas: “Mandžukić é um grande jogador de área, um ótimo finalizador. Não notei nenhuma reação dele depois do gol”.

Já fazia duas semanas que a relação com o jogador passava por momentos de tensão. O croata era muito respeitado pelos companheiros por sua capacidade para lutar, pressionar o adversário e se doar em campo. Tamanha agressividade também tinha um ponto negativo: quando nos treinos aconteciam choques bruscos ou episódios tensos, era comum que Mandžukić estivesse envolvido. Guardiola e sua comissão tinham dúvidas a respeito do croata, mas não por sua forma de jogar futebol. Admiravam sua capacidade de finalização e sua contribuição para o jogo coletivo, mas também se preocupavam com a impressão de permanente aborrecimento da parte dele e sua pouca disposição para entender um novo modo de jogar.

Robert Lewandowski, o centroavante do Borussia Dortmund, paira no ar como contratação certa do Bayern para a temporada seguinte, o que faz crescer a sensação de que Mandžukić logo deixará o clube. O conflito é muito diferente do vivido por Müller, cuja atitude é excepcional e que simplesmente deve ser escalado como atacante e não como meio-campista. No caso de Mandžukić, sua atitude é o grande problema.

Em Munique, instalou-se a ideia de que o Bayern jogará como o Barça. Há três razões para isso: a contratação de Thiago, o uso do 4-3-3 e o falso 9. Guardiola não tem a menor intenção de fazer o Bayern se parecer com o seu Barça, já que conta com atletas diferentes. Quanto ao esquema de jogo, ele apenas ri do que vem sendo dito: “Esses esquemas são só números de telefone. Não importam, não têm relevância. Gosto de homens que sabem jogar e ocupar o meio de campo. No aspecto tático, estou muito surpreso com o alto nível dos meus jogadores e com tudo o que já aprenderam no pouco tempo em que trabalhamos juntos”.

Na sessão de treino matinal, Arjen Robben nos adianta o que acontecerá à tarde, na final: “Minhas pernas estão pesadas, não aguentam o corpo...”.

O Bayern joga muito bem por meia hora e depois emperra. Enquanto o Manchester City faz nove alterações em relação ao dia anterior, o time de Munique mexe em apenas duas peças: Thiago substitui Rafinha e Müller vai para o lugar de Pizarro. De novo, Javi Martínez atua como zagueiro; Thiago e Kroos, como meias; e Mandžukić permanece no banco. Se Guardiola pudesse contar com Mario Götze, provavelmente teria escalado sua formação preferida.

Durante 35 minutos, o Bayern é o que o treinador havia sonhado: sai jogando com tranquilidade da defesa, atraí os rivais, avança até se instalar no limite da área do City, com superioridade pelo meio. Nesse ponto do campo, a equipe se solta e deixa o adversário em pânico com Robben e Ribéry, tanto pelos lados como tabelando por dentro. Essa primeira meia hora é um festival de bom futebol e chances de gol: o Bayern finaliza nove vezes, mas segue sem pontaria — o que por enquanto é só um detalhe sem importância, mas nas semanas seguintes se transformará num problema quase crônico.

Guardiola está tão satisfeito com o que vê que se limita a dar algumas poucas instruções a Javi Martínez, pedindo-lhe que seja mais agressivo ao sair jogando, ultrapasse o círculo central e tente atravessar as linhas da equipe adversária. Do banco de reservas, o técnico geralmente costuma participar bastante do jogo. São intervenções vigorosas que, a princípio, causam impacto na torcida e na imprensa alemã.

Ele gesticula tanto assim porque é movido pela paixão. É doente por futebol. Quando começa a falar sobre o jogo, é capaz de perder completamente a noção do tempo. E isso pode acontecer em qualquer circunstância. O tema da conversa pode ser tão prosaico quanto o movimento de um lateral no instante em que o ponta adversário se aproxima. Nesses casos, se a oportunidade surge e não há compromissos pendentes, é provável que Pep passe muitos minutos detalhando tais movimentos. E não de forma moderada: põe-se em pé, começa a agitar os braços apontando a posição dos jogadores, indica com os dedos na vertical cada novo posto que devem cobrir, leva os braços às costas para mostrar os espaços que ficam vazios e, depois de um minuto, terá explicado quarenta movimentos que acontecem nesse único lance do jogo.

Isso ocorre diariamente nos treinos. Ele se move, agita os braços, indica as linhas fictícias e descreve com as mãos os movimentos possíveis, próprios ou do rival. Os atletas do Bayern vão se acostumando com esse código composto de gestos e sinais. Já sabem que, quando pretende corrigir um movimento, Guardiola chama o jogador e recorre a um repertório de gestos dinâmicos e efusivos. Abraça-se a ele, agarra-o pelos ombros para modificar sua posição ou se movimenta ao seu redor, quase dançando, indicando-lhe como realizar determinada ação do jogo. A fim de parabenizar alguém por um movimento bem-feito, o técnico dá-lhe um tapa nas costas ou um chute no traseiro — o que Robben pôde comprovar logo em seguida.

Como foi jogador, Pep sabe perfeitamente que durante a partida os atletas não conseguem ouvi-lo dentro de campo. Por isso, usa a linguagem dos gestos: sinaliza com os braços nas costas para indicar os buracos que devem ser cobertos ou a linha defensiva que precisa ser protegida, e passa 70 por cento do tempo de jogo dando instruções sem parar, sempre gesticulando.

Mas nessa primeira meia hora do jogo contra o City, Guardiola permanece silencioso e calmo. Gosta tanto do que vê que não tem nada a acrescentar — exceto pela falta de pontaria, é claro. Aos 35 minutos, o Bayern fica sem pernas, como Robben havia previsto, o City avança e tudo muda. Os atletas de Pellegrini começam a pressionar Dante e Javi e acumulam chances de gol até que Negredo, aos quinze minutos do segundo tempo, consegue o tento inglês. A essa altura do jogo, Guardiola já trocara seus três meios-campistas e passara a ter no meio Kirchhoff, Lahm e Shaqiri, um trio inédito e surpreendente, que mostra que o “Bayern dos meios-campistas” ainda não existe.

A equipe de Munique ainda vira o jogo e ganha a final por 2 a 1, mostrando uma cara diferente daquela primeira meia hora, uma cara que não parece própria de Guardiola: lança muitas bolas longas em diagonal para as pontas, e faz muitos cruzamentos buscando finalizações de cabeça. É a primeira vez que Guardiola demonstra não se incomodar por jogar com um estilo diferente do seu habitual. Sem dúvida, prefere o estilo de jogo do primeiro tempo, mas também começa a se sentir confortável com esse outro. Demonstra satisfação ao final do confronto: “Estou contente com os meus jogadores. Todos foram muito bem, e atletas como Schweinsteiger, Dante ou Javi Martínez, com apenas uma semana de preparação, renderam bem. A temporada será longa e poderemos melhorar. Estou surpreso com a equipe, não esperava que fôssemos tão bem. O futebol alemão é muito diferente do Barcelona; precisamos fazer alguns ajustes e entrosar melhor os jogadores”.

Voltam a lhe perguntar sobre Mandžukić, que entrou com uma hora de jogo e marcou o gol da vitória. Como era um amigoso, Guardiola fez sete alterações: “É muito importante ter um atacante alto e forte lá na frente. Sua atitude é fantástica, e a equipe precisa dele. Ele foi importantíssimo para a vitória”. Meses mais tarde, quando já não há dúvidas de que o centroavante não vai permanecer na próxima temporada, pergunto a Pep sobre ele: “Olha”, ele diz, “eu iria à guerra com Mandžukić porque, quando ele joga, ajuda o time como ninguém: faz pressão e dá o máximo. Mas se não joga, ai, ai...”.

Também lhe perguntam sobre o rendimento de Javi Martínez, que a esta altura é considerado por Guardiola o parceiro titular de Dante no miolo da defesa, à frente de Boateng: “Estou muito satisfeito com ele. Ontem jogou muito bem; hoje foi mais difícil, porque o City é uma grande equipe. Javi fez apenas cinco treinos e sua condição não é boa, mas com mais minutos jogados se entenderá melhor com Dante”.

Guardiola deixa a Allianz Arena com uma mensagem que vai além das vitórias: “O que engrandece um técnico é aquilo que os jogadores dirão dele no final. Se eu conseguir convencer esses atletas a jogar dessa maneira e se puder ajudá-los a crescer e melhorar ainda mais, estarei muito contente e satisfeito.

Tentaremos atuar bem e não apenas ganhar títulos”.

No vestiário do imenso estádio de Munique, Manuel Pellegrini nos atende: “Não tenho nenhuma dúvida de que Guardiola vai impor seu estilo no Bayern. É um estilo que vai agradar, porque é de muita posse e é um futebol bem jogado. Na primeira meia hora, este Bayern me fez lembrar o Barcelona pela forma como passou a bola e povoou o meio de campo. Foi um período em que eles tiveram muita posse de bola, mesmo que não tenham criado tantas chances de gol, mas não restam dúvidas de que a bola era do Bayern, e devemos reconhecer que não fizemos a nossa parte muito bem nessa fase do jogo. Perdíamos a bola rápido, e eles a recuperavam com facilidade. E, como sabemos, recuperar fácil e rapidamente é uma das características mais importantes dos times de Guardiola”.

Nenhum dos dois imagina que voltarão a se enfrentar em menos de dois meses, justamente na Champions League.





Objetivo: ganhar a Bundesliga

*Munique, 9 de agosto de 2013*

“Ganhar a Bundesliga. O objetivo da temporada é ganhar a Bundesliga”, lembra-me Estiarte antes do início do campeonato nacional.

Pep estreia sua sala na Allianz Arena.

O vestiário dos jogadores é um retângulo amplo, com piso cinza e armários individuais de um vermelho intenso, onde os atletas encontram suas roupas e chuteiras. Um simples banco de madeira permite que se sentem, e a foto de cada jogador estampa o armário respectivo. Ribéry se troca ao lado de Robben; Shaqiri, ao lado de Schweinsteiger; Neuer, ao lado de Starke; e Javi Martínez, ao lado de Dante. Numa das extremidades estão as duchas, revestidas de azulejos brancos simples, sem qualquer sofisticação. Do outro lado, as macas dos fisioterapeutas. Mais à frente, atrás de uma divisória translúcida, sentava-se Jupp Heynckes até poucos meses atrás.

Guardiola pediu para ter um pequeno gabinete separado do vestiário, que o clube acaba de preparar para ele. É uma sala quadrada e sóbria, guarnecida de uma mesa preta sobre um tapete vermelho, um pequeno sofá cinza e paredes totalmente brancas. Apenas um pequeno televisor e uma lousa branca adornam o lugar. Antes de cada jogo, ele terá à disposição um balde de gelo resfriando uma garrafa de água. Ao final da partida, será acrescentada uma garrafa de vinho branco. Não há papel sobre a mesa, muito menos computador. Pep guarda tudo em seu pc portátil. O lugar lembra em tamanho e sobriedade o gabinete do técnico no Camp Nou, também separado do vestiário dos jogadores. Ele sempre preferiu ficar do lado de fora, porque considera o vestiário um reduto dos atletas. Nunca invade esse espaço, exceto no intervalo dos jogos, quando faz uma rápida análise do que aconteceu no primeiro tempo e anuncia as propostas para o segundo. No início e no final das partidas, ele não será visto no vestiário. Quando era atleta, não gostava que seus técnicos invadissem esse ambiente; ao se tornar treinador, decidiu respeitar esse princípio.

Guardiola prefere estar só antes dos jogos, longe do tumulto do vestiário. Gosta de ficar distante e concentrado enquanto os fisioterapeutas enfaixam tornozelos e Lorenzo Buenaventura conduz o aquecimento, que é sempre breve e intenso. Não dura mais de vinte minutos e segue um rígido protocolo de exercícios. Apenas quando o jogo está prestes a começar Guardiola deixa sua sala, percorre um pequeno corredor branco adornado com enormes fotografias dos atletas atuais (as de Alaba e Thiago são as primeiras a aparecer), desce 22 degraus por um longo túnel e sobe outros quinze até o banco. Começa sua primeira Bundesliga.

O campeonato alemão é sempre aberto pelo último campeão, que joga em casa. O Bayern hoje recebe o Borussia Mönchengladbach, porque a Deutsche Fußball Liga considerou que não havia rival mais atraente para o primeiro confronto: trata-se do time em que Jupp Heynckes construiu sua fama como atleta, e o mesmo contra o qual disputou seu último jogo no posto de técnico do Bayern. Como Guardiola substitui Heynckes, a Bundesliga apostou no simbolismo da ocasião e pôs os dois times rivais frente a frente na abertura do torneio.

Para a estreia, Guardiola veste um terno cinza impecável. Deixou no armário a camisa xadrez usada nas últimas partidas, o que indica que sua esposa, Cristina, já se instalou em Munique. Brincamos com isso durante vários dias: a conhecida elegância de Guardiola se deve fundamentalmente à esposa, herdeira do negócio familiar de lojas de roupas Serra Claret.

Para se decidir sobre a formação que iniciará o campeonato, Pep levou em consideração dois fatores: as leves dores que Javi Martínez começou a sentir na virilha, que desaconselham sua escalação como zagueiro titular, e o fato de Thiago estar só no começo de sua pré--temporada particular. O meia chegou ao Bayern praticamente sem ter treinado, forçou ao máximo para jogar a Supercopa alemã e sua condição física é precária. Por sugestão de Buenaventura, o atleta dedicará três semanas inteiras do mês de agosto apenas à preparação, e por isso nem sequer foi convocado para a partida de hoje. De novo com poucos meios-campistas, Guardiola volta a pedir a Müller que ocupe um lugar na zona central do campo. Resiste em fazer isso, mas não vê outra solução, então acaba estreando na Bundesliga com a seguinte equipe: Neuer; Lahm, Boateng, Dante, Alaba; Schweinsteiger, Müller, Kroos; Robben, Mandžukić e Ribéry.

O Bayern compensa a tendência atacante de Müller posicionando o capitão Lahm bastante à frente da zaga. A equipe atua em um 3-3-3-1, com Lahm, Schweinsteiger e Kroos na linha do meio-campo. O início não deixa dúvidas e, em apenas quinze minutos, o Bayern já vence por 2 a 0. O primeiro gol é obra de Robben, que aproveita um lançamento pelo alto de Ribéry para declarar aberto o campeonato (havia se passado somente onze minutos). A formidável associação “Robbery” já inaugura um novo capítulo de sua história. O segundo tento é de Mandžukić. Acontece depois de uma falta lateral cobrada por Robben, quando oito atletas do Gladbach se defendiam e apenas três do Bayern atacavam. É um símbolo para outra das ideias de Guardiola: chegar à área em vez de simplesmente estar nela.

Com o time rendendo bem, Guardiola tem uma surpresa: não há rival na Bundesliga que não saiba contra-atacar de maneira eficiente. Após meia hora de jogo, Neuer precisa salvar um chute incrível de Kruse e, pouco depois, Dante desvia para o próprio gol um cruzamento de Arango. Neuer é batido pela

primeira vez no campeonato por um companheiro de equipe. O jogo continua sob controle, ainda que a defesa bávara deixe o técnico descontente — em especial, o lateral Alaba. Cada vez que um adversário o ataca, ele recua e lhe permite entrar no campo do Bayern sem resistência, em vez de pressionar e tentar roubar a bola. Ou seja, faz exatamente o oposto do que Guardiola pede ao grupo há semanas: cortar os ataques na raiz, sem permitir a chegada à área de Neuer. O jovem Alaba, um de seus melhores defensores, parece ter esquecido tudo o que aprendeu. Levará semanas para corrigir o defeito.

O próprio Alaba fecha o placar ao converter um pênalti. A essa altura, a partida se transformou em uma grande correria, com as duas equipes desordenadas. Guardiola coça a cabeça, porque não está gostando. É o contrário daquilo que propõe: controle e calma até cruzar a linha central e, depois, velocidade e intensidade. Seu Bayern atua sem controlar o jogo e limita-se a correr de forma atropelada. É o bastante para ganhar do Gladbach, mas deixa o técnico catalão um sabor amargo: não é isso o que espera da sua equipe.

O Bayern precisa cobrar dois pênaltis para conseguir o gol que fecha a partida (3 a 1). Primeiro, chuta o batedor oficial, Thomas Müller. O goleiro Ter Stegen adivinha o canto e rebate o chute, mas o zagueiro espanhol Álvaro Domínguez, autor da primeira infração ao tocar a bola com o braço direito, volta a desviar a pelota com a mão esquerda. Alaba converte em gol a nova tentativa e inaugura um período em que os pênaltis darão muito o que falar no Bayern.

Insatisfeito, Guardiola ganhou em sua estreia na Bundesliga, como fizera dias antes na estreia na Copa (5 a 0 no campo do BSV Rehden, em Osnabrück) e como fará no domingo seguinte em um amistoso contra o campeão húngaro, o Győry ETO (4 a 1), quando Mario Götze vai jogar seus primeiros minutos. Depois, a maioria dos atletas atenderá ao chamado das seleções para disputar a tradicional partida amistosa de meados de agosto. Pep dedica esses dias a treinar com os jovens do segundo time e a refletir sobre como corrigir a dinâmica de sua equipe.

O segundo confronto da Bundesliga não correrá muito melhor. O Bayern vencerá o Eintracht em Frankfurt (1 a 0, com um voleio magistral de Mandžukić), dominará grande parte do jogo e completará sua trigésima nona partida de liga marcando pelo menos um gol. Mas, mesmo superando o recorde do clube de 27 partidas consecutivas sem perder (firmado na temporada 1985/1986), o time segue concedendo muitas transições ofensivas e contra-ataques ao adversário.

Nessa oportunidade, Guardiola testa Shaqiri no meio de campo, junto de Schweinsteiger e Kroos, mas também não consegue controlar o jogo. Apesar de chegar algumas vezes ao gol dos donos da casa, defendido com maestria pelo arqueiro Kevin Trapp, o Bayern oferece contragolpes demais e se mostra frágil na defesa. Mesmo diante dos bons resultados, o técnico não está contente. Sua

equipe mantém a capacidade de sufocar o adversário, pois evolui rapidamente em direção ao gol rival, mas ainda não consegue determinar o ritmo do jogo. A insistência de Guardiola em ditar o ritmo da partida se deve a seu desejo de reduzir ao mínimo a intervenção do acaso — que sempre existirá, assim como pode acontecer um erro, um rebote ou um lance inesperado, mas Pep quer limitar a chance de que ocorram. O treinador pretende que sua equipe percorra caminhos predeterminados, que deem segurança aos jogadores e reduzam os riscos ao mínimo.

Por essa razão, insiste em conceitos como o de sair jogando com calma ou pressionar imediatamente quando surge a ameaça de um contra-ataque. Sair jogando não significa apenas passar a bola, mas fazer todos avançarem juntos. Atualmente, o Bayern se limita a passar a bola: de defensor para defensor, quase sempre na horizontal, de um lado para o outro, desenhando um u que vai de Lahm a Boateng, depois para Dante e, por fim, a Alaba. Às vezes, com Schweinsteiger entre os quatro. Então, são cinco jogadores passando a bola sem avançar nem conseguir empurrar o rival para trás. Sair jogando implica ser mais valente e agressivo: pegar a bola e atravessar as linhas adversárias sem medo do vazio que ficará atrás. E todos precisam avançar juntos.

Este é um princípio indispensável para Guardiola. Aprendeu-o com Johan Cruyff. “Se você sai jogando bem — dizia o gênio holandês —, pode chegar a jogar bem de verdade. Se não o fizer, não tem nenhuma chance.” Cruyff sempre acreditou que o segredo para o equilíbrio no jogo é o controle da bola. Se você perde poucas bolas, terá uma equipe equilibrada. Para Pep, isso é um preceito. Ele quer que sua equipe saia jogando, que seus atletas atuem agrupados, sejam agressivos, não tenham medo de cruzar as linhas defensivas do adversário e, além disso tudo, que não percam a bola. Guardiola pede muito. Na verdade, quer tudo.

E deixa Frankfurt inquieto. Sente que ainda falta muito para construir. Os jogadores começam a dar sinais de que compreendem o que o treinador pretende, mas por enquanto não conseguem executar suas ideias de maneira constante. Se saem jogando, ainda não são capazes de pressionar no campo rival para evitar contra-ataques. Se estão concentrados em não perder a bola, perdem a agressividade. Guardiola coça a cabeça sem parar. É sua maneira de mostrar uma grande preocupação. Quando volta a Säbener Straße, um membro da comissão técnica lhe recorda do que foi dito dez dias antes: “Ganhar a Bundesliga. O objetivo da temporada é ganhar a Bundesliga”.

Há vários desafios no horizonte, mas um único alvo.



Pinceladas na tela em branco

*Munique, 24 de agosto de 2013*

Pep devora uma tigela de purê de batatas. Come com vontade. Parece não ter ingerido nada desde a noite anterior e, quando lhe pergunto, acena positivamente com a cabeça, confirmando que em dias de jogo é incapaz de comer qualquer coisa.

Chove muito. É sábado à noite. Estamos jantando, e as primeiras visitas de Pep chegaram: alguns amigos de Nova York e outros de Barcelona. Todos assistiram na Allianz Arena ao triunfo do Bayern sobre o Nuremberg, no acirrado clássico da Baviera. Foi um jogo estranho, de sensações ambíguas. Götze estreou e Thiago se lesionou com gravidade. Telefonou para pedir que o esperássemos para o jantar, mas dez minutos depois voltou a ligar para dizer que não poderia ir, que seu pé doía demais e que ficaria no hotel. Nas horas seguintes, foi operado do tornozelo.

O Bayern jogou um primeiro tempo horrível. Os jogadores pareciam querer agradar Guardiola passando a bola indefinidamente, diz um dos amigos. E o técnico não demora a se expressar: “Eu odeio esse negócio de passar a bola sem propósito, essa história do tiquitaca. Isso é uma porcaria, não serve para nada. É preciso passar a bola com intenção, com o objetivo de marcar um gol no adversário. Não devemos passá-la à toa”.

Os três filhos de Pep — assim como os dois do casal de Nova York — também estão com fome, mas se conformam com o purê de batatas servido como entrada. O pai disse que deviam esperar, porque os amigos vindos de Barcelona ainda estavam a caminho. Trata-se da primeira visita a não envolver parentes, exatamente dois meses depois do desembarque em Munique. O fato surpreende e é mais um sinal do profundo desapego surgido entre o técnico e a Barcelona que o idolatrava. Era de esperar uma avalanche de amigos ou conhecidos viajando a Munique para ver Pep, mas só hoje chegaram os primeiros — e timidamente, quase anônimos. Será assim durante toda a temporada, tanto entre amigos e conhecidos como no que se refere às imprensas catalã e espanhola, que não se sentiram estimuladas o bastante para deslocar jornalistas até Munique e conhecer em primeira mão a rotina do treinador.

O jantar é marcado pelas explicações de Guardiola. Fala-se das semelhanças e diferenças entre o Barça e o Bayern, e o técnico catalão parece estar se livrando das dúvidas que existiam dois meses antes. O jogo contra o Nuremberg serviu para isso: foi horrível no início, explosivo no final. Todos os presentes querem saber o que Pep disse aos jogadores no intervalo para que tenha

acontecido uma mudança tão drástica. Segundo o técnico, foram apenas quatro palavras: “Estão jogando para quê?”.

Pediu a eles que se soltassem, que se libertassem, disse que nunca insinuara, nos dois meses em que estão juntos, que deviam jogar como o Barça. Recordou-lhes que não devem pensar em agradar ao técnico, mas aos 71 mil torcedores que sempre enchem a Allianz Arena, em todas as partidas. Pep só pediu a seus jogadores que fossem eles mesmos, que deixassem a timidez de lado.

“Só quero que avancem agrupados por alguns metros na saída, porque, se perdermos a bola, não estaremos distantes entre nós. Qualquer time alemão é capaz de contra-atacar com muito perigo; se os setores da nossa equipe estiverem separados, todos eles terão chances de gol. É a única coisa que quero: Dante pode lançar bolas longas em diagonal para Robben, mas não da nossa área, só quando já estiver chegando ao meio de campo. Nesse caso, se Robben perder a bola, estaremos todos muito perto dela e a recuperaremos rapidamente. Mas se Dante fizer o lançamento muito cedo, da nossa área, e Robben perder a bola, é certeza que sofreremos um contra-ataque”, explica.

Guardiola se expressa com a mesma profusão de gestos adotada no banco de reservas. Às vezes, parece que se levantará da cadeira e nos mandará formar uma equipe em um campo de jogo imaginário no restaurante. Toma o amigo americano pelo braço e lhe diz: “É que Bastian [Schweinsteiger] é puro dna Bayern. Vemos a cada segundo que seu corpo pede que ele suba e desça o campo todo. Eu gosto disso”. Um dos amigos de Barcelona o interrompe: “Mas, nesse caso, como conciliar a cadência da saída de bola com esse dna alemão...?”. Guardiola responde: “Após terem avançado juntos até o meio de campo, quero que eles sejam mais Bayern do que nunca, que se soltem e usem esse dna, que corram e se libertem. Nisso, eles são monstruosos. Adoram correr. E fico contente que seja assim, que eles corram, abram o jogo pelas pontas e cruzem. Mesmo que não chutem a gol na primeira tentativa, podem aproveitar o rebote: a segunda bola é muito perigosa. Se estivermos juntos, os rebotes também serão nossos e então faremos o verdadeiro estrago, porque vamos pegar os zagueiros no contrapé. Foi o que eu disse a eles e é isso que quero”.

Soou a uma contundente declaração de intenções, de princípios fundamentais de seu modelo de jogo. À medida que o jantar transcorre, e mesmo que surjam longos parênteses para lembrar momentos pontuais de seus quatro anos no Barcelona, Guardiola vai desfiando suas ideias sobre o futuro do Bayern. Aproveita o momento para esmiuçar seu modelo de jogo, após ter tomado plena consciência de onde está e de como são os jogadores que comanda. Participamos de um verdadeiro jantar de iniciação.

O técnico considera inviável e absurda qualquer intenção de replicar o modelo de jogo do Barça. Fala do papel histórico de Johan Cruyff no Barcelona e

também da importância dos treinadores *ascensoristas* no clube catalão: aqueles que ajudam os jovens talentos a subir para o time principal, os corajosos que escalam os garotos. Orgulha-se dos seus sentimentos: “Sou do Barça e sempre serei”, afirma.

Isso não significa que vá voltar a treinar o Barcelona. Na verdade, se tivesse que apostar, eu diria que o futuro de Guardiola como treinador está no Bayern, mais à frente na Inglaterra e talvez, dentro de oito ou dez anos, já no fim da festa, em uma seleção. Não deve ser um percurso muito longo, e a família parece ter concordado que seja assim: um caminho breve, porém intenso. Nesse trajeto hipotético do próximo decênio, o banco do Barça aparentemente não tem qualquer chance, ainda que nesta vida nunca possamos dizer nunca. Mas agora, em agosto de 2013, uma volta ao clube se anuncia impossível. Também é difícil vê-lo em uma posição diferente da de treinador, a que realmente o apaixona. Quando lhe mencionamos outras funções, como a de diretor esportivo ou presidente, ele não mostra qualquer entusiasmo, como se esses cargos não coubessem em sua cabeça de técnico. Nem mesmo alusões ao entorno do Barcelona mudam sua visão: “Esqueça o entorno. Da forma como o clube é estruturado, só há duas opções no Barça: você é poder ou não é poder. E, contra a minha vontade, obrigaram-me a escolher”.

Antes de voltar mentalmente ao seu Bayern, Pep ainda traz outra lembrança do seu Barça: refere-se à dramática semifinal de Champions League contra o Chelsea em 2012, quando o Barcelona chutou 46 vezes contra Petr Čech (23 na ida e outras 23 na volta), mas foi eliminado. O Chelsea passou à final, jogada na Allianz Arena contra o Bayern, e venceu na disputa de pênaltis.

“Naquele dia, eu me equivoquei. Depois, pensei nisso mil vezes. Disse aos jogadores que cruzassem na área, mas não soube definir bem o que queria: não pretendia que finalizassem na primeira tentativa, mas que pegassem o rebote e fizessem o gol no segundo lance. Não consegui fazê-los entender as instruções. Se tivessem explicado melhor que devíamos buscar sempre o rebote, acho que teríamos passado à final...”, lamenta-se.

Isso o leva de volta ao Bayern e à segunda bola no ataque: “Tenho que fazer os jogadores se soltarem, para que possam correr e mostrar tudo o que têm. Eu tenho que me adaptar a eles, não o contrário. Não quero que joguem como, em teoria, segundo dizem, eu vou gostar. O que gosto é que os atletas joguem felizes e descontraídos”.

O segundo tempo do jogo contra o Nuremberg serviu como exemplo do que Guardiola deseja para o Bayern: foi um vendaval. Contou-se uma chegada por minuto à área rival — não uma chance de gol, mas uma chegada à área. Foi uma onda atacante que nos fez perceber os primeiros traços dos desenhos de Pep. Ele plantou seus zagueiros no círculo central e soltou as rédeas dos demais



atletas, que provocaram o caos no campo adversário. Chegaram ao gol do rival 32 vezes em 45 minutos: criaram a avalanche de Munique. Esse é o idioma do Bayern.

Na cabeça de Pep, confirma-se definitivamente a ideia de construir um selo de identidade de jogo para o Bayern, diferente do selo do Barça. Guardiola está em plena transição entre o idioma do Barça e o do Bayern. Começa a construção da nova linguagem de uma raiz comum: ele próprio. Não é questão de ênfases ou matizes, mas uma transformação muito mais profunda, que ainda desconhecemos. Parece que Pep escolheu dar maior vazão à sua própria maneira de pensar o jogo, que permanecia adormecida depois de décadas de paixão barcelonista.

Ele não pode jogar como o Barça. Não deve fazê-lo. Hoje diz, simplesmente, que não quer. Espera-se dele que dê ao Bayern solidez estrutural no jogo. Mesmo que o clube tenha conquistado a tríplice coroa, o que se busca é diminuir a influência do acaso. De Guardiola, espera-se que trace — com os atletas atuais e com os que chegarão — um caminho inequívoco e definitivo, que permitirá ao clube navegar sem temor nem contradições: o caminho do idioma que identifica o Bayern.

Já fora do Barça, sua casa matriz, longe daquela capela sistina e com o pincel à mão, ele começa a desenhar com traços diferentes. A catedral de Munique é uma gigantesca tela em branco. Durante décadas, vitórias grandiosas foram celebradas pelo Bayern; porém, se os orgulhosos e triunfantes bávaros convocaram Guardiola, não foi por capricho, mas para extrair dele a identidade futebolística, o selo, o caminho, o “idioma” que os fará hegemônicos. Hoeneß, Rummenigge e Sammer sabiam muito bem o que queriam dessa terceira fase. Não desejavam apenas a cereja do bolo, a joia da coroa: buscavam o desenhista ideal para a tela em branco. Não queriam o Guardiola do Barça, mas o Guardiola do Bayern, que ainda está construindo a si mesmo. Estamos, que fique claro, diante de dois processos paralelos: enquanto Guardiola reformata o Bayern na já debatida terceira fase de evolução do clube, ele também reconstrói a si mesmo fora da concha do Barça. “Eu só procuro passar aos meus atletas alguns princípios de jogo que reduzam os riscos ao mínimo e potencializem suas virtudes ao máximo”, diz o técnico.

Guardiola está comendo um prato de linguini trufado. Seus jantares depois dos jogos são pantagruélicos, já que durante o dia ele não come nada. Até mesmo um amistoso o deixa tenso, e ele é incapaz de comer. Só consegue beber água, garrafinha atrás de garrafinha. Portanto, tira o atraso no jantar. Devorou uma tigela de purê de batatas, uma salada de tomate e mozzarella, meia dúzia de *rostbratwurst*, a lendária salsicha de Nuremberg, acompanhada de chucrute, e agora o linguini trufado. Em seguida, atacará um suculento filé. Nada disso o

impede de falar pelos cotovelos. Está empolgado, como seus jogadores no gramado da Allianz Arena contra o Nuremberg. A cada minuto, lança uma nova ideia e gesticula sem se levantar da cadeira, ainda que o corpo lhe peça que fique em pé e grite para nós as novas instruções dentro do restaurante.

O “idioma” do Bayern será simples de compreender: avanço agrupado a partir de Neuer, com cadência e sem pressa, mas sobretudo em grupo e, uma vez cruzado o meio de campo, combate em campo aberto, fogo cerrado. Quando o Bayern chegar ao limite da área rival, deverá mandar a bola para as pontas como é costume no Barcelona, não para devolvê-la ao meio e resolver com uma infiltração, mas para cruzá-la na área. Já dissemos que o objetivo não é tanto o gol em conclusão direta, mas dominar os rebotes e decidir na segunda bola. Para isso, a maioria dos jogadores deve estar posicionada em frente à área, agrupada, seja para o arremate decisivo, seja para cortar no início qualquer eventual contragolpe.

Tudo isso já se dizia desde o retiro na Itália, no início de julho, mas naquela época havia apenas um esboço, um desenho a lápis. Hoje, Guardiola já nos mostrou as provas coloridas, puxou a lona que cobre as primeiras pinturas na capela de Munique. Ele nos disse: “Esse é o caminho, esse é o meu idioma. Meu idioma para o Bayern”.

Quando Guardiola assumiu o Barça em 2008, tomou pelas mãos uma equipe desgastada e desanimada, mas cuja forma de jogar não admitia dúvidas. Os times do Barça levam 25 anos jogando debaixo do guarda-chuva aberto por Cruyff, em todas as categorias, especialmente nas idades mais jovens. Todos partem da mesma ideia, do mesmo conceito, distribuem-se segundo o mesmo esquema de jogo, treinam com metodologia idêntica, desenvolvem o mesmo modelo, aplicam variantes similares e, no final, jogam igual. Em média, um atleta da base do Barcelona que chega ao primeiro time terá passado entre doze e quinze anos interpretando o mesmo tipo de jogo e o terá praticado por cerca de 6 mil horas no mínimo — acrescentando outras 4 mil horas mais à frente. Portanto, além de seu talento natural, terá moldado uma personalidade futebolística com base no que chamamos de idioma do Barça. Vai praticar um jogo construído, premeditado, projetado. É verdade que será um estilo automatizado por muitos anos de repetição sistemática, o que lhe trará dificuldades se tiver que abandonar o Barça para ir a outra equipe que pratique um futebol mais generalista. O jogo do Barça é absolutamente especial e específico. E é igual nas vitórias ou nas derrotas: foi assim em períodos obscuros e também quando o *Pep Team* ganhava tudo o que disputava. O idioma futebolístico existe independentemente dos êxitos, ainda que sejam os êxitos que venham lhe dar projeção.

No Bayern, aconteceram grandes vitórias, mas não há um “idioma”. As glórias vêm de longe, desde Beckenbauer e Gerd Müller. Como, aliás, o inglês

Gary Lineker já diagnosticou em sua célebre frase: “No futebol, jogam onze contra onze e os alemães sempre ganham”. São vitórias marcantes: as três Copas da Europa consecutivas nos anos 1970; os 22 títulos de Bundesliga anteriores à chegada de Guardiola; a fantástica triplice coroa de Heynckes... Trata-se de uma grandiosa lista de conquistas, e o histórico de grandes jogadores não é menos sensacional. O Bayern é história viva e pedra fundamental do futebol mundial, mas qual é a sua identidade futebolística? O desejo inesgotável de vencer é uma imensa virtude, mas não é um sinal de identidade de jogo — é, sim, de caráter, o que é muito diferente.

Dois dos jogadores mais importantes da história do Bayern, Uli Hoeneß e Kalle Rummenigge, decidiram que havia chegado a hora de delinear os tais sinais de identidade, o idioma do Bayern, as pinturas da catedral de Munique. Por isso, chamaram Guardiola. Não lhe disseram “faça-nos jogar como o Barça”, mas sim que queriam continuar ganhando, mais e com mais frequência, porém de uma forma reconhecível, para que as pessoas dissessem: o Bayern joga assim.

E hoje, Guardiola vê tudo com mais clareza. Talvez não em detalhes, mas já vislumbra as ideias gerais. Levanta-se depois do jantar — com a pequena Valentina nos braços, já meio adormecida — e segue muito agitado, consciente de que ainda falta muito por fazer. “Preciso falar com Müller amanhã cedo. Tenho que lhe perguntar por que raios não joga sempre como hoje...”, diz.

Continua: “Tenho que falar com Ribéry. Ele sempre me diz que prefere dar assistência em vez de fazer gol, mas hoje se alegrou demais marcando contra o Nuremberg. Preciso conseguir que o gol seja sua prioridade...”.

E prossegue, já na rua: “Tenho que encaixar Thiago e Götze nessa forma de jogar. É o mais difícil, e ainda não sei como. Mas vou conseguir. Götze e Thiago são essenciais...”.

Parou de chover e, sobre a calçada da Maximilian Straße, o pai caminha carregando a filha adormecida nos braços, enquanto segue falando de passes em diagonal, de cruzamentos e de jogadores liberados para correr.



O restaurante dos jogadores

*Munique, 25 de agosto de 2013*

Guardiola foi dormir tarde, mas acordou cedo. Às oito da manhã, está lendo o relatório que Mona Nemmer, a nutricionista, lhe passou. Está irritado. Apenas quatro dos catorze atletas que atuaram ontem contra o Nuremberg jantaram no restaurante dos jogadores na Allianz Arena. Para Guardiola, esse é um assunto prioritário, porque a completa recuperação fisiológica após o esforço depende de uma boa alimentação nos minutos depois do final da partida. Evidências científicas indicam que a ingestão dos nutrientes necessários deve acontecer na hora imediatamente posterior ao jogo. É o que se chama de “janela metabólica”. Outros estudos ampliam essa janela por até duas horas — ou um pouco mais. De qualquer modo, a ingestão de carboidratos e de certa quantidade de proteína é imprescindível para uma recuperação que permita enfrentar uma série de jogos a cada três dias.

Tanto Guardiola quanto Lorenzo Buenaventura — e, é claro, Mona Nemmer — explicaram isso várias vezes ao elenco. Mesmo assim, depois do jogo contra o Nuremberg, somente quatro jogadores jantaram no estádio. Os outros passaram pelo Players Lounge, o restaurante dos atletas, mas descumpriram as recomendações nutricionais, e Pep se irritou. Não admite que um jogador profissional negligencie tais aspectos, que podem fazer a diferença em uma longa temporada. Como já abordamos, a má alimentação depois dos jogos pode reduzir consideravelmente o rendimento do atleta que disputa tantas partidas em sequência, além de aumentar o risco de lesão em 60 por cento.

O Players Lounge fica no segundo andar da Allianz Arena. É um restaurante amplo, com capacidade para cerca de duzentas pessoas, em que só é possível entrar com um convite muito especial. Para acessá-lo, é preciso atravessar o restaurante dos patrocinadores, uma área imensa que percorre toda a tribuna principal do estádio. Nesse espaço, cada patrocinador do Bayern dispõe de mesas reservadas para convidados, que desfrutam de um luxuoso serviço de bufê oferecido pelo clube. O Sponsors Lounge fica repleto de convidados antes e depois dos jogos. Esses encontros acabam se transformando em grandes eventos sociais, barulhentos e alegres.

Em um canto meio escondido desse restaurante localiza-se a porta de entrada do Players Lounge, discretamente guardada por vigilantes que não permitem a entrada de quem não tiver um convite oficial. Cada jogador ou membro da comissão técnica dispõe de dois convites para o jogo e para entrar no Players Lounge, já que os assentos da Allianz Arena estão completamente vendidos para

toda a temporada. O restaurante dos atletas é um reduto de paz que contrasta com o dos patrocinadores: respira-se tranquilidade, ainda que as crianças sempre se atrevam a quebrar as regras e acabem pedindo autógrafos ou tirando fotos com seus jogadores favoritos.

Depois do banho, os atletas deixam o vestiário, cruzam a zona mista onde os jornalistas esperam para as entrevistas, percorrem um corredor interno e sobem pelo elevador até a entrada do restaurante. Ali, suas famílias e amigos os aguardam. Eles dispõem de um bufê especial que se destaca pela sobriedade: duas variedades de sopa, dois pratos de massa italiana, queijo parmesão, arroz, salada, tomate, um prato de carne, outro de peixe, frutas e, normalmente, pequenas porções de *apfelstrudel*, uma torta típica de maçã.

O problema é que alguns jogadores não têm fome logo depois de um jogo, seja pelo cansaço, seja pela tensão nervosa. Outros preferem comer um pouco de queijo e esperar algumas horas para ir jantar em algum restaurante de Munique com a esposa ou namorada. Por razões variadas, nesse dia apenas quatro atletas jantaram no estádio. É uma situação que incomoda Guardiola, pois ele acha que no esporte de alto nível é preciso cuidar dos mínimos detalhes.

O próprio Guardiola costuma jantar no Players Lounge, exceto em ocasiões especiais como na noite passada, com a visita dos amigos, ou na tarde em que foi disputado o clássico entre Barça e Real Madrid, quando se despediu rapidamente dos jogadores para voltar para casa a fim de ver o jogo pela televisão. Mas, de modo geral, o técnico e a família passam as duas horas posteriores aos jogos no restaurante privado, junto do resto do elenco e de amigos.

É um dos momentos em que se pode ver um Guardiola mais espontâneo e falante, bem diferente da versão concentrada e séria que se testemunha nos treinos, ou da figura introvertida e tensa dos minutos que antecedem um confronto. É um Guardiola tagarela, independentemente do resultado, que faz explicações sobre os lances do jogo com seus gestos característicos. Sua rotina depois das partidas varia pouco: atende a televisão e passa alguns minutos com o técnico adversário, à espera do início da coletiva de imprensa conjunta. No Barcelona, costumava convidar o técnico rival para uma taça de vinho na sua sala, mas em Munique substituiu o convite por essa conversa informal no corredor que leva à sala de imprensa — entre outras razões, porque o horário dos jogos na Alemanha permite que o time visitante volte para casa no mesmo dia, e o outro técnico poderia perder o avião.

Depois da entrevista conjunta, Guardiola conversa em sua sala com Hoeneß, Rummenigge e Jan-Christian Dreesen, diretor financeiro do clube, que adoram destrinchar os detalhes técnicos do jogo. Esses bate-papos podem se prolongar, e

haverá dias em que, uma hora após o árbitro ter soado o apito final, Pep e Uli seguirão falando sobre o jogo. Para fechar a tarde, o treinador costuma subir até o Players Lounge para jantar com Cristina e os três filhos, ainda que muitas vezes se detenha antes nas mesas de jogadores e amigos, revelando sua versão mais simpática e espontânea, enquanto belisca um pouco de comida em cada parada: aqui um pouco de queijo; ali, umas batatas fritas... E então surge o Guardiola mais analítico, que descreve em poucas palavras, mas com intensidade, os erros e acertos de sua equipe: “Nossa, Lahm é um espetáculo! É inteligentíssimo, entende o jogo com perfeição. Sabe jogar por dentro e por fora. Esse cara é fantástico...”, ele diz.

A partida encerra a primeira semana “normal” de Pep no Bayern. Normal, porque não houve jogo no meio da semana e, além disso, porque acabaram as sessões duplas de treinamento. E essa será uma das duas únicas semanas, entre julho e o Natal, sem a realização de jogos às terças ou quartas-feiras, seja do Bayern ou das seleções nacionais. Das 22 semanas da primeira parte da temporada oficial, somente duas terão sido “limpas”. Na Alemanha, emprega-se o termo *Englische Woche* (“semana inglesa”) para definir a disputa de duas partidas semanais. Assim, vinte semanas dessa fase terão sido “inglesas”.

A mudança também se nota pela diminuição dos treinamentos. Até o momento, a comissão técnica chegava a Säbener Straße às oito da manhã e só deixava a cidade esportiva às nove da noite, por conta da sessão dupla de treinos diários. Mas nesta semana, eles abandonaram o hotel e cada um se instalou em casa com a família. Os filhos de Pep começaram as aulas: entram às nove da manhã e saem às quatro da tarde. Já se começa a respirar normalidade, com a sensação de que foi atingida a velocidade de cruzeiro.

Guardiola aproveitou a segunda-feira anterior para visitar o campo de concentração nazista de Dachau, localidade próxima a Munique. Ele e Cristina não sabiam se deviam levar as crianças em uma visita tão sombria, mas por fim a família toda compareceu ao local com Manel Estiarte para conhecer um dos maiores exemplos da crueldade humana. Como se temia, as crianças menores acabaram dormindo mal e tiveram pesadelos à noite, mas o casal considerou a experiência muito instrutiva.

Guardiola fez mais coisas durante a semana, a última em que iria ter algum tempo livre até o Natal. Foi à Pinacoteca, jogou golfe, participou de um anúncio da cerveja que patrocina o Bayern, vestido com as *lederhosen* (calças curtas com suspensórios típicos da Baviera), e passeou por Munique. “Surpreende um pouco poder passear pela cidade e pelos restaurantes sem que me digam nada. As pessoas aqui são extraordinárias pela forma como nos respeitam e nos deixam em paz”, afirma.

Ao responder sobre a participação na filmagem publicitária vestido como

bávaro, Pep brinca. Diz que Cristina gostou de vê-lo com as *lederhosen* e fala sobre a política de ações promocionais no Bayern: “Não tem problema nenhum, porque o que é importante para o clube também é importante para mim. No Barça, eu tinha poucos compromissos desse tipo, mas não estou aqui para comparar os clubes. Cada entidade tem a sua cultura e forma de ser. Não me importa o passado, o que importa é o agora. Eu tenho que me adaptar ao Bayern, e o Bayern tem que aceitar o meu trabalho no gramado e no escritório. Temos que ver o que dá sentido ao clube e trabalhar para dar à equipe tudo o que for necessário”.

Guardiola está se acostumando ao modo Bayern de fazer as coisas, que é muito diferente do modo Barcelona. A revista oficial do Bayern traz este título para um artigo: “Optimaler start, aber...” [“Ótimo início, mas...”]. O técnico começa a perceber que a autocritica faz parte do espírito geral do clube e deve ser entendida como parte intrínseca do caráter bávaro.

O clássico contra o Nuremberg tinha lhe deixado impressões contraditórias: a horrível sensação do primeiro tempo e a alegria provocada pelo segundo, quando o Bayern chegou à área rival uma vez por minuto.

“Nesta semana pudemos trabalhar bem. Quando atacamos é importante defender; quando defendemos é importante saber como atacar. O futebol é atacar e defender. Trata-se de atacar muito e conceder poucas ocasiões ao adversário. Contra o Eintracht em Frankfurt já jogamos melhor, apesar das chances que demos a eles no final. Falamos muito com os jogadores durante a semana e já notamos a diferença”, conta.

O clássico bávaro deixou alguns registros estatísticos relevantes: a vitória (por 2 a 0) com gols de Robben e Ribéry, que parecem competir para ver quem está em melhor forma, era a vigésima oitava partida consecutiva sem derrota na liga, e terminara com 81 por cento de posse de bola para o Bayern, recorde histórico na Bundesliga — apesar de Guardiola não ter dado muita atenção a esse fato no jantar da noite passada. Também voltou a se falar da questão dos pênaltis: o goleiro Schäfer defendeu a cobrança de David Alaba com meia hora de jogo.

Enquanto cai a chuva nesta manhã de domingo em Munique, Guardiola toma notas sobre nutrição, preparando a palestra que dará aos atletas dentro de alguns momentos. Ele demorou a dormir, como quase sempre acontece depois de uma partida. Repassou seguidas vezes os defeitos que vê em seus jogadores: eles melhoraram, mas ainda não conseguem “matar” no início os contra-ataques do adversário, sua atual obsessão; além disso, são lentos na saída de bola, caíram na besteira de praticar o inúcio tiquitaca; e, por fim, não se soltam, não estão jogando como sabem, como são capazes de fazer. Pep tem que lhes falar sobre tudo isso na palestra desta manhã.

E mais uma coisa: deve refletir muito para ver como encaixar Götze e Thiago

nesse modelo de jogo. Se bem que Thiago será baixa por muito tempo...





## Ódio eterno ao tiquitaca

*Munique, 25 de agosto de 2013*

Pep não imaginava que a manhã de domingo lhe traria más notícias. Chove e, enquanto centenas de torcedores se instalam silenciosamente ao redor dos campos de Säbener Straße, formando um enxame de guarda-chuvas abertos, Guardiola reúne o elenco no salão do andar acima dos vestiários. É uma sala muito ampla, preparada como cinema, usada normalmente para as preleções. Hoje a conversa é posterior à partida, e tem dois temas: a alimentação e o jogo. Guardiola diz: “Já expliquei a vocês duas vezes a importância de jantar no máximo uma hora depois das partidas. Mona também explicou, mas ontem percebemos que quase ninguém fez isso, foram só quatro os que jantaram. Eu entendo que todos prefiram deixar rapidamente o estádio e ir com a mulher ao restaurante favorito; mas, quando jogamos a cada três dias, essa é a única maneira de nos recuperarmos fisiologicamente. Quando jogamos fora da Allianz Arena, não há problema: é chuveiro, ônibus e prato de macarrão. Mas aqui o jantar é obrigatório e eu não vou repetir isso. É preciso comer no máximo uma hora depois dos jogos; como vocês são profissionais do mais alto nível, acredito que é o que farão a partir de agora”.

São menos de quatro minutos para expor o assunto. E nos cinco seguintes, Pep fala do jogo: “Segundo assunto: libertem-se. Sejam vocês mesmos. Eu só quero que avancem agrupados na saída, mas, na frente, lancem logo a bola para a ponta, cruzem na área e corram todos para o rebote. Sejam vocês mesmos. São os melhores fazendo isso. Então, façam! Usem seu dna e corram o quanto quiserem, mas façam isso depois de atravessarem o meio de campo. E tem outra coisa...”.

Para um pouco e, em seguida, continua: “Eu odeio o tiquitaca. Odeio! Isso é passar a bola por passar, sem qualquer propósito. E não serve pra nada. Não acreditem no que dizem por aí: o Barça não tinha nada de tiquitaca! Isso é invenção, não acreditem! Em todos os esportes de equipe, o segredo é sobrecarregar um dos lados do campo para confundir o posicionamento do adversário. Concentrar o jogo de um lado para que o rival deixe o outro livre. Por isso, precisamos passar a bola, sim, mas com intenção, com propósito. Passá-la para sobrecarregar um dos lados, para atrair e resolver no canto oposto. Nosso jogo é esse, não o tiquitaca”.

É uma das palestras essenciais da temporada, uma conversa fundamental. Um desses momentos que Guardiola sublinha em vermelho na sua agenda preta. Para quem ainda não tinha entendido, repetiu que eles não são e não têm que ser

o Barça de Munique e, a fim de reafirmar isso, baseou o treino dos reservas, logo em seguida, em bolas abertas para a ponta, cruzamentos à área e chegadas em duas ondas: a primeira, para o arremate; a segunda, buscando o rebote. Guardiola grita: “Pá e pum! Esse é o nosso jogo!”.

Chove tanto que alguém diz que o verão terminou. É o bastante para que Toni Tapalović, o treinador de goleiros, brinque com Pep: “Você vai ver no inverno: treinos com dez graus abaixo de zero e com meio metro de neve. Nós vamos do campo direto para a sauna sem tirar os sapatos...”.

Os pais de Javi Martínez estão no local e oferecem sua experiência em meteorologia: “Munique tem algo parecido ao *sirimiri* de Bilbao; mas em vez de chuva, o que cai é neve. Você não se dá conta, aquilo vai caindo, caindo e, no final, você tem meio metro de neve por toda a parte”.

Guardiola e Thomas Müller debatem no gramado. O técnico pergunta por que o atleta não joga sempre como ontem, com a mesma precisão e intensidade. O jogador diz — e conseguimos escutar, já que todos estão em silêncio — que quer liberdade de movimentos, que joga melhor quando não tem responsabilidades. Com vários gestos, o técnico responde que, se cada jogador do time quiser jogar com liberdade, acabará sendo um desastre. Mas logo entrarão em um acordo.

Talvez pela experiência adquirida no Barcelona com atletas de muita personalidade como Eto’o ou Ibrahimovic, vemos que Pep dialoga e é direto com seus atletas. Sempre acreditou que cada jogador tem um jeito e precisa de um tratamento diferente; então, em Munique, essa é a ideia que ele aplica. Percebe que Schweinsteiger é louco por futebol e que pode falar com ele por horas a fio sobre questões táticas. É o que ele faz. Um dia, vimos os dois discutindo um lance durante trinta minutos logo após o treino. Quando foram para o vestiário, o assunto ainda era o mesmo. E vinte minutos mais tarde, saíram pela outra porta — de banho tomado e a caminho do ônibus, porque iriam para o hotel da concentração — e continuavam discutindo a mesma questão tática, gesticulando, como se estivessem disputando naquele momento a final da Champions.

A Philipp Lahm, Pep pode dar todas as instruções que quiser: o capitão as absorve sem hesitar. Por outro lado, com Ribéry é preciso ir devagar: ele é um atleta formado nas ruas, que se fez recorrendo à intuição, e transmitir-lhe dois conceitos táticos ao mesmo tempo pode acabar bloqueando-o no gramado. Ribéry segue jogando como quando era criança nas ruas de Boulogne-sur-Mer: recebe a bola e imediatamente ataca. Com instruções demais, ele se enrola. Então, é preciso ir devagar e com simplicidade.

Com Mandžukić é preciso estar sempre alerta. Em menos de dois meses, ele passou de um comportamento receptivo e solidário a uma atitude desafiante e negativa, para em seguida se mostrar disposto a tudo novamente. Nos últimos dias, está se entregando ao máximo. No time, é quem melhor faz pressão, aceita

tudo de bom grado e tem conduta excelente. Mas temos que ver o que pode acontecer se Götze lhe roubar a posição de titular. Se Mandžukić for capaz de aceitar que de vez em quando será reserva, mas nos dias de frio e chuva será titular indiscutível, então tudo correrá bem e ele terá um papel importante. Um equilíbrio diferente terá a temporada seguinte, quando chegar o “outro” — em agosto de 2013, já não há a menor dúvida em Säbener Straße sobre a contratação de Robert Lewandowski, o centroavante do Borussia Dortmund.

Guardiola já sabia, mas aprendeu de uma vez no Barça: cada jogador é diferente e deve ser tratado de forma distinta. O segredo está em afinar o diálogo com cada um. O treinador teve experiências boas e ruins. Agora, em Munique, enquanto seus atletas aprendem e incorporam novos conceitos de jogo, ele também está aprendendo e se aperfeiçoando nos relacionamentos pessoais: é duro com alguns e dócil com outros. Estende-se nas explicações táticas com um garoto da base e, se considerar oportuno, será ríspido com um titular indiscutível. Procura encontrar a tecla correta para cada jogador, aquela que o levará um tom acima.

Surge uma má notícia: a lesão de Thiago Alcântara no tornozelo direito é grave, e amanhã ele será operado em Stuttgart; por isso, estará afastado por dois meses e meio. Adeus à meia temporada. É um golpe duro. “Thiago ou ninguém.”

Há outra notícia bastante ruim também: Javi Martínez mal consegue se mover. Sente dores fortíssimas no anel inguinal, uma espécie de pubalgia, e não consegue chutar a bola com a perna esquerda. Está preocupado porque, além da dor, os médicos não encontram uma solução simples para o problema.

“Como Pep é simpático!”, diz a mãe de Javi depois de conversar um pouco com o técnico: “Mas é claro que Heynckes também era”. Guardiola coça a cabeça sem parar, sinal de preocupação máxima: ele já não conta com Thiago, Javi está manco e Schweinsteiger segue em más condições. Momento ruim a uma semana do confronto com o Chelsea de José Mourinho na final da Supercopa da Europa, uma partida que desperta uma gigantesca ânsia de revanche no Bayern.

Antes, contudo, Pep tem outro compromisso: na terça-feira, disputará um jogo do campeonato em Friburgo, a cidade mais meridional da Alemanha, na fronteira com a França. Já decidiu que fará mudanças: cinco ou seis jogadores titulares ficarão no banco, poupados para a Supercopa.

Terminado o treino, Guardiola se reúne com os amigos com quem jantou na noite anterior. Explica o ambiente familiar que se vive no Bayern: “Tinham me dito várias vezes, mas precisei ver com os meus olhos e é verdade: isso é uma grande família”.

Durante alguns minutos, fala sobre seus chefes: sente-se muito ligado a Hoeneß, a quem adora; percebe em Rummenigge um profissionalismo pouco comum no mundo do futebol; e agradece profundamente a Sammer pelo apoio dado em todos os momentos. Guardiola se sente muito protegido em Munique.

Ao falar do desafio que é a Supercopa e do reencontro com Mourinho, ele logo despacha o assunto: “Conheço muito bem o José...”. Mas, mentalmente, já está em outro lugar — sua cabeça viajou até Friburgo e ele está pensando na decisão que deverá tomar. Jogar com meio time reserva? Tirar cinco ou seis titulares? Nas 48 horas seguintes ele dará, como sempre, mil voltas em torno da mesma ideia.



*Munique, 26 de agosto de 2013*

Pierre-Emile Højbjerg sai chorando da sala de Guardiola. Duas horas antes, o jovem dinamarquês pediu uma reunião com o técnico, que não pôde atendê-lo rapidamente porque iria participar de uma coletiva de imprensa. Højbjerg é direto e, com a voz trêmula, explica a situação a Pep: seu pai foi diagnosticado com um câncer de pâncreas, sua família está arrasada. O pai está devastado, e o irmão mais velho está em viagem num barco que demorará duas semanas para voltar, de forma que o jovem atleta terá que ser o homem forte da casa durante esse período. Jogador e técnico não conseguem conter as lágrimas e choram abraçados. Durante alguns minutos, soluçam sem parar. O jogador tem apenas dezessete anos — está há um ano em Munique — e o mundo despencou sobre sua cabeça. O técnico, além de sentir por Højbjerg, reviveu os pesadelos vividos com Éric Abidal e Tito Vilanova, que sofreram com doenças similares. O treino começará meia hora mais tarde.

Ao meio-dia, antes da terrível notícia, Guardiola protagonizou uma coletiva bastante significativa. Talvez tenha sido a mais longa da temporada, tratando quase exclusivamente de aspectos táticos do time: “Perdemos um jogador muito importante, que possui características diferentes”, disse Pep, de início, sobre a cirurgia de Thiago. “Queremos estar agrupados para evitar os contra-ataques”, afirmou, ao reduzir a importância dos 81 por cento de posse de bola, recorde histórico na Bundesliga.

No encontro com a imprensa, o técnico se mostrou entusiasmado com a liga alemã: “É uma surpresa positiva. Os estádios são fenomenais, podemos falar com os árbitros sem o menor problema e a atmosfera é sensacional apesar das rivalidades”. Guardiola elogiou Mario Mandžukić — “é honesto, tem um grande caráter, é um jogador muito importante” — e David Alaba — “tem o nível de Abidal quando jovem, será muito bom. Aliás, já é”. Também enfatizou a melhora da equipe na tentativa de evitar contragolpes: “Meus jogadores entenderam a ideia perfeitamente, no sábado oferecemos somente um contra-ataque”.

Depois, passou cinco minutos explicando em detalhes como deseja que sua equipe jogue. Em resumo, disse querer um time compacto e discorreu sobre os conceitos abordados no sábado à noite no jantar com amigos e no domingo pela manhã diante do plantel. Estão todos reunidos em um pequeno centro de imprensa de Säbener Straße, anexo ao refeitório dos funcionários do Bayern. Pep fez uma nítida declaração pública de intenções. Detalhou como o time deve sair

jogando, como avançar de forma agrupada e atuar com maior liberdade no campo de ataque, de que modo será possível combinar cadência e velocidade. Tudo foi dito e explicado.

Às quatro da tarde, os jogadores batem bola à espera do início do treino. Nem o técnico nem Højbjerg estão presentes. Os dois aparecem vinte minutos depois, quando Lorenzo Buenaventura já havia ordenado o início do aquecimento. Guardiola permanece sério durante toda a atividade. Para ele, é inevitável a lembrança do amigo e auxiliar no Barça, Tito Vilanova, além de Éric Abidal, que esteve muito perto de ser contratado pelo Bayern no final do mês de junho. Na verdade, Pep pediu sua contratação quando o Barcelona liberou o jogador, mas Hoeneß e Rummenigge não entenderam bem por que o clube catalão decidiu não renovar com ele. Guardiola via em Abidal um excelente reforço como zagueiro-lateral, que poderia servir de professor para Alaba em seu processo de aperfeiçoamento e ainda como exemplo de superação no vestiário. Quando Claudio Ranieri, técnico do Monaco, lhe telefonou para pedir um conselho, Guardiola não hesitou: “Contrate-o”, disse. “Não se arrependerá.” Em outubro, Ranieri ligou de novo para agradecer pela indicação: Abidal estava jogando como titular na equipe monegasca.

No treinamento dessa segunda-feira, Guardiola trabalha obsessivamente a saída de bola da defesa. “O Freiburg vai nos pressionar desde a saída e precisamos recordar os movimentos”, explica. De tempos em tempos, ele retoma os conceitos. Posiciona o goleiro, os quatro defensores e o volante e repete, caminhando, os movimentos que cada um deve realizar, além de ditar também as ações do adversário. Repete a movimentação seguidas vezes para que os atletas a incorporem. No Barça, não passava duas semanas sem fazê-lo. No Bayern, adotou a mesma rotina: a cada quinze dias, repassa os princípios da saída de bola como se estudasse para uma prova.

Na outra extremidade do campo, sete jogadores se organizaram por conta própria para treinar cobranças de pênaltis. Um dos batedores titulares, David Alaba, não está entre eles, porque trabalha com Guardiola na atividade defensiva. No sábado anterior, Alaba perdeu um pênalti contra o Nuremberg quando o placar ainda estava 0 a 0. Perguntado sobre isso na coletiva, Pep mostrou confiança no lateral austríaco: “Ele chuta bem, assim como Müller, Kroos ou Schweinsteiger. Alaba seguirá como batedor”. Na verdade, Guardiola nem sequer havia se preocupado em escolher um batedor oficial: é um assunto que costuma deixar com os próprios jogadores. E foram eles que se organizaram para treinar as cobranças, para o caso de serem necessárias na final da Supercopa europeia.

O Bayern não esquece o ocorrido em maio de 2012, quando o Chelsea de Roberto Di Matteo conquistou o título da Champions, na Allianz

Arena, depois de ganhar a disputa de pênaltis por 4 a 3. Naquela noite, o time de Munique começou batendo. Lahm, Mario Gómez e Neuer marcaram nos três primeiros chutes, mas Ivica Olić e Schweinsteiger falharam nos seguintes. Os bávaros não esquecem, e sete deles se empenham em aperfeiçoar as cobranças.

No gol está Tom Starke, porque Neuer — como Alaba — ensaia com Guardiola a organização defensiva. Eles batem em sequência: Müller, Kroos, Robben, Shaqiri, Pizarro, Schweinsteiger e Götze. Não estão presentes Ribéry, que nunca treina pênaltis ou faltas, e Mandžukić. O nível de acertos é altíssimo. Cada jogador chuta seis vezes e as 42 cobranças terminam em gol. Em tom de brincadeira, Schweinsteiger diz: “Muito bem. Aproveitamento total, mas hoje não tem pressão. Veremos quando houver pressão de verdade”.

Javi Martínez nem sequer viaja para Friburgo. As dores na virilha chegaram a tal ponto que os médicos combinam com o jogador e o técnico uma intervenção cirúrgica em breve. Considerando a operação de Thiago, os planos de Pep vão se complicando: ele está quase sem meios-campistas.

Friburgo em Brisgóvia é uma cidade charmosa com ruazinhas de pedra antiga e pavimento traiçoeiro, pelas quais um viajante não deve arrastar uma mala com rodinhas se tiver algum apreço por ela. As ruas são tão estreitas que quase é preciso percorrê-las de lado. A água circula por elas através dos *bächle* — minicórregos que fluem ao lado da calçada. O campanário da catedral de Friburgo, que mede 116 metros de altura e tem dezenove sinos, não descansa: soa a cada quinze minutos, meia hora, hora inteira... Produz uma barulheira gloriosa, alcançando a apoteose entre seis e sete da manhã, em uma progressão sonora que justifica a tradição musical da antiga vila francesa, a qual no passado fez parte do império dos Habsburgo.

Surpreso e derrotado pelo ruído, compreendo então por que havia um pacotinho com protetores auriculares na mesinha da recepção do hotel. Agora, já é tarde demais.

Bem próximo do rio Dreisam, escondido pela frondosa vege-tação que anuncia a iminente chegada da Floresta Negra alemã, o pequeno estádio Mage Solar espera o Bayern, pronto para se transformar em um verdadeiro caldeirão, tomado por 24 mil torcedores. Guardiola cumpre a promessa e deixa seis titulares no banco: Lahm, Alaba, Boateng, Ribéry, Robben e Mandžukić sentam-se ao lado de Starke. O SC Freiburg faz muita pressão, como Pep antecipara, e tenta induzir o time de Munique a errar na saída

de bola.

O Bayern domina, adianta-se no placar graças a um gol de Shaqiri, controla o Freiburg e chuta dezessete vezes contra o gol defendido pelo excelente Oliver Baumann. A estratégia parece dar certo para Guardiola até que, aos 35 minutos do segundo tempo, o cenário muda: primeiro, Schweinsteiger sofre uma torção no tornozelo; em seguida, os adversários empatam em um contra-ataque. Dois golpes duros. De novo, a três dias de uma final, um dos pilares da equipe se lesiona. Além disso, perdem-se dois pontos — que a essa altura, e considerando o início arrasador do Borussia Dortmund, parecem vitais na Bundesliga.

Guardiola surge chateado diante da imprensa. Lamenta os pontos perdidos, apesar de estar contente com o jogo praticado pela equipe: “Não fomos passivos e controlamos bem a partida, com uma boa defesa. Atuamos bem, não há nada a reprovar naqueles que jogaram. Essas coisas acontecem no futebol, temos que seguir em frente”.

O técnico local, Christian Streich, dá sua opinião à porta do vestiário: “Só digo uma coisa: o jogo do Bayern foi de cinema. De cinema! E digo outra: é o favorito destacado para ganhar esta Bundesliga, sem a menor dúvida. Mesmo que hoje tenham perdido dois pontos, jogaram maravilhosamente bem. Controlaram a gente como queriam, saindo com a bola desde a defesa. Se jogarmos dez partidas contra este Bayern — e olha quantos jogadores foram poupados —, vamos conseguir empatar uma e perder as outras nove. Eles são uma máquina! Meus jogadores estão destroçados, arrasados, esgotados. Este Bayern será impressionante. E Guardiola é fora do comum: o que conseguiu com apenas 42 anos é formidável”.

Mas os elogios de Streich não serviram para acalmar Guardiola, que, enfim, parece ter encontrado o seu Numancia alemão, lembrando a equipe contra a qual tropeçou no início de sua primeira Liga com o Barça. Ele sobe no ônibus e vê Schweinsteiger com cara de quem perderá a Supercopa. Pep ficou sem meios-campistas. “Iremos a Praga para competir em nível máximo. Temos três dias para descansar e será suficiente. Contra o Chelsea, há apenas um plano: jogar bem, controlar os contragolpes e atacar, atacar e atacar”, diz o técnico à porta do ônibus.

Logo em seguida, às nove da noite, Guardiola fala com Sammer e ambos decidem ligar urgentemente para Munique: “Doutor, adie a operação de Javi Martínez. Precisamos dele em Praga”.





“Pessoal, eu não sei bater pênaltis.”

“Nunca bati um sequer na minha vida.  
Mas aqui está o homem que melhor bateu pênaltis no mundo.”

*Praga, 30 de agosto de 2013*

É uma final tensa, febril, nervosa. O Bayern só consegue empatar 51 segundos depois dos 120 minutos regulamentares. O árbitro sueco Jonas Eriksson estendeu o jogo por um minuto em razão das interrupções. Quando faltavam apenas nove segundos para que o time de Guardiola perdesse sua segunda final consecutiva em um mês, um jogador que três dias antes estava prestes a ser operado consegue marcar o gol que dá uma sobrevida aos bávaros. A final será decidida nos pênaltis, mais uma vez, contra o Chelsea — está ainda na memória de todos a derrota de um ano antes, na Allianz Arena, quando a equipe inglesa ganhou a Champions League diante do Bayern também na disputa por pênaltis. É uma revanche, mas se pudesse escolher, Guardiola não teria optado por esse desfecho: nas últimas quatro semanas, os jogadores do Bayern bateram cinco pênaltis e converteram apenas três deles em gols.

Já no voo de volta de Friburgo, Guardiola teve a confirmação de que Schweinsteiger não poderia disputar a Supercopa da Europa. Seu tornozelo estava muito inchado, e por isso era preciso adiar a intervenção cirúrgica de Javi Martínez, que seria operado da lesão na virilha. No dia anterior, Thiago já passara por cirurgia; com a série de contusões e os poucos treinos de Götze, Pep não teria opção senão escalar novamente Thomas Müller no meio de campo. Prometera a si mesmo, depois de algumas experiências negativas, que nunca mais faria isso, mas se não fosse Müller, quem poderia jogar no meio? Não havia alternativa. Decidiu então que Toni Kroos ocuparia a importantíssima posição de volante e que, para protegê-lo, colocaria o capitão Lahm bem perto dele, no papel do número 8. Guardiola hesitou ao definir a escalação, pois usar Kroos como volante poderia ser um problema, sobretudo diante de Mourinho, especialista em explorar as costas do volante em rápidos contra-ataques. Mas não havia outra solução, e o Bayern foi para o jogo em Praga com esta formação: Neuer; Rafinha, Boateng, Dante, Alaba; Kroos, Lahm, Müller; Robben, Mandžukić e Ribéry.

A final de hoje é o décimo sexto confronto entre Guardiola e Mourinho, e até o momento os números são favoráveis a Pep: sete vitórias, cinco empates e três derrotas. Os dois se conhecem muito bem: quando Guardiola era capitão no Barça, Mourinho era o assistente técnico. Eles compartilharam vestiário, treinos, confidências e conhecimentos. Anos depois, protagonizaram memoráveis duelos

táticos. Entre ambos, não existe segredo: conhecem-se a fundo. Mourinho sabe que Guardiola quer a bola para a sua equipe e que partirá para o ataque. Guardiola sabe que Mourinho virá com o time fechado, em busca de uma roubada de bola que permita um rápido contra-ataque e um golpe fatal.

Nesse novo duelo entre quem busca dominar a bola e quem deseja controlar os espaços, o Chelsea marca primeiro. Basta uma finta de corpo de Fernando Torres para que Kroos se desorienta e, em seguida, Hazard escape de Rafinha: toda a organização defensiva do Bayern vai pelos ares, com Boateng, Dante, Alaba, e até mesmo Robben, falhando na tentativa de cortar o contra-ataque dos azuis. O Chelsea ataca agressivamente e consegue o primeiro gol, enquanto a defesa de Munique se limita a observar a jogada com uma passividade que irrita Guardiola.

Após meia hora de jogo, acontece uma mudança que marcará toda a temporada do Bayern. Kroos sofre todas as vezes que o Chelsea lança bolas às suas costas, porque sua maior virtude não é girar rápido e defender. Então, Domènec Torrent, assistente de Pep, lhe diz: “E se colocássemos Lahm como volante?”.

Guardiola não vacila. Levanta-se rápido e, quase entrando em campo, grita para Kroos: “Toni! Você de 8, você de 8! Philipp de 6!”.

Nesse momento, inicia-se uma nova etapa para Philipp Lahm, como volante do Bayern. Lahm chegou ao Bayern aos onze anos, vindo do ft Gern, e nas categorias de base treinou sob as ordens de ninguém menos que Hermann Gerland, assistente técnico de Heynckes e de Guardiola. Gerland o colocou para jogar em várias posições: como lateral direito, ponta e meio-campista, função em que também foi comandado por Roman Grill, que hoje é seu representante. Aos dezenove anos, estreou na equipe principal, treinado por Ottmar Hitzfeld. Como as laterais eram ocupadas por Willy Sagnol e Bixente Lizarazu, Gerland se encarregou de falar pessoalmente com o técnico do Stuttgart, Felix Magath, para que aceitasse o empréstimo de Lahm. No Stuttgart, o atleta se destacou como lateral esquerdo. Dez anos depois, Guardiola começou a usá-lo como meio-campista e agora, em plena final da Supercopa Europeia e com o placar adverso, ordenava que ele assumisse a delicada posição de volante: o eixo do time.

Meses mais tarde, no final de novembro, Guardiola recordaria aquele movimento: “As palavras de Dome [Domènec Torrent] foram chaves. Se ganharmos alguma coisa nesta temporada, será em razão daquele dia. Ouça bem o que digo: se ganharmos alguma coisa nesta temporada, será por causa do Lahm. Porque posicioná-lo como volante foi o que reordenou todas as peças”.

Aos poucos, o Bayern começa a dominar a final. Além de Lahm ter se reposicionado, Pep também fez Rafinha se adiantar, de forma que a equipe passou a atacar com um 3-3-1-3. Rafinha fecha por dentro e ajuda Lahm,

enquanto Kroos pode armar as jogadas de ataque e Müller atua livre, como meia ofensivo. Na volta do intervalo, Ribéry empata graças a um chute formidável, depois de Kroos ter criado uma excelente ação ofensiva.

Eufórico, Ribéry vai comemorar o gol de empate com o técnico. Guardiola o agarra pelo pescoço e o atleta faz sua cabeça se chocar com a de Pep enquanto levanta o punho esquerdo e lhe dedica seu segundo gol em seis dias. Ribéry tinha sido eleito o melhor jogador europeu de 2013 na tarde anterior em Mônaco, razão pela qual não pôde treinar com a equipe. O treinador preferiu que ele fosse receber o merecido prêmio: está tentando convencer Franck de que pode aperfeiçoar e muito sua capacidade goleadora, e o atleta começa a responder muito bem.

Depois do empate, o Bayern controla o ritmo do jogo, passando a criar ocasiões claras de gol, e Guardiola sente que se mexer em mais duas peças poderá ganhar a partida. No dia anterior, Pep e Javi Martínez haviam decidido que o jogador sofreria uma infiltração calmante para estar à disposição para o jogo. Então, com dez minutos do segundo tempo, o técnico troca Rafinha por Javi em busca de maior profundidade ofensiva. O atleta também será útil por sua versatilidade em campo.

No início, a mudança não faz bem ao Bayern, porque Lahm deixa a posição de volante — ocupada então por Martínez —, volta a ser meia e ainda precisa se desdobrar como lateral direito. Guardiola faz mais uma troca: Götze no lugar de Müller. Mas o Chelsea avança e chega três vezes com perigo à meta defendida por Neuer, que precisa fazer grandes defesas, além de contar com a ajuda da trave.

No outro lado, Kroos e Ribéry têm duas ótimas chances de gol. O que marca a partida na fase final é a violenta entrada de Ramires em Götze, levando à expulsão do brasileiro pelo segundo cartão amarelo, a apenas cinco minutos do fim do tempo regulamentar. Para Götze, a consequência é uma grave lesão no tornozelo, que precisará ser imobilizado na semana seguinte.

Na parada antes da prorrogação, Guardiola cobra de seus jogadores que sejam agressivos ao defender, para que não se repita o acontecido no gol do Chelsea. E pede que não parem de atacar. Mas acontece justamente o contrário: um minuto e meio após o recomeço, David Luiz passa a bola ao excepcional Eden Hazard, na ponta esquerda. O jogador do Chelsea invade a área alemã sem que Lahm tente impedi-lo e, em seguida, passa por Boateng, que também não lhe dá combate e apenas observa enquanto o belga arremata. Neuer comete uma falha grave e acaba sofrendo o gol. Com apenas dez jogadores, a equipe de Mourinho retoma a vantagem no placar, e agora o relógio está a seu favor.

Os torcedores do Bayern reagem mais rápido que os próprios atletas: incendiam o estádio, cantando a plenos pulmões. Estão perdendo e falta pouco

tempo, mas são os campeões da Europa e lutarão pelo empate. A torcida de Munique agita bandeiras, entoia seus melhores cânticos e convoca os jogadores para uma virada épica. Impulsionados por uma arquibancada enlouquecida, os atletas de Guardiola transformam o jogo em uma avalanche na direção do gol de Petr Čech. A essa altura, Kroos voltou à posição de volante, Lahm se ocupa de toda a faixa direita e Javi Martínez joga como atacante, às vezes como centroavante. Chance atrás de chance, o Bayern fustiga o gol adversário, mas o formidável goleiro checo evita o gol. Nem Shaqiri, nem Mandžukić, nem Javi conseguem marcar. Shaqiri perde uma segunda oportunidade. Também erram Götze e Ribéry, além de Mandžukić de novo, quando já se completaram os 120 minutos. O Bayern chutou 38 vezes contra o gol de Čech, bateu dezenove escanteios e completou três vezes mais passes certos que o Chelsea, mas está perdendo a final quando restam apenas sessenta segundos...

O time de Munique faz jus à fama das equipes alemãs, que não podem ser consideradas derrotadas até que cheguem ao vestiário. Quando faltam nove segundos, Alaba cruza, Mandžukić tenta dominar a bola, ela desvia em Dante e se oferece à perna esquerda de Javi Martínez, a lesionada, a do gol. O lance — que envolve um austríaco, um croata, um brasileiro e um espanhol — faz a torcida alemã explodir: um êxtase que ecoa pela noite de Praga. Mourinho se vira para o banco de Guardiola e junta as duas mãos em um círculo, querendo dizer que Pep teve toda a sorte do mundo. E é verdade. Dos quatro grandes protagonistas do futebol — a bola, o espaço, o tempo e a sorte —, o Chelsea foi o dono do espaço; mas a bola, o tempo e também a sorte penderam para o time de Guardiola. Claro que ainda restam os pênaltis...

E então, em plena euforia, com o coração batendo acelerado, surge o técnico frio e calculista, reunindo seu grupo em um círculo. Estão todos lá: médicos, fisioterapeutas, ajudantes, assistentes técnicos, jogadores titulares, reservas e até lesionados como Schweinsteiger. E aparece o melhor Guardiola, o das grandes ocasiões, aquele que encanta seus comandados. Quando todos esperam uma palestra intensa e aguerrida, repleta de adjetivos épicos, ele simplesmente lhes conta uma história. Fala sorrindo e com tranquilidade, distanciando-se da linguagem de guerra, como se não estivessem em uma final tensa ou cercados de milhares de torcedores eletrizados. Conta uma história rápida de polo aquático. “Pessoal, eu não sei bater pênaltis. Nunca bati um sequer na minha vida. Mas aqui está o homem que melhor bateu pênaltis no mundo”, diz a eles.

E aponta para alguém que está à sua esquerda, no final do círculo, e que quase não é visto. “É Manel [Estiarte]. Manel foi o melhor jogador do mundo de polo aquático. Batia os pênaltis como ninguém. Ele bateu centenas. Imaginem que o polo aquático é como o futebol: são marcados quatro gols a cada cinco cobranças. E Manel fazia em todas! É quem mais sabe de pênaltis no mundo.”

Guardiola não só capturou a atenção de todos os atletas, como também mudou a feição deles. Quem esperava ouvir palavras de ordem ou gritos de motivação, recebendo assim uma injeção de adrenalina, acaba escutando, em meio a toda a agitação no estádio, uma pequena história. Van Buyten e Starke, em uniforme de treino, abraçam-se atrás de Pep, junto do dr. Müller-Wohlfahrt. Na primeira fila, estão Kroos, Lahm e Ribéry. Alaba apoia o cotovelo em Müller, também em uniforme de treino, assim como Robben. Em um segundo círculo, estão Javi Martínez, Shaqiri, Dante, Boateng e Mandžukić; os assistentes técnicos Domènec Torrent e Hermann Gerland; o reserva Kirchhoff; o fisioterapeuta Gianni Bianchi; os preparadores físicos Lorenzo Buenaventura e Andreas Kornmayer; Götze, Claudio Pizarro, Rafinha e Contente. Ligeiramente separados do grupo, vemos Matthias Sammer e Bastian Schweinsteiger. Em outro canto está Manuel Neuer, que repassa com Toni Tapalović o histórico de cobranças dos batedores do Chelsea. Estiarte agora também se afastou alguns metros.

O ambiente é calmo, mas descontraído. Os jogadores sorriem. Estão à vontade diante do tom da conversa: “Com Manel e os pênaltis, eu aprendi duas coisas. Escutem bem. São as duas únicas coisas que vocês têm que fazer agora, só duas. A primeira: vocês têm que decidir agora onde baterão o pênalti e não devem mudar de ideia por nada. Vou repetir: decidam imediatamente e não mudem de ideia por nada. E a segunda coisa: repitam mil vezes que vamos marcar o gol. Não parem de repetir isso a partir de agora e até que tenham chutado. Não tenham medo e não mudem de opinião”.

“Foi uma conversa incrível”, disse mais tarde Matthias Sammer. Mas ainda não tinha terminado. Depois dos dois conselhos, Pep acrescentou algo: “Rapazes, não há lista de batedores. Bate quem quiser. Todos vão marcar. Escolham vocês. Quem quer bater?”.

Alaba é o primeiro a se oferecer. Kroos levanta a mão esquerda imediatamente e Lahm em seguida. Pep dá um de seus costumeiros tapas no rosto do capitão. Ribéry se apresenta para bater e o técnico também lhe dá um leve golpe no peito. Shaqiri se oferece e Pep comemora dizendo: “Bravo, Shaq!”.

Eles mesmos escolheram. E a ordem das cobranças? “Vocês decidem, como quiserem. Na ordem que preferirem e se sentirem confortáveis. Não importa: marcaremos o gol em todos os chutes.”

Eles decidem bater exatamente na ordem em que se candidataram. Quando estão saindo depois do chamado do árbitro, Guardiola agarra Ribéry e Lahm, fazendo todo o grupo voltar: “Só mais uma coisa. Lembrem: vocês já decidiram onde irão chutar e, de agora até o momento do chute, não parem de repetir para si mesmos que será gol. A cada passo que derem: gol, gol, gol...”.

Dos sete que haviam praticado na segunda, marcando 42 gols em 42 cobranças, apenas Kroos e Shaqiri baterão. Nada de Müller ou Robben, que

foram substituídos; nem de Pizarro, que é reserva; nem de Schweinsteiger, lesionado. Entre os que não tinham treinado, Alaba, Lahm e Ribéry oferecem-se como voluntários. Os cinco marcam. Neuer defende a quinta cobrança do Chelsea, um disparo de Lukaku. O Bayern ganha o único título que não possuía, e Guardiola conquista seu primeiro troféu com o Bayern — a terceira Supercopa da Europa em seu histórico pessoal.

Eleito o melhor jogador da final, Franck Ribéry dedica o título a Guardiola: “Sei como foi importante para ele, o quanto significa o primeiro título, e também conheço a velha rivalidade com Mourinho”. O técnico português deixou o campo sem cumprimentar Pep — um grande contraste, se considerarmos a excelente atmosfera entre os atletas de ambas as equipes.

Uma hora mais tarde, num canto da sala de imprensa do Eden Stadion em Praga, Guardiola e Estiarte cumprimentam os jornalistas catalães Isaac Llach, do jornal *Ara*, e Ramon Besa, do *El País*. Pep está radiante. Seus olhos têm o brilho dos dias felizes, mas acima de tudo expressam um profundo alívio: “Eu precisava dessa vitória. Se não tivéssemos vencido, não sei se poderíamos levar tudo isso adiante...”.

Aqueles pênaltis tiraram um peso enorme de suas costas.



## CAPÍTULO 3

### **2013, O ANO PRODIGIOSO**

**“O homem mais perigoso é aquele que tem medo.”**

**LUDWIG BÖRN**



O medo e a clarividência

*Munique, 5 de setembro de 2013*

Uma das fraquezas de Guardiola é que ele é muito medroso. Teme ser atacado. O defeito foi crescendo enquanto sua carreira como jogador se desenrolava: frágil fisicamente e sem grandes virtudes atléticas, ele tinha que cuidar sozinho de uma área gigantesca do campo. Jogava só diante do perigo, com o medo amarrado às chuteiras, porque era uma presa fácil e um alvo óbvio: se pudessem batê-lo, se conseguissem superá-lo, toda a estrutura de jogo do Barça podia ruir. Cresceu com esse temor e, como antídoto, cultivou o atrevimento.

Pep é muito valente, porque é muito medroso. Quando treina-va o Barcelona, explicou dezenas de vezes que preferia enfrentar os times que jogavam mais fechados, perto do próprio goleiro. Ainda que essas equipes fossem sempre difíceis de derrotar em razão da estrutura defensiva ferrenha, o técnico não reclamava: “Nesses casos, a bola sempre está muito longe do meu gol e eu corro um perigo menor”. Ou seja, prefere times assim porque o amedrontam menos.

Mas Pep compensa o medo com um atrevimento que, em certas ocasiões, pode se tornar excessivo. Desenvolveu os anticorpos exigidos e, como técnico, confrontou o temor permanente com doses extraordinárias de audácia e determinação. Para não ser atacado, decidiu atacar sempre, com o propósito de corrigir seu defeito. Já comprovamos nas duas Supercopas, a alemã e a europeia, que de tão ousado ele às vezes se torna temerário: a escalação de Thomas Müller no meio de campo é um bom exemplo.

Uma das virtudes de Guardiola para confrontar o medo, contudo, é a clarividência. Talvez seja um dom ou uma qualidade desenvolvida ao observar Johan Cruyff, que também tem o talento de intuir os acontecimentos. É provável que esse traço esteja relacionado com o temor de que falamos. Por ser medroso, ele não apenas recorre ao atrevimento, mas também à sua capacidade apurada de percepção: tenta antecipar o que vai acontecer. Dessa forma, a virtude se manifesta para compensar o defeito.

Podemos recordar, por exemplo, uma de suas respostas no dia 28 de maio de 2011, no estádio de Wembley, assim que terminou a Champions League vencida pelo Barcelona diante do Manchester (3 a 1) — depois de uma das grandes exibições do *Pep Team* catalão. Em meio à euforia pela vitória, lembraram-nos dos rumores de que ele só permaneceria em Barcelona por mais um ano (como acabou acontecendo) e de que sir Alex Ferguson acabara de aconselhá-lo publicamente a seguir no Barça, porque nenhum outro lugar seria melhor para

ele. Guardiola, então, deu mostras de sua intuição: “Em outro clube não sei o que acontecerá. Terei que ver quais jogadores esse outro clube tem e talvez tenha problemas para encontrar atletas tão bons como estes do Barça. Mas será um desafio para mim, claro. A pessoa deve buscar desafios dentro de si mesma. Chegará um momento em que o certo será ir para outro clube e tentar jogar da melhor maneira possível com outros jogadores. O técnico depende dos jogadores e da forma como eles jogam. Será um grande desafio”.

Dois anos mais tarde, a realidade confirmou suas previsões. Por que realmente ele foi embora do Barça? Porque a soma dos problemas se tornou maior que a soma dos encantos. O radical desapego do presidente Rosell e o desgaste do próprio Pep e dos jogadores pesou mais que o desejo de seguir vencendo. Por que ele aceitou o Bayern? Hoeneß e Rummenigge lhe inspiraram grande confiança, mas a razão principal foi a vontade de voltar a jogar muito bem com outros jogadores.

Depois da final da Supercopa europeia, em 30 de agosto de 2013, em Praga, perguntaram a Guardiola se ele se sentia o melhor técnico do mundo: “Com o Barça”, respondeu, “talvez em um momento específico eu tenha sido o melhor técnico do mundo. Mas agora não é assim: hoje eu não sou. Tenho que voltar a provar. Especialmente aos meus jogadores”.

Convencer os jogadores: esse é o primeiro passo para vencer o desafio. No momento, eles parecem confiar em Guardiola. Basta ver a reação de Ribéry após marcar o gol em Praga ou a sensação coletiva de segurança durante a conversa que antecedeu a cobrança de pênaltis. Quando fala, o capitão Lahm sempre emprega o verbo *lernen* (aprender). Utiliza-o em todas as frases, deixando bem claro o momento que a equipe está vivendo, o de aprendizagem de um novo “idioma”. Ribéry resumirá com precisão: “Pep é completamente diferente de Heynckes, mas estamos contentes com ele”.

“O mais importante são os jogadores”, Guardiola repete seguidas vezes. Está tão à vontade que costuma dar tapas na cara ou chutes no traseiro de seus jogadores. São seus gestos tradicionais, um costume que no início pode surpreender, mas que todos acabam entendendo. Quando está preocupado, ele coça a cabeça. Quando quer expressar uma ideia, gesticula como um louco. Também em matéria de gestos, atletas e técnico terão que se habituar a uma nova linguagem.

No início de setembro, já instalado no centro de Munique, Pep sente-se muito bem na cidade. “Estou feliz. Munique é muito bonita, e no clube todos nos apoiam.”

A que dedica as doze horas de trabalho? Metade delas à profunda análise do adversário, que costuma ocupá-lo durante dois dias e meio. Boa parte do tempo restante é empregada nos treinamentos ou na preparação das próximas sessões

com Buenaventura, Torrent e Gerland. Por fim, todos os dias Pep passa uma ou duas horas em conversas individuais com os jogadores, às vezes com a ajuda de vídeos ou simplesmente indo tomar um café ou fazer uma refeição para falar de problemas pessoais. Esses são os momentos-chave, que realmente importam, e Guardiola aprendeu que deve dispensar a eles o tempo que for necessário. O que faz então em Säbener? Estuda, analisa, investiga, pensa, desconstrói jogadas dos outros e movimentos do futebol do passado, reinventa... Observa, reflete, fala e convence.

A convocação para as seleções nacionais fez a maioria dos jogadores deixar Säbener Straße poucas horas depois da dramática conquista da Supercopa europeia nos pênaltis em Praga. Quase não deu tempo de comemorar a vitória. Guardiola logo ficou praticamente sozinho na cidade esportiva, uma vez que Javi Martínez iria passar por cirurgia e Mario Götze tinha o tornozelo engessado — ou seja, nas semanas seguintes ambos dividiriam o departamento médico com Thiago e Schweinsteiger. Com esses quatro, seria possível formar um meio-campo excepcional: duro, sério, forte e criativo. Mas esse sonho Pep terá que adiar até meados do outono.

Seu verdadeiro anseio, no entanto, é dirigir um grupo de jogadores da base, treiná-los, cuidar de seu desenvolvimento, ensinar-lhes os fundamentos do jogo e extrair o máximo de cada um deles. Talvez consiga isso algum dia, ainda que tenha que esperar bastante: um ciclo de três anos em Munique, a menos que se prolongue, e possivelmente outro ciclo na Inglaterra. Quem sabe depois disso ele decida abandonar a elite mundial e dedicar-se à formação dos jovens.

Um dia no final de 2010, no Camp Nou, Guardiola ordenou que dois garotos — Gerard Deulofeu e Rafa Alcántara, irmão de Thiago — participassem do treino dos adultos pela primeira vez. E ao final me explicou suas sensações: “É bom demais estar com eles. É muito mais fácil treinar com esses garotos que com os mais velhos, muito mais. Eu me sinto mais treinador. Com os mais velhos, você tem que cuidar do que está dizendo e de como fala, se estamos vindo de vitória ou derrota, deve medir as palavras, reparar na cara de um e outro... Já esses rapazes, você pega pelo pescoço, aperta e espreme cada um, como se fossem uma laranja. É mais gratificante e mais divertido”.

Esses primeiros dias de setembro são os mais prazerosos para ele. Tem apenas quatro jogadores para treinar (Starke, Rafinha, Contento e Kirchhoff), que trabalham com a equipe b. O Bayern ii também estreia o treinador. Matthias Sammer havia contratado o holandês Erik ten Hag e, durante as duas primeiras semanas de setembro, Guardiola e Hag compartilharão os treinos para que o Bayern ii comece a jogar com o padrão da equipe principal. A experiência será frutífera: a equipe b fará um campeonato esplêndido e se transformará no time que mais marcou e menos sofreu gols — apesar de, no fim, não conseguir subir

para a terceira divisão, em razão de um gol tomado no último segundo do jogo decisivo.

Guardiola está de olho na base do Bayern. Alguns dos grandes nomes atuais, como Müller, Lahm, Schweinsteiger e Alaba, saíram das equipes menores de Säbener Straße, mas atualmente não se vislumbra uma geração tão excepcional. Hermann *Tiger* Gerland, que treinou times juvenis do clube desde 1990 e tem faro especial para detectar jovens valores, não se mostra otimista a curto prazo, ainda que existam exceções notáveis, como Højbjerg e Green. Pep se afeiçoou muito a Gerland: “Ele está me ajudando demais, demais. Explica os detalhes da Bundesliga, de cada clube, de cada jogador. É uma pessoa muito leal ao Bayern, e acho ótimo que o clube tenha proposto a ele que trabalhássemos juntos. Confio nele e em seus conselhos. Gosto do fato de ele respeitar os jogadores e de os jogadores o respeitarem”.

Além de trabalhar com os jovens e compartilhar os treinamentos, sem a tensão da competição, com alguém tão próximo como Gerland, em dias assim Guardiola pode conversar com lendas do futebol mundial como Gerd Müller, colaborador de Erik ten Hag no Bayern ii, e Mehmet Scholl, cujo filho Lucas joga no sub-19. Mas seus momentos de prazer são breves, e ele não deve se distrair. Está pensando na questão médica. Há detalhes que o preocupam, como a lenta recuperação de Götze e Schweinsteiger, mas ele diz entender a gravidade de ambas as lesões. Além disso, teve o episódio de Dortmund com Neuer e Ribéry, que quarenta horas depois do jogo já estavam treinando como se nada tivesse acontecido. Guardiola pediu então que fossem modificados os protocolos dos fisioterapeutas: em caso de lesões leves, os jogadores viajariam com a equipe e a decisão seria tomada no último momento. Mais tarde, refletiu sobre o dr. Müller-Wohlfahrt: sem discussão, uma autoridade. Por sua clínica no centro de Munique passaram muitos dos melhores atletas do mundo, já que o profissional possui uma extraordinária habilidade exploratória: é capaz de diagnosticar a maioria das lesões simplesmente com as mãos. Ele se especializou também no emprego de pequenas injeções de substâncias homeopáticas, que aplica nas áreas doloridas. Velocistas como Usain Bolt, maratonistas como Paula Radcliffe, ou golfistas como Txema Olazábal confirmam que as “mãos salvadoras” do médico curaram suas graves dores, musculares ou articulares. Na clínica de Müller-Wohlfahrt já estiveram Michael Jordan, Cristiano Ronaldo, Andy Murray, Boris Becker, inclusive Luciano Pavarotti e Bono, entre outros.

Mas Guardiola gostaria que algum médico estivesse sempre presente nos treinos em Säbener Straße. Havendo qualquer incidente, os fisioterapeutas é que são chamados. E se acontece algo de grave? Müller-Wohlfahrt, no entanto, alega que passar o dia todo na cidade esportiva resultaria em perda de tempo para ele ou algum dos seus auxiliares, e que para os jogadores lesionados não representa

um esforço excessivo deslocar-se até sua clínica na Dienerstraße, no bairro antigo de Munique — instalada no prédio que foi a residência do imperador Luís iv da Baviera, no século xiii. Na clínica mw, o doutor atende um número alto de pacientes todos os dias. Quando um atleta do Bayern precisa de um diagnóstico, é atendido de imediato, mas na clínica, não na cidade esportiva. A temporada terminará sem que o assunto esteja resolvido de maneira plenamente satisfatória para todos.



A receita para ganhar a liga

“As ligas são ganhas nas últimas oito rodadas, e são perdidas nas oito primeiras.”

*Munique, 13 de setembro de 2013*

“É bem parecido com uma receita”, diz Guardiola. A experiência lhe permitiu chegar a esta conclusão: é preciso evitar perder a liga nos primeiros dois meses do campeonato. Seus adversários podem lhe tirar pontos, mas não muitos. A eventual desvantagem deve ser mentalmente aceitável, de dois ou três pontos, quatro no máximo, ao término dessas oito rodadas. Ainda que você esteja atrás, mantém o líder por perto; em um confronto direto, poderá alcançá-lo. Assim, terá condições de lutar pelo título nas últimas oito rodadas, demonstrando a verdadeira força da sua equipe no momento de decidir a disputa. Nessa arrancada final não se pode falhar, trata-se do momento decisivo em que o time precisa render o máximo para conquistar a vitória. Essa é a teoria.

Estamos ainda muito no início do caminho. Disputaram-se quatro rodadas da Bundesliga; o Bayern está em segundo, a dois pontos do Borussia Dortmund, seu grande rival. A equipe de Munique já está no limite. Além da questão dos pontos, começam a surgir os problemas. Outro tropeço como em Friburgo e...

*Vollgas* foi a palavra que Uli Hoeneß utilizou para explicar o ritmo que esperava do Bayern a partir de setembro: velocidade máxima. Guardiola concordou: “O presidente diz que temos que ir com velocidade máxima e tem razão. Começa um dos grandes momentos do ano, com Liga, Champions e Copa, e estamos preparados para o desafio”. Ainda que reservadamente Pep esteja tenso, preocupado com os dois pontos de desvantagem, diante da imprensa se mostra tranquilo: “Não me sinto pressionado por essa desvantagem. Desde que fui contratado pelo Bayern, sabia que minha passagem por Munique seria de muita pressão. Foram apenas quatro jogos e o importante é saber como estaremos em maio. Estou convencido de que, depois da parada de inverno, estaremos bem colocados. Sinto que estamos bem, faremos uma boa temporada. Acho que em abril e maio estaremos em condições de lutar pelos títulos”.

Guardiola se sente muito à vontade com Uli Hoeneß. Sendo um verdadeiro fanático por futebol, não poderia encontrar ambiente melhor que o do Bayern, onde grandes lendas do esporte passeiam por Säbener Straße. Competir com Hoeneß para ver quem engole mais salsichas *rostbratwurst* durante o almoço, tomar café diariamente com Rummenigge, falar sempre nos treinos com Paul Breitner, ler as mudanças de opinião do *Kaiser* Beckenbauer, pisar no mesmo

gramado que o *Torpedo* Gerd Müller, *der Bomber der Nation*, e dividir os problemas da equipe com Matthias Sammer são luxos incalculáveis para alguém obcecado pelos mitos do futebol como ele.

Hoeneß e Rummenigge enfrentam problemas. O primeiro, por conta de uma evasão de impostos que meses mais tarde o levará à prisão. O segundo, porque no passado não declarou alguns relógios de muito valor que lhe foram presenteados no Catar, o que acarretou uma multa pesada. Apesar das evidências (Hoeneß confessara diante da Fazenda alemã), não se pode esperar que Guardiola fosse crítico com eles. Afinal, o técnico foi contratado pelos dois. Suas palavras, portanto, pisavam o terreno do politicamente correto: “Hoeneß é o coração e a alma do clube. Para mim, tem uma importância imensa. Quando você o escuta falar do Bayern, percebe o significado que o clube tem para ele: é tudo para Uli”.

Nesse ponto, eu me permito fazer uma reflexão sobre o modelo de gestão do Bayern, tão debatido em toda a Europa por seu sucesso notório. É um clube sem dívidas, com grande capacidade de gerar receitas por múltiplos canais, apoiado por excelentes patrocinadores, com um estádio permanentemente cheio, mais de 230 mil sócios, faturamento anual superior a 430 milhões de euros, lucros recorrentes de temporada em temporada já há vinte anos, mais de um milhão de camisas vendidas em 2013, uma tesouraria próspera e, é claro, sucesso esportivo extraordinário. É indiscutível que a maneira de gerir o clube é sensacional, além de ser exceção se comparada a diversos casos de clubes europeus que flertam com a quebra técnica. Contudo, de maneira generalizada, atribui-se esse sucesso ao simples fato de o clube ser dirigido por ex-jogadores como Hoeneß e Rummenigge, o que na minha opinião, não é correto. O Bayern é bem administrado porque os dois foram bons administradores, não porque foram jogadores.

Quando teve que abandonar o futebol, em 1979, por causa de uma lesão no joelho, Hoeneß, que tinha apenas 27 anos, foi nomeado diretor comercial do Bayern. Desde então, acumulou 35 anos de experiência na gestão, conheceu todas as áreas e detalhes da entidade e, nessas três décadas e meia, encontrou o melhor caminho para construir um clube sólido, gigantesco porém sustentável, e esportivamente ambicioso — mas que não perdeu o espírito de uma grande família. A seu lado, Rummenigge acrescentou uma visão moderna e global do esporte, mas adicionou especialmente um estilo de direção que combina na medida certa a responsabilidade individual e a tomada das grandes decisões pelo grupo.

“Vollgas”, disse Hoeneß. Guardiola encomendou um estudo estatístico sobre o ataque do Bayern durante as primeiras cinco semanas de competição, porque não está satisfeito com a eficácia dos seus atacantes. Os dados são contundentes:

nos sete jogos disputados antes da parada para as partidas entre seleções, a equipe de Guardiola chutou 162 vezes ao gol, uma média de 23 vezes por jogo, e conseguiu dezesseis gols: a taxa de eficiência é de 10 por cento, mas a tendência é de queda. O Bayern se defende melhor dos contra-ataques adversários, mas a cada jogo piora a precisão nas finalizações. Nos dois últimos, a eficiência baixou para 5 por cento.

Na sexta-feira, 13 de setembro, meia hora antes de começar o treino, Guardiola mostra os números aos jogadores, que acabaram de voltar dos jogos com as seleções. Não lhes pede que acertem mais nas finalizações, porque isso seria um exagero: eles não erram por querer. Mas pretende que tenham consciência de como estão mal na hora de chutar e insiste na necessidade de cortar na raiz qualquer contragolpe do rival.

No dia seguinte, o Bayern joga na Allianz Arena contra o Hannover 96. E chega a tempestade.





## A “tempestade Sammer”

*Munique, 15 de setembro de 2013*

Guardiola ficou surpreso positivamente com a reação de Uli Hoeneß e Kalle Rummenigge no dia seguinte à Supercopa europeia em Praga, quando os principais dirigentes do Bayern saíram em sua defesa: “As declarações de Mourinho são descaradas [...]. Talvez estivesse vendo outro jogo”. O técnico do Chelsea dissera em Praga: “Sempre que jogo contra Guardiola, acabo com um jogador a menos: deve ser uma premissa da uefa”. O que Mourinho esqueceu naquele dia foi que a entrada de Ramires em Mario Götze — que resultou em um segundo cartão amarelo e na consequente expulsão do seu atleta — romperia a cápsula do tornozelo do alemão e que, na verdade, merecia o vermelho direto.

Pep se surpreendeu, porque não está acostumado a reações como essa de seus superiores. No Barça, muitas vezes teve que fazer frente sozinho contra incidentes desse tipo, defendendo não apenas o time, mas toda a instituição diante de ataques graves e desmedidos. Em abril de 2011, Barcelona e Real Madrid tiveram que se enfrentar quatro vezes seguidas, em uma sucessão de clássicos que foi marcada por exagerada tensão. Alguns jogadores do Real empregaram uma agressividade que, em certos casos, beirou a violência. Atletas do Barça fingiram e esportivamente se comportaram mal. Depois da final da Copa, vencida pelo Real graças a um gol de Cristiano Ronaldo, o técnico do Barcelona felicitou o adversário, mas também disse que sua equipe esteve muito próxima da vitória. Era verdade, porque o árbitro anulou por impedimento, de forma acertada, um gol de Pedro. Guardiola se referiu desta maneira ao fato: “O assistente teve muito boa visão e anulou por dois centímetros o gol do Pedro”.

Em 26 de abril de 2011, o técnico e seus jogadores estavam almoçando no restaurante particular do hotel Eurostars Madrid Tower. Na televisão, transmitia-se a coletiva de Mourinho prévia ao jogo da semifinal da Champions, que seria disputado no dia seguinte. Pep estava de costas e não prestava muita atenção, mas um de seus auxiliares o alertou para que se virasse e escutasse. Então, ouviu o colega português dizer: “Começou um novo ciclo. Até agora tínhamos um grupo muito pequeno de técnicos que não falavam dos árbitros. Depois, um grande em que eu estou, que critica os árbitros [...]. Mas agora, com as declarações de Pep, entramos em uma nova era, de um grupo em que só ele está, que critica o acerto do árbitro. Eu nunca tinha visto isso”.

Os jogadores do Barça também escutavam e ficaram indignados com Mourinho, especialmente pelo tom zombeteiro que usou. Para Guardiola, foi o bastante: “Chegou o dia”.

Fazia muitos meses que Pep dissera a seus amigos próximos: “Conheço Mourinho muito bem e sei que ele procura a provocação para que eu ataque, mas não conseguirá. Eu não vou responder. Só farei isso um dia, e esse dia eu é que vou escolher”. Mourinho era como um martelo insistente e muitas vezes provocava Guardiola, que se mantinha em silêncio durante toda a temporada. Até que o dia chegou.

Às oito da noite, os jogadores do Barça deixaram o estádio Bernabéu depois do último treino antes do jogo. O elenco intuía que Guardiola responderia com firmeza. O boato havia se espalhado tanto que até os principais dirigentes do clube estavam a par de que ele tinha preparado uma declaração contundente contra Mourinho. Na saída do vestiário, um dos atletas mais próximos do técnico abordou-o para lhe desejar sorte na coletiva de imprensa. Assim também fez o diretor esportivo do clube, Andoni Zubizarreta, que o surpreendeu com uma frase: “Não vamos responder, hein, Pep?! Não vamos responder. Discrição, é melhor discrição”.

Pep sentiu novamente que o clube voltava a deixá-lo sozinho em um momento-chave. Mas descartou o conselho e decidiu ir em frente. Respondeu a Mourinho com dureza sem precedentes: “Como o sr. Mourinho falou de mim com intimidade, eu farei o mesmo. Ele me tratou por Pep e eu vou tratá-lo por José. Amanhã, às 20h45, nós nos enfrentaremos no campo. Fora do campo, ele já ganhou de mim. Ganhou durante todo este ano e continuará ganhando no futuro. Eu lhe ofereço a sua Champions particular fora do campo, que ele faça bom proveito e a leve para casa. Nesta sala [de imprensa do estádio Bernabéu] ele é o chefe, o senhor, aquele que mais sabe e não quero competir em nenhum momento. Só lembro a ele que estivemos juntos por quatro anos. Ele me conhece, eu o conheço. Se prefere dar mais valor aos amigos de Florentino Pérez e à conhecida central midiática de Madri [em referência a um grupo de jornalistas de Madri muito próximos do presidente Pérez] do que à relação que tivemos durante quatro anos, que o faça. Eu parabeneizei o Real Madrid pela vitória e pela Copa que ganhou. O impedimento aconteceu por centímetros. O árbitro da final esteve muito atento e correto. Dentro do campo procuro aprender muito quando jogo contra José ou quando o vejo pela televisão. Mas fora do campo, procuro aprender pouco com ele”.

As palavras de Pep incendiaram o ambiente que antecedia a semifinal. Quando ele chegou ao hotel da concentração, seus jogadores o ovacionaram, entusiasmados pelo que consideraram uma resposta imprescindível e impecável. Estavam acostumados a receber muitos elogios, mas também haviam sofrido acusações de doping, trapaças, fingimento e conivência dos árbitros sem que os dirigentes do clube, partidários da discrição e da indiferença, saíssem em sua defesa. Guardiola respondera no lugar adequado e no momento oportuno.

Em Munique, no entanto, todos estão acostumados a dizer as coisas claramente. Gente como Beckenbauer ou Hoenes jamais se contém na hora de fazer uma crítica a um técnico ou a seus próprios jogadores. O que na Espanha se consideraria um imenso conflito, na Baviera é só uma forma de se expressar. Ninguém se surpreende, por exemplo, quando no intervalo de um jogo o locutor oficial do Bayern, Stephan Lehmann, pergunta a Paul Breitner sobre um pênalti marcado a favor do time e o ex-jogador responde: “Não, não foi pênalti. Nos deram um presente”. Isso aconteceu no sábado, 24 de agosto de 2013, no Bayern × Nuremberg, clássico da Baviera. Na Allianz Arena, não pareceu errado a ninguém que Breitner se expressasse com tamanha contundência e sinceridade.

Guardiola teve que se acostumar a essa nova cultura e, em meados de setembro de 2013, vê-se no meio de uma tormenta: o “furacão Sammer”.

O Bayern faz diante do Hannover 96 um jogo parecido com o disputado contra o Nuremberg três semanas antes, na Allianz Arena: um primeiro tempo lento, sem graça e monótono; uma conversa intensa no intervalo para despertar os jogadores; e um segundo tempo estrondoso, que termina com o mesmo resultado (vitória por 2 a 0). O técnico está descontente com a atuação de seu time, mas não surpreso. Sempre se preocupou muito com as partidas que se seguem às convocações das seleções nacionais. Durante quase duas semanas, os atletas se acostumam a outro tipo de treinamento e a formas diferentes de jogar; assim, a volta costuma ser caótica: “Depois de oito ou nove dias com as seleções, o ritmo dos jogadores é outro. Mas agora estaremos em boas condições para estrear na Champions League”, diz Guardiola ao fim da partida. Uma declaração bastante prudente, que não reflete em nada seu estado de ânimo.

Provavelmente pela primeira vez desde que chegou ao Bayern, ele está abatido e irritado. O problema não é a má atuação de Thomas Müller no meio de campo, onde precisara jogar mais uma vez em razão dos desfalques, pois Guardiola sabe que está expondo um atacante ao posicioná-lo como meio-campista. Contudo, o que mais teme é que os atletas não o compreendam e que ele não encontre a melhor forma de fazer a equipe funcionar. Matthias Sammer não demora a aparecer. Com voz tranquila, mas decidida, diz o seguinte: “Se não começarmos a esquecer os títulos que ganhamos... Estamos jogando de maneira letárgica. Jogamos futebol sem emoção, para cumprir o protocolo. Temos que sair da nossa zona de conforto. Por que digo isso? Porque não pode ser que em todos os jogos o nosso técnico tenha que rezar uma ladainha para acordarmos. Estamos nos escondendo atrás do técnico”.

Soa como um trovão. O pior é que Sammer está certo. É inevitável que um time que ganha tudo, como o Bayern de Heynckes, seja tomado por dois sentimentos: uma grande autoestima e a impressão de invencibilidade. Os jogadores se sentem espetaculares, capazes de superar qualquer obstáculo —

como comprovaram quinze dias antes em Praga, na milagrosa recuperação diante do Chelsea —, e além disso estão satisfeitos com Guardiola, porque ele lhes proporciona novas evoluções táticas. Mas essa mesma satisfação os coloca em uma zona de conforto durante os jogos, que eles encaram com menos energia e entusiasmo que os treinos. Estão tão certos de que ganharão que não se importam de ir dormindo para o campo, até que o técnico os acorde no intervalo...

A essa altura, Guardiola e Sammer já forjaram uma excelente relação, apesar das previsões de que a convivência seria complicada. Conectaram-se muito bem, compreenderam rapidamente o que um poderia somar ao outro e não foi preciso mais para que caminhassem juntos. O apoio mútuo existiu desde o início. Sammer também tem a percepção do atleta que na sua época liderava a equipe e não demorava a perceber os sinais de relaxamento que os jogadores exibiam durante os jogos. É por essa razão que ele solta a bomba mesmo antes de falar com Pep. O treinador fica surpreso com a franqueza do diretor esportivo, mas lhe agradece. E, de fato, na tormenta criada em seguida no clube, Pep se coloca claramente ao lado de Sammer, a quem defende sem a menor hesitação.

Como é costume em Munique, as palavras de Sammer sofrem uma réplica, nesse caso do presidente Hoeneß, em declarações ao diário *Bild*: “Parece que temos que pedir perdão por ganhar apenas por 2 a 0 e parece que perdemos quatro ou cinco jogos. Em Dortmund, eles devem estar morrendo de rir”. Na revista *Kicker*, ele acrescenta: “Entendo que Matthias tenha pensado em pôr o dedo na ferida. Contudo, o que acontece é que não existe nenhuma ferida”.

Kalle Rummenigge também participa: “Isso é bonito para a imprensa, mas não é disso que o time precisa, nem o técnico”. É claro, não faltam as opiniões do *Kaiser* Beckenbauer, nem de Lothar Matthäus ou mesmo dos jogadores. Toni Kroos e Manuel Neuer aceitam publicamente as críticas, reconhecendo que jogaram mal contra o Hannover e que as palavras de Sammer serviram como puxão de orelhas. O capitão Philipp Lahm, por sua vez, pede que as críticas sejam feitas dentro do vestiário e não fora.

Dois dias mais tarde, já às vésperas da estreia na Champions, Guardiola volta a se referir à tormenta: “Isso é cultural e não estou surpreso com a opinião de Sammer. Ele é muito emotivo, como eu. Percebi que, na Alemanha, diferente de Barcelona, esse tipo de reação é normal e eu tenho que me adaptar. Se isso acontecesse na Espanha, *puf*, teríamos um grande problema, mas aqui é normal”. Nada disso impede que Hoeneß e Rummenigge chamem Sammer para uma reunião, cujo clima será tenso. E se Sammer sempre vinha em socorro de Pep, o técnico faz o mesmo: apoia o diretor esportivo sem titubear. “Matthias é um dos nossos”, diz.

No domingo, 15 de setembro, dezoito horas depois de jogar contra o Hannover,

Guardiola segue desanimado, mas faz todo o possível para esconder esse sentimento dos atletas no treino matinal. Tem uma conversa intensa com eles, repleta dos gestos agressivos que o caracterizam. Surpreende muitos quando diz: “Quero usar um de vocês como exemplo: Mario Mandžukić. Ele e eu não começamos bem. Já no primeiro dia, vimos que não seríamos amigos, que não havia um bom astral entre nós. Mas digo a vocês que não há ninguém aqui melhor do que ele, ninguém que se esforce mais, que termine os jogos mais esgotado e que tenha dado tanto em campo. É o melhor por essa razão: o que mais se sacrifica pelo grupo. Nos meus anos como técnico, não tive um centroavante como ele. Nenhum foi melhor pelas razões que eu disse aqui. Neste time, jogarão Mario e mais dez”.

O que ele ainda não imaginava é que daquele profundo desânimo surgiria uma de suas melhores ideias.



“Maria! Màrius! Venham, rápido!”

*Munique, 15 de setembro de 2013*

Os dois filhos mais velhos de Guardiola param de brincar e correm até o canto da casa onde o pai trabalha. É a segunda “caverna” de Pep. A primeira fica em Säbener Straße, onde ele mantém uma sala própria. A segunda é o quartinho no final de um corredor em seu apartamento, no centro de Munique. Alguns poucos metros quadrados, uma cadeira e um computador portátil.

Neste domingo, 15 de setembro, Guardiola está profundamente abatido. O jogo de ontem o desanimou. Os resultados são positivos: o Bayern ganhou a Supercopa europeia, é segundo na liga a dois pontos do Borussia Dortmund e só perdeu uma partida em um mês e meio — a final da Supercopa alemã —, mas nada disso o satisfaz. Ele vive de resultados, como qualquer outro treinador, mas o que realmente lhe dá prazer é a maneira de jogar do time. Está triste e sem ânimo. Já se sentiu assim durante a partida de ontem contra o Hannover 96, apesar de no intervalo ter conversado com os jogadores e introduzido uma série de mudanças táticas para alcançar a vitória. Na coletiva, mostrou-se contente com o resultado (2 a 0) e o rendimento, mas por dentro estava decepcionado. No jantar pós-jogo, no Players Lounge, nós o vimos distraído: ele sentia que não estava conseguindo passar sua ideia de trabalho aos atletas, que não conseguia fazê-los jogar bem.

Depois do treino da manhã, correu para casa em vez de ficar no campo conversando com seus auxiliares como costuma fazer. Comeu rapidamente e se instalou em sua “caverna”. “Perdão, Cristina, tenho que trabalhar”, disse à esposa.

Cristina vive há tantos anos com ele que não precisa de explicações. Quando Pep está assim, silencioso, meditativo e tristonho, é porque culpa a si mesmo por alguma coisa. Não põe a culpa nos jogadores do Bayern pelo baixo rendimento, mas em si mesmo por não extrair deles o máximo potencial, não escolher bem as palavras ou as atividades, não posicionar bem os atletas ou não construir uma plataforma para que eles expressem suas qualidades. Guardiola é filho de *paleta*, como se diz em catalão. Seu pai, Valentín, é um pedreiro de Santpedor, perto de Manresa, na região central da Catalunha. Foi ele quem ensinou Pep a não transferir a culpa para os outros e a se sentir responsável por seus atos. Hoje, Guardiola é um dos técnicos mais respeitados do mundo e dirige um grande clube, mas segue sendo filho de pedreiro — é e se sente, portanto, responsável

por todos os seus atos. Não pode acusar os outros: se o Bayern não funciona, é por culpa sua. E ponto.

Durante seis horas, ele repassa os vídeos do jogo de sábado e toma notas. Desenha em sua agenda, apaga os desenhos e volta a construir ideias sobre o papel. Um mestre de obras é um construtor modesto. Pep passa a tarde analisando o problema e, a certa altura, acredita ter encontrado a solução. Então, dá um grito: “Maria! Mârius! Venham, rápido! Encontrei!”.

Não é o “Eureca!” de um inventor, mas a voz de um aluno que se sente apto a fazer o exame, o grito de quem acredita ter achado a solução para o problema e sabe que deve descrevê-la aos professores. Maria e Mârius são seus professores. Pep explica a eles os mínimos detalhes de cada partida, e as crianças ficam entusiasmadas: são dois fanáticos pela tática no futebol e, além disso, não têm a menor piedade do pai. Se a ideia que ele exprime não lhes parece consistente, eles a descartam sem dó. Neste domingo à noite, as crianças aprovam o trabalho. Exame superado.

Às oito da manhã da segunda-feira, o técnico está em sua sala em Säbener Straße com Manel Estiarte. A mesa está cheia de papéis, o computador exibe o jogo contra o Hannover e nas duas lousas há um monte de esquemas táticos desenhados. Estiarte se lembra daquela manhã com um sorriso: “É um dos dez grandes momentos de Pep. E olha que ele viveu muitos grandes momentos! Esse foi um impressionante”.

Guardiola está exaltado. O desânimo do sábado (“Não vejo uma equipe, não consigo encontrá-la!”) deu lugar ao entusiasmo da segunda-feira (“Achamos, achamos!”). E ele explica sua ideia, no início devagar para depois acelerar, até que o interlocutor se perca em um emaranhado de gestos e detalhes. Aproximadamente, é o seguinte: “Manteremos Lahm como volante. Nisso, não mexemos. Dos lados, Boateng e Dante, para que Lahm possa avançar agressivamente e dividir o adversário. Bastian e Kroos à frente dele, como meias ofensivos, e então fazemos o movimento: Rafinha e Alaba deixam de ser laterais e passam a ser também meios-campistas. Movimentam-se sobretudo por dentro, mesmo que possam alternar por fora com Robben e Ribéry. Com a bola, seremos verticais a partir do posicionamento criado por Alaba e Rafinha. Se perdermos a redonda, teremos todos os jogadores no centro do campo e bem adelantados: será fácil recuperá-la”.

É um 3-4-2-1. Na linha de três estarão os dois zagueiros mais Lahm, cravado entre Boateng e Dante para a saída de jogo. O capitão Lahm já é, a essa altura, o melhor volante do Bayern: quem melhor sai com a bola e divide as linhas adversárias, quem sabe o que fazer a cada momento. É o mais valente e não há quem lhe tire a bola. Na linha de quatro, estarão os dois laterais e os dois meias, formando um grupo cerrado de meios-campistas ofensivos, mas também uma

rede capaz de conter o rival se o Bayern perder a bola. Por questão de formação, Alaba não terá dificuldades em assumir o novo papel, e assim o jogador-chave será Rafinha: se o brasileiro render bem nesse espaço, a ideia funcionará. Ribéry e Robben formarão a linha de dois, com liberdade para se movimentar por fora e por dentro; quando vierem por dentro, Alaba e Rafinha deverão se deslocar para as pontas. À frente de todos haverá um centroavante: a princípio, Mandžukić, mas também Müller, depois de ser enterrada a ideia de que ele pode ser meio-campista.

A palestra da segunda-feira, dia 16, véspera da estreia na Champions, tratará apenas desse 3-4-2-1. Os jogadores são chamados à sala de vídeo de Säbener Straße, um auditório que parece um cinema, mas Guardiola ordena que o grupo se levante e vá ao terraço. Ali, aponta para o campo de treinamento nº 1, com quatro linhas pintadas perfeitamente de ponta a ponta, delimitando a zona central como prolongamento da área. Nos próximos capítulos, falaremos detidamente sobre elas.

“A única coisa importante no nosso jogo é o que acontece dentro dessas quatro linhas. O resto não importa”, Pep lhes diz.

Eles voltam para dentro e Pep mostra aos jogadores o vídeo do u. Nas imagens, observa-se que o movimento de saída de jogo é repetitivo e estéril. A bola circula de um lado para o outro de maneira inócua: de Ribéry a Alaba; deste, para Dante; do brasileiro, a Boateng; depois, Rafinha; e, por fim, a Robben, desenhando uma espécie de u maiúsculo. Às vezes Neuer e Lahm também participam. É um movimento horizontal que não leva a lugar algum. A bola circula de um lado para o outro, de pé em pé, sem qualquer propósito. É como um cozido sem sal. O adversário pode se defender quase sem esforço, porque os jogadores do Bayern em nenhum momento tentam romper suas linhas: “Senhores, isto que estão vendo é o tiquitaca e é uma merda. Não temos nenhum interesse nesse tipo de posse. É puro desperdício. É passar a bola por passar. O que precisamos é que nosso volante e nossos zagueiros saiam com agressividade e rompam as linhas do rival para nos levar bem à frente. Esse u tem que acabar”, ele avisa.

Estão instaurados, portanto, o 3-4-2-1 flexível e, principalmente, a utilização dos laterais na mesma altura dos meios-campistas ofensivos. Guardiola estabelece em seu time os falsos meias, naquele que sem dúvidas será o principal movimento tático de sua primeira temporada no Bayern. Também é declarada a guerra ao tiquitaca, entendido como sinônimo do passe inútil.

Na noite seguinte, o cska Moscou será a primeira vítima. Já fazia 511 dias que Guardiola não ouvia o hino da Champions e sua reestreia é feliz. O Bayern não apenas vence o time moscovita por 3 a 0, mas começa a praticar um jogo mais fluido e agressivo, esquecendo--se do movimento em u e do passe estéril. Lahm



vai novamente como volante; Rafinha e Alaba cumprem seu novo papel; Müller se diverte jogando como segundo atacante atrás de Mandžukić, e a equipe recupera Schweinsteiger — que pode experimentar por alguns minutos o lugar de Kroos. O segundo gol, além de tudo, nasce de uma jogada ensaiada no treino do dia anterior: na cobrança de uma falta lateral, Ribéry e Robben simulam uma discussão sobre quem baterá, fingem que vão chutar, mas recuam e, por fim, de surpresa, o holandês cruza na área para que Mandžukić cabeceie para o gol sem marcação — ainda que em impedimento. A defesa do csla se distraiu.

Domènec Torrent, Hermann Gerland e Pep se abraçam efusivamente depois do sucesso da jogada ensaiada. Para a comissão técnica, é muito gratificante que suas ideias terminem em gol; para Guardiola, é o primeiro jogo do ano em que começa a perceber o time trilhando o caminho que ele havia imaginado. Não foi preciso nenhum discurso no intervalo para alterar a dinâmica da equipe, e os dois laterais entenderam perfeitamente o que o técnico pretendia. Pela primeira vez em seis anos, o campeão da Champions estreia na edição seguinte vencendo sua primeira partida (não acontecia desde que o Milan bateu o Benfica por 2 a 1 em 2007: todos os campeões posteriores empataram na estreia).

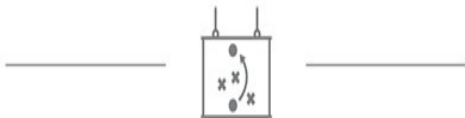
Meses mais tarde, recordando aquele momento, o escritor Ronald Reng, autor de *Robert Enke: Uma vida curta demais*, nos dirá: “Jogaram muito bem. Davam passes com tanta velocidade e fluidez que o csla parecia um time da terceira divisão. Me fizeram lembrar o Barça de 2009, mas com a tradicional rapidez do Bayern no contra-ataque ou na pressão para fechar espaços quando perdiam a bola. Desde aquele jogo, vimos um time que nunca tínhamos presenciado na Alemanha”.

A ideia de jogo será reforçada ainda mais na visita a Gelsenkirchen e ao vibrante estádio do Schalke 04. Quando tem a bola, o Bayern se posiciona em um claro 3-4-2-1, e quando não tem, defende-se em um 4-3-3. Assim que a nova formação se assenta, com os laterais atuando como meios-campistas, a equipe se move com mais leveza, criando espaços para os atacantes — transformados em facões afiados que cortam o Schalke por fora e por dentro. Na direita, Robben ataca mais aberto, de modo que resta a Rafinha avançar por dentro, que é onde ele evolui melhor. No lado esquerdo, Ribéry e Alaba trocam de posição constantemente.

Quando olha para trás, Guardiola tem motivos para sorrir: há uma semana estava abatido e desanimado e não encontrava o ponto de fervura de que o time precisava; mas sete dias depois, sabe que conseguiu três vitórias *in crescendo* (2 a 0 contra o Hannover, 3 a 0 contra o csla, 4 a 0 contra o Schalke). Além disso, o que é o mais importante: o jogo coletivo está alcançando a harmonia buscada. A ideia dos laterais situados no meio-campo começa a dar frutos. Foi o clique.

Duas horas antes e a muitos quilômetros de distância, em Nuremberg, o

Borussia Dortmund empatou seu jogo, o que significa que na sexta rodada da liga os dois principais rivais marcham empatados com dezesseis pontos. As ligas são perdidas nas primeiras oito rodadas.



## O mapa do tesouro

*Munique, 18 de setembro de 2013*

Guardiola guarda na cabeça o mapa do tesouro. Um mapa secreto que contém enigmas e mistérios, uma intrincada rede de palavras e uma linha de pontos descontínuos que vão se unindo à medida que ele resolve os problemas surgidos ao longo do caminho. Nesse mapa, estão a maior parte das respostas e todas as perguntas. Algumas, Pep responde em público; outras, direto no gramado. Há várias que estão simplesmente congeladas, esperando a oportunidade para que ele as utilize. Guardiola tem um faro especial para os momentos certos, uma virtude que não se aprende na escola de técnicos. Tem o privilégio de escolher a melhor hora. Por isso, não tem pressa em conhecer todas as incógnitas de seu mapa tático: as respostas aparecerão na ocasião apropriada, durante o processo.

Esse é um assunto que parece banal, mas que na vida do técnico catalão tem grande importância. Significa que ele sabe que ao longo de um determinado ciclo (um trimestre, uma temporada, uma passagem por algum clube) confrontará uma série de decisões e movimentos táticos. Uma série inevitável e, paralelamente, predeterminada por sua própria filosofia de jogo. Seu primeiro ano no Barça não teve muito de parecido com o terceiro. Sua primeira temporada no Bayern será diferente da terceira. Falamos de organização tática, de movimentos individuais, de associações e interações coletivas.

Pep traça um “plano de negócios” tático para cada ciclo. Descreve-o dentro de sua cabeça, sem deixar rastros concretos. Pensemos no Bayern que ele recebe de Heynckes: é uma herança formidável. Guardiola tem consciência de que só pode introduzir uma quantidade determinada de software novo no hardware desse Bayern supercampeão. Se ultrapassar um número de novas ideias, fará entrar em colapso o coletivo — e alguns jogadores também. Estabelece primeiramente um plano de desenvolvimento de suas ideias, como quem identifica algumas metas concretas a alcançar em um determinado período. Não são metas explicadas facilmente com palavras, nem poderiam ser repassadas a outros times, jogadores ou treinadores. Pertencem à sua maneira de entender o futebol.

Ele não espera que seus jogadores compreendam tudo: tem consciência de que há atletas capazes de assimilar explicações complexas, enquanto outros possuem percepção mais limitada. Portanto, fará claras distinções entre quem deve receber mensagens curtas, sintéticas ou parciais e quem é capaz de entender o quadro completo. Empregará uma linguagem muito diferente a depender de quem está ouvindo, o que não é nenhuma novidade. De fato, um dos

grandes conflitos do esporte, desde tempos imemoriais, reside na linguagem que os técnicos usam quando pretendem transmitir suas mensagens aos esportistas. Somente técnicos muito privilegiados ou experientes alcançam um nível de comunicação verbal e gestual capaz de transmitir com precisão a ideia desejada. Em algumas ocasiões, devem ser palavras sofisticadas; em outras, muito básicas. Torna-se imprescindível acertar na forma, no conteúdo, no volume e no momento exato para cada mensagem e cada receptor. Para um treinador, é fundamental acertar no tom para desenvolver ideias técnico-táticas com seus atletas.

Guardiola tem um problema nesse ponto: é muito hábil para projetar mentalmente seu mapa do tesouro, seu “plano de negócios”, ou seja, para definir todos os enfoques táticos, individuais e coletivos que pretende aplicar ao longo de um determinado período. Tem uma percepção especial para saber até onde pode chegar no trimestre ou na temporada, além de quais ideias ou movimentos deverá manter em espera até o ciclo seguinte, quando a equipe tiver amadurecido. Se repassam com Pep a história de seus quatro anos no Barça, ele se lembrará de cada uma das evoluções da equipe e também do que realizaria se tivesse continuado no clube catalão. Mas, quando lhe perguntam sobre o Bayern, ele é mais reservado e explica somente os movimentos de curto prazo: “nesta temporada faremos isto e aquilo”, ele diz, mas se cala quando perguntamos sobre o ano seguinte. Apesar de já saber como será.

Ainda que as ideias sejam claras, Guardiola tem dificuldades para transmiti-las aos jogadores. Não é um problema de linguagem, tampouco de idioma futebolístico. É um problema de excesso de software. Às vezes, quer dizer tantas coisas, chegar a detalhes tão pequenos, que alguns atletas não conseguem acompanhá-lo. Nesses casos, insiste teimosamente e demora algum tempo para se dar conta de que o jogador em questão precisa, muitas vezes, de bem menos mensagens e de algo muito mais simples.

Vamos dar um exemplo: Franck Ribéry, um atleta que poderíamos comparar a um velocista de cem metros rasos por seus padrões de compreensão e comportamento. Se você sofisticar a mensagem para Ribéry, na verdade estará complicando as coisas. Guardiola levou meses para encontrar a modulação exata de suas palavras com ele. Já no primeiro treino falou com o atleta francês sobre jogar por dentro ocupando o espaço do falso 9, pois está convencido de que Ribéry pode ser ainda mais perigoso se fizer no meio o que costuma fazer na ponta. No meio, ele não tem uma linha de cal limitando-o e, logicamente, contará com mais espaço para se movimentar e driblar. Pep acredita piamente que o jogador pode fazer grande diferença atuando por dentro. Mas Ribéry precisa de tempo para amadurecer e absorver os movimentos que o treinador lhe explica. São muito complexos para uma assimilação rápida; por isso, Pep

decidirá deixar a ideia de lado até o momento oportuno, alguns meses depois.

O exemplo oposto é Philipp Lahm, capaz de entender qualquer tipo de mensagem. Ele e Pep ficam horas falando de futebol de forma complexa. Não há treino em que não passem quinze minutos, ao final, discutindo movimentos e jogadas. É nesse momento que o técnico se solta e cumpre um de seus rituais favoritos: uma sinfonia de gestos que indica onde deve estar cada jogador em cada lance, quem cobre quem, aonde deve ir o volante, como o zagueiro avança, que ação cabe ao lateral do lado mais fraco... A lista é tão longa que exige alta concentração para não se perder o fio da meada. Confesso que todas as vezes em que assisti a uma dessas palestras e Guardiola explicou ações coletivas complexas, acabei me perdendo. Não é simples seguir o seu plano. Mas Lahm consegue.

Vamos resumir essa questão das ideias, de seus percursos e da transmissão e compreensão dos conceitos. Combinando tudo isso, encontramos o caminho de jogo que o técnico propõe. Guardiola sabe bem o trajeto que pretende seguir, tanto coletiva quanto individualmente, para cada jogador; o que pode pedir e esperar como resposta; quando deve revelar suas ideias e como pô-las em prática. Do ponto de vista estratégico e tático, ele desenhou em sua mente todo o campo de batalha da temporada. Mas na transmissão das mensagens que desenvolvem esse plano intrincado, tem dificuldades quando não atinge o volume preciso das ideias a serem apresentadas a cada tipo de atleta. Costuma ter sucesso ao se corrigir, mas leva certo tempo para encontrar a dose ideal de explicações.

A virtude de Pep reside na riqueza de seu plano, no mapa tático do tesouro que possui. Seu defeito é a dificuldade para medir com precisão a quantidade de “software” que cada jogador pode absorver.



Rafinha, o mais importante

*Munique, 25 de setembro de 2013*

Pep já tivera a ideia dos laterais posicionados como meios-campistas — formando uma linha de quatro com os dois meias — quando treinava o Barça, ainda que com outras variações. Até chegou a mencioná-la no final de alguns treinos no Trentino, recém-chegado ao Bayern. Falou dela de passagem em uma coletiva: “Sem dúvida, Alaba também pode jogar como meio-campista”. Na realidade, não pensava em Alaba como meia, mas como lateral que joga adiantado, na linha do meio de campo. Como surgiu a ideia? Já estava ali, no catálogo de jogo, descansando até que chegasse o momento adequado para sua utilização.

Vejamos o processo seguido por Guardiola para desenvolvê-la. Primeiro, ele analisou o problema: o Bayern fazia a bola percorrer um trajeto em forma de u entre Ribéry e Robben, passando pelos laterais e pelos zagueiros, sem que essa circulação resultasse em qualquer proveito para o time. O Bayern tinha a bola, mas não atacava o adversário com ela, não era agressivo, não tentava romper as linhas inimigas nem aprofundava o jogo.

Então, ele resgatou uma ideia que não pôde desenvolver no Barça por ter deixado o clube depois da quarta temporada: “No Barça, todos os anos evoluímos sobre o que tínhamos planejado e o time ia melhorando, mas desde o Mundial de Clubes de 2011 [vencido com um 4 a 0 sobre o Santos de Neymar], o caminho para continuar progredindo com os mesmos jogadores já não era simples. Tínhamos jogado melhor do que nunca e não era fácil dar o passo seguinte”.

Uma das ideias que considerou nessa época envolvia o lateral esquerdo (não o direito, porque no Barcelona quem ocupava essa posição era Daniel Alves, que não é exatamente um prodígio no aspecto tático). “A evolução tática que eu imaginava naquela época para o Barcelona”, explica Guardiola, “consistia em utilizar o lateral esquerdo para formar uma dupla centralizada com o volante. Sabemos que os laterais podem subir até a altura do volante, enquanto este sai com a bola, mas sem ultrapassá-lo até que a bola já esteja mais à frente. A ideia era não deixar o lateral esquerdo superar a posição do volante, para sempre compor com ele uma dupla de volantes em caso de necessidade.” Ele nos explicou isso em julho de 2013, na Itália, durante a pré-temporada: “Essa ideia do lateral fechando para formar a dupla de volantes eu guardo comigo e a reserva para o futuro”.

No domingo, 15 de setembro, abatido e desanimado, mas disposto a encontrar

soluções, Guardiola retomou o conceito e o adaptou aos jogadores do Bayern. Rabiscando papéis, chegou a uma solução que lhe pareceu apropriada: não bastava só o lateral esquerdo se aproximar do volante, os dois laterais deveriam se adiantar e compor uma linha de quatro à frente do cabeça de área. Essa foi a trajetória do clique.

Dez dias depois, o Bayern voltaria a enfrentar o Hannover 96, mas dessa vez pela Copa, ou seja, em partida única. “Prefiro esse sistema da Alemanha ao da Espanha, porque cada jogo de Copa é uma final. É muito mais arriscado, mas também mais atraente. E positivo para os jogadores, porque onze meses de competição são uma barbaridade, fora que devemos apostar na qualidade das partidas e não na quantidade.”

Mirko Slomka era, naquele momento, o técnico do Hannover (foi demitido no Natal e substituído por Tayfun Korkut) e havia dito que qualquer time alemão era capaz de executar um contra-ataque completo em menos de onze segundos. Pep discordava: “Eu acho que é ainda mais rápido. Esta liga é fenomenal em matéria de contragolpe. É a *contraBundesliga*. Na Espanha há equipes que contra-atacam bem, mas em lugar nenhum há tantos times tão eficientes e rápidos no contra-ataque como na Alemanha”.

O Bayern venceu tranquilamente o Hannover por 4 a 1, apesar de continuar com desempenho irregular. Abriu o placar no início e foi bastante agressivo na tentativa de cortar qualquer contragolpe adversário; porém, assim que chegou ao 2 a 0, relaxou e concedeu várias chances de perigo que permitiram à equipe visitante marcar um gol. O Bayern voltara a dormir e Guardiola, a se irritar. No segundo tempo, o time reagiu como sempre e definiu a passagem às oitavas com mais dois gols. “No primeiro tempo cometemos um erro de principiante”, explicou. “Todos os passes que dávamos no ataque eram para dentro e não para fora. Se você quer ir por dentro e eles roubam a bola, rapidamente organizam um contra-ataque. Na segunda metade da partida, corrigimos isso.”

Guardiola ia completar cem dias no Bayern e já podia fazer um balanço: “Estou feliz. Meu alemão não é bom, mas meus jogadores me apoiam muito. Ainda não consigo me expressar bem e me comunicar com eles com facilidade, mas o comportamento do grupo nos treinos é excelente. Vejo detalhes nos jogadores que me fazem pensar que podemos jogar bem. Esses são os momentos que me deixam realmente feliz”.

No corredor para os vestiários da Allianz Arena, falamos com Rafinha, o lateral brasileiro que, com o posicionamento de Lahm como volante, havia se transformado em titular indiscutível da equipe. Rafinha, que está sempre brincando e se diz mais um “canterano” — sabendo que Guardiola adora escalar em seus times jogadores da base, ou seja, da *cantera* —, comentou: “Pep se explica muito bem em alemão; quando tem dificuldades, Pizarro e eu estamos lá

para servir como intérpretes”.

Um membro da comissão técnica disse: “Rafinha é atualmente o jogador mais importante do time. Se ele se machucar, nossa invenção fica comprometida”. Era isso mesmo: sua presença permitia que Lahm continuasse como volante, o que era vital para a equipe. Rafinha estava entusiasmado: “O que acho de Pep? Estou feliz da vida com ele. No ano passado, onze atletas jogaram cinquenta jogos e o resto de nós participou só de quinze ou vinte. Agora, está tudo mais dividido; é lógico que quem joga mais está mais contente. A mudança era necessária. Jupp Heynckes era muito bom e nos fazia jogar bem, mas os rivais já nos conheciam demais. Agora, jogamos de forma diferente e isso é legal. Para os laterais é ótimo porque temos permissão para nos movimentar por todo o campo, por fora e por dentro, e para atacar constantemente”.

Guardiola está contente com o ótimo rendimento de Lahm como volante: “Ele jogou muito bem nessa posição. Sei que, quando tivermos todos os atletas em forma, Philipp poderá voltar à lateral, mas talvez acabe se mantendo como volante. É um superjogador”.

Dias depois, durante um treino fechado, Pep acrescentará mais detalhes sobre o capitão: “Lahm é excepcionalmente inteligente. Capta tudo na hora. É rápido mentalmente e antevê as jogadas. Tem o mesmo nível de inteligência futebolística que Iniesta”.

Outro atleta que fala constantemente com Guardiola é Bastian Schweinsteiger, com quem o técnico tem conversas intermináveis. Por isso, falamos também com o vice-capitão: “Pep é muito inteligente e treinar com ele é interessante e enriquecedor. O idioma? Bom, o alemão é um idioma muito difícil para os estrangeiros. Por isso, o que Pep fez ao falar a língua já ao chegar tem muito valor. Quando conversamos cara a cara, ele se explica perfeitamente. Quando estamos em grupo, é um pouco mais difícil: ele fala certo, mas não tão bem quanto no cara a cara”.

Pep mudou muito durante os três meses que está em Munique. Já concedeu uma entrevista à revista do clube. Mais à frente fará o mesmo com a televisão do Bayern. Comparecerá à vontade à Oktoberfest, protagonizará uma propaganda da cerveja que patrocina o clube, vestirá as *lederhosen* e se mostrará, de modo geral, mais descontraído que em Barcelona — em parte porque o entorno do clube permite isso, em parte também por sua evolução pessoal.

O objetivo destas semanas é que a equipe atravesse sem dificuldades a Oktoberfest: manter a disputa na liga com o Borussia Dortmund e continuar firme na Champions. No momento, o time segue adiante na Copa apesar das baixas no meio de campo (Javi Martínez, Götze e Thiago).

Domènec Torrent, o assistente técnico, é direto: “Götze é muito bom. Pep está



entusiasmado, porque ele tem a qualidade técnica, a habilidade e, especialmente, a calma de que precisamos. Quando ele e Thiago se juntarem, será formidável”.

O tempo vai mostrar que ele tem muita razão.

*Manchester, 2 de outubro de 2013*

Um total de 94 passes seguidos, em três minutos e 27 segundos, serviu para ilustrar a “tomada de Manchester”, uma noite em que o Bayern conquistou o Etihad Stadium e Pep Guardiola sorriu, enfim, satisfeito. Sua equipe pairou no ar como uma mariposa e picou como uma vespa — como definira Muhammad Ali, décadas antes, ao se referir a seu próprio estilo de boxear. Inevitavelmente, o jogo do Bayern lembrou o praticado pelo Barcelona de Pep na noite de 2010 em que derrotou o Real Madrid de Mourinho por 5 a 0, no Camp Nou.

Os 94 passes significaram um momento especial no futebol europeu. O campeão visitava um estádio temível e espetacular, seu adversário havia se reforçado e tinha no banco um excelente treinador, Manuel Pellegrini, invicto até então no Etihad. Mas nessa noite, tudo correu muito bem para o Bayern durante oitenta minutos. Foi a noite quase perfeita, a partida em que Guardiola provou a si mesmo que podia voltar a jogar com a maestria do Barça sem dispor dos mesmos jogadores.

Todos, Guardiola inclusive, apressam-se em dizer que não se trata do “Barça 2.0”. Arjen Robben resume o sentimento do vestiário: “Jogamos oitenta minutos fantásticos, mas não somos o ‘Barcelona — parte dois’. Entendo a comparação, mas não temos jogadores como Xavi ou Messi e somos diferentes. Só queremos dominar, com a bola em nosso poder”.

Antes de comparecer diante da imprensa, Guardiola tem tempo de telefonar a um amigo, no vestiário: “Calma e pés no chão, Nanu, mas que exibição! Que exibição!”. É um dos seus grandes momentos como técnico, não apenas pela grande vitória (3 a 1) em um estádio que não via uma derrota da equipe da casa em competições europeias desde 2008. Foi especial pela forma como o time jogou, pondo em prática todo o repertório desejado por Pep: intensidade no ataque, busca permanente da área adversária, posse de bola agressiva, fluidez e mobilidade constantes. A partida deixou em Guardiola uma lembrança indelével, porque foi a primeira em que o seu Bayern se pareceu com o que ele sonhava.

De qualquer forma, diante da imprensa ele é moderado: “Temos muitas coisas para melhorar”. É verdade. Os últimos dez minutos foram de domínio total do Manchester City, que, com Negredo em campo, mudou seu futebol tímido e conseguiu bater Neuer uma vez, além de acertar o travessão e deixar a defesa bávara em sérios apuros, a ponto de Boateng ter sido expulso.

O Bayern chegara a Manchester com certa inquietação, porque seu último jogo na liga — em Munique, diante do Wolfsburg — tinha sido complicado. O

Bayern venceu por 1 a 0, mas aquele foi o dia mais delicado dos três primeiros meses da temporada. Exceto durante alguns minutos do segundo tempo, em que o time encontrou seu ritmo e se transformou em uma onda atacante, o Bayern jogou mal. O Wolfsburg se defendeu de maneira extraordinária e Pep não encontrou a fórmula para superar a barreira montada. Seus atletas só conseguiram chutar onze vezes ao gol adversário e a partida deixou um sabor amargo em Munique.

Para o jogo de Manchester, Müller foi escolhido como centroavante no lugar de Mandžukić, acompanhando Robben e Ribéry no ataque. Lahm já é, sem discussões, o volante do Bayern, o jogador em torno do qual o time todo gira. Schweinsteiger se transformou em meia ofensivo. Jogando como camisa 8 ou 10, Bastian pode se movimentar com mais desenvoltura que na posição de único volante, porque ainda manca ligeiramente em razão da lesão no tornozelo. As dores tornam o seu jogo mais lento e provocam insegurança. Como meia por dentro, ele se sente mais protegido e pode ser mais participativo, correndo para a frente e para trás sem medo de perder uma bola decisiva. As peças-chave de Guardiola começam a se encaixar.

Os gols do Bayern foram dos três atacantes: Ribéry repetiu a finta e o chute que resultaram no empate contra o Chelsea na Supercopa europeia; Müller se desmarcou esplendidamente de Clichy, paralisado, para marcar o segundo depois do Bayern encadear, durante quarenta segundos, uma sucessão de passes que desestabilizou o adversário; e Robben fez um zigue-zague que desnortou Nastasić e marcou com a direita, depois de Toni Kroos roubar a bola no círculo central.

Durante alguns momentos, pareceu que o Bayern podia fazer o que quisesse com o Manchester City, que acabara de vencer o Manchester United por 4 a 1 no clássico da cidade. O espaço às costas dos volantes locais — os excelentes Yayá Touré e Fernandinho — foram ocupadas por Ribéry, Müller, Robben e Schweinsteiger em várias oportunidades. Bastian e Kroos deram um recital de posse de bola e desorientaram de tal maneira os jogadores de Pellegrini que o comentarista da televisão espanhola que transmitia a partida, o especialista em futebol alemão Gaby Ruiz, chegou a dizer: “Para os atletas do City é desconcertante o que estamos vendo. O City hasteou a bandeira branca da rendição”.

Aos vinte minutos do segundo tempo, aconteceu o grande *rondo*, uma sucessão de passes que assombrou o mundo do futebol pela precisão, rapidez e duração. Durante quase três minutos e meio, o Bayern encadeou 94 passes, dos quais participaram os dez jogadores de linha. A equipe passou a bola por mais de duzentos segundos, enquanto o Etihad Stadium emudecia e os jogadores do City levantavam a citada bandeira branca. Nessa sucessão de passes, a bola rebateu

duas vezes nos zagueiros ingleses, foi afastada uma vez por Clichy, e Jesús Navas conseguiu recuperá-la em uma ocasião — mas só a manteve em seu poder por sete segundos, porque Philipp Lahm a roubou em seguida com um carrinho sensacional.

O lance é tão espetacular que na mesma noite diversos usuários o carregaram no YouTube, em alguns casos com imagens aceleradas para resumí-lo em um minuto e meio, ao som de música divertida; em outros, com os três minutos e 27 segundos de duração completa. O longuíssimo *rondo* do Bayern foi um compêndio do que Guardiola pretendia e as estatísticas do lance mostram o nível de intervenção dos jogadores do meio de campo: Toni Kroos foi quem mais deu passes na ação (18), seguido de Robben (14), Schweinsteiger (13), Ribéry (12), Rafinha (11) e Lahm (10). Participaram muito menos os outros defensores e o centroavante: Boateng (7), Alaba (6), Müller (2) e Dante (1).

Se o jogo dos meios-campistas foi memorável (Kroos acertou 97 por cento dos passes e Schweinsteiger, 95 por cento), a exibição de Thomas Müller deixou o próprio Guardiola sem palavras. Mais que um falso 9, ele foi um atacante dinâmico, com a virtude de se movimentar por todas as zonas do campo e de aparecer onde menos se esperava. Müller foi o retrato mais bem-acabado do triunfo de uma equipe que soube combinar todas as suas versões: mesclou o jogo curto com o de passes longos, a posse com a velocidade, pressionou muito forte na frente, recuperou bolas defendendo agressivamente, ganhou a maioria das disputas físicas, acertou quase todos os passes... Enfim, sequestrou a bola: e não pelo simples prazer de passá-la, mas para provocar estragos no City. Foi uma exibição que combinou o jogo de meio de campo pretendido por Guardiola e a forma de atacar do Bayern de Heynckes.

A performance resultou em inúmeros elogios. Michael Owen mostrou seu assombro “diante dessa exibição”. Franco Baresi falou do “altíssimo nível, um futebol propositivo com a participação de todos. E, além de tudo, eles se divertiram”. Rio Ferdinand disse: “Era difícil imaginar que o Bayern da tríplice coroa pudesse melhorar, mas Guardiola está conseguindo”. O ainda presidente do Bayern, Uli Hoeneß, se desfez em elogios: “Durante oitenta minutos, jogamos o futebol perfeito. O melhor futebol que vi na minha vida”. No jantar que se seguiu ao jogo — que sempre é organizado pelo Bayern, ganhando ou perdendo, com jogadores, técnicos, patrocinadores e jornalistas —, Kalle Rummenigge resumiu tudo em poucas palavras: “Foi uma festa para os olhos”.

O aplauso dos torcedores do Manchester City — que meses mais tarde se sagraria campeão da Premier League — foi a melhor homenagem para um time que, apesar de tudo, deixou algumas lacunas. Chutou vinte vezes contra o gol inglês e continuou mostrando a estranha ineficiência nos arremates. E expôs outro dos seus defeitos: quando relaxa, a desorganização defensiva é enervante.

Nos dez últimos minutos, foi amplamente dominado pelo City, que mereceu não apenas o gol de Negro, mas o segundo também.

A despeito desses defeitos evidentes, Guardiola está radiante. Completa 101 dias à frente do Bayern e comemora a data com uma exibição memorável. Alguém lhe recorda que nos dois últimos títulos de Champions do clube (2001 e 2013), o Bayern havia vencido em suas visitas a times ingleses. Assim, quem sabe se a vitória não seria uma premonição... Pep não dá muita atenção ao comentário. “O objetivo é a Bundesliga”, diz. O técnico repete o mesmo discurso há um mês: “Precisamos passar pela Oktoberfest sem tropeços”.

Soa à modéstia exagerada, mas para o técnico parecia complicado resistir a setembro sem Javi Martínez, Götze, Thiago — e com Schweinsteiger em más condições. “Pode-se ganhar jogos com os defensores e atacantes; mas, se não tem meios-campistas, você não é capaz de jogar bem. Estou tentando sobreviver a estas semanas, para ver se recuperamos os lesionados”, afirma. E então, lança um dos princípios básicos de sua forma de entender o jogo: “Adoro os meios-campistas. Gostaria de ter mil deles na minha equipe. Por sorte, tenho Lahm, que — apesar de ser o melhor lateral do mundo — pode jogar onde for, inclusive como atacante. E no meio de campo é um prodígio”.

Até Manchester, o time não havia atuado de maneira tão fluida, mas no Etihad começou a jogar como o técnico queria: “Para que tudo vá bem para nós, os jogadores precisam correr como animais, mas têm que jogar bola como se fossem crianças”, explica Pep.

Os atletas estão muito contentes. “São detalhes, mas muito importantes. Pep incrementou minha confiança”, diz Ribéry. “Ele tem ideias incríveis”, Schweinsteiger ressaltava. Robben concorda: “Sua chegada significou renovação, foi um grande estímulo. Tenho 29 anos, mas com Pep estou aprendendo detalhes táticos que eu desconhecia”. A essa altura, ainda não podemos saber se a exibição de Manchester será um ponto de inflexão na temporada do Bayern, mas é indiscutível que a data de 2 de outubro de 2013 passou a fazer parte das grandes noites de Guardiola.

Quando pousa em Munique, o técnico lê num jornal uma frase de Lothar Matthäus: “O tiquitaca chegou à Baviera”. Joga o jornal no lixo.



*Munique, 18 de outubro de 2013*

O treino começa meia hora mais tarde por causa da palestra de Guardiola. Normalmente, são três delas para cada jogo: na véspera, ele explica como o adversário atua no ataque; na manhã da partida, detalha as estratégias ofensiva e defensiva do rival; e à tarde, no hotel da concentração, dá a preleção sobre como o Bayern deve atacar.

Hoje, sexta-feira, como o elenco esteve separado por doze dias em razão da convocação para as seleções, ele busca reagrupar a equipe e conter o relaxamento. Os jogadores voltam após dias treinando de forma diferente. Alguns, animados porque venceram com sua seleção; outros, tristes pelas derrotas. Mas todos se alegram pelo reencontro e fazem brincadeiras: há muita descontração e tranquilidade no vestiário de Säbener Straße. Guardiola quer recuperar o quanto antes as sensações anteriores à parada, a intensidade demonstrada em Manchester e Leverkusen, então exige concentração e seriedade dos atletas.

Treze dias antes, a visita a Leverkusen acabara em empate por um gol, o mesmo resultado obtido na visita a Friburgo no final de agosto. Mas dessa vez, assim como em Manchester, o Bayern realizou uma grande exibição de jogo e, muito embora o ponto somado não tenha sido um resultado excelente, a derrota do Dortmund para o Borussia Mönchengladbach deu ao Bayern a liderança na Bundesliga pela primeira vez na temporada: haviam se passado oito rodadas, as da receita de Pep, e o Bayern, além de não ter perdido o pique na liga, já a encabeçava, mesmo que com só um ponto de vantagem.

Eufóricos pelo reconhecimento de toda a Europa diante do modo como venceram no Etihad Stadium, os atletas de Munique protagonizaram outro festival de futebol três dias mais tarde. Nessa oportunidade, contudo, não conseguiram vencer, apesar de terem dominado por completo o Bayer Leverkusen, terceiro colocado na liga naquele momento. Durante 80 por cento do jogo, a bola esteve nos pés do Bayern, cujo nível de acerto nos passes chegou a 90 por cento, com nada menos que 27 chutes — dos quais dezoito foram contra o gol do excepcional Bernd Leno. O time de Guardiola só marcou um gol e desperdiçou mais de uma dezena de chances primorosas. A taxa de eficiência desceu a paupérrimos 3,7 por cento. Os zagueiros e o goleiro da equipe da casa também realizaram uma verdadeira exibição de desarmes e defesas e, no entanto, ao time de Leverkusen bastaram três chegadas para bater Manuel Neuer em uma ocasião.

Passaram-se três semanas desde que o trio de meias composto de Lahm,

Kroos e Schweinsteiger conquistou os campos de Manchester e Leverkusen, e Guardiola se esforça para retomar aquele caminho. A convocação para as seleções abriu parênteses que ele tenta fechar rapidamente. Sua preleção dura 35 minutos, o dobro do habitual. O técnico explica o jogo do Mainz 05, adversário de amanhã, detalha como enfrentá-lo e termina com frases sobre a necessidade de solidariedade: “Devemos respeitar o companheiro. Eu sei que todos querem jogar, mas não é possível e eu preciso escolher aqueles que a cada dia me parecem os mais adequados. Os que não jogarem e estiverem no banco são igualmente bons, mas é sua vez de não jogar. E se forem à imprensa ou até seus representantes e disserem que vocês é que deveriam jogar, estarão faltando com respeito. Não comigo, mas com o companheiro que joga, que é seu colega de time. Bom, se quiserem que eu não decida a escalação, não tem problema. Vocês a decidem. Reúnam-se e decidam quem joga e quem não joga”.

O objetivo dessa conversa, inesperada e chocante, não é convidar o plantel à autogestão, claro, mas acomodar os egos que podem ter se inflado nas duas semanas fora do Bayern e estimular novamente o espírito de grupo, o “somos uma equipe”, o “não haverá sucesso sem a solidariedade de todos”. Evitar que o time se acomode em uma potencial zona de conforto.

É o primeiro treino com as cortinas. Guardiola solicitou-as ainda no mês de junho, para proteger o campo nº- 1 de jornalistas e espões adversários. Sabemos que o técnico gosta de treinar com discrição e silêncio, longe do olhar de estranhos. E como em Säbener Straße, mesmo com as portas fechadas, é possível observar tudo da colina ao fundo, ele pediu ao clube que bloqueasse a visão de um dos campos. Transcorreram quase quatro meses desde aquele pedido, muito mais tempo que o razoável. O atraso ocorreu porque os primeiros materiais utilizados não funcionaram. Hoje, por fim, a cortina grossa de cor cinza que cobre o campo de treinamento está completamente instalada. A esta hora brilha um sol forte sobre Munique, e Guardiola e seus auxiliares, assim que se conclui a palestra, comentam que é provável que a cortina deixe entrever os treinamentos por não ser suficientemente opaca. Algum observador insistente talvez possa observar tudo da montanha vizinha. Montanha? “Como se diz ‘montanha’ em alemão, que não me lembro?” Ali está Heinz Jünger, o chefe dos seguranças de Säbener, sempre amável e solícito, para lembrar a Guardiola que montanha em alemão se diz *berg*.

Bastian Schweinsteiger é o primeiro jogador a subir ao campo e se surpreende com a cortina. Dá um grito, ergue os braços de alegria e diz algo ininteligível (ou, melhor dizendo, que preferimos não entender) sobre os jornalistas. Indica um ponto bem distante e explica que certamente alguém aparecerá por lá para fazer uma foto do dia da cortina. Não falta intuição ao vice-capitão, porque momentos mais tarde chegará, agitado, o eficiente diretor de comunicação, Markus

Hörwick, para fechar uma pequena fresta pela qual o fotógrafo de um jornal está tentando captar uma imagem exclusiva.

Guardiola está especialmente calado, pensando no jogo do dia seguinte contra o Mainz. Os treinos que antecedem os jogos são especiais para o técnico. Ele já se fechou em sua sala na tarde anterior para revisar os pontos fortes e fracos do adversário, e acredita saber o que é necessário para ganhar. Mas ele não gosta das paradas motivadas pelos jogos das seleções, porque os jogadores chegam “enlouquecidos”. Esforça-se então para voltar a congregar todas as energias da equipe, como se as exibições frente ao Manchester e ao Bayer Leverkusen tivessem acontecido anteontem, e não há duas semanas.

Nos dias anteriores, ele voltou a pedir estatísticas sobre a eficiência do time na finalização, que continua sendo decepcionante. Não é algo que se possa treinar, pois é sabido que as fases dos artilheiros são isso: fases. Mas, sim, é possível melhorar à base de concentração. Na conversa dessa tarde, ele elogia a equipe pela eficiência defensiva, exemplificada pelas três chances raras concedidas ao Bayer em Leverkusen, mas aproveita para lembrar que, dos dezoito arremates que o Bayern conseguiu no mesmo jogo, transformou apenas um em gol: “Senhores, concentração. Se estivermos sempre concentrados, acertaremos mais”.

Exceto por Thiago, que inicia na academia a recuperação do tornozelo, e Shaqiri, no departamento médico por uma ruptura muscular que o deixará seis semanas fora, toda a equipe está à disposição de Guardiola — se bem que Javi Martínez nem sequer se junta ao grupo e trabalha ao pé da montanha próxima, com Thomas Wilhelmi, o preparador físico encarregado das recuperações. Durante oitenta minutos, Javi aperfeiçoará sua condição física, muito prejudicada depois da operação no anel inguinal, o difícil começo de temporada e uma cirurgia ortodôntica. Os demais, sob as ordens de Lorenzo Buenaventura, completarão uma sessão de altíssima intensidade, à sombra da austera cortina cinza instalada pelo Bayern.

Hoje faz uma maravilhosa tarde de sol e a bola rola ligeira durante um exercício de conservação que dura mais que o normal: nove minutos contínuos, antes da pausa para hidratação. O prato principal será uma partida breve de onze contra dez em campo inteiro, com intensidade máxima, seguida de outra em campo reduzido. Logicamente, Philipp Lahm é escalado como volante.

Lahm foi a grande revelação do futebol europeu no outono, o que não é pouco considerando que falamos de um jogador de trinta anos já consagrado como lateral. Mas a mexida do técnico, posicionando-o como volante do Bayern, e as exibições do capitão nos últimos jogos provocaram uma inesperada revolução. Guardiola está feliz com a decisão, por mais que tenha explicado na revista do clube que Lahm voltará à posição de lateral quando os lesionados se



recuperarem. “Se fizermos algo de bom nesta temporada, será devido a essa mudança”, repete Guardiola, lembrando-se do momento da decisão, em Praga, depois de meia hora de jogo na Supercopa europeia.

Pergunto a Roman Grill, representante de Philipp Lahm, o que ele pensou naquele jogo, quando viu que Guardiola pedia a Lahm que fosse para o meio: “A verdade é que pensei: até que enfim um técnico encontrou o lugar natural de Philipp. Porque o que acontecia na Alemanha até agora é que não se jogava um futebol exatamente técnico, mas principalmente físico, e muitos treinadores desperdiçaram essa oportunidade. Então, já fazia muito tempo que eu vinha pensando que essa era a melhor posição para Philipp”.

Roman Grill foi jogador do Bayern II (era volante) e treinador da equipe juvenil: “Reconheço que tenho uma vantagem. Fui técnico de Philipp quando ele era juvenil e já o fiz jogar como volante. Acho que suas características que mais se destacam são a inteligência no jogo e a capacidade de ler taticamente a partida. Por isso, um jogador como ele tem que estar no meio. Philipp contribui muito para a organização defensiva, mas também para a fluidez do jogo. Já como lateral tinha esse dom de ver o companheiro e passar a bola em progressão, o que facilitava o jogo coletivo. Mas na posição de volante, essa capacidade se destaca ainda mais”.

Nessa sexta-feira prévia à retomada da Bundesliga, Guardiola fala pouco e pensa muito. Preocupa-se pela dispersão de seus jogadores, que durante dez dias dividiram-se pelo mundo todo com suas seleções. Também vieram boas notícias: os 45 minutos que Joachim Löw deu a Mario Götze na seleção alemã são importantes para a recuperação da grande contratação do time, que ainda não está totalmente em forma. E Guardiola gostou especialmente do treinador ter posicionado Lahm como volante durante os últimos quinze minutos do jogo contra a Suécia. Qualquer outro teria evitado a ideia, mas Löw valorizou a experiência e deixou o ego de lado. Não se importou que o mundo do futebol pudesse pensar que estava imitando um movimento de Guardiola e deu prioridade ao desejo de melhorar a equipe. Nesse dia, Guardiola viu com bons olhos o gesto de Löw.

Hoje se ouviram boas notícias vindas de Barcelona, pois Gerard Piqué deu estas declarações à revista *So Foot*: “Guardiola é o melhor técnico que já tive. Trabalhava 24 horas por dia”. E, como acontece com qualquer ser humano, Pep sentiu que o elogio adoçou sua manhã e usou uma de suas frases batidas preferidas: “Essas coisas dão sentido à nossa profissão”.

À tarde, ele já pensa somente no Mainz, e está mais sério e calado que em outros dias. Até que abre a boca e não para mais. No primeiro jogo rápido de onze contra dez, permanece calado; no segundo, em campo mais reduzido, grita a plenos pulmões. Corrige posições, pede intensidade, exige e grita, grita e exige.

Guardiola está embalado, dando lenha à locomotiva, pedindo mais e mais, exigindo empenho como se estivesse diante de jogadores novatos, sem títulos, ainda por estreiar, espremendo-os como se fossem laranjas. É outro momento em que o fluxo coletivo domina todas as ações: Robben voa como se estivesse possuído, Ribéry corre sem parar, Götze parece feliz, Lahm e Kroos tabelam sem se olhar... O Bayern parece tomado por uma força descomunal nesta tarde quente de outubro até que Ribéry cai no chão, vítima de um golpe involuntário de Kirchhoff. Será desfalque amanhã, sem dúvida.

Apesar disso, a caminho do chuveiro, Guardiola sorri pela primeira vez em toda a tarde, sobretudo quando brincam com ele a respeito do tiquitaca, esse termo com que se adjectiva agora qualquer tipo de jogo em que são dados mais de três passes: “Ódio eterno ao tiquitaca! Quero fugir do tiquitaca. Isso é uma merda: é passar a bola por passar, sem intenção nem agressividade. Não é nada. Não vou permitir que jogadores tão bons quanto os que tenho aqui caiam nessa mentira...”.



## As quatro linhas pintadas

*Munique, 20 de outubro de 2013*

São quatro linhas brancas pintadas sobre o gramado: as quatro linhas de Guardiola que dividem o campo de treinos nº- 1 em cinco faixas de largura parecida. As duas faixas exteriores são formadas pela linha do perímetro do campo e o prolongamento da linha lateral da grande área; as três interiores surgem ao se traçar duas linhas paralelas dentro de uma área e prolongá-las até a área oposta. Dessa forma, quatro linhas internas dividem o campo em cinco vias.

Ainda que já estejamos quase no final de outubro (hoje é domingo, dia 20), brilha sobre Munique um sol mediterrâneo, literalmente abrasador. O treinamento terminou há mais de uma hora. Os jogadores titulares na vitória de ontem, sobre o Mainz 05, realizaram apenas um aquecimento, com alguns *rondos* e pequenos exercícios de mobilidade articular para facilitar a recuperação. Para Arjen Robben, foram apenas vinte minutos e ele logo retomou a rotina diária na academia: meia hora antes de começar e meia hora depois do treinamento, o atleta holandês sempre trabalha ali. Começa com o aquecimento em uma bicicleta ergométrica, depois alongamentos e exercícios de prevenção; ao final, faz abdominais, reforça alguma zona muscular bem específica e termina com alguns minutos de exercícios proprioceptivos. Robben não descuida um dia sequer, porque essa rotina é essencial para preservar uma estrutura músculo-articular muito rígida, que ele emprega sempre com a mesma intensidade. Até mesmo comendo, ele é o mais rápido: corta o filé com gestos velozes — como se estivesse driblando um adversário — e mastiga com rapidez. É uma de suas virtudes, mas também seu ponto fraco. Tamanha intensidade lhe custou muitos problemas em forma de lesões, e por isso a rotina preventiva na academia é imprescindível.

Os demais titulares completaram o típico treinamento pós-partida: aquecimento, *rondos*, atividades de mobilidade — e devem descansar até terça-feira. A equipe dá sinais de fadiga: foram disputadas muitas “semanas inglesas” (com um jogo a cada três dias), envolvendo também jogos das seleções, o que inevitavelmente resulta em um desarranjo geral. Jogadores como Lahm estão esgotados, mais mental que fisicamente, por tanta exigência contínua, mas não podem descansar porque os jogos em casa contra o Viktoria Plzeň na Champions (na quarta-feira, 23) e o Hertha na Bundesliga (no sábado, 26) são fundamentais para manter o ritmo. “Precisamos de descanso”, diz Pep. “Mas agora não posso dar isso a eles. Depois do jogo contra o Hertha, temos uma semana inteira de folga e darei dois ou três dias de descanso geral. Para Lahm, talvez quatro. Para

que vá para casa e se desconecte.”

No gramado de Säbener Straße, os que não atuaram contra o Mainz ou jogaram poucos minutos fazem uma partida rápida de duas áreas. Lorenzo Buenaventura mandou Rafinha para o chuveiro: “Eu quero jogar, mas Lorenzo não deixa!”, desabafa o brasileiro a caminho do vestiário, sorrindo. “Você é muito importante, Rafa!”, responde o preparador físico.

Götze, Kirchhoff, Alaba, Pizarro, Starke, Van Buyten e alguns atletas da equipe b disputam o minijogo, com Javi Martínez, já incorporado ao grupo, como coringa. “Por fim, as sensações são boas”, diz o jogador espanhol. “A virilha não dói mais, e isso faz muita diferença.”

Bem lentamente, Guardiola vai recuperando seus jogadores — mesmo que seja estranho dizer isso depois da recente lesão muscular de Shaqiri (seis semanas de baixa), o corte profundo no tornozelo sofrido por Dante diante do Mainz (serão duas semanas fora) e a pancada no tornozelo que incomoda Ribéry. Isso sem falar em Thiago.

O minijogo tem o padrão de sempre: intensidade máxima e agressividade, além do silêncio respeitoso do público que assiste, pois, como é regra na casa, a sessão de treinos dominical se realiza de portas abertas. Mas, ainda que já não seja novidade para nós, o silêncio absoluto com que mais de mil torcedores (muitos deles, crianças) assistem ao treinamento é algo que segue assombrando nosso caráter latino, mais propenso a gritaria e confusão. Os torcedores alemães ficam quietos durante uma hora e meia, aconteça o que acontecer no campo, onde só se ouvem as instruções de Guardiola, os apitos de Hermann Gerland, que marcam o fim de um exercício e o início de outro, e os gritos dos jogadores em busca do gol. Só se ouve isso.

Os fãs só se manifestam quando *Tiger* Gerland apita o fim da sessão: eles então gritam animados, pedindo autógrafos a seus ídolos. Esta é a outra regra da casa: satisfazer os torcedores. Os jogadores, por mais cansados que estejam, farão de tudo para agradar os mais novos. Não é de estranhar que mais de um atleta tenha tantos pedidos a atender que demore meia hora para chegar ao vestiário. Hoje, Alaba e Javi Martínez atenderão centenas de torcedores e farão a alegria das crianças dirigindo o carrinho da maca (onde se transportam as garrafas de água e isotônicos) por todo o campo.

Ao meio-dia, Dante deixou o departamento médico apoiado em muletas para evitar o contato do pé com o chão, e Thiago completou uma nova sessão de recuperação. Está feliz, pois já trabalha no aparelho *transport* e também corre sobre a esteira antigravidade (a AlterG), para recuperar a mobilidade do tornozelo operado: “Esta máquina é um luxo. Começa suave, levanta você do chão e é possível ir regulando o esforço sem que o tornozelo sofra”, ele explica.

Thiago está furioso com os meses perdidos e as oportunidades desperdiçadas, vê que o time já atingiu a velocidade de cruzeiro e ele ainda não se sente a bordo. “Logo voltarei”, repete, apesar de sabermos que ainda lhe falta um longo mês de recuperação. Quem já vislumbra uma luz no fim do túnel é Javi Martínez, que no próximo sábado poderá jogar seus primeiros minutos no campeonato, já perto do final de outubro. O rosto de Guardiola vai se iluminar enquanto o técnico imagina contar com Javi, pôr Götze e Schweinsteiger em forma, além de recuperar Thiago: “Este início foi muito difícil. Houve momentos em que achei que não conseguiríamos, porque nosso meio estava em pedaços”.

Toni Kroos é o único meio-campista puro que começou a temporada e segue a todo vapor. Por razões diferentes, Javi, Thiago, Schweinsteiger e Götze — com as funções que Guardiola pensou para cada um deles — não tiveram peso na equipe nestes três meses e meio de temporada. O meio de campo precisou de um remendo depois do outro, mas esse período de dificuldades parece estar chegando ao final, exatamente quando os problemas parecem se transferir para a defesa.

Com Dante lesionado e Boateng suspenso, o Bayern terá que jogar a partida seguinte na Champions (diante do Viktoria Plzeň) com o veterano Van Buyten e o lateral Diego Contento. Não há opção: Javi não estará em condições e Kirchhoff já demonstrou muitas vezes que a contundência defensiva não é o seu forte. Contento será o quarto-zagueiro.

O domingo é tão esplêndido que propicia um daqueles grandes momentos nos quais Guardiola se livra de amarras e protocolos e se abre. O culpado é Matthias Sammer, que surge risonho e brincalhão, zombando dele. “Faça-me um favor: entre no YouTube e escreva ‘Guardiola gols’. Vai ver o que aparece: ‘404 not found!’.”

Pep e Sammer riem muito com a piada dos gols. Durante dez minutos, o diretor esportivo se encarrega de recordar o esquelético histórico de Guardiola como goleador (em quase quatrocentos jogos com o Barça, ele fez apenas treze gols): “Zero. Em branco, zero. Procura no YouTube que todas as vezes dá erro”.

Guardiola responde apelidando-o de “Torpedo Sammer” — em alusão ao *der Bomber der Nation*, como Gerd Müller era conhecido. Os dois criam uma atmosfera de descontração entre os membros da comissão técnica, e o ambiente permite que o técnico se liberte e explique seus sentimentos: “Esses caras [os jogadores] são feras. Quando aceleram, são como animais. Têm esse espírito alemão, das viradas épicas. O espírito histórico de Beckenbauer e companhia. Com eles, eu me sinto capaz de tudo. Se estamos na semifinal da Champions e temos que recuperar dois gols, sinto que eles são capazes, que conseguiriam a recuperação. Eles têm um espírito especial”.

Pergunto, então, se teve bronca no intervalo do jogo de ontem, quando o Mainz

05 estava ganhando por 1 a 0, antes de Robben, Müller duas vezes e Mandžukić definirem o placar (4 a 1), para manter o Bayern como líder com um ponto de vantagem. O auxiliar técnico, Domènec Torrent, explica com precisão o que aconteceu ontem: “Nunca. Nos maus momentos nunca se deve dar uma bronca. As broncas são reservadas para os bons momentos, que é quando elas podem ser úteis de verdade. Nos maus momentos o que fazemos é corrigir posições e detalhes, nunca perturbar. A credibilidade você ganha corrigindo, não dando broncas quando está perdendo”.

Guardiola está satisfeito com a virada do dia anterior. Em vez de repreender os jogadores, o que fez foi dar-lhes outra plataforma tática: posicionou-os no 4-2-3-1, com Götze como meia-atacante às costas de Mandžukić, e esse simples movimento desmontou o bem organizado Mainz, do excelente Thomas Tuchel, um dos mais promissores técnicos alemães: “O dia em que sofremos de verdade foi contra o Wolfsburg. Eles se defenderam muito bem. Aquele dia, sim, eu vi a vitória periclitar”, diz Pep. E passa a analisar os pontos positivos e negativos do seu time: “Já conseguimos conter a sangria dos contra-ataques. Aqui na Alemanha, montam um contra-ataque em três segundos. Começamos mal, porque Alaba, em vez de avançar para pressionar o ponta, recuava rapidamente e oferecia espaço. Mas em pouco tempo ele corrigiu isso”.

Por outro lado, na saída de bola, o famoso u inócuo ainda é um defeito a ser corrigido: “O que falta para nós é agressividade para sair com a bola. Se o adversário nos espera, temos que ir pra cima: avançamos e dividimos seus blocos”. Para melhorar nesse aspecto, Pep aposta claramente em recuar o volante Lahm e deixá-lo entre os zagueiros centrais para fazer a saída lavolpiana [do técnico argentino Ricardo La Volpe]: “A saída com três homens é muito boa, porque modifica a pressão do adversário. Ainda que eles façam a pressão com dois (um atacante e um meia-atacante), a saída com três homens os obriga a se posicionar em paralelo, em 4-4-2, e aí você pode ultrapassá-los”.

Para ele, não nos esqueçamos, o jogo sempre consiste em conseguir a superioridade em cada setor do campo. Guardiola então faz uma explicação que pode surpreender: em sua visão, os movimentos táticos são instrumentais e estão a serviço das necessidades do time, não o contrário. “É sempre assim. O importante são os jogadores e a tática deve se adaptar a eles. No último ano no Barça, por exemplo, mudamos todo o sistema e implantamos o 3-4-3 para que Cesc Fàbregas pudesse entrar. E foi um período incrível, com Cesc e Messi como dupla de meias-atacantes, com o que os dois têm de melhor, que é chegar à área quando farejam sangue”, diz.

Atualmente, está muito satisfeito com o rendimento de Arjen Robben sempre que situa o holandês no lado esquerdo do ataque: “Pode ser casualidade, mas todas as vezes em que ele vai para a esquerda, marca um gol”. E Pep começa a

pensar em usar Robben em todas as zonas do ataque.

Matthias Sammer tem que abandonar a conversa, mas antes de se despedir me toma pelo braço e me fala reservadamente: “Ele não é só um gênio, um vencedor. Além de tudo isso, Pep é um bom sujeito, com um coração muito grande. É uma pessoa muito boa”.

Com Sammer a caminho de casa, só se ouve catalão em Säbener StraÙe nesse meio-dia de domingo. Junto de Pep e Domènec Torrent estão Lorenzo Buenaventura, que é de Cádis mas entende perfeitamente a língua, Manel Estiarte, Carles Planchart e Miquel Soler (o Nanu), o jogador que atuou em mais equipes da primeira divisão espanhola. Foram sete: Espanyol, Barcelona, Atlético de Madrid, Sevilha, Real Madrid, Zaragoza e Mallorca. “Lembra, Pep, o que eu disse sobre os cruzamentos no primeiro pau?”, pergunta Soler. “Sim, estamos trabalhando nisso. Um cruzamento que ultrapassa a trave é gol. Se não é o atacante quem desvia, é o zagueiro que faz contra. Por isso, é preciso afastar a bola sempre antes que ela chegue a uma posição vertical em relação ao gol. Hoje, falei com Contento: não afaste um cruzamento estando de frente para o gol, faça isso sempre antes de a bola passar da trave.”

Em seguida, Guardiola volta à constante preocupação com os contra-ataques: “Esses alemães são muito bons. Quando deixam jogadores livres à frente, são muito bons. Tenho que falar com Pešić [Svetislav Pešić, técnico da equipe de basquete do Bayern] para que ele me explique em detalhes por que não é possível montar uma defesa de quatro contra cinco deixando um atleta na frente. É um assunto que me interessa”.

Guardiola tira as chuteiras e conduz a conversa no gramado como se fosse mais um treino. Gesticula, muda de posição e acompanha com o corpo os movimentos que vai explicando: “Não quero passar muitos conceitos táticos aos jogadores. Um dia achei que ia fazê-los entrar em parafuso com tantos conceitos, por isso decidi me conter e ser mais prudente”.

Mas, contradizendo suas palavras, ele leva o grupo até o campo nº- 1, onde estão pintadas as quatro linhas. E durante vinte longos minutos, produz um incrível monólogo, impossível de reproduzir com exatidão, no qual detalha todos os movimentos que seu time executa, jogador por jogador. É uma aula magistral complementada por movimentos do próprio Guardiola sobre o campo pintado, cruzando as linhas brancas que o delimitam. É um turbilhão de gestos e movimentos, alguns deles muito difíceis de acompanhar sem perder a explicação: “Trabalhamos aqui, nestes cinco corredores, e o fundamental é que o ponta e o lateral do mesmo lado nunca estejam no mesmo corredor. Dependendo da colocação do zagueiro, o lateral e o ponta do mesmo lado se posicionarão em um ou outro corredor, no externo ou por dentro. O ideal é manter o zagueiro aberto, o lateral por dentro e o ponta aberto para passar a bola diretamente para

ele. Se o passe é bom, você consegue atravessar todo o centro do campo inimigo; se você perde a bola, seu lateral pode fechar o espaço imediatamente. A ideia é modificar com o seu comportamento os planos de pressão do adversário. Nosso lateral corre para dentro e arrasta o ponta adversário; se este não o seguir, então você já tem um homem livre; se quem sobe para marcá-lo é o volante, então nosso meia ficará livre. E é o tempo todo assim...”.

Guardiola destrincha um a um os passos que cada jogador deve dar. Não só os movimentos próprios, mas especialmente os que devem realizar em função das ações dos companheiros: “Quando atacamos, o ponta corre para fora e nosso centroavante também cai para o lado, arrastando o zagueiro: esse espaço criado no comando do ataque deve ser ocupado pelo nosso meia ou lateral, temos que aproveitá-lo. Se o nosso lateral fica aberto, nosso centroavante o acompanha e então nosso ponta fica livre para ocupar o espaço vazio”.

As faixas pintadas no campo nº- 1 serão como instrumentos para que a orquestra alcance a perfeita coordenação de movimentos, mas a meta sempre será desordenar o time adversário: “Nós temos que modificar a estrutura de organização do rival. Sempre. É nosso objetivo”. E para proporcionar essa desorganização, Guardiola busca superioridade nas áreas centrais: “Eu quero muita gente por dentro, a maioria por dentro, ao contrário daqueles treinadores que querem todos por fora. Não é melhor, mas é a minha ideia”.

A aula teve tanta intensidade que abriu o apetite de Guardiola: “Depois de tanta conversa, vou com a minha família procurar um lugar para comer”.

A família do técnico se adaptou muito bem a Munique. As três crianças estão felizes. Se na escola de Nova York sofreram com o aprendizado do inglês, agora são os melhores nas aulas dessa língua, porque dominam o idioma com maior fluência que os colegas.

À saída da cidade esportiva, no caminho para a estação de metrô de Wettersteinplatz, Miquel Soler reflete em voz alta: “Ele conseguirá aguentar esse ritmo mais de três anos? Custo em acreditar. Esse homem se desgasta muito, porque vive tudo a mil por hora. Acho que será como foi no Barça: três ou quatro anos e estará esgotado. Terá que voltar a descansar e, depois, irá à Inglaterra para outro ciclo igual. Não pode viver sempre nesse ritmo...”.





## Os rondos e os passes rápidos

*Munique, 24 de outubro de 2013*

“Precisamos competir bem mesmo quando não estamos bem”, diz Lorenzo Buenaventura. O Bayern não está bem no final de outubro. Por duas razões: as lesões e o aprendizado dos conceitos. Mas ganha um jogo atrás do outro. Algumas vezes, sem dar chances ao rival — como no 5 a 0 contra o Viktoria Plzeň na Champions, ou no 3 a 0 contra o FC Augsburg na Bundesliga. Outras, sofrendo depois de inícios complicados de partida, quando o time parece ter acabado de chegar de um longo almoço, como no 3 a 2 diante do Hertha, ou no 2 a 1 contra o Hoffenheim. Guardiola reconhece as dificuldades: “Temos feito bons segundos tempos na Allianz Arena, mas os primeiros tempos têm sido difíceis para nós”.

A assimilação dos conceitos de jogo é positiva e o time compreende o que o técnico quer, mas pôr as ideias em prática não é simples e as lesões tornam o processo mais lento. Quando não é Ribéry, é Dante; quando não é Shaqiri, trata-se de Kroos ou Robben: as lesões se sucedem semana a semana, sem que exista uma razão única, nem uma causa que as explique, além das agruras da temporada anterior, a da triplice coroa. Os desfalques acontecem e a equipe segue em constante transformação, não consegue se estabilizar. E se, por um lado, recuperam-se atletas vitais como Götze ou Javi Martínez, por outro, perdem-se peças fundamentais como Schweinsteiger, que já não aguenta mais a dor recorrente no tornozelo e volta a ser operado. Seu rendimento vinha sendo limitado em razão do insistente desconforto.

Guardiola resolve os problemas com soluções criativas. Joga a Champions com Diego Contento como zagueiro central, o que resulta, contra o Plzeň, na inédita escalação de quatro laterais: Rafinha, Contento, Alaba e Lahm. O técnico não se queixa: entende que é preciso conviver com as dificuldades e os incidentes. Está feliz com seus atletas, mas não plenamente satisfeito: “Meu objetivo é extrair o máximo rendimento desses jogadores. Fico incomodado com a forma como jogamos esses primeiros tempos, mas não é a única coisa que me preocupa. Quero que as pessoas fiquem felizes desde o primeiro minuto do jogo e não desde o minuto 46. Temos que jogar muito melhor, muito melhor”.

Jogar melhor será uma obsessão por toda a temporada. A tabela de classificação é mais otimista que Pep. O Bayern é líder com um ponto de vantagem sobre o Borussia Dortmund e tem apenas um ponto a menos que um ano atrás, quando choviam elogios sobre o Bayern de Heynckes, mas Manel Estiarte não gosta da sugestão de procurar semelhanças: “Nada de comparações,

zero. Não podemos nos dedicar a comparações. É preciso trabalhar e ponto”.

Se em algum momento alguém se sente tentado a relaxar, nem que seja por um segundo, Estiarte sempre aparece para lembrar que tudo ainda está por ser feito e que o sucesso só chegará a partir do esforço diário. Ele sempre faz o contraponto: é aquele que dá a palmada para animar no momento difícil, e que na euforia recorda que nada está ganho ainda. Não deixará faltar trabalho. É por isso que Gennaro Gattuso, o combativo meio-campista que jogou pelo Milan, mostra-se perplexo com o que observa em Säbener Straße: “Sempre treinam assim? Parecem motocicletas!”.

A equipe não tem respiro nos treinos. Na manhã seguinte ao massacre por 5 a 0 sobre o Viktoria Plzeň na Champions, Guardiola está no gramado executando um formidável recital de gestos, instruções, gritos e ordens com o objetivo de elevar o nível do time, mantê-lo em alta rotação. Não é surpresa que alguém tão agressivo quanto Gattuso se admire com o treinamento: a sessão se desenvolve com grande intensidade.

Os jogadores já conhecem as pautas de trabalho. No dia subsequente a uma partida, os titulares praticam alguns *rondos* (nos quais Neuer e Müller contam os toques e competem sem piedade), além de exercícios de mobilidade e recuperação. Os reservas, no entanto, empregam força máxima, como se em cada chegada à área, em cada cruzamento, em cada chute, estivesse em jogo um lugar no time. E, na verdade, é isso mesmo. Com Guardiola não se joga com o nome e antiguidade não é posto: é preciso ganhar uma vaga no dia a dia dos treinamentos. O técnico poderia estar tranquilo, relaxando depois da sucessão de vitórias, mas até mesmo em um treino dos reservas coloca--se no centro das ações, comandando e exigindo sempre algo mais.

No final de outubro, o time já acumula 107 sessões de treinamento e se nota uma mudança significativa na aquisição de ideias e conceitos. O “idioma” de jogo de Pep começa a ser compreensível. Mas os atletas ainda não são capazes de repetir de maneira contínua o excelente nível demonstrado contra o Manchester City. Lorenzo Buenaventura, o preparador físico, confirma que a assimilação de conceitos segue em bom ritmo: “Pep transmite conceitos desde o aquecimento, desde o exercício mais simples de passe. Trata de um detalhe hoje; amanhã, de outro; no dia seguinte, explica como posicionar o corpo; no próximo, como receber em movimento ou como passar a bola para a outra perna. Pouco a pouco, os jogadores vão assimilando tudo. E logo executarão os movimentos com facilidade e rapidez”.

Em Manchester, foi alcançado um padrão de jogo que nas semanas posteriores sofreu um pequeno retrocesso. Guardiola está de acordo com o que Buenaventura diz, mas por mais que eu insista, ele se nega a fazer um balanço: “Estamos no final de outubro. Ainda tem um mundo de coisas para acontecer!”.

Pep trabalha para oferecer instrumentos à sua equipe, transmitindo-lhes conceitos e ideias que possam manejar durante os jogos conforme as necessidades que surgem. Seu objetivo é que o atleta saia de cada treino com a certeza de ter aprendido algo novo.

Analisemos a sessão de hoje, começando pelo aquecimento, que Buenaventura explica: “Nunca fazemos o mesmo para iniciar o treino. O que significa isso? Que, de acordo com a atividade posterior, fazemos um ou outro tipo de aquecimento. Normalmente, a atividade começa com um exercício de mobilidade, com uma pequena sessão preventiva e outra de deslocamento. Isso costuma durar de seis a dez minutos, dependendo da atividade seguinte. Em outros dias, começamos com mobilidade e algum tipo de jogo. Ou então nos concentramos na parte preventiva. Por exemplo, duas vezes por semana, normalmente depois dos jogos, fazemos um reforço na academia. Essa sessão preventiva tem um plano geral e outro individual. Sempre a realizamos depois dos jogos: um trabalho tende mais à mobilidade e ao alongamento, e o outro a questões de equilíbrio e força. Depois, na parte individual, cada um se concentra na mobilidade, segundo os últimos problemas que tenha sofrido em alguma área específica, ou caso apresente um déficit de mobilidade, de força ou do que for”.

Em seguida, são realizados os *rondos*, exercício indispensável para Guardiola. Não haverá uma só sessão de treinos no ano em que não sejam praticados: “Assim que se encerra o aquecimento mais físico, iniciamos os *rondos*. Exceto um dia por semana (o dia anterior a um jogo, ou a manhã de um dia de jogo), quando são mais leves, os *rondos* normalmente se concentram em algum aspecto: um dia, o foco é quem jogará no meio; no outro, é a recuperação de bola; no terceiro, é o apoio e a busca do terceiro homem. Às vezes, são mais lúdicos e têm sete atletas contra dois, ou oito contra dois, mas normalmente são *rondos* pequenos (quatro contra um), e o mais comum é fazermos cinco contra dois ou seis contra dois”.

O *rondo* é a bíblia de Guardiola. O exercício a partir do qual se entende todo o seu modelo de jogo. Não é uma diversão, nem apenas um exercício de aperfeiçoamento técnico (também é), mas a pedra de toque de seu conceito de futebol, e por isso são vinte minutos dedicados a ele por dia.

À continuação, realiza-se uma atividade em forma de circuito. Hoje é dia de trabalhar força e resistência com alta intensidade. Buenaventura projetou um exercício de ataque que atende as necessidades do técnico: “Pep me disse que hoje quer que a ação termine em uma das pontas, que seja finalizada com um chute a gol e, além disso, que haja movimentos para os espaços vazios, que servem para descompactar o adversário. Com essas diretrizes, passo a criar uma atividade que atenda a essas necessidades: uso os ingredientes de força (disputa, tração), força reativa (saltos) e força elástica (multissaltos), assim construímos as

jogadas de ataque com mais força. Normalmente, são duas ou três ações com a bola e outras tantas com força. E transformo a volta do exercício em algo muito importante. Faço: força-força-força-antecipação, ou força-força-força-passe, ou então força-força-força-parede-chute. E volto ao ponto de partida. Intensidade máxima e pouca recuperação. Quando você faz isso três vezes seguidas, uma a cada trinta ou quarenta segundos, atinge o esforço pretendido. Cada jogador realizou hoje dezoito chutes nesse circuito. A evolução que buscamos é sempre pela via física e pela via técnico-tática”.

A sessão contém mais duas atividades. A primeira é um jogo de posição, outra das ferramentas fundamentais para Guardiola. Em um retângulo de 20 m × 12 m, são posicionadas duas equipes de sete jogadores, mais outros quatro que atuam como coringas (às vezes, são cinco) e sempre apoiam a equipe que está com a bola. O exercício consiste em passar a bola sem que a equipe adversária interrompa a sequência de passes. Quem tem a bola abre o campo tanto quanto suas limitadas dimensões permitem, quem não tem pressiona ao máximo. O atleta tem que saber se perfilar, tocar, mover-se e fazer a bola circular rapidamente, em geral com um só toque. É um exercício que exige concentração absoluta, excelência técnica, precisão no passe e uma grande maestria em cada movimento. Às vezes, Guardiola obriga jogadores como Thiago, Kroos, Schweinsteiger e Lahm a dar dois toques, enquanto os demais devem usar só o primeiro toque: essa diferença torna o exercício ainda mais complexo. Hoje, Guardiola comandou três séries da atividade, de cinco minutos cada uma, com dois minutos de recuperação entre elas. Durante o jogo, não há um segundo de respiro e Pep corrige os movimentos constantemente. Sem a menor dúvida, estamos diante do exercício mais enriquecedor que ele propõe, uma coreografia prodigiosa considerando o reduzido espaço em que é desenvolvida. Aqui, não há risos nem relaxamento, mas uma busca obsessiva pelo movimento adequado e o posicionamento correto, tanto individual como coletivo. E são produzidos momentos quase inverossímeis, em que surge o que Guardiola define como o *tac-tac*. Há *tac-tac* constante entre Lahm e Thiago, ou entre Kroos e Thiago. O *tac-tac* é o som limpo da bola quando dois desses fenômenos trocam passes na velocidade de um raio. É o som de Säbener Straße...

O treinamento chega ao último estágio do dia. Os atacantes são liberados e, como fazem sempre, bombardeiam o gol de Neuer e Starke. São vinte minutos de arremates livres, nos quais aparecem Müller, Mandžukić, Kroos e, com frequência, Pizarro. Hoje, Robben, que quase nunca pratica as finalizações, somou-se ao grupo.

Para os defensores, o técnico preparou um exercício de controle dos contra-ataques rivais. Posicionam-se Rafinha, Van Buyten, Contento e Alaba. Javi

Martínez, Højbjerg e quatro garotos da base atacam com passes infiltrados entre o zagueiro e o lateral, em busca do cruzamento do ponta, e obrigam o zagueiro central a cobrir a primeira trave. Todos atuam agressivamente, mas nenhum como Javi Martínez. Por quase meia hora, Guardiola dita os movimentos dos atletas, até que os defensores conseguem claramente ganhar a partida. Então, Pep explode de alegria com Contento: “Bravo, Diego! *I love you!*”. E vai até os atacantes para praticar cobranças de escanteio. Kroos, Ribéry e Robben seguirão mais vinte minutos com ele, incorporando os pormenores apontados pelo técnico: “Se cuidar desse detalhe antes da cobrança”, explica Pep, “você consegue distrair a defesa adversária, que fica observando o movimento e por um décimo de segundo perde de vista o jogador que ataca. E esse décimo de segundo pode nos ser muito útil...”.



## Dominar em Dortmund com os baixinhos

*Dortmund, 23 de novembro de 2013*

Götze e Thiago se aquecem no corredor interno do Westfalenstadion. Acaba de começar o segundo tempo de um jogo considerado decisivo no campeonato alemão, e o placar indica zero a zero. Faz um frio cortante esta tarde em Dortmund, um clima oposto ao do verão passado, quando o Borussia ganhou a Supercopa alemã em uma noite de calor mediterrâneo e sufocante. Guardiola decidiu não expor Mario Götze à ira da Südkurve do Signal Iduna Park, a arquibancada mais quente do futebol mundial, onde 25 mil torcedores cantam, pulam e dançam sem parar durante noventa minutos. Götze não é benquisto em Dortmund depois da ida para o Bayern, mas Guardiola precisa dele no gramado. E chegou a hora de partir para o ataque.

O Borussia chegou ao jogo com quatro pontos de desvantagem (perdeu na semana anterior em Wolfsburg) e com uma epidemia de desfalques, o que forçou a seguinte escalação: Weidenfeller; Großkreutz, Friedrich, Sokratis, Durm; Bender, Şahin; Blaszczykowski, Mkhitarjan, Reus; Lewandowski.

O Bayern traz dúvidas para o jogo e também muitas ausências. A mais importante é a de Ribéry, de novo fora do grande duelo. Além disso, na tarde anterior, durante o último treinamento, Mandžukić torcera o tornozelo; ele só entrou em campo graças a uma infiltração feita pelo médico do clube, mas não participará por mais de cinquenta minutos. Guardiola planeja um primeiro tempo de controle e desgaste do adversário, utilizando os seguintes jogadores: Neuer; Rafinha, Boateng, Dante, Alaba; Lahm, Kroos, Javi Martínez; Müller, Mandžukić e Robben.

A novidade introduzida por Guardiola é escalar Javi Martínez como meia por dentro. Ele o posiciona bem à frente para tentar conter Nuri Şahin, a peça-chave dos contra-ataques do Borussia. Durante todo o primeiro tempo, a partida tem apenas dois padrões: o Dortmund obriga o Bayern a sair jogando por meio de Rafinha e Alaba, ou seja, pelos corredores externos; e o Bayern tenta evitar os contragolpes com a marcação de Martínez sobre Şahin. “Se você deixá-lo correr, está morto”, dissera Pep no dia anterior.

O primeiro tempo é morno, com maior sensação de perigo por parte do time da casa, que cria duas chances com Lewandowski, respondidas por outras duas de Mandžukić. O Bayern é forçado a atuar pelos lados, condicionado pela teia de aranha formada pelo adversário no meio de campo, e o Dortmund não consegue alinhar com fluidez seus fabulosos contra-ataques. O jogo está em um ponto morto que, no fundo, não causa danos a ninguém.

Mas Guardiola leva uma espinha engasgada há bastante tempo, desde a derrota na Supercopa alemã em sua estreia. E, além da espinha, tem um sonho que nunca explica, nem a seus colaboradores mais próximos. É um sonho que nos revela Xavier Sala i Martín, seu amigo íntimo: “Pep quer mostrar para si mesmo que é capaz de jogar como o Barça, mas sem os jogadores que tinha no Barça. Quando digo isso, não me refiro à maneira concreta de jogar, mas a dominar os jogos, a ter supremacia e autoridade total sobre a partida. Quer demonstrar que pode construir outra equipe dominante”.

Acontece nos grandes jogos. Foi assim em Manchester, diante do City, onde o Bayern ditou o ritmo do jogo. E volta a ocorrer em Dortmund. No intervalo, o placar é positivo para o Bayern porque o 0 a 0 significa sair do grande duelo com os mesmos quatro pontos de vantagem, mas Guardiola aspira a muito mais e ordena o aquecimento de Götze e Thiago. Em um longo corredor interno do estádio, Lorenzo Buenaventura conduz os exercícios de ambos e também de Van Buyten, que tem que se agachar, porque encosta no teto com seus quase dois metros de altura. O técnico quer os dois baixinhos em campo para ganhar o jogo, ainda que não estejam totalmente em forma: Thiago não jogou um minuto sequer desde a lesão no final de agosto, mas Pep sabe que ele é capaz de dar a cadência de que o time precisa, uma cadência que trava o Borussia e impulsiona o Bayern.

Aos onze minutos do segundo tempo, Götze entra no lugar de Mandžukić e o Signal Iduna Park recebe seu ex-atleta com uma vaia colossal. Pela primeira vez com Guardiola, Götze se posiciona como falso 9 em vez de meia-atacante, ponta ou meia clássico. Como se estivesse guardando esse recurso para os grandes jogos, o que fizera em 2009 com Messi diante do Real Madrid, Guardiola estreia Götze na posição de centroavante “mentiroso” em um momento crucial. E começa a alterar de forma radical o meio de campo do Bayern, que até essa partida vivia uma rotina particular. Até agora, Pep havia se esforçado para povoar o setor com diversos jogadores, mas no primeiro tempo em Dortmund o técnico foi especialmente prudente e conservador. Manteve os laterais Rafinha e Alaba mais abertos e, portanto, distantes de Lahm, como medida de proteção. E projetou Javi Martínez contra Şahin, de modo que o capitão Lahm só tinha duas alternativas a cada saída de bola: abrir com os laterais ou passar a bola a Kroos. Era uma situação insólita, pois uma das marcas de Guardiola nos meses anteriores havia sido justamente encher o meio com jogadores que davam inúmeras opções a Lahm.

No intervalo, Guardiola reflete e muda. Conclui que o caminho conservador não é o que mais convém ao seu time e toma várias decisões: Götze e Thiago ao aquecimento; Javi Martínez passa a ocupar o posto de único volante; e Lahm, o de lateral. Os laterais recebem permissão para deixar o lado do campo e ir para

o meio. Domènec Torrent pisca um olho: “Podíamos ter tentado manter o empate, mas no intervalo Pep deu a ordem de partir para ganhar. E sacamos nossas armas”.

Com Götze em campo e a fúria das arquibancadas *borussers*, o Bayern muda radicalmente e chega a reunir até seis atletas no meio de campo: os laterais Rafinha e Alaba, o volante Martínez, os meias Lahm e Kroos, além do falso 9 Götze. O jogo muda de figura e se tinge de vermelho. O Bayern se liberta da timidez inicial, começa a tabelar e os pontas Müller e Robben recebem a bola com espaço, enquanto Götze se transforma em um pesadelo para os zagueiros do Dortmund, Sokratis e Friedrich, que não sabem se devem avançar para marcá-lo ou manter a posição na defesa. É a mesma dúvida terrível que, cinco anos antes, atormentara Metzelder e Cannavaro no Real Madrid quando Messi realizou sua primeira grande atuação como falso 9.

Guardiola fareja sangue e dobra as apostas. Chama Thiago para lançar mais lenha à fogueira. Está inquieto, sente a tensão dos grandes dias. Fala rápido, dá instruções sem parar, quer que o jogador evite riscos e lhe passa as seguintes instruções: “Thiago, pelo amor de Deus, não perca a bola, não perca! Domínio, domínio, muito domínio. Não arrisque, não dê nenhum passe arriscado. Você controla, controla, procura o companheiro e passa fácil. Tudo bem se não tocar muito na bola, mas procure dar continuidade ao jogo, para que flua, mas sobretudo não perca a bola. Não arrisque, Thiago, por Deus!”. Então, o jogador, de pé em frente ao banco, prestes a entrar em campo, e como se não ouvisse os rugidos do estádio, demonstra uma serenidade que deixa o técnico boquiaberto. Olha para ele sorrindo e diz: “Tranquilo, professor, tranquilo. Pode ficar bem tranquilo comigo. Sei o que faço”. E entra para jogar. Faz exatos três meses que ele se machucou diante do Nuremberg, e não jogou um minuto sequer desde o dia 24 de agosto. Não foi um problema: entra em campo e vira o dono do jogo. Javi Martínez se posiciona como zagueiro, Lahm volta a ser volante e Thiago assume como meia por dentro. O jogo do Bayern começa a se parecer com o desenvolvido em Manchester no mês anterior: é o jogo dos meios-campistas, do domínio da bola. Apenas dois minutos depois da entrada de Thiago, o domínio se transforma em gol de Götze. Pela primeira vez desde 2009 (com Van Gaal), o Bayern está ganhando no campo do grande rival e Guardiola sente que pode dar um passo gigante rumo ao título.

Poucas vezes ele viu um jogo do banco com tanta clareza. Quando percebe que Klopp modifica a estrutura tática do Dortmund em busca do empate — que Marco Reus tem em seus pés e Neuer evita com uma defesa prodigiosa —, Guardiola muda pela quarta vez a disposição de seus jogadores. Van Buyten entra no lugar de Rafinha, Javi Martínez volta a ser volante e Lahm passa à lateral direita. O Bayern quer atacar o Borussia com as armas do rival: o contra-



ataque. Thiago percebe de longe que Robben está livre e lhe manda uma bola, que cruza em diagonal todas as linhas amarelas e que o atacante holandês transforma no 2 a 0. Dois minutos mais tarde, Martínez avança pelo meio, Robben faz a investida, Lahm o ultrapassa por fora e Müller finaliza o 3 a 0.

É uma grande vitória e o Bayern sai de Dortmund com uma vantagem de sete pontos, que seria impossível de tirar. Mas o principal legado da partida é a imensa confiança do time em suas próprias possibilidades. Os jogadores sentem que a exibição de Manchester não foi uma simples casualidade, mas fruto do sentido de organização que eles estão adquirindo. O técnico se reafirma em sua ideia de que reunir os melhores no meio de campo é uma proposta vencedora.

É um Bayern mutante, capaz de mostrar várias caras ao longo de um jogo, um time simbolizado por Lahm e Javi Martínez. O capitão começou como volante, passou a atuar como meia e terminou o jogo de lateral direito. O espanhol foi meia, volante, zagueiro e acabou novamente como volante: quatro mudanças de posição em noventa minutos. O Bayern tem várias peles, como os camaleões. É mérito de seu técnico, que é capaz de intuir as necessidades do momento e mudar completamente a equipe para jogar melhor em cada alteração de rota. Também é mérito dos jogadores, que em sua maioria já estavam no clube com Jupp Heynckes e que demonstram uma grande capacidade de aprendizado de novas ideias, mostrando-se versáteis, dinâmicos e receptivos às propostas do treinador.

No dia seguinte, já em Munique, Pep continua falando do contra-ataque do Dortmund: “É fenomenal. Impossível de conter. Há times que contra-atacam muito bem, como o Real, mas o que o Dortmund faz é único. Nunca vi nada igual. Passam os noventa minutos concentrados, esperando um erro de passe para que seus velocistas disparem. Tenho que estudar a fundo se há alguma forma de pará-los, porque são muito bons...”.

Guardiola recebeu diversos elogios por sua capacidade de transformar a partida desde a lateral do campo, com as trocas de jogadores e de posições: “Parem de elogiar, o importante são os jogadores — que são muito bons e, sobretudo, estão dispostos a qualquer coisa. Querem melhorar e progredir”.

A vitória em Dortmund reafirma suas convicções: “Reunir os melhores no meio de campo. Esta é a ideia e devemos seguir com ela até o fim do mundo. Juntar os bons por dentro, manter a bola e a agressividade. Não podemos ter dúvidas. Esta é a linha a seguir...”.

O sonho de que Xavier Sala i Martín nos falava viveu um novo capítulo em Dortmund. Como em Manchester e Leverkusen, o Bayern mostrou autoridade e domínio, as aspirações íntimas de Pep. Com jogadores diferentes dos que tinha no Barça, Guardiola quer construir outro time que esteja acima da sorte e do azar, uma equipe dominante. Ele diz que não quer que seu Bayern jogue como

seu Barça, e diz a verdade. O que realmente quer é que seu Bayern domine com a mesma autoridade exercida por aquele Barcelona. “Götze mais Thiago”, diz, “é assim que temos que jogar. Não como no primeiro tempo. Lançando bolas na área marcaremos gols, mas não conseguiremos dominar o jogo. Dominaremos quando juntarmos os bons por dentro, deixarmos dois pontas bem abertos e tivermos no meio Thiago, Kroos, Lahm, Götze, Alaba... E se eu perder, tudo bem. Irei feliz para casa, porque teremos jogado como acredito que temos que jogar.”

Jogar como ele acredita que deve: esse poderia ser um resumo de Guardiola.



## Ribéry quer falar com você

*Munique, 2 de dezembro de 2013*

Em 27 de novembro, Philipp Lahm sofreu a primeira lesão muscular de sua carreira. Foi em Moscou, a cinco graus abaixo de zero. O gramado estava molhado e escorregadio. A viagem havia sido um tormento: o Bayern levava doze horas para chegar ao hotel por atrasos no voo e um congestionamento monumental na capital russa, que chegou a impedir o treino da equipe no dia anterior à partida contra o CSKA. Lorenzo Buenaventura teve que improvisar uma sessão de alongamentos e exercícios de mobilidade sobre o carpete de um salão do hotel.

Nessas condições, o time de Guardiola jogou uma partida sóbria e eficiente, sem brilho, e conseguiu a quinta vitória (3 a 1) nos cinco jogos disputados, o que representou um recorde: somando-se os outros cinco triunfos obtidos por Heynckes entre abril e maio de 2013, o Bayern chegou a dez vitórias seguidas na Champions League.

O jogo cobrou, como preço, a primeira lesão muscular da carreira de Lahm... aos trinta anos. [Para confirmar esse dado pergunto ao próprio Lahm, que o atesta, ainda que depois tenha se lembrado de que em 2008 sofrera uma pancada na panturrilha que também o havia feito desfaltar a equipe por alguns jogos.] Não era uma lesão séria, pois só o afastaria do time durante duas semanas, mas para o capitão significou uma experiência inédita, que lhe deixou com uma estranha sensação nos dias que se seguiram. Embora logo tenha recebido a alta médica, Lahm não se sentiria curado até meados de dezembro. Para Guardiola, surgia outro problema: ele ainda não podia dispor de todos os meios-campistas, por causa das lesões, e agora perdia um homem-chave — aquele que atrai o adversário, que o agrupa e o divide, o alicerce sobre o qual construíra a equipe. Se Pep tivesse que escolher onze jogadores entre todos os que dirigiu no Barcelona e no Bayern, sem a menor dúvida Philipp Lahm estaria entre eles. Recordando o que ele disse: “Se ganharmos alguma coisa nesta temporada, será por causa do Lahm. Porque posicioná-lo como volante foi o que reordenou todas as peças”.

Voltaram de Moscou de madrugada; mesmo após o descanso da quinta-feira, o semblante do grupo era de esgotamento na sessão de treinos da sexta, o que fez Guardiola alterar sua rotina e pedir que trabalhassem com menos intensidade. “Fiz centenas de viagens na minha vida, para todas as partes do mundo, mas essa foi a mais difícil. A pior viagem da minha vida”, explicou Thiago. Carles Planchart, o chefe dos analistas técnicos da equipe, concorda com ele: “Meu

corpo está destruído. Imagina como devem estar os jogadores...”.

Apesar disso, alguns atletas terminaram o treino correndo séries de sessenta metros, o que fez Guardiola rir: “Olhem só, que grupo... Dou um treino suave porque estão destruídos, e agora eles desatam a correr. E ainda convenceram Thiago. O Thiago!”.

Manel Estiarte se divertia ao lado do treinador: “Deixe que corram. É uma questão de cabeça. Eles acham que precisam disso, e isso faz bem para a cabeça deles. Tudo o que é bom para a cabeça é bom para as pernas”.

Terminadas as séries de corrida, Thiago explica por que foi correr com os alemães: “Eu vim para cá com o objetivo de me tornar alemão, para endurecer, para ganhar casca”. O técnico está satisfeito com o jogador que contratou: “Thiago tem um coração enorme. Ainda não está em condições ideais, mas dá tudo em campo. E Javi também: não tem condição física porque não pôde se preparar, mas vai com tudo”.

O cansaço foi notado no dia seguinte, no jogo contra o Eintracht Braunschweig, resolvido com vitória por 2 a 0. O que deixou os jogadores mais felizes foi reencontrar suas famílias. O restaurante dos jogadores na Allianz Arena parecia uma creche, porque todas as crianças queriam rever os pais. Percebia-se que fazia dias que não estavam em casa. Até mesmo os pais de Guardiola apareceram em Munique para passar algum tempo em família. Jantando com eles, o técnico continuava falando de futebol, dos gols sofridos: “Olhem, jogamos catorze jogos e só tomamos sete gols. É incrível: só sete gols. Um gol a cada dois jogos. Isso é o que mais me agrada em tudo o que fizemos”.

Às dez da manhã do domingo, ele já estava planejando a partida de Copa que disputaria contra o Augsburg, na quarta-feira: “É um jogo essencial. Se passarmos desta fase e ganharmos no sábado na liga, chegaremos ao Natal muito melhor do que havíamos sonhado, e vivos nas três competições. Só quero chegar à pausa de inverno com essa vantagem de sete pontos. Além disso, no sábado Dortmund e Leverkusen jogam entre si. Tomara que o Leverkusen ganhe. Hoeneß diz que é melhor um empate, mas eu continuo achando o Dortmund muito mais perigoso...”.

Nos últimos dez anos, o Bayern só conseguiu ser bicampeão da liga uma vez (em 2005 e 2006). Nas outras vezes em que a conquistou, não conseguir repetir a façanha no ano seguinte. Pep quer mudar isso e alcançar a estabilidade no sucesso. Pela primeira vez na temporada, verbalizou suas intenções, que até então só conhecíamos através de seus colaboradores: “O objetivo deste ano é a Bundesliga. É uma competição muito mais difícil do que as pessoas imaginam. Olhem, ontem o Eintracht Braunschweig não se abriu nem quando perdia por 2 a 0. E o centroavante deles passou o jogo todo marcando o nosso volante, sem parar de correr. Às vezes, é mais fácil contra os times grandes, mesmo quando

pretendem jogar como os pequenos, porque não fazem igual: fecham-se menos, têm mais orgulho e querem mostrar seu potencial. O centroavante de uma equipe grande não pressiona como o de um time pequeno”.

Essa ideia nos levou até o Real Madrid: “O Real está jogando muito, com as três feras que tem à frente e o apoio de Xabi Alonso. Mas, contra eles, já se sabe que Cristiano Ronaldo não voltará para defender. Aí você tem uma chance: é preciso ganhar profundidade e superioridade nas costas dele”.

Inevitavelmente, acabamos falando de Champions League: “Esquece, esquece, temos que pensar na Bundesliga. Ninguém ganhou duas vezes seguidas a Champions...”. Afrouxou o capuz e disse: “Vou para o campo, para pensar no exercício de amanhã”.

Era dia de descanso e somente os lesionados trabalhavam. Lorenzo Buenaventura e Domènec Torrent estavam no campo de treinamento nº- 1, distribuindo chapéus e cones para o exercício tático do dia seguinte. A atividade não deixava dúvidas e todos a conheciam, já haviam praticado várias vezes, mas Guardiola teve um dos seus palpites, uma das suas intuições especiais. “Esta noite tive uma ideia”, disse. “Vou ao campo para pensar no exercício, tentar vê-lo claramente para podermos praticá-lo bem na terça-feira. Porque se tudo correr bem, em Augsburg posso tentar a saída com os três zagueiros e um lateral aberto. Mas tenho que sentir que treinamos bem a ideia.”

Durante uma hora dedicou seu dia livre a percorrer repetidas vezes o campo com as quatro linhas brancas pintadas, para confirmar que o exercício seria realmente eficaz e que seus atletas aprenderiam essa saída com três jogadores que ele havia imaginado. Na conversa com Torrent e Buenaventura, haviam se combinado dois traços distintos da personalidade de Guardiola: a intuição e o trabalho.

A mais criativa das ideias não pode ser levada adiante de forma eficiente se não for praticada com repetições constantes. Sim, é possível ser genial e sonhar variantes táticas fabulosas, mas é preciso transportá-las para o campo, projetar os exercícios adequados, comprovar que serão úteis e, apenas depois desse trabalho prévio, praticá-las com clareza e intensidade. No dia 1º- de dezembro, Guardiola estava na segunda fase das cinco que preconiza: no dia anterior, pensara na ideia; agora, projetava e confirmava o caminho para ensiná-la. No dia seguinte, ele a praticaria com os jogadores; na quarta-feira pela manhã, decidiria sozinho se era o caso de aplicá-la. Por fim, em caso de decisão positiva — quando o treinamento deixa boa impressão —, veríamos a ideia colocada em prática no estádio do FC Augsburg.

Esse é o seu processo de implantação de uma ideia. Reflexão, intuição, visualização no gramado, ensaio, repetição, valoração do ensaio, decisão e aplicação em tempo real. O processo lembra o de uma receita culinária desses

grandes criadores gastronômicos, mas estamos falando de algo muito mais prosaico como a saída de bola desde a defesa...

“Augsburgo é uma final”, ele disse.

Nesse 2 de dezembro, ao meio-dia, uma segunda-feira de frio intenso e sol reluzente em Munique, Guardiola exibe a tensão das semanas decisivas. “Augsburgo é uma final”, repete. “Você joga sem rede de proteção, tudo em noventa minutos. Mas, se ganhar, já está nas quartas; então os jogadores sentirão que a final de verdade está bem próxima, a apenas duas partidas, e nessas condições é impossível pará-los. Se ganharmos do FC Augsburg estaremos muito perto de outra final.” Por essa razão, ele foi a campo com a ideia e o exercício correspondente. Ganhar em Augsburg. A vitória ainda está longe, mas “eles sentirão o cheiro de sangue...”.

Ribéry treinou como se sua vida dependesse disso. Durante uma hora e meia, acompanhado de Thomas Wilhelmi, o preparador físico, realizou uma sessão de esforços breves, explosivos e repetidos. Seu rosto mostra cansaço pela atividade desgastante, mas também satisfação pelo estado em que se encontra. “Quero falar com Guardiola”, Ribéry diz a Estiarte. “E me disseram que ele também quer falar comigo.”

Ribéry está irrequieto e fala com dificuldades, porque ainda está ofegante. Nessa uma hora e meia, quase não teve pausas para se recuperar. Encadeou tiros de corrida com exercícios de saltos, giros e muitos minutos de choque corpo a corpo com Wilhelmi, que o golpeou várias vezes com o cotovelo nas costelas para avaliar como está o jogador francês. “Estou bem, Manel, estou bem. Posso jogar. Tenho que falar com Pep. E sei que Pep quer falar comigo”, repete. “Não se preocupe, Franck”, responde Estiarte. “Eu aviso Pep, e ele vai falar com você assim que voltar do outro campo.”

O Bayern havia vencido em Dortmund sem Ribéry. No início da temporada, parecia uma missão impossível. Mas aconteceu o 3 a 0, sem Ribéry. E depois veio a boa vitória em Moscou. E as exibições de Robben e Götze. Ribéry não quer continuar de fora: “Diga que quero falar com ele. Estou bem, Manel. Estou bom para jogar”.

Augsburgo é uma final, e Thiago também foi até Säbener Straße. Depois de três meses sem poder jogar, emendou três partidas em uma semana e no domingo mal podia se mexer. Foi a Säbener para alongar os músculos, fazer um pouco de pilates e se recuperar. Quer estar bem para quarta-feira: “Augsburgo é uma final”, diz. “Jogamos tudo em noventa minutos. É uma final.”

A essa altura, Guardiola não precisará motivar os jogadores nem indicar a eles a importância da partida. O chefe dos fisioterapeutas, Fredi Binder, chama Estiarte: “Manel, Ribéry quer falar com Pep”, diz. “Eu sei, eu sei”, responde

mais uma vez Estiarte. “Ele já está bem. Não sente dor”, esclarece Binder. “O único ponto dolorido é o da agulha calmante que pusemos nele há dois dias. Mas Wilhelmi bateu duro nas costelas dele, e ele está perfeito. Lembre a Pep de que Franck quer falar com ele.”

Guardiola chega da revisão do desenho no gramado para o treino do dia seguinte e Estiarte lhe fala de Ribéry: “Eu sei, Manel, eu sei. Todo mundo no Bayern já me disse. Franck quer falar comigo. Eu também quero falar com ele. Para ver como está... Por mim, que jogue contra o Augsburg. O único problema é que ele não é jogador para ficar no banco e entrar depois. É para jogar desde o primeiro minuto. Vou vê-lo e decidirei. Será uma final, Manel, uma final. Quase uma final...”.



A excelência é uma ilusão

*Munique, 5 de dezembro de 2013*

Em Augsburg, Pep recuperou Ribéry, mas perdeu Robben. A fase do holandês era sublime: no terceiro minuto do jogo, conseguira seu décimo terceiro gol na temporada, ou seja, igualara o desempenho de 2012/2013, quando marcou treze gols e deu dez assistências. Agora, com apenas quatro meses de competição, já ostentava os mesmos números, uma indicação clara de seu ótimo rendimento.

Sua passagem pelo Bayern, como acontecera no Chelsea e no Real Madrid, levava a marca da descontinuidade, por causa das lesões. Sua melhor temporada tinha sido a de 2009/2010, a primeira no Bayern, quando disputou 37 jogos, fez 23 gols e deu oito assistências aos companheiros. Ainda no início deste mês de dezembro, ele já somava vinte jogos, contava treze gols e dez assistências, indicio de que esta poderia vir a ser sua grande temporada, quando estava prestes a completar trinta anos.

Mas aos quinze minutos de jogo, uma entrada do goleiro Marwin Hitz acabou com o ano de 2013 de Robben, que sofreu um corte tão profundo no joelho que sua articulação chegou a ser afetada. Arjen não voltaria ao campo até 24 de janeiro de 2014. “É uma grande perda”, disse Guardiola. “Estava jogando um futebol espetacular.”

A prevenção contra lesões havia se transformado no melhor aliado de Robben. Depois de muitos anos de experiências amargas, ele tinha aprendido a se cuidar e diariamente dedicava meia hora antes do treino a uma rotina de trabalhos de força, equilíbrio e *core* (trabalho pélvico-lombar), com o objetivo de proteger os músculos das costas, os isquiotibiais e os abdutores. Depois de cada treino, passava mais meia hora fazendo exercícios de mobilidade e alongamento. Essa atividade preventiva vinha sendo fundamental para que sua sequência de jogos não fosse interrompida.

O jogo de Copa em Augsburg foi tão intenso quanto Guardiola previa. O técnico, no entanto, decidiu não utilizar a saída de bola com três defensores, porque o exercício do dia anterior não havia sido convincente. Ainda assim, antecipando a pressão agressiva do time adversário, escalou Thiago como volante, priorizando a saída de bola e facilitando o início das jogadas. A essa altura, chegando a apenas cinco meses de competição, o técnico já empregara seis volantes diferentes — Lahm, Schweinsteiger, Kroos, Javi Martínez, Kirchhoff e Thiago —, o que dá ideia dos vaivéns que a equipe sofreu em função de tantas lesões.

Na preleção técnica realizada no hotel, Guardiola pediu a seus defensores e



meios-campistas que atacassem agressivamente a primeira linha do FC Augsburg. Que tentassem superá-la por meio de passes verticais, evitando fazer o u, aquela inútil combinação de passes horizontais no próprio campo. Mas, durante grande parte do jogo, eles não conseguiram. O gol de Robben logo no início facilitou as coisas, apesar da grande pressão exercida pelo time da casa. Ribéry conseguiu jogar quase meia hora, e Müller fez o que dele se esperava: um *Müllered*, um desses gols de estética duvidosa e definição incerta que só o atacante bávaro é capaz de marcar. Desta vez, ele usou alguma região indefinida das costas.

Guardiola continuava insatisfeito: “Não estamos jogando bem, não mesmo. Trabalhamos bem, temos bons resultados e estou contente com os jogadores, mas não estamos jogando como devemos. Preciso contar com todos os atletas e temos que melhorar. Tenho que entender melhor a equipe para extrair todo o potencial desse grupo, porque até agora não fizemos grandes jogos...”.

Comentei sobre esse rigor de Guardiola com o jornalista Julien Wolff, do jornal *Die Welt*, que fez a seguinte análise: “Quando chegou a Munique no verão, nós achávamos que Pep iria querer que o Bayern jogasse como o Barça, mas o que ele fez na realidade foi um mix entre o Bayern de Heynckes e o seu Barcelona. Neste momento, o Barcelona já não é o melhor time do mundo: foi, mas não é mais. E para o Bayern de Guardiola ainda falta alguma coisa. O técnico reconheceu que ainda não é a ‘sua’ equipe, mas que em fevereiro ou março devemos ver o Bayern como ele quer, principalmente se recuperar os lesionados”.

Nestes dias de dezembro, Paul Breitner é o mais otimista de todos: “Eu esperava que os jogadores demorassem muito mais para compreender as ideias de Guardiola, muito mais. Mas eles já chegaram lá. Bom, hoje não estamos jogando tão bem como há algumas semanas, em Manchester ou Leverkusen, por exemplo, mas não se ganha a liga ou a Champions jogando de forma sempre brilhante. Ganha-se com trabalho. E esse time sabe brilhar e trabalhar, como ontem em Augsburg, ou como em Moscou e em outras partidas das últimas semanas. Isso é o que tem mais valor, muito mais que o brilho. Se você tem uma equipe de artistas que sabe trabalhar e compreende que às vezes é possível brilhar e às vezes é preciso trabalhar duro, isso é o que faz a diferença. É o caráter da equipe. E esse Bayern, com esse técnico, tem um grande caráter. Estou certo de que teremos muito sucesso nos próximos três, quatro, cinco anos”.

Como sempre depois de uma partida, Guardiola está em ebulição. Pensa nos lances do jogo recém-encerrado, que se transformam em ondas de ideias, uma maré que sobe e desce. Ao mesmo tempo, começa a dissecar o próximo adversário, procurando a melhor maneira de atacá-lo e vencê-lo. O dia seguinte costuma ser uma combinação das duas coisas: as conclusões sobre o ocorrido no

dia anterior chegam acompanhadas de novas ideias, que verão a luz no próximo confronto. “Nosso volante tem dificuldades”, diz, “para atravessar a linha de cinco jogadores que todos os rivais montam no meio de campo. Por isso, fiz Thiago jogar meia hora nessa posição, que não é a dele: porque ele é muito valente e se atreve a tentar, mesmo que perca a bola. Agora, vou me sentar com Javi para analisar como podemos romper essa linha pelo meio, fazendo-a se deslocar para um lado enquanto buscamos, na verdade, mandar a bola para o outro. Se conseguirmos isso, forçamos o rival a girar e correr para trás, e estamos feitos. E digo mais: isso é melhor do que fazer o u o tempo todo; prefiro que meus zagueiros lancem bolas em diagonal, porque se as perdemos é muito mais fácil recuperá-las na lateral.”

Guardiola tem consciência de que está exigindo muito, seja quem for o escolhido para a posição de volante do time: “Eu sei. Há pouquíssimos jogadores no mundo com essa capacidade de quebrar a linha adversária com um passe por dentro: Busquets, Xabi Alonso, Lahm... Por exemplo, no nosso primeiro gol em Dortmund, Lahm fez isso de forma maravilhosa: enganou o adversário, arrastou-o para longe da posição inicial e superou a linha rival mandando a bola para o lado oposto. Højbjerg é muito bom nisso — mas, claro, ainda é muito novo... Posso dizer uma coisa: eu era bom nisso. Por que acha que joguei tantos anos no Barça? Claro que não foi pela minha velocidade ou minha força, nem por jogar bem pelo alto ou pelos meus chutes...”, diz, dando gargalhadas.

Pep leu as declarações de Gerard Piqué, o zagueiro do Barcelona, dizendo que cada vez há mais times procurando jogar aberto e com posse de bola: “Tomara que Piqué tenha razão. Era isso que eu queria, que os outros sássem jogando. Porque, se fizerem isso, certamente roubaremos a bola deles. Mas o normal é que se fechem mais atrás e contem com quatro jogadores rápidos. Aí fazem um passe nas costas de Thiago ou Kroos, e estamos perdidos. Mas nós não podemos só acelerar e dar chutões, porque Thiago e Toni não conseguem correr o tempo todo... Nós temos que ir pouco a pouco, avançando juntos. Se perdermos a bola, vamos recuperá-la rápido, porque estamos todos juntos”.

Ele tem dois dias exatos para se preparar para o confronto com o Werder Bremen, um tempo menor que o necessário. De modo geral, utiliza dois dias e meio para analisar o rival: vê seus jogos, pensa em como atacá-lo e prepara as três palestras para os jogadores. Como quase sempre há duas partidas por semana, ele só pode se concentrar no próximo jogo — muito embora seus auxiliares sempre lhe entreguem resumos do último confronto disputado e Pep, perdendo horas de sono, sempre os revise.

Antes de mergulhar a fundo no Werder Bremen — e uma vez encerrado o treino da manhã —, ele não apenas dedicará um bom tempo a revisar com Javi Martínez os problemas do movimento em u e a necessidade de arriscar mais,

como terá com Ribéry uma conversa técnica que está pendente há meses: desde que perceberam que era preciso ir mais devagar com o jogador francês. Hoje, Pep se senta com ele e juntos estudam vídeos sobre os movimentos do falso 9. O técnico aos poucos quer convencê-lo de que pode atuar nesse papel, não de forma permanente, mas por alguns minutos a cada partida. Pretende convencê-lo de que basta repetir o que faz na ponta, mas com a vantagem de não ter uma linha lateral que não pode ser ultrapassada. No centro, poderia se mover como quisesse, com total liberdade.

Guardiola insiste com Ribéry. Não quer transformá-lo, levando-o da lateral para o centro, mas apenas desenvolver nele a capacidade de jogar também pelo meio durante breves intervalos. Acha que pode incrementar o repertório de jogo do atacante francês e oferecer um salto qualitativo à equipe. Sugiro a Guardiola que isso significa mais um passo na direção do aperfeiçoamento, uma busca permanente por excelência, mas ele ri quando pronuncia a palavra: “Excelência! O que é isso? A excelência é uma ilusão. Você pode buscá-la o quanto quiser, mas ela só aparece de vez em quando. Porém, é verdade: precisamos estar por perto para o caso de ela aparecer”.

Nesses primeiros meses de transferência de conhecimento aos atletas, Pep guardou muitas ideias; não as apresentou para evitar o colapso mental de seus jogadores. Buscou ministrar doses moderadas de software futebolístico: suficientes, mas moderadas. Sua caixa de ideias está cheia de pequenos conceitos (individuais ou coletivos), de que Guardiola só fará uso quando perceber que os jogadores já digeriram tudo o que foi ensinado e estão dispostos a se abrir para as novidades. Hoje foi a vez de Ribéry.



*Munique, 14 de dezembro de 2013*

Ventos de 140 quilômetros por hora devastaram o norte da Alemanha com a chegada do furacão Xaver, e faltou pouco para que o duelo Werder Bremen × Bayern tivesse que ser adiado por conta das inundações. No Weserstadion, Franck Ribéry cumpriu as instruções recebidas dois dias antes e visitou as posições centrais do ataque: o resultado foi avassalador, pois o Bayern impôs ao Werder a maior goleada da história em seu estádio (7 a 0), e a atuação do atacante francês foi excepcional.

Cinco homens ocupavam de forma permanente o centro do campo (Thiago, Kroos, Götze, Rafinha e Alaba), e os três atacantes realizavam movimentos diferentes: Müller jogava bem aberto na ponta, mas fazendo constantes diagonais em direção à área; Mandžukić caía sempre para os lados, esvaziando a zona central; e Ribéry se juntava aos meios-campistas e atuava como falso 9. A combinação de posições e movimentos resultou na demolição total do adversário e mereceu um registro do técnico: “Foi a primeira partida em que praticamos um ótimo jogo de posição”. Ele também elogiou diretamente os atletas: “Agradeço aos meus jogadores pelo que fizeram. É uma honra treiná-los”. O ainda presidente Uli Hoenes se apressou em apontar uma característica especial do técnico: “É incrível. Jogue quem jogar, joga-se bem, mas Pep sempre quer corrigir alguma coisa”.

Dentre os muitos momentos espetaculares vistos no jogo, Guardiola escolheu dois deles em especial. O primeiro gol veio depois de um cruzamento de Ribéry dirigido à primeira trave. Alaba e Mandžukić chegaram para o arremate como lobos famintos, mas o defensor local Lukimya mandou a bola para o próprio gol. Pep se lembrou então da frase do amigo Miquel Soler: “Um cruzamento rasteiro no primeiro pau é gol certo”.

O segundo lance que Guardiola gravou na memória foi o sexto gol, obra de Ribéry. O francês cobrou um escanteio e ele mesmo finalizou para o gol. Dito assim parece impossível, mas o que aconteceu foi que o Bayern executou uma jogada que fora ensaiada várias vezes nos treinos: Ribéry cobrou curto para Claudio Pizarro, que pisou na bola no limite da pequena área; o peruano segurou a bola por dois segundos, enquanto Alaba, que estava fora da área, corria até ele e o ultrapassava por fora; então, Pizarro rolou a bola para o austríaco com a sola da chuteira, enquanto Ribéry, em disparada, chegava ao interior da pequena área. Alaba só teve que rolar a bola para o francês, que estufou a rede. Foi um gol incrível, executado em sete segundos, cujo autor foi o mesmo jogador que

havia batido o escanteio. A euforia tomou conta do time, mas especialmente da comissão técnica, que vira o sucesso de seu esforço de estratégia: tinham sido muitas horas de análises, gravações de vídeo e ensaio de movimentos.

O jogo representou a vitória número duzentos de Guardiola, em 274 jogos oficiais disputados entre o Barça e o Bayern, e também o recorde histórico da Bundesliga para um técnico, que chegava a seus primeiros quinze jogos sem sofrer nenhuma derrota (recorde que ele seguiria batendo rodada a rodada). O dia lhe trouxe ainda outro presente, exatamente o que havia desejado: o Bayer Leverkusen venceu o Borussia em Dortmund por 1 a 0, o que deixou o time de Jürgen Klopp a dez pontos do campeão de Munique. O Bayern pairava sobre uma nuvem de satisfação.

Foi Manuel Pellegrini o encarregado de trazê-los de volta à terra.

Os erros de execução podem irritar Guardiola, mas ele os perdoa. Reservadamente, não é tão generoso quanto em público, mas mesmo assim os aceita como um acidente do jogo: foi atleta e, portanto, também cometeu muitos erros involuntários que não esquece quando deve julgar qualquer um dos seus homens. O que de fato o irrita profundamente é o relaxamento, o deixar-se levar típico de quem acredita que tudo virá facilmente. Isso o irrita, porque uma de suas ideias básicas é justamente o oposto: no esporte ninguém dá nada de graça, não há como acumular crédito e qualquer conquista depende do esforço diário, da escalada degrau a degrau que não permite que o atleta de ponta relaxe. Não é de estranhar que sinta verdadeira paixão por jogadores como Mascherano ou Iniesta, no Barça, ou Lahm e Neuer, no Bayern: eles nunca perdem a concentração no jogo.

Certa noite, jantando na Allianz Arena, vimos com Guardiola um vídeo peculiar, gravado da tribuna do estádio. A câmera focava exclusivamente em Manuel Neuer, enquanto o Bayern assediava a área adversária. Nas imagens, só eram vistos o goleiro do Bayern e, em raros momentos, Dante ou Boateng, porque o domínio do time da casa era absoluto, forçando o rival a se fechar dentro da própria área. Bem, Neuer seguia as evoluções do time como se estivesse participando de verdade, mesmo que a bola estivesse a sessenta metros dele. Nem por um momento sequer perdia a concentração no jogo e sempre se movimentava com os companheiros, prevendo onde poderia se produzir um espaço que ele deveria cobrir com alguma intervenção. Guardiola ficou perplexo e maravilhado com o vídeo: “Manu é único. Único”.

Como se ainda estivesse sendo impelido pelo furacão de Bremen, o Bayern começou com tudo na Allianz Arena contra o City. Ribéry voltou a ocupar a zona do falso centroavante, enquanto Mandžukić caía para os lados e Müller abria espaços pela direita. Atrás, Thiago, Kroos e Götze tocavam a bola à vontade, bem acompanhados por Lahm, que vinha pela lateral. Com onze minutos de

jogo, Müller e Götze já tinham estabelecido o 2 a 0, e a noite de terça-feira prometia outro massacre. De novo, o Manchester City de Pellegrini era a vítima perfeita. O Bayern caminhava para a sexta vitória consecutiva nos seis jogos da fase de grupos da Champions, algo que nenhum campeão havia conseguido desde que a competição adotou a fórmula atual, em substituição à antiga Copa da Europa (1992/1993). De fato, nas 22 temporadas em que o torneio foi disputado sob esse formato, em apenas quatro ocasiões o campeão anterior conseguira cinco vitórias na temporada seguinte: o Ajax, em 1995; a Juventus, em 1996; o Borussia Dortmund, em 1997; e o Barcelona, em 2011. O *Pep Bayern* já havia igualado essa marca e estava prestes a se transformar no campeão que melhor iniciava a defesa de seu título...

Então, aconteceu. O Bayern adormeceu sobre os louros da vitória. O domínio era tamanho, eram tantas as oportunidades criadas, tão grande a diferença de jogo entre uma e outra equipe, tantos os recordes que iam sendo batidos, que os homens de Guardiola deram a vitória como certa. E aconteceu o que Pep mais abomina: seu time relaxou. E vieram os erros. “Os erros chegam quando você relaxa, quando deixa de ir para a bola com tensão, quando acredita que tudo já está feito...”, disse Guardiola mais tarde.

Boateng acompanhou a bola que cruzava a área e nada fez. Depois, Dante derrubou Milner dentro da área quando o atacante inglês já deixava a bola escapar pela linha de fundo. Por fim, aos quinze do segundo tempo, Boateng fechou uma noite terrível e não conseguiu rebater uma bola fácil, que terminou em gol. A soma de todos esses erros permitiu ao City marcar três gols em Neuer, que já encadeava cinco jogos consecutivos sem levar um tento sequer. Como goleiro do Bayern, Neuer nunca havia sofrido três gols em um mesmo jogo.

Guardiola tomou um gole de água e ouviu o que Domènec Torrent e Hermann Gerland lembraram, sentados ao seu lado: se o City marcasse outro gol, roubaria do Bayern o primeiro lugar no grupo, o que significaria perder a vantagem de decidir em casa e já enfrentar nas oitavas um dos grandes rivais europeus. Guardiola deixou passar alguns minutos, mas, faltando dez para o fim, chamou Müller na lateral e lhe deu instruções precisas: “Amarrem o jogo, Thomas, amarrem. Tem que acabar assim”.

Quando o City fez o terceiro gol, o Bayern estava grogue, não conseguia desenvolver seu jogo. Parecia mais fácil que o time inglês marcasse novamente do que os bávaros conseguirem empatar. Por isso, Pep decidiu garantir o primeiro lugar do grupo, ainda que isso significasse sofrer a segunda derrota da temporada e pôr um ponto final em uma série de vitórias na Champions, que vinha desde abril.

A surpresa não foi o Bayern tornar o jogo mais lento, mas sim o City não acelerar. A verdade é que ninguém no time inglês — nem o treinador, nem seus

assistentes, nem os dirigentes, nem o diretor esportivo, absolutamente ninguém — sabia, naquele momento, que o quarto gol daria à equipe o primeiro lugar no grupo. Terminado o jogo, eles mesmos reconheceram isso.

A derrota doeu no técnico catalão pela forma como aconteceu: por causa do relaxamento dos seus atletas. Matthias Sammer, que dois meses antes havia tumultuado o clube exigindo que os jogadores deixassem a zona de conforto, estava ainda mais irritado que Guardiola, mas nenhum dos dois falou sobre isso em público. Ao contrário, como já se sabe, as broncas são reservadas para as vitórias. Nas derrotas, calma. Publicamente, Guardiola disse: “Cumprimos o City pela grande vitória. Às vezes é preciso perder um jogo. Quero parabenizar os meus atletas pelo êxito [de terminar em primeiro no grupo] e espero que eles agora entendam como é difícil jogar na Europa. É claro que os jogadores têm o direito de ter um dia ruim. Precisamos trabalhar mais”.

Nos dias seguintes, Pep também não conversou com eles sobre a derrota. Deixou que os próprios jogadores refletissem sobre suas causas. Como havia confirmado na questão relativa à aquisição dos novos conceitos táticos, o técnico sabia que, às vezes, o ideal é falar pouco. É melhor reservar a lição que se extrai da derrota para o momento oportuno. Seus jogadores não eram bobos, pelo contrário: eles mesmos tirariam suas conclusões sobre a derrota por 3 a 2 diante do Manchester City.

Quatro dias depois, em 14 de dezembro, encerrou-se o ano de 2013 na Allianz Arena. O Hamburgo perdeu por 3 a 1, quando novamente ganhou destaque o entendimento entre Thiago e Götze, cada vez mais entrosados. O Borussia Dortmund empatou em Hoffenheim, e o Bayer Leverkusen foi batido em casa pelo Eintracht Frankfurt, de modo que o Bayern decolaria rumo a Marrakech com sete pontos de vantagem sobre o time de Leverkusen e doze sobre o de Dortmund, uma distância cada vez mais significativa, inimaginável para Guardiola apenas dois meses antes.

O Bayern viajaria a Marrakech em busca de outro título, o quinto do ano de 2013: o Mundial de Clubes. A caminho do aeroporto, Guardiola lê um balanço do ano com alguns dados surpreendentes. O Bayern disputou 33 jogos de liga nesses doze meses: venceu trinta e empatou em apenas três deles, conseguindo 93 pontos, um recorde histórico. Em dezessete jogos, o time foi dirigido por Jupp Heynckes (dezesseis vitórias e um empate); em dezesseis, pelo próprio Guardiola (catorze vitórias e dois empates), que se transformou no primeiro técnico invicto em seus primeiros dezesseis jogos na liga, nos quais somou 44 pontos, com 42 gols a favor e apenas oito contra. Somando a partida recém-concluída, o time acumula 41 jogos de invencibilidade na liga (35 vitórias e seis empates) e se despede de Munique até 2014 com o status de equipe espetacular.

Como era de esperar, Guardiola discorda: “Falta muito para melhorarmos,

falta muito...”.





A culminação de um ano sensacional

*Marrakech, 21 de dezembro de 2013*

O que mais surpreendeu Guardiola foi a festa nas ruas de Marrakech: “Vinha gente de todo lado. Parecia Barcelona no dia em que o Barça ganhava uma Champions. Milhares e milhares de pessoas pelas ruas. Quase não chegamos ao hotel”.

Acompanhado de parte de sua comissão técnica, Guardiola assistira à semifinal entre o Raja de Casablanca e o Atlético Mineiro. Para surpresa de muitos, o time marroquino eliminou a equipe de Ronaldinho Gaúcho valendo-se de contragolpes fulminantes. Guardiola por alguns momentos pensou estar vendo um jogo da Bundesliga, uma obra-prima do contra-ataque. Faltando seis minutos para o fim do jogo, e prevendo que a euforia tomaria as ruas, decidiu abandonar o estádio. De fato, a essa altura milhares de torcedores já se dirigiam ao centro de Marrakech para comemorar a vitória. O Raja chegava à final do Mundial de Clubes e iria enfrentar o todo-poderoso Bayern de Munique.

No dia anterior, em Agadir, a equipe bávara havia precisado de apenas sete minutos para golear (3 a 0) o Guangzhou Evergrande treinado por Marcello Lippi, o único técnico a ter conquistado a Champions europeia e também a asiática, além da Copa do Mundo de seleções. Guardiola aproveitou a volta de Lahm ao meio-campo para colocar Thiago como meia-atacante, o que por sua vez o aproximou de Götze. Thiago deu sua terceira assistência para gol em um Mundial de Clubes (dera duas com o Barça), Götze conseguiu o primeiro gol de um jogador alemão desde que a competição adquiriu o formato atual e o Bayern mandou cinco bolas nas traves adversárias.

No ônibus que os levou de Agadir a Marrakech, Manel Estiarte foi direto: “Outra final. Mais uma”. Seria a décima quinta final para Guardiola, a oitava de caráter internacional. De todas as finais que disputara, só fora derrotado em duas ocasiões: pelo Real Madrid de José Mourinho na prorrogação pela Copa do Rei de 2011; e pelo Borussia Dortmund de Jürgen Klopp, na Supercopa alemã de 2013. Chegar a uma final significava, no caso de Guardiola, quase garantia de conquistar o título.

E assim foi. A tranquilidade da semifinal se repetiu na final contra o Raja, resolvida em vinte minutos com gols de Dante e Thiago. O Bayern se sentiu tão à vontade sobre o gramado e alterou tanto as posições de seus jogadores que em alguns momentos lembrou a exibição do Barcelona contra o Santos na mesma competição de 2011, aquela em que o técnico da equipe brasileira afirmou que o time de Guardiola havia jogado com o esquema 3-7-0. Sem chegar a tanto, o

campeão alemão se movimentou em um 3-1-6-0 ou, em alguns momentos, em um 3-2-5-0, porque Müller voltou a ser o atacante móvel que não ocupa a posição do centroavante clássico. Pep usou a saída com três defensores e um lateral aberto, que havia ensaiado no início do mês mas não utilizara contra o FC Augsburg, o que confirma que o aprendizado das ideias táticas não tem uma data concreta para a respectiva execução. Para ele, o importante é que seus jogadores conheçam e ensaiem os conceitos: a aplicação prática chegará no momento oportuno.

Lorenzo Buenaventura explica essa característica do técnico: “Às vezes, nas palestras aos jogadores, Pep passa dez minutos explicando com exatidão o que tem que ser feito. Diz que eles têm que fazer isto, isto e aquilo. E, quando termina, e já explicou tudo em detalhes, vai e lhes diz: ‘Agora, rapazes, esqueçam tudo o que eu disse e façam esta outra coisa...’ [dá gargalhadas]. Primeiro, passa a lição, e depois decide quando vai aplicá-la”.

Depois de ganhar a Copa Intercontinental em 1976 e 2001, o Bayern consegue em Marrakech seu terceiro título mundial, juntamente com Guardiola: campeão em 2009, 2011 e 2013. O técnico também contabiliza o décimo sexto título de 22 disputados: catorze de dezenove com o Barça, dois de três com o Bayern — e ainda poderíamos acrescentar o triunfo com o Barça B na terceira divisão espanhola. Pep ganhou o Mundial de Clubes com duas equipes diferentes (antes o feito era só de Carlos Bianchi) e pode seguir ostentando o distintivo que marca os vitoriosos. Além disso, ganhou todas as finais internacionais que disputou: duas Champions, três Supercopas europeias e três Mundiais.

O ano de 2013 foi espetacular para o Bayern. Com Heynckes o clube conseguiu três títulos, os três mais preciosos: a Bundesliga, a Copa e a Champions. E Pep Guardiola acrescentou a Supercopa europeia e um Mundial de Clubes. Apenas a derrota em Dortmund impede a glória absoluta. Para o clube de Munique, isso significa a consagração como equipe dominante no universo do futebol, ainda que ao mesmo tempo proponha um desafio sem precedentes em 2014, pois a exigência de novas vitórias será reforçada.

Guardiola celebra a conquista ao lado de bons amigos, como o economista Xavier Sala i Martín e o cineasta David Trueba, que incluiu Valentí Guardiola, pai de Pep, em seu filme *Viver é fácil com os olhos fechados*, que arrebatou todos os prêmios anuais do cinema espanhol. Todos voltam juntos a Barcelona em um avião particular, e para o técnico se inicia uma nova etapa. Os títulos que ele tentará conquistar em 2014 não dependerão mais dos feitos alcançados previamente por Heynckes, serão frutos exclusivos do seu trabalho.

Se para o Bayern era quase inimaginável um ano tão excepcional (com cinco títulos e apenas três jogos perdidos em doze meses), para Guardiola poderia ter sido melhor. Nos seis meses em que comandou o time, o padrão de jogo não teve

continuidade, apesar de partidas excelentes, como diante do Manchester City, e uma epidemia de lesões o impediu de consolidar suas ideias. Dito de outro modo: seus resultados (só duas derrotas em 27 jogos) eram formidáveis, mas ele não estava satisfeito. Na viagem de volta para casa, já em clima de férias, seus desejos parecem bastante simples: “Temos que jogar melhor, muito melhor...”.



## CAPÍTULO 4

### **CAMPEÃO EM MARÇO**

“As pessoas têm a mente aberta em relação às coisas novas,  
desde que sejam exatamente iguais às velhas.”

CHARLES KETTERING

## A mudança de Pep

“Pep está mudando o Bayern e a Alemanha está mudando Pep.”

*Doha, 12 de janeiro de 2014*

Lorenzo Buenaventura não está se referindo aos dois quilos que Guardiola ganhou durante as férias de Natal, mas a uma mudança profunda. Guardiola é outro. Não modificou sua essência de técnico apaixonado, obcecado pelo futebol, “doente por futebol”, ousado e inovador, mas à medida que vai introduzindo suas marcas registradas no Bayern, ele também passa por uma metamorfose. Na aparência é o mesmo que chegou a Munique no final de junho de 2013, mas a Alemanha vem exercendo uma poderosa influência sobre sua personalidade.

Pep se sente livre e feliz na Alemanha. Percebe no clube muito carinho e apoio, que no caso do presidente Hoeneß se transforma em estreita amizade. É um grande contraste em relação ao amargo convívio de dois anos com o presidente Rosell. Em Munique, ele sente que o clube lhe dá todo o suporte. Manda menos que no Barça, pois é apenas o técnico, mas em vez de incomodá-lo, esse menor protagonismo o liberta. Seu amigo Xavier Sala i Martín explica melhor: “O desgaste de Pep em Munique é menor que o que ele sofreu em Barcelona, porque lá ele precisava assumir um papel que não era o dele diante da falta de liderança em outros âmbitos. Houve momentos em que ele parecia quase o presidente do país, e além de técnico atuava como porta-voz do clube, tinha que defendê-lo de Mourinho, das acusações de doping, ou perante a uefa. Em Munique, tudo é mais normal”.

Guardiola gosta da predisposição de seus jogadores para o trabalho, do rigor com que Markus Hörwick prepara as coletivas de imprensa, da prudência de Kathleen Krüger como representante da equipe, da camaradagem de Hermann Gerland ao instruí-lo sobre as características da Bundesliga, da paixão de Matthias Sammer... A Alemanha está moldando Guardiola, que se mostra cada dia mais aberto, mais sereno, mais disposto a novas iniciativas. Ele não só concede entrevistas à revista e à televisão do clube, como apoia sem receios as iniciativas publicitárias do Bayern, além de assumir que a contratação de atletas cabe basicamente a Hoeneß e Rummenigge. Definitivamente, está à vontade. “Aqui sou apenas técnico; é muito diferente do Barcelona. Treino a minha equipe e luto por bons resultados com o apoio de Sammer, que é uma pessoa importantíssima para mim. É fundamental.”

Seus filhos estão aprendendo rapidamente a língua alemã, não perdem um

jogo na Allianz Arena, nem mesmo os noturnos, e fizeram bons amigos no colégio. Cristina, a esposa de Pep, segue cuidando de sua loja de roupas e já visitou todas as galerias de arte da cidade. A mesma tranquilidade notada em Guardiola se vê também em sua família, que vem aproveitando bem Munique, como relata Sala i Martín: “Aqui, eu o vejo muito feliz, sem a menor saudade ou nostalgia. Para ele o mais importante são os filhos. É obcecado pela ideia de que estudem no exterior e falem várias línguas. Sempre diz que o melhor que pode dar a eles é uma boa educação e muitos idiomas”.

O futebol alemão penetrou de uma vez as artérias do técnico. Enquanto segue inculcando os seus conceitos na equipe, Pep também sofre a influência de um futebol diferente, mais veloz e agressivo, repleto de contragolpes vertiginosos, em que qualquer time é capaz de batê-lo pelo alto em um escanteio. O futebol alemão tem carências importantes no aspecto tático, que são compensadas com agressividade, esforço e solidariedade. À medida que vai modificando o Bayern, Pep se transforma.

“Ele se reinventou demais. Em seis meses, mudou mais coisas no Bayern que em quatro anos de Barça.” Quem diz isso é o homem que se senta ao seu lado no banco: Domènec Torrent, seu assistente, um técnico que o acompanha desde que, em 2007, Guardiola assumiu o Barça b.

No balanço tático dos primeiros seis meses, podemos destacar seis focos de atuação:

1) A colocação da linha defensiva. Guardiola a adiantou, em média, até 45 metros à frente do goleiro. Na fase ofensiva, os zagueiros já se colocam no campo adversário, a 56 metros de Neuer.

2) O avanço em conjunto. O time assimilou o conceito: trata-se de uma viagem em grupo. O início da jogada é essencial para a evolução posterior. Portanto, é preciso sair de trás de forma limpa, através de uma sucessão de passes que permita aos jogadores evoluir do modo desejado.

3) A bola que ordena. A sucessão de passes com propósito (não con-fundir com o inútil tiquitaca) equilibra a equipe. Leva-a às posições adequadas e a agrupa, permitindo o ataque ordenado e a recuperação da bola sem grande esforço em caso de perda.

4) A superioridade no meio de campo. A essência do jogo de Guardiola é sempre ter superioridade, numérica e posicional, sobre o adversário. E alcançá-la na zona central do campo. Assegurar essa superioridade de maneira constante lhe garante o domínio dos jogos.

5) Os falsos meias. É a grande novidade tática da primeira temporada de Guardiola. Pelo peso de Robben e Ribéry nas pontas e pela necessidade de cortar na raiz os contra-ataques rivais, ele decidiu posicionar seus laterais por dentro, como falsos meias, acompanhando os verdadeiros.

6) Sem o falso 9. Uma figura crucial no Barcelona, o falso 9 se transformou em um simples recurso tático esporádico no Bayern, para ser utilizado em momentos determinados.

Do futebol alemão, Guardiola aprecia cinco conceitos relevantes:

1) Os contra-ataques. Chegou a falar da *contraBundesliga* pela qualidade e rapidez dos contragolpes. Pep ficou fascinado com a eficiência dessa manobra e gosta que o Bayern a ponha em prática. Ao mesmo tempo, um de seus grandes esforços tem sido adotar medidas para evitar que os adversários consigam usá-la.

2) O jogo pelo alto e as estratégias ofensiva e defensiva. As características físicas dos jogadores alemães favorecem o jogo aéreo, tanto em bolas paradas como em movimento. Se no Barça dirigia um time de atletas baixos, no Bayern encontrou jogadores altos, com quem pode aperfeiçoar esse tipo de jogada.

3) Agressividade no *pressing*. Da confluência entre as características dos seus jogadores e a qualidade dos contra-ataques adversários, Guardiola extraiu a necessidade de exercer pressão intensa depois da perda da bola. Ele sempre a praticou no Barça, mas em Munique conseguiu incrementar a agressividade coletiva nesse tipo de lance.

4) A dupla de volantes. Adepto ferrenho do volante único, Pep aceitou renunciar pontualmente a ele para aumentar o rendimento dos seus meios-campistas. O volante único ficará de lado a maior parte do tempo até a temporada seguinte.

5) O jogo pelos lados. No Barça, a bola era mandada para as pontas unicamente como método de distração, e logo voltava para uma área central, onde se resolviam as jogadas. No Bayern, com os laterais fechando por dentro como falsos meias, o jogo pelos lados se transformou em uma opção essencial.

O que Guardiola propõe neste início do ano de 2014? Exato: aquilo que você imaginou. A mescla entre suas ideias tradicionais e as novidades que conheceu na Alemanha. O mix entre os conceitos. Domènec Torrent explica assim: “Pep manterá o essencial: tocar a bola até nos agruparmos; chegar a três quartos do campo através da sucessão de passes; subir bastante a linha defensiva, e ter sempre um homem a mais no meio de campo, seja como for. Mas não espere um sistema tático fixo nem uma equipe titular indiscutível. Isso mudará a cada

jogo. E a análise do rival será cada vez mais importante”.

O retiro do mês de janeiro em Doha representa um ponto de inflexão. Os jogadores já completaram uma fase de aquisição de conhecimentos, lideram a Bundesliga com folga, conquistaram novos títulos (Supercopa da Europa e Mundial de Clubes) e a confiança de Guardiola está no ponto máximo. Ele já não é o técnico carismático e mítico que havia conquistado tudo no Barcelona. Agora, é o treinador do Bayern, que dirige todos os treinos, sob chuva, neve ou sol, com os titulares, os reservas ou os juvenis. Não é mais uma imagem icônica que deve ser reverenciada. É de carne e osso, é um sorriso, uma bofetada, um chute no traseiro, um grito, uma bronca. E é muitas ideias, técnicas e táticas. É a exigência permanente. Mais, mais e mais. Guardiola não ganhou apenas seus primeiros títulos com o Bayern: conquistou a maioria dos seus atletas.

Doha é como o estouro do champanhe. O retiro chega depois de duas semanas completas de férias. É um descanso fundamental. As pernas relaxaram e as mentes dos jogadores clarearam depois de um ano sensacional, mas desgastante. Também é importante para Guardiola, que volta das férias com dois quilos a mais. Seus colegas da comissão técnica o verão correr com os jogadores, fazer abdominais e rejeitar pratos de massa em favor das saladas. Pep é vaidoso.

Em Doha, prepara-se o segundo round do combate: o decisivo, o dos títulos. A parada de inverno foi uma bênção: “A parada na Alemanha é boa para o corpo e para a mente — explica Lorenzo Buenaventura. Se você falar com os médicos e os fisiologistas, eles concordarão. Na Inglaterra acontece o contrário: usa-se o Natal para se jogar a cada dois dias e os médicos reconhecem que isso é terrível para o corpo, porque em meados de janeiro os jogadores estarão esgotados. Com uma carga de jogos como a do Bayern em 2013, duas semanas de férias e três de pré-temporada são uma bênção”.

A comissão técnica trabalha de forma parecida com o período no Trentino, em julho de 2013, mas há uma diferença importante: o time já é outro. Os jogadores cumpriram centenas de horas de trabalho e assimilaram novos conceitos. Guardiola lhes apresentou um software e depois dos tropeços iniciais, seus atletas se adaptaram às ideias. Aprenderam o novo “idioma” futebolístico.

O vídeo que o jornal *TZ* on-line divulga, de um dos treinos em Doha, surpreende quem não teve a sorte de assistir ao vivo às sessões comandadas por Guardiola. O vídeo, que rodou o mundo, mostra o verdadeiro dia a dia da equipe: a intensidade do técnico pedindo aos jogadores que realizem os movimentos corretos. Em todos os treinos a entrega é a mesma. São oitenta minutos de treinamento, mas sempre no nível máximo, em busca do movimento apropriado, da ação que permitirá dar o salto de qualidade.

Pergunto a Manel Estiarte sobre a mudança de Guardiola, que os torcedores e jornalistas alemães podem custar a compreender, mas que é significativa para



qualquer um que o tenha conhecido em seus anos de Barcelona: “O Bayern não tem luxos, nem fogos artificiais, mas tem tudo de que um profissional precisa para fazer bem o seu trabalho. Basicamente, tem bons profissionais. E um enorme respeito pelo trabalho. Ontem, eu disse a Guardiola: ‘Acho que estamos no lugar e no momento certos’. Hoje, acho que não seria fácil encontrar outro lugar com condições tão boas. A equipe tem o principal: vontade de evoluir. Não afirmo que seja o time com o qual se pode ganhar mais títulos no mundo — talvez até seja —, mas os jogadores querem progredir e melhorar, individual e coletivamente. Estão sedentos por aprender, querem ser melhores, além de ganhar. A soma de clube e time forma atualmente um ambiente inigualável. Talvez daqui a alguns anos já não seja assim, mas agora é. Por tudo isso, Pep mudou”.

O sensacional ano de 2013 se encerrou e um novo ciclo se inicia. A roda do futebol começa a girar novamente. O Bayern que se despede de Doha é uma equipe que galopa sem freios em busca de títulos, e em breve engolirá a Bundesliga de um só bocado. Os jogadores assimilaram os conceitos explicados por Guardiola durante seis meses, e o técnico, por sua vez, adaptou muitas de suas ideias ao plantel que dirige. De agora em diante, o progresso será muito mais rápido. Pep está mudando o Bayern e a Alemanha está mudando Pep.

A noite em que ganharam a liga

“Tem dias em que você não joga bem,  
nada dá certo e você pensa:  
‘Que merda estou fazendo no campo?’.  
Mas, no fim, você dá uma assistência  
e sai o gol da sua vida.”

*Stuttgart, 29 de janeiro de 2014*

O Bayern praticamente ganha a Bundesliga em Stuttgart, nesta noite fria de janeiro em que Thiago Alcântara não faz uma boa partida, mas marca um gol espetacular nos últimos minutos. O jogo do Bayern foi inconstante e sem graça, e o time da casa merecia melhor sorte porque tudo foi bem-feito: defendeu-se de maneira compacta e sólida, sem conceder muitas chances; quando sua dupla muralha defensiva foi superada, surgiu o goleiro Ulreich, esplêndido em todas as suas ações. O VfB Stuttgart também atacou com inteligência. Foram poucas investidas, mas nos momentos certos, quando o Bayern estava mal posicionado. A defesa bávara sofreu, e quando os visitantes tentaram impor o seu jogo, o Stuttgart quebrou o ritmo adversário retardando o início das jogadas ou a cobrança dos laterais. O técnico local, Thomas Schneider, que seria dispensado seis semanas depois, foi muito bem em seu planejamento: lançou um véu escuro sobre o Bayern, que não conseguiu se esquecer de que, no fim das contas, possuía uma ampla vantagem de pontos na classificação (nada menos que catorze sobre o Borussia Dortmund), de modo que nada de mais grave aconteceria em caso de derrota no jogo de hoje, adiado desde dezembro. A mente dos jogadores estava entorpecida.

Pela primeira vez na temporada, Guardiola repetiu a escalação do time e jogaram os mesmos atletas da sexta-feira anterior, na ótima vitória obtida no Borussia Park de Mönchengladbach, quando a liga foi retomada depois da pausa de inverno. Como era possível que caísse tanto o rendimento de jogadores que cinco dias antes tinham sido agressivos, combativos, brilhantes? “Não aguentávamos mais. A cabeça não aguentava mais. O jogo de sexta contra o Gladbach foi duríssimo, duríssimo — explica Thiago, eufórico à saída do vestiário da Mercedes-Benz Arena de Stuttgart. O futebol tem dessas coisas: às vezes, você entra em colapso e não suporta mais. Os minutos vão passando e você joga torcendo para que acabe porque não vê meios de encontrar uma solução. Mas nós a encontramos.”

A solução chegou, desta vez vinda do banco. Havia três razões para que Guardiola tivesse escolhido repetir a formação da equipe: porque era a de que

ele mais gostava, com Lahm como volante, Kroos e Thiago à frente e Götze, Müller e Shaqiri trocando constantemente de posições no ataque; porque seguia sem poder contar com Ribéry, Robben, Schweinsteiger e Javi Martínez em razão de dores e contusões, e porque ele já havia recuado do castigo a Mandžukić por treinar sem vontade, mas não pretendia presentear-lo com a titularidade sem que o croata a recuperasse à base de esforço.

Por tudo isso, Guardiola repetiu a escalção em busca de um efeito similar ao da sexta-feira anterior, quando a equipe derrotou com autoridade (2 a 0) o terceiro colocado na liga em Mönchengladbach. Mas em Stuttgart, quase nada saiu como o técnico esperava: o Bayern se apoderou da bola e trocou passes com tranquilidade perto da área rival, com Thiago e Götze recebendo facilmente entre as duas linhas de defesa do Stuttgart, mas a tentativa de entrada na área foi defeituosa: pouco acerto nos passes finais e ainda menos nos chutes a gol. Como aconteceu em outros jogos, o domínio devastador do time de Munique não se traduziu em verdadeiro perigo e, à medida que os minutos passavam, o estado de graça se evaporava, a defesa começava a sofrer com os contra-ataques rivais e o bom futebol desaparecia. O Stuttgart se adiantou no marcador com meia hora de partida e o Bayern piorou. No intervalo, Pep decidiu mudar de ideia, e no primeiro minuto do segundo tempo mandou Mandžukić, Pizarro e Contento se aquecerem.

Guardiola mudou o jogo. Radicalmente. Tentou fazer isso outras vezes e não conseguiu, mas em Stuttgart foi muito eficaz. À beira do campo é seu costume intervir com frequência, muitas vezes de forma brilhante e eficiente, mas esta noite, na Mercedes-Benz Arena de Stuttgart, ele fez mais do que isso: transformou o jogo como quem troca de roupa. Conta, sem dúvidas, com uma vantagem de que não dispunha anos atrás no Barcelona: tem atletas diferentes, que lhe permitem mudar a forma de jogar.

“Assim não conseguiremos nada, Dome”, disse a Torrent ao chegar ao vestiário. “Temos que mudar radicalmente porque assim não ganharemos.” A equipe estava tão mal que Guardiola também modificou os seus hábitos e fez duas alterações com poucos minutos do segundo tempo: entraram Mandžukić e Pizarro no lugar de Shaqiri e Kroos, que não tiveram sua melhor noite. O técnico fez mais: ordenou a formação de uma dupla de volantes com Thiago e Lahm, e posicionou Pizarro como meia-atacante para distribuir as bolas para as pontas. Com esse 4-2-3-1, os zagueiros passaram a fazer saídas rápidas buscando Thiago ou Lahm; um deles logo passava a bola para Pizarro e o peruano — cuja atuação foi excepcional — se encarregava de abrir o jogo para os pontas (Müller e Götze) e de apoiar Mandžukić na finalização dentro da área. A proposta de Pep significou uma transformação radical de seu tradicional sistema de jogo. Poderíamos até mesmo dizer que foi uma proposição contrária ao seu estilo. Se

em novembro, em Dortmund, para ganhar por 3 a 0 do Borussia ele havia apostado duplamente no jogo por dentro com os mais habilidosos (Thiago e Götze), ou seja, uma aposta firme no jogo mais *guardiolista*, em Stuttgart, com o placar desfavorável e ansioso por fechar a liga definitivamente, ele optou pelo inverso: jogar pelos lados e cruzar para a cabeça de Mandžukić. Alguém poderia dizer que Pep traiu a si mesmo. Quando eu lhe pergunto no final do jogo, ele não se altera: “Cara, não brinca, eu tinha que ganhar o jogo...”.

As peças demoraram algum tempo para se encaixar. Mas logo se percebeu que o Stuttgart sofreria para resistir à pressão do Bayern reformado, mesmo que jogadores como Götze e Thiago parecessem cansados. Como Guardiola dissera alguns meses antes, quando o Bayern precisa virar, tudo é possível. O time já tinha começado a chegar à área do goleiro Ulreich com verdadeiro perigo (foram 24 chutes a gol), e empatara de cabeça faltando quinze minutos (com Pizarro, depois da falta cobrada por Thiago). Pep então fez uma terceira alteração, que acabaria sendo fundamental: Contento entrou no lugar do esgotado Götze, e a equipe conseguiu muito mais profundidade e combatividade com Alaba atuando como ponta-esquerda. A pressão continuou, apesar de o Stuttgart ter voltado à carga com uma série de excelentes contra-ataques, que ameaçaram o gol de Neuer.

A essa altura, Pep já tinha dado outro passo em busca da vitória ordenando uma manobra simples, mas de difícil lembrança naquele momento de tensão: era preciso concentrar as jogadas em um dos lados, abrir o jogo do lado oposto, que ficaria livre, e cruzar bolas na área. Era a mesma estratégia da épica final da Supercopa europeia contra o Chelsea: concentrar o jogo na esquerda, virar para a direita e cruzar.

A sensacional finalização de Thiago chegou dessa maneira, quando o relógio já marcava quase 48 do segundo tempo. Alaba, Contento, Pizarro e Thiago trocaram passes pela esquerda, abriram para Lahm, que passou para Rafinha na direita, e o lateral brasileiro cruzou a bola na área. Então, surgiu a alma de artista de Thiago e sua meia-bicicleta, o espetacular voleio que decidiu o jogo e, praticamente, selou o destino da liga. A euforia da equipe bávara lembrou a vivida em Praga, quando Javi Martínez empatou no último segundo da prorrogação contra o Chelsea; ou a de Dortmund, quando o 3 a 0 tirou o rival do prumo. O gol de Thiago levava a marca do *Meisterschale*, a salva de prata que se entrega ao campeão do torneio.

“Você bateu com a canela?”, pergunto ao jogador no vestiário.

“Não, não. Peguei em cheio na bola. Foi um chute de sonho. Na veia.”

*Thiago oder nichts.* Era o primeiro gol de Thiago na Bundesliga, que permitia ao Bayern seguir batendo recordes: 43 jogos consecutivos de invencibilidade na liga; 28 jogos fora de casa marcando pelo menos um gol; primeiro clube a

ganhar dezesseis dos primeiros dezoito jogos do torneio... Recordes que seriam pulverizados nos dois meses seguintes, nos quais um Bayern faminto iria enfileirar mais dez vitórias seguidas para abocanhar o título no mês de março, antes de qualquer outra equipe na história.

Guardiola estava muito contente depois da virada em Stuttgart, mas escondeu a alegria atrás de um desses semblantes inexpressivos de múmia egípcia. Antes, tinha comemorado a vitória com euforia dentro do vestiário. Assim que chegou à sala de imprensa, contudo, deixou o triunfo de lado e abriu a pasta de assuntos pendentes: é preciso recuperar com urgência Ribéry, Robben e Javi, além de convencer Mandžukić a dar o máximo mesmo que não jogue os noventa minutos de cada jogo; é preciso evitar que Kroos se distraia com a renovação de seu contrato (quer um salário melhor), e ainda impedir que o time relaxe pensando que a liga já está ganha (mesmo que sejam dezessete pontos à frente do Dortmund); e, principalmente, é preciso estudar como bater o Arsenal de Wenger. Porque a Champions espera na próxima esquina e toda a Europa está de olho em Munique.

Na saída do vestiário, Lorenzo Buenaventura não tem dúvidas sobre o acerto de Guardiola na hora de mudar a dinâmica do jogo: “Estávamos travados, o inverso de Gladbach. Pep conseguiu mudar o jogo por duas razões: porque acrescentou a seu repertório novas ideias que aprendeu aqui, com seus jogadores e com os adversários, e porque tem atletas capazes de jogar de outra forma. E ainda tem um terceiro fator: Pep não é talibã de si mesmo. Está mostrando como é inteligente: estudou e analisou a Bundesliga e se adaptou, sem renunciar aos conceitos básicos que definem seu estilo”.

Guardiola nem sequer o escuta, porque já estava pensando nos jogos seguintes.

“Loren, precisamos fazer um rodízio. Precisamos medir muito bem os esforços a partir de agora.”

“Pep, não deve nos acontecer o que acontece muitas vezes”, acrescenta Domènec Torrent. “Que é querer bater um recorde de pontos e acabar esgotando os jogadores.”

O técnico viveu seus cinco minutos de euforia no vestiário e já mira o futuro. Não se permite deixar levar pela vitória: desfruta-a de um só gole e, imediatamente, passa ao capítulo seguinte. “Temos que melhorar, temos que melhorar...”, diz a caminho do ônibus que levará a equipe até Munique, com meio título da liga a bordo.



*Munique, 31 de janeiro de 2014*

“Que frio nos pés! Caramba, como faz frio aqui!”, diz Pep.

Stuttgart e a vitória épica no último minuto já são águas passadas. Thiago ganha as manchetes e os elogios, mas é necessário reiniciar todo o ciclo: chega um novo rival, é preciso analisá-lo a fundo e preparar as ferramentas para tentar vencê-lo. Invariavelmente, antes de cada jogo Guardiola faz três palestras aos jogadores, cada uma com cerca de quinze minutos de duração, sempre com o apoio de imagens — em geral vídeos que não duram mais de sete minutos. As três palestras por jogo obedecem sempre às mesmas pautas.

No dia anterior ao confronto, Guardiola detalha o jogo ofensivo do adversário. Através de vídeos, aborda os perigos do rival e os movimentos de seus jogadores mais importantes. Nesse ponto, o técnico explica detalhadamente as soluções defensivas que o Bayern deverá adotar para conter o ataque oponente. Logo em seguida, acontece o treino do dia, onde são ensaiadas as jogadas que ele acaba de citar.

A segunda palestra acontece antes do treino matinal, no próprio dia da partida. É uma explicação pormenorizada da estratégia ofensiva e defensiva do adversário. Em essência, como defende e como ataca nos escanteios e cobranças de faltas. É a vez de falar de Domènec Torrent, assistente técnico, que estudou em detalhes as últimas cinquenta faltas que o rival cobrou, além de seus últimos cinquenta escanteios, e pode discutir as peculiaridades mais significativas em relação à bola parada. Será ele quem, durante o jogo, lembrará aos jogadores reservas que entram em campo quais posições devem ocupar nesse tipo de lance. Ao fim da palestra, o time realiza um treino leve para ensaiar ataque e defesa das jogadas que acaba de analisar. Ainda não se conhece a escalação e, por isso, todos participam de todas as ações treinadas. Se o jogo é disputado fora de Munique, as jogadas não são ensaiadas: revisa-se o vídeo do dia em que foram praticadas em Säbener Straße.

Por último, duas horas antes do jogo, no hotel da concentração, Pep faz a terceira e última palestra (no vestiário não haverá nenhuma). Ainda que possamos chamá-la de motivacional, ela possui um elevado componente tático, pois consiste em detalhar como o Bayern atacará, e é o momento em que o técnico comunica qual será o time titular. Até esse instante, os jogadores não o conhecem. A conversa se concentra apenas no modo de atacar, já que a maneira de defender foi estudada no dia anterior e as jogadas de bola parada foram analisadas e praticadas durante a manhã. Define-se aqui como serão cobrados o

primeiro escanteio e a primeira falta lateral que a equipe terá durante o jogo. Mas a preleção pode conter também elementos de motivação. Por exemplo, na partida de volta das quartas de final da Champions contra o Manchester United, no início de abril, Guardiola prescindiu dessa terceira conversa porque o time, dessa vez, já conhecia a escalação desde o dia anterior, havia ensaiado o jogo de ataque e não era preciso acrescentar qualquer comentário. Em outro momento, no reinício da Bundesliga, em 24 de janeiro, o time chegou ao Borussia Park de Mönchengladbach com atraso, porque Pep se estendera demais nessa última preleção, mostrando a seus homens as razões pelas quais haviam sido massacrados seis dias antes em um amistoso em Salzburgo (derrota por 3 a 0): tinham jogado sem correr, sem a menor intensidade. “Eu só chego até aqui”, disse-lhes. “Posso distribuí-los taticamente da melhor maneira e analisar o rival. Por exemplo, David [Alaba], no jogo de hoje não suba muito, porque o pontadireita do Stuttgart [Martin Harnik] pode castigá-lo. Mas, a partir desse ponto, rapazes, os responsáveis são vocês. Se não jogarem com intensidade e correndo como loucos, não ganharemos...” O Bayern venceu aquela partida contra o Gladbach por 2 a 0, realizando uma verdadeira exibição e projetando-se de modo definitivo para a conquista do título.

O conteúdo das três palestras é fruto de duas análises pormenorizadas: a do adversário e a da própria equipe e, ao mesmo tempo, obedece a uma das características fundamentais de Guardiola, como explica Xavier Sala i Martín, professor de economia da Universidade Columbia: a inovação. “No meu ponto de vista, Pep é um grande inovador. Vence através da análise meticulosa do ponto fraco do rival, onde o ataca. Mas, principalmente, é capaz de continuar inovando de maneira constante: ainda que os adversários aprendam a lição e se corrijam, Guardiola volta a implementar sua ideia de jogo com novas variantes. Ele sempre está à frente. É capaz de manter sua própria filosofia de jogo, que se baseia em conseguir de forma permanente a superioridade no meio de campo, alcançando-a ao se adaptar às características do oponente.”

Comentando o modo de atacar os adversários no xadrez ou em qualquer outro esporte, Garry Kasparov disse a Guardiola, em Nova York, em outubro de 2012: “Você não pode atacar do mesmo modo quando está no alto de uma montanha ou numa planície em campo aberto”. Na mesma cidade, Ferran Adrià, o gênio da gastronomia que acabava de fechar seu restaurante El Bulli, também jantou com Guardiola no final de 2012 e lhe disse: “Pep, mais que um técnico, você é um grande inovador”. O treinador respondeu: “Olha, Ferran, a única coisa que eu faço é assistir a vídeos do adversário e tentar massacrá-lo. [Na verdade, usou uma frase muito mais prosaica e obscena.] A única coisa que faço é estudar todas as minhas armas e mudá-las todas as vezes”.

Para Sala i Martín, essa vocação inovadora de Guardiola se combina à

perfeição com o espírito empreendedor da Alemanha: “Não sei o que a opinião pública futebolística na Alemanha pensará, mas conheço bem os grandes empresários e dirigentes do país, e eles são absolutamente perfeccionistas e inovadores. Vivem de não cometer erros e de buscar a perfeição. Tanto faz se pensamos na BMW, na Siemens ou na Audi: eles valorizam demais a capacidade de inovação e a busca pelo produto perfeito, o que obrigatoriamente vai combinar com o estilo de Pep, que é o da evolução e inovação permanentes. E o da adaptação. Se pensarmos bem, Pep não tentou fazer o Bayern jogar como o Barça, mas adaptou-se aos jogadores e ao país. Por outro lado, o jogo do time em 1º de julho não tem nada a ver com o praticado atualmente”.

Para conhecer a fundo como são desenvolvidas as análises das equipes rivais e do próprio Bayern, é imprescindível falar com Carles Planchart, responsável pela equipe de analistas de Guardiola, seu companheiro desde que começou a treinar o Barça B, em 2007. Planchart nos explica com detalhes as pautas de trabalho que ele e seu grupo de colaboradores utilizam: “Basicamente, existem duas partes: a análise da sua própria equipe e a do adversário. São dois mundos diferentes. Você está em um clube que compete a cada três dias e isso não lhe permite corrigir no campo os seus defeitos, por falta de tempo. Você precisa, então, transmitir aos jogadores muitas correções que durante o jogo não temos como passar a eles. Se você dispõe de uma semana completa de treinos, pode preparar uma série de exercícios de correção. Por exemplo, se a defesa está alta demais ou baixa demais, se há muita distância entre as linhas ou problemas com os cruzamentos, ou se defendemos mal na primeira trave... No nosso caso, a ferramenta mais rápida de que nos valem é a imagem, porque com ela você pode transmitir o que deve ser corrigido aos atletas muito mais rápido”.

Ao final de cada jogo, os analistas tiram conclusões sobre as ações coletivas ou individuais, estratégicas ou táticas, e dependendo da semana, Guardiola as exibe a um jogador específico ou, às vezes, guarda-as para o futuro, para um momento especial. Mas, em geral, as correções individuais e as estratégicas são realizadas imediatamente, de forma que as retificações do jogo anterior já sejam aplicadas na análise do confronto seguinte.

O grupo de Planchart incrementou seu repertório nesta temporada: além das ações táticas, passou a analisar também as ações individuais. Deste modo, ao final de cada partida, já possui registros de todas as ações concretas de cada jogador, ou seja, de todos os lances de que ele participou, e sabe se as decisões tomadas pelo atleta em cada momento foram as mais adequadas ou não. Para cada jogador, é aberta uma pasta de arquivos que guarda todas as ações descritas e anotadas. Ao fim do jogo, elas são ordenadas em razão do tipo de lance de que se trata: jogo aéreo, dribles *etc.* Com tudo isso, no treinamento do dia seguinte é possível exibir a cada um as imagens específicas, e trabalhar as correções



individualmente ou por linhas — ou então, taticamente. É preciso levar em conta que todas as gravações são realizadas em formato panorâmico, o que proporciona uma visão tática e não apenas do gesto técnico do jogador. “Além disso”, explica Planchart, “Pep sempre vê o jogo inteiro. Assim que termina, já o baixamos no seu computador. Ele pode rever a partida toda ou escolher as ações que nós selecionamos, por jogador e por tipologia de lance, com as nossas anotações. Também encontra detalhes anotados por mim durante os jogos, que podemos utilizar quando queremos nos concentrar em aspectos muito específicos. Ainda que receba a partida toda detalhada, Pep gosta de fazer anotações por conta própria ao revê-la e assim participa também do relatório do jogo.”

O segundo aspecto da análise consiste em esquadriñar o adversário, uma questão fundamental porque influencia decisivamente na escolha do tipo de jogo. A liga alemã grava os jogos de todas as equipes da Bundesliga e da 2ª Bundesliga em formato panorâmico, disponibilizando-os para os clubes à primeira hora de cada segunda-feira. Já na Champions League, além de esse serviço não existir, há sérios entraves para conseguir fazer as gravações, o que estimula a engenhosidade e já levou a improvisos de toda ordem, desde gravações diretas da arquibancada com câmeras pequenas até o uso de óculos dotados de um sistema de gravação em vídeo. É essencial gravar os jogos *in loco* e no formato panorâmico a fim de se estudar as ações de jogo do ponto de vista tático: “Na Alemanha, o *scouting* é considerado normal e não é visto como espionagem. Entre os próprios clubes nós às vezes trocamos gravações, e consideramos isso normal”, Planchart esclarece.

A análise do rival torna-se imprescindível para a escolha do sistema de jogo, do tipo de jogador a ser utilizado e até mesmo dos exercícios que serão praticados nos dias que antecedem a partida: “No Barcelona, quando jogamos uma final de Champions, chegamos a analisar os últimos doze jogos do adversário, mas em confrontos corriqueiros vemos uma média de cinco ou seis. O calendário também influencia, assim como o tipo de adversário que a equipe analisada enfrentou: não é a mesma coisa se ela toma a iniciativa ou espera para contra-atacar, se atua com um sistema parecido com o nosso *etc.* Se os seus rivais enfrentam oponentes que têm características semelhantes às suas, fantástico. Se não, a análise é muito menos proveitosa”.

Depois de analisar esses cinco ou seis jogos, Planchart prepara um relatório para Guardiola, por conceitos e por jogadas. Um relatório visual, para que seja mais fácil transmitir as ideias, com a indicação de cada conceito e três jogadas para cada um deles. Se Pep considerar oportuno, trabalhará levando esses detalhes em conta. “Normalmente, assim que um jogo termina, na mesma noite ou logo na manhã seguinte, eu lhe passo o relatório do próximo rival. Trabalho

com duas semanas de antecedência, mas ele se concentra apenas no adversário imediato. Às vezes, para a Champions, eu adianto partes do relatório porque, se ele tem uma semana sem jogo na quarta-feira, aproveita para vê-las. Mas, normalmente, vamos jogo a jogo. Apenas quando termina um confronto é que ele se concentra no próximo.”

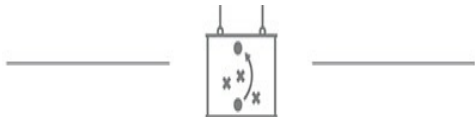
Guardiola consulta antes o relatório, composto de umas cinquenta ou sessenta jogadas, e isso lhe permite ter uma ideia geral quanto à preparação para o próximo jogo, inclusive sobre a possível escalação. Ele pode, então, planejar as atividades do treino seguinte, o que faz junto de Torrent e Buenaventura, concentrando-se em aspectos determinados do jogo. Nos dias que se seguem, analisa o rival detalhadamente, observando momentos das partidas que disputou e tirando conclusões. Faz anotações e escolhe quais serão os conceitos a serem transmitidos aos jogadores. Às vezes, combina-os com elementos tratados em jogos anteriores, que podem se referir a uma jogada determinada, a um aspecto motivacional ou uma ideia tática.

Durante os jogos, Planchart e sua equipe enviam imagens de lances específicos ao banco de reservas, onde Domènec Torrent as recebe em seu iPad: “Carles me envia as imagens no iPad”, explica Torrent, “ou porque detecta alguma coisa ou porque nós vemos algo e lhe pedimos. Um escanteio, um tipo de contra-ataque... Pedimos a ele a edição da imagem e, assim, Pep pode vê-la quase simultaneamente”.

Da tribuna do estádio, o grupo de analistas tem a câmera de gravação conectada ao iPad de Torrent, ao computador da sala de Guardiola e ao computador do vestiário, que por sua vez está conectado a um monitor. Planchart seleciona as ações que lhe parecem relevantes e envia diretamente algumas delas, enquanto anota e registra outras. Cinco minutos antes do intervalo, arquiva o programa e conclui o primeiro tempo a partir da sala de Pep. Nos jogos fora da Allianz Arena, ele logicamente não possui a mesma rede de conexões e tem que se deslocar ao vestiário com seu próprio computador.

Para a revisão dos jogos no intervalo, costuma selecionar três ou quatro conceitos de jogo, que exhibe com dois ou três vídeos de cerca de três segundos cada. Ou seja, são umas dez jogadas no total, breves e particularizadas. “O que fazemos no intervalo? Primeiro, vem a pergunta de Pep. Ele chega e pergunta: ‘O que estão vendo?’. Porque lá de cima vemos coisas diferentes, a perspectiva é outra. Eu respondo e ele escuta atentamente. Pep escuta sempre e analisa, fala com Torrent sobre as possíveis soluções para corrigir os defeitos e mudar os rumos do jogo. Anota esses quatro ou cinco conceitos que pretende corrigir e entra no vestiário dos jogadores. Faltam uns cinco ou seis minutos para o início do segundo tempo; ele chama os envolvidos, mostra as imagens e explica as correções a serem feitas. E todos voltam ao campo.”

Como Pep disse a Ferran Adrià, a inovação às vezes é muito prosaica: “Olha, Ferran, a única coisa que eu faço é assistir a vídeos do adversário e tentar massacrá-lo”.



## A ideia matriz é a evolução

*Munique, 15 de fevereiro de 2014*

No começo de fevereiro, Mario Götze marca o primeiro gol do ano na Allianz Arena. Faz sete semanas que o Bayern não pisa no seu estádio e em tão pouco tempo muitas coisas mudaram. Não é só Guardiola que parece outro, mas a equipe também se movimenta de forma diferente, está mais veloz e elétrica, com a energia renovada — apesar de a lista de lesionados nunca ter fim. Ao longo desse período, Thiago se transformou na imagem de um Bayern soberano: “Thiago precisava marcar um golaço como aquele”, Guardiola explica, “para que as pessoas compreendessem a grande qualidade que ele tem. Thiago nunca será um grande goleador, mas é um grande jogador. Lembre o que ele fez em Dortmund: havia três meses que não jogava, entrou e mudou o jogo”.

O aumento da influência de Thiago não se deve apenas ao efeito psicológico de seu golaço em Stuttgart: tem razões táticas. Guardiola abandonou a ideia de jogar com um único volante e com o falso 9. As circunstâncias pesaram. Em vários jogos, precisou contar com um centroavante e um ponta de lança, o que por sua vez o obrigava a se proteger um pouco mais no meio de campo. Começou a acontecer no mês de outubro: todas as vezes que colocava Götze como ponta de lança atrás de Mandžukić, modificava o posicionamento dos meios-campistas e fazia uso da dupla de volantes. Já em janeiro, na épica virada na Mercedes-Benz Arena de Stuttgart, ele teve que posicionar Thiago e Lahm como volantes para que Pizarro atuasse como meia-atacante atrás de Mandžukić. E a dinâmica do time melhorou tanto que o técnico optou por modificar seu esquema tradicional: “Nesta posição”, diz Pep, “Thiago está sempre em contato com a bola, dá um ou dois toques e gera a continuidade de jogo. E Lahm o ajuda muito porque dá fluidez. Philipp é muito bom e torna Thiago ainda melhor”.

Domènec Torrent resume o acontecido: “A dupla de volantes nasceu pelo desaparecimento do falso 9. Quando precisamos colocar mais um centroavante, o ponta de lança, tivemos que recorrer à dupla de contenção porque, além de tudo, os volantes ficam mais à vontade jogando ao lado de um meia em vez de dois”.

Houve muita rotatividade: de um jogo para o seguinte mudavam--se até sete jogadores titulares, e apesar disso, o início do ano na Allianz Arena foi espetacular, com Götze e Thiago encantando e Lahm consolidado como volante. Em 2 de fevereiro, a Schickeria, torcida de ultras do Bayern, começou a cantar: “Campeões em março! Campeões em março!”. E de fato, o que se viu a partir de então foi uma avalanche. Entre 2 de fevereiro e 8 de março, em 35 dias, o

Bayern disputaria oito jogos e ganharia os oito, com um saldo de gols incrível: 33 marcados e só dois sofridos. Na Allianz Arena: vitórias por 5 a 0 contra o Eintracht Frankfurt, por 4 a 0 contra o SC Freiburg e por 5 a 1 contra o Schalke. Como visitante, triunfos diante do Nuremberg (por 2 a 0), do Hannover (4 a 0), e do Wolfsburg (6 a 1). Na Copa, o time eliminaria o Hamburgo (5 a 0), e na Champions League bateria o Arsenal no Emirates Stadium (2 a 0). O Bayern se transformava em uma máquina de triturar rivais. Torrent atribui os resultados à mutação vivida durante a pausa de inverno: “O retiro no Catar acarretou uma mudança extraordinária. Talvez porque depois das férias os jogadores tenham chegado renovados, passando a assimilar tudo o que vínhamos ensinando. O Catar foi um boom, um catalisador. A soma se transformou em multiplicação. O time decolou, e o fez sabendo para onde ia”. Guardiola se mostra um pouco menos satisfeito que seu assistente: “O futebol perfeito é muito difícil de atingir. O Bayern de Heynckes foi perfeito no ano passado, mas eu preciso de tempo para conhecer de verdade o que é a Bundesliga e para que os meus jogadores acabem jogando como realmente são capazes de fazer”.

Nas últimas semanas, os jogadores parecem movidos por uma energia inesgotável, e faz pouca diferença que Toni Kroos tenha passado dois jogos no banco como punição por ter reagido mal a uma substituição, do mesmo modo que antes havia acontecido com Mandžukić por treinar sem intensidade. A energia coletiva superava qualquer desacerto individual. A equipe corria inclusive quando ia de uma arquibancada a outra para saudar os torcedores depois dos jogos, e seguia batendo recordes. Era capaz de jogar com bolas longas contra o Eintracht Frankfurt, ou mantendo a posse de bola, como na partida de Copa contra o Hamburgo, quando atingiu o percentual de 84 por cento de posse no primeiro tempo — um dado que, no entanto, não impressiona Guardiola: “É normal que isso aconteça quando o adversário se fecha muito; por outro lado, quando o oponente é agressivo, esse número muda bastante. Não é importante. O que realmente importa é que a bola esteja longe do meu gol: isso me faz feliz”. Ao contrário do que muita gente pensa, Guardiola não liga para o alto índice de posse de bola nem para os dados estatísticos.

Mas um fator que sempre lhe interessa é que seu time corra. E interessará ainda mais nos meses seguintes: “Desfrutamos quando jogamos bem e corremos sem parar. Para poder desfrutar do jogo, precisamos correr muito”. O outro aspecto relevante do mês de fevereiro é a disputa de jogos de maneira contínua: “Agora estamos jogando a cada três dias e não podemos pensar muito e perder o foco”, insiste Pep. “O jogo mais importante sempre é o próximo e só devemos pensar nele e não na Champions ou em outras coisas. Temos que nos concentrar apenas no próximo passo. Sempre sérios, sempre concentrados. Temos que construir as vitórias partindo do zero, porque o mais difícil não é vencer, mas continuar vencendo depois de já ter vencido, porque todos supõem que você vai

voltar a vencer. Temos que esquecer tudo: a tríplice coroa do ano passado e nossas vitórias anteriores, e trabalhar todos os dias como se não tivéssemos vencido nada. Iniciar cada jogo como se tudo estivesse começando de novo.”

Passado esse incrível mês de fevereiro, talvez um momento ainda mais sugestivo tenha chegado em 1º de março, no Bayern × Schalke, quando o time visitante não conseguiu cruzar o meio de campo até os 29 minutos de jogo, e Manuel Neuer não tocou na bola até os 41, tamanho o domínio dos bávaros. Guardiola, contudo, reluta em valorizar esse tipo de informação e os vários recordes acumulados: “O atleta tem que se concentrar no hoje, no momento. Ninguém sabe nada do futuro”.

Correr sem parar e pensar apenas na partida seguinte, eis aí dois princípios que a equipe sabe aplicar em fevereiro, mês em que vence e vence depois de já ter vencido tudo. Mas são dois princípios que desaparecerão no início de abril, depois da conquista do título da liga, quando o Bayern sofrerá o grande, e único, baque da temporada.

Antes que isso aconteça, os massacres continuarão, no mesmo ritmo em que os jogadores entram e saem do time: Schweinsteiger e Javi Martínez já se recuperaram, mas Shaqiri sofre nova lesão e Ribéry passa por uma cirurgia. Pela primeira vez na temporada, na quarta-feira, 5 de fevereiro, Guardiola teve à disposição todo o elenco (exceto Badstuber), mas a novidade durou apenas um dia porque na quinta-feira Ribéry foi operado de um problema nas costas. Pelas lesões, pelas variações táticas e pela sequência de jogos, o técnico não dispõe de um time titular, mas de quinze ou dezesseis jogadores intercambiáveis, entre os quais inclui atletas como Pizarro, que segue com ótimo rendimento. Estamos diante de um Bayern que alterna esquemas e escalações, capaz de se adaptar a todos os planos de seu treinador e às características do adversário. Abordo o assunto com Christian Streich, o técnico do SC Freiburg, lembrando que seis meses atrás, em uma conversa que tivemos no Mage Solar Stadion na sua cidade, ele havia previsto que o Bayern de Guardiola seria impressionante: “Sim, eu me lembro do que disse a você. Disse que o Bayern seria fantástico, e já é. Se você o espera fechado atrás, o time faz um jogo de passes e desmonta sua defesa. Se você o ataca lá em cima, ele também o desmonta. É uma máquina com muitas variantes. Há seis meses não jogava assim, mas em meio ano de trabalho Pep conseguiu. É uma máquina”.

Mas além das mudanças de escalação, das lesões, das adaptações ao rival e alterações para reduzir a carga competitiva, percebe-se no Bayern de fevereiro a ideia matriz de Guardiola: a evolução constante como norma irrenunciável. A evolução como método, como necessidade e como exigência. Guardiola vê com clareza: “O caráter de um time é o caráter do seu técnico”.

## Paixão. Energia. Preparação.

*Munique, 16 de fevereiro de 2014*

Definir Guardiola, eis aí uma tarefa árdua. Não existe um adjetivo que abarque em sua totalidade um personagem tão complexo como ele, que algumas vezes parece feito de aço e, outras, de manteiga. É tentador partir em busca desse qualificativo que englobe tudo, que o defina por completo. Dizer, por exemplo, que Pep é obsessivo. “Se ser obsessivo significa ter paixão e preparar-se até os mínimos detalhes”, explica o amigo Xavier Sala i Martín, “então Pep é obsessivo. Mas ocorre que, na minha opinião, a obsessão não é um fator negativo quando se dirige a algo de que a pessoa gosta e o objetivo é atingir a perfeição. Pep é obsessivo no mesmo sentido em que um grande músico ou pintor também é. A questão é que ele mede todas as coisas pela régua do futebol.” O professor de economia fala de um homem que se prepara a fundo para desempenhar seu trabalho: “No ano sabático em Nova York, às vezes ele vinha à minha aula de inovação e economia na Universidade Columbia, e se mostrava muito interessado pela comunicação individualizada, não grupal. Pep intuía que já havia passado o tempo de exibir para os jogadores o filme *Gladiator* (como na final da Champions League de 2009), ou de lhes dizer o que Cruyff dissera na final de 1992: ‘Vão e desfrutem’. Estava muito mais interessado na comunicação personalizada, queria encontrar outras maneiras de transmitir sentimentos aos jogadores. Pretendia conhecer melhor o mundo do Twitter e das redes sociais e usá-lo no vestiário. Porque sabia que devia utilizá-lo. Nos Estados Unidos, dedicou-se a pensar em como as redes sociais e a tecnologia podiam ajudá-lo a se comunicar com os atletas. Passou o ano sabático se desenvolvendo. Essa era a obsessão. Embora ele não tivesse um time, já estava se preparando. Ainda em Manhattan, pensava sobre como as novas tecnologias iriam mudar seu trabalho. Um trabalho que ele ainda não tinha”.

Sala i Martín relembra outro ingrediente imprescindível para compreender Guardiola: a paixão. “Kasparov disse com muita clareza que, sem paixão, não era possível jogar.” A paixão é fundamental para vencer no futebol, repete Lorenzo Buenaventura, o preparador físico do Bayern: “Simeone diz uma coisa interessante: ‘Eu fui o jogador de futebol que fez mais jogos tendo condições técnicas tão limitadas. Sabe por quê? Porque tenho paixão. Acha que eu tinha nível para jogar cem partidas pela seleção argentina? Eu era uma piada como jogador, mas tudo o que consegui eu devo à paixão”.

Obsessão, preparação, paixão... Atributos indispensáveis, mas não suficientes para abarcar as várias facetas de um Guardiola eternamente insatisfeito. Falei

com muita gente sobre a personalidade do técnico: sua esposa Cristina, sua comissão técnica, os jogadores, Sammer, Rummenigge, atletas do Barça, amigos dele, jornalistas que o conhecem há décadas, outros que acabaram de conhecê-lo... Cada qual à sua maneira, todos concordam sobre a complexidade de Pep, sobre a variedade de suas facetas.

Sem dúvidas, Guardiola é obsessivo. E competitivo. É perfeccionista, pedagógico e apaixonado. É enérgico e curioso. Ele se prepara e está sempre preparado. É próximo e distante, inovador, frio, passional. É extremamente exigente — mais consigo mesmo que com os demais. Autocrítico, insatisfeito. Eternamente insatisfeito. Pragmático, simples, irritável. Pep é vulcânico. Persistente, esforçado e trabalhador até o limite. É entusiasta e sentimental até a lágrima. Inconformista. É impulsivo e reflexivo às vezes. É maniaco, supersticioso e racional, muito racional. E sempre duvida. Duvida de tudo.

Guardiola é tudo isso e ainda mais. É valente e medroso. Possui o dom da clareza das ideias. É brilhante, mas se entrega ao trabalho como se não tivesse o menor talento. É teimoso, obstinado, multifacetado, contraditório, complicado. Efusivo e carinhoso. Intenso até o esgotamento. É minucioso e severo. Veemente, agudo e generoso.

Quando quer, é jovial, educado e cortês. É atento e afetuoso, mas pode ser cáustico. É perspicaz e corrosivo. Inquieto, curioso, brincalhão. Sabe ser cínico. É inteligente. Muito inteligente.

Guardiola é como uma cebola de mil peles, todas elas diferentes. Estamos, portanto, diante de um indivíduo complexo e de vitalidade interminável, e fracassaremos se pretendermos defini-lo em sua totalidade. Pep é todos esses adjetivos, mas é muito mais do que isso e, além de tudo, é mais do que a soma de suas próprias contradições.

Com suas ideias e conceitos, ele não se propõe a intelectualizar o futebol. E também não gosta que outros o façam por ele. O fato de amar a poesia não faz dele um poeta; o de gostar de boa literatura não o transforma em escritor; e o de ter inquietudes intelectuais não o coloca em uma missão para intelectualizar o jogo. Não precisa de termos bombásticos. É trivial e simples, de palavras singelas. É filho de pedreiro e nunca se esquece disso.

“Os jogadores ficarão saturados de Pep”, vaticinou Thiago certa vez. “Ele é tão intenso que vai nos esgotar. É inclusive melhor psicólogo que tático.” Thiago o conhece muito bem. Recebeu suas broncas e manifestações de carinho, suas advertências e seus elogios: “Pep nunca estará satisfeito. Ele não desfruta. Nunca desfrutará do futebol, porque sempre está procurando o que deu errado para corrigir. Pep nunca consegue ser feliz por completo, porque é um perfeccionista”.





## Concentrados na Champions

*Munique, 17 de fevereiro de 2014*

A equipe chega bem preparada aos grandes desafios da temporada: em forma e faminta. Durante meses de árduo trabalho diário, foi incorporando as ideias que Guardiola transmitia. O time, invencível em fevereiro, não só é melhor, mas também é mais sábio e possui mais conhecimentos. Os jogadores aprenderam todas as lições. O título da liga está ao alcance das mãos. Quando ainda faltam duas semanas para fevereiro terminar, o Bayern soma dezesseis pontos de vantagem sobre o Bayer Leverkusen e dezessete sobre o Borussia Dortmund, o que permite que Guardiola brinque: “Se não ganharmos esta liga, eu me demito. Falo sério: se não for capaz de manter quase vinte pontos de vantagem tenho que sair...”.

Aproveito o excelente momento que o time vive para falar com vários especialistas. Começo com Alexis Menuge, correspondente na Alemanha do diário francês *L'Équipe* e autor do livro *Franck*, biografia de Ribéry: “O Bayern é mais forte agora do que no final de 2013. Acredito que seja assim porque os jogadores compreendem melhor o que Pep pretende. O período no Catar foi muito intenso, eles treinaram bem, foi proveitoso. Mas não foi só o trabalho, acho que tem muito a ver com a tática: já há algumas semanas Pep vem permitindo que o time jogue com mais frequência em um 4-2-3-1, como acontecia com Heynckes, e os atletas se sentem mais seguros”.

Em seguida, entrevisto Roman Grill, representante de Philipp Lahm e um homem que conhece muito bem as táticas no futebol. Grill é contundente: “A melhora da equipe tem muito a ver com a capacidade de Guardiola para ensinar. Para mim, ele é o primeiro técnico do Bayern, desde que Lahm chegou, que realmente ensina algo novo todos os dias aos jogadores, que exerce uma influência muito positiva e tem autoridade, pelas conquistas com o Barça, para fazer os jogadores se dedicarem a aprender”.

Além de estreito colaborador de Lahm, Roman Grill foi jogador do segundo time do Bayern e também treinador da equipe juvenil. E não tem a menor dúvida sobre as razões para a melhora no jogo: “Esta equipe precisava de alguém como Pep. E a verdade é que não vejo nenhum outro técnico capaz de estar fazendo o que Pep faz. No ano passado, o Bayern já possuía o melhor elenco de sua história, formado por casualidade ou pelo bom planejamento do clube, mas com Jupp Heynckes aconteciam coisas que taticamente eram muito estranhas. Heynckes liderava a equipe com seu carisma e com a autoridade de técnico experiente e respeitado que é, mas os jogadores procuravam soluções

táticas por conta própria no campo, e não seria possível seguir mais um ano assim, ainda mais depois de ter ganhado tudo. Então, o grupo precisava do estímulo de um novo técnico que tem ideias, que tem um plano e o aplica dia a dia. Eu não via nenhum técnico no mundo capaz de oferecer isso, além de Guardiola. Creio que a equipe teve uma evolução maravilhosa. Eu nunca tinha visto um Bayern com tanta intensidade. O jogo contra o City, em Manchester, foi um espetáculo fantástico, extraordinário. Pep sempre sabe muito bem o que quer. É um cara que quer ajudar os jogadores, quer jogar em sintonia com os atletas e não contra eles, mas que também sabe muito bem quais são os seus objetivos”.

No dia seguinte, eu falei com Daniel Rathjen, jornalista do *Eurosport* Alemanha, que acompanhou de perto a temporada do Bayern: “O inverno foi muito importante para Pep e para o Bayern. Ele chegou no verão com sua filosofia e suas ideias novas, mas aquele Bayern ainda era o time de Heynckes. Os jogadores ainda sentiam isso, assim como os diretores e o próprio Pep. Via-se no modo de jogar, e para ele foi um grande desafio promover essa mudança. Mas a mudança necessitava de tempo. Acho que o fator catalisador aconteceu em Marrakech, depois da vitória no Mundial de Clubes. Então, uma vez mais, Pep agradeceu a Heynckes. Ele disse: ‘*Danke*, Jupp, por ter nos dado a oportunidade de ganhar este título’. Mas foi uma ruptura. Foi o último título da *velha* equipe. No Catar, após a parada de inverno, Pep realmente deu início à sua etapa. Jogadores como Robben, Schweinsteiger, Lahm e Ribéry compreenderam que podiam seguir ganhando grandes títulos e para Pep ficou muito mais fácil fazer frutificar as ideias que ele havia plantado. A fase anterior a fevereiro havia servido para que as partes envolvidas se conhecessem, estabelecessem rotinas automáticas e sobrevivessem à praga das lesões, e, apesar de tudo isso, o Bayern dominou a liga de maneira acachapante. A partir de janeiro, começou outra fase: a de funcionar como um grupo sólido”.

Também tive uma conversa com Ronald Reng, escritor de grande prestígio, autor de diversos livros, dentre os quais o mais famoso é *Robert Enke — Uma vida curta demais*. Ronald viveu vários anos em Barcelona e conheceu em detalhes o Barça de Guardiola, de forma que para ele é fácil estabelecer qualquer comparação com o Bayern: “Os jogadores do Bayern me surpreenderam mais que o próprio Pep. Eu já conhecia Pep do Barça e também suas ideias de jogo e sua capacidade de inovação. Mas a atitude humilde dos jogadores, sempre dispostos a aprender, me surpreendeu. Porque em alguns casos a mudança foi radical, foi como ir viver no exterior. De qualquer modo, vejo muita diferença entre o jogo do Bayern e o do Barça. Há partidas, normalmente em casa, em que podemos ver semelhanças, mas são poucas. O Bayern tem uma capacidade de atacar a partir do nada que o Barça não possuía. É a capacidade de construir algo a partir do nada”.

Para Reng, talvez o aspecto mais interessante do processo que vive o Bayern seja o fato de a conquista da tríplice coroa não ter feito desaparecer a sede de vitórias: “Primeiro, é preciso dizer que a tríplice coroa de 2013 já influiu um pouco na troca de técnico porque em janeiro os jogadores já sabiam que Guardiola viria e isso os afetou psicologicamente. De forma consciente ou não, muitos atletas apoiaram Heynckes ainda mais, já que ele iria embora. Para Jupp foi ainda mais fácil convencer seus jogadores porque havia um entorno de muito carinho à sua volta. Atletas como Robben e Ribéry, que foram chaves para a conquista dos títulos, não pensaram em si mesmos, em seus egos, mas apenas no técnico que ia embora. Desse modo, o ‘efeito Guardiola’ já começou quando ele ainda não estava lá. E agora, o time segue em um nível ainda mais alto. Pelos resultados, mas principalmente pela maneira de jogar: o tipo de jogo praticado agora é mais complexo que o do ano passado. Tem muito mais passes, é mais definido, mais difícil taticamente. O que aconteceu é um fenômeno muito curioso, que poucas vezes acontece no futebol. Mesmo depois de ganhar tudo, os jogadores tiveram vontade de dizer a seus amigos: ‘Eu sou jogador de Pep Guardiola’. Isto não é comum. Você sabe que os jogadores costumam ser muito críticos com os técnicos, sempre encontram defeitos, mas aconteceu o contrário. Houve uma grande expectativa e curiosidade entre eles para saber como Pep era. Os jogadores se surpreenderam até com o tipo de treino que Pep trouxe e sua chegada foi o maior estímulo que esse time poderia ter. A maior descoberta da temporada foi que jogadores de trinta anos e desse nível tenham sido capazes de mudar tanto e tão rapidamente”.

Fevereiro será o mês da consolidação do Bayern. A boa impressão deixada em janeiro não se traduz apenas em vitórias e na imensa vantagem na Bundesliga, mas também permite a mudança de foco para a Champions League, algo que Guardiola queria evitar até ter garantido o título da liga. Mas agora, a mudança já é inevitável e os jogadores sabem disso. Eles voam nos treinos. Sentiram o gostinho da Champions e não querem que o maior prêmio europeu escape de suas mãos. Assistir a um exercício do jogo de posição é presenciar um recital de controle de bola orientado por Thiago, que a cada domínio gera espaços em um palmo de terreno. É o tradicional exercício que se pratica em um retângulo de 20 m × 12 m, onde jogam sete contra sete, além de cinco coringas, e somente alguns poucos escolhidos (Thiago, Lahm, Kroos, Schweinsteiger...) estão autorizados a dar dois toques na bola. Os outros, apenas um. Pep corrige o tempo todo. Corrige Robben, Schweinsteiger, Kroos. É o exercício do *tac-tac-tac...* Passar, olhar, desestruturar o rival, conservar a posse, guardar posição...

O time transmite segurança. Dá a sensação, pela primeira vez no ciclo de Guardiola, de estar alcançando um padrão intangível, em que parece incólume aos caprichos do acaso. É algo que na realidade não existe, pois se trata apenas de uma sensação: Pep teria fornecido à equipe uma espécie de salva-vidas que a

faz se sentir segura e capaz de tudo. O cenário começa a lembrar dos bons tempos do Barcelona, quando o time catalão se imaginava envolvido por uma aura de invencibilidade. Não importava o que acontecesse, aquele Barça parecia capaz de superar qualquer adversidade.

O mesmo sentimento começa a ser percebido no Bayern. Não se trata da maneira de jogar, nem dos resultados positivos, mas de algo impalpável: um sentimento que se espalha pela equipe, de que o banco de reservas traz, além de soluções táticas, uma dose de carisma que se traduz em segurança. Não conheci a fundo o Bayern de Heynckes, mas seus resultados foram sensacionais e seu jogo, formidável. Parecia um time invencível, que provavelmente devia produzir uma sensação idêntica. Quando fevereiro tiver passado, talvez o Bayern de Pep não seja tão invencível quanto o de Heynckes, mas percebo no ar a sensação de que o técnico traz uma capa protetora diante das casualidades do futebol.

Ao final do treino, o último antes da viagem a Londres para enfrentar o Arsenal, nas oitavas de final da Champions League, e do início do último trecho do caminho rumo à final em Lisboa, pergunto a Thiago Alcântara sobre a sensação que descrevi. Queria saber se era uma percepção equivocada a minha ou se os jogadores também a sentiam: “É verdade”, me diz Thiago. “Ontem à noite pensei nisso e tenho a mesma sensação, uma sensação de segurança. A equipe se sente segura, capaz de tudo. É a mesma impressão que tive no verão passado na Eurocopa sub-21. Na seleção espanhola estávamos convencidos de que ganharíamos o torneio e de que só poderíamos perder para nós mesmos. Ganhamos.”

Faltava alguém para falar do momento do Bayern. Alguém que nunca afrouxa o colarinho, nunca relaxa. Que nunca se conforma com o que já foi alcançado. Matthias Sammer, o diretor esportivo do clube, intimamente ligado a Pep: “Somos bons, somos fortes, somos rápidos, temos vontade e jogamos concentrados. E queremos ganhar. Mas necessitamos dar mais um passo: somos o Bayern, temos que dar o sangue em cada treino e em cada jogo para chegar à excelência, ao nível reservado para os maiores. É uma oportunidade histórica: somos o Bayern e temos que aproveitá-la. Não podemos parar”.

## A mão milagrosa

*Londres, 19 de fevereiro de 2014*

São cinco da tarde em Londres e os jogadores já fizeram o lanche à sombra das palmeiras que recobrem o jardim de inverno do hotel Landmark, a poucos passos do Regent's Park. Guardiola os espera em uma sala para a preleção de Arsenal × Bayern pela Champions, a ida das oitavas de final. Há uma mudança relevante na escalação: Javi Martínez entra como volante único e Lahm recua para a lateral direita, deixando Rafinha no banco. Depois de anunciar aos jogadores a equipe titular, o técnico lhes explica o plano de jogo para enfrentar o time de Arsène Wenger: “Rapazes, todos nós temos experiência em jogos deste tipo. Todos já disputamos jogos de oitavas de final na Champions e sabemos como eles são e o que significam. Sabemos que são intensos, complicados, agressivos e perigosos. Agora, ouçam com muita atenção”.

Guardiola faz uma pausa voluntária. Uma pausa teatral, dessas que pretendem capturar a atenção de quem está escutando: “Quero o seguinte: que nos primeiros dez ou doze minutos vocês se dediquem a amarrar o jogo. Que esfriem os ânimos do Arsenal. Eles vão começar mordidos e com tudo. Quero que amarrem o jogo. Passem a bola. Desta vez quero que façam isso que eu odeio e que tantas vezes disse a vocês que é uma merda: o tiquitaca. Sinto muito por isso, mas hoje vamos praticá-lo por alguns minutos. Passem a bola sem pretender ir à frente. Passem por passar. Mesmo que fiquem entediados, que pareça inútil. Só temos um objetivo: ficar com a bola e fazer o Arsenal se irritar, não conseguir roubar a bola de nós, sentir que é inútil ser agressivo porque não vão pegar na bola”. A mensagem é clara, mas ele a reforça ainda mais: “Eu não precisarei avisá-los. Quando tiverem passado os dez minutos e vocês perceberem que eles perderam o gás, que começam a se irritar ou se desesperar, que já não procuram a bola com tanta agressividade, então, senhores, começa o jogo de verdade. Acaba essa história do tiquitaca e nós começamos a jogar como sabemos. E vamos pra cima deles”.

Mas não acontece nada disso. O início do jogo não tem nada a ver com o que Guardiola pediu. Em menos de dez minutos, os jogadores do Bayern têm que se livrar da bola seis vezes, mandando balões para o campo adversário, oferecendo a posse ao Arsenal. Mas não tinham combinado de esconder a bola? Por que a ofereciam de graça? Nesses dez primeiros minutos, que parecem eternos para Guardiola, o Bayern é quase um boneco nas mãos do Arsenal. Para sorte da equipe de Munique, Manuel Neuer — mais uma vez — se agiganta. Não só defende um pênalti cobrado por Özil, além de outros arremates, como tranquiliza

os companheiros e exige deles aos gritos que cumpram as instruções do técnico. Neuer é o salva-vidas e calmante da vez. São dez minutos nervosos para Guardiola, que não compreende como jogadores de tanta categoria se empenham em fazer longos lançamentos para o vazio em vez de esconder a bola como ele havia planejado. Também não funciona bem a ideia de Javi Martínez como eixo do time: reforça o meio de campo mas compromete o controle. Por que o time descumpre tão claramente as instruções do técnico? “Porque isso é futebol”, Pep me explica no dia seguinte, já mais tranquilo. “Porque somos homens e não robôs. Porque podemos querer, mas nem sempre sabemos como fazer. Porque um treino é calmo e um jogo é tenso. Porque o adversário também joga e é bom, mesmo que haja muita gente sempre depreciando o rival. Porque isso é futebol, cara...”

Para o técnico, esse período de descontrole pareceu eterno. Na coletiva depois do jogo ele fala em vinte minutos de sofrimento, mas no dia seguinte, depois de rever o vídeo, compreende que tinham sido exatamente sete minutos e não vinte: “Sim, mas foram eternos. Se não fosse por Manu... Pô, na Champions você não pode dar nem cinco minutos!”.

Depois do pênalti desviado por Neuer, o Bayern assumiu o controle da partida e da bola: Thiago apareceu e a equipe começou a fabricar chances de gol. Em um lançamento por cima, de Kroos para Robben, o goleiro local, Wojciech Szczęsny, cometeu um pênalti e foi expulso; mas David Alaba mandou a bola na trave e no intervalo o placar continuava inalterado, apesar dos dezesseis cruzamentos do Bayern em direção à área do Arsenal.

Tudo mudou no segundo tempo. Bastou mexer em uma peça: Rafinha entrou no lugar de Boateng, de forma que Javi se posicionou como zagueiro, Lahm como volante e Thiago foi para a ponta esquerda. A mudança foi destruidora: Lahm sequestrou a bola e para o Arsenal, com um jogador a menos, deixou de haver qualquer tipo de esperança. Além de tudo, Toni Kroos disputou um segundo tempo espetacular: fez 152 passes, com 97 por cento de eficiência. Se alguém ainda tinha dúvidas, Kroos fez um jogo digno de fora de série.

Guardiola utilizou as lições aprendidas em experiências anteriores. Em jogos do Barcelona contra equipes com dez jogadores, que se fechavam na própria área, ele havia usado atacantes demais, e no Emirates Stadium não cometeu o mesmo erro. Preferiu povoar a linha dos meios-campistas, fora da área, a fim de atrair os adversários para um lado do campo e virar o jogo para o lado oposto. Kroos interpretou esse papel à perfeição e passou a partida toda obrigando os jogadores do Arsenal a correr de um extremo do campo a outro, perseguindo os rivais, a ponto de a equipe londrina na segunda parte não ter trocado mais de trinta passes (com pouco mais de 20 por cento de posse de bola), enquanto o Bayern completava no mesmo período mais de 550, quase todos com acerto (95

por cento, recorde na Champions).

A visão de jogo de Lahm, o recital de Kroos e a capacidade de Pizarro para entender o que o jogo pedia foram tão decisivos para a vitória (2 a 0) quanto a leitura feita por Guardiola, baseada em suas experiências ruins frente a equipes muito fechadas. O Bayern deixava a Inglaterra com um novo triunfo na Champions, um bom presságio, mas não havia como Guardiola se esquecer do susto que levou: “Esses minutos foram eternos, eternos... Sorte que Manu estava lá. Sem a mão dele vai saber o que seria de nós na Champions...”.



*Munique, 8 de março de 2014*

Em 8 de março, as únicas dúvidas são quando e onde: a liga já está sentenciada. O time de Munique tem vinte pontos de vantagem sobre o Borussia Dortmund e nem sequer a ótima atuação do VfL Wolfsburg no confronto com o Bayern foi capaz de deter o campeão, que encadeou vitórias e goleadas. Além de bom humor.

No treino da sexta-feira, véspera do jogo contra o Wolfsburg, o assistente técnico, *Tiger* Gerland, anulou um gol por impedimento durante uma partida de “área dupla”. A competitividade nesses jogos é tão grande que vários jogadores, entre eles Ribéry, ralharam com Gerland. Brincando, mas também a sério, porque eles não querem perder nem nos treinos. As queixas se prolongaram por um minuto e na jogada seguinte, Ribéry marcou um golaço driblando o time todo e foi comemorar, entre sorrisos, com uma carinhosa “banana” dirigida a Gerland. Mas a diversão não acabou por aí porque Guardiola se juntou à festa. E foi de surpresa. Primeiro, não disse nada e terminou o treinamento. O time viajou até Wolfsburg e depois do jantar Pep fez a palestra tática sobre o adversário. Quando o vídeo estava terminando, surgiu de repente, para espanto dos atletas, a imagem da jogada do gol anulado no treino. Além disso, Carles Planhart tinha acrescentado as repetições pertinentes e desenhado até mesmo a linha de impedimento. E acabou que o gol era legal! Então, a confusão recomeçou, com meio time vaiando Gerland e a outra metade defendendo-o. Naquela noite, quando os jogadores foram dormir ainda continuavam rindo da brincadeira.

No sábado, eles ganharam de 6 a 1 do Wolfsburg, em um jogo que foi muito mais complicado do que o placar sugere, além de ter marcado um momento muito importante para a equipe: pela primeira vez desde 26 de outubro de 2013, Robben e Ribéry atuaram juntos como titulares. Desde a última vez (contra o Hertha Berlin em Munique), passaram-se dezenove semanas, 133 dias e 22 jogos, catorze deles na liga. São dados que demonstram a epidemia de lesões que se abateu sobre a equipe, quase um turno completo do campeonato sem poder escalar desde o início seus atacantes mais famosos.

Os problemas surgidos em razão das lesões foram se resolvendo graças, entre outras virtudes, à fluidez de jogo no meio de campo. Quando Lahm, Kroos e Thiago se juntam, presenciamos os melhores momentos da temporada. Ao lado de Thiago, Toni Kroos joga com mais liberdade, é menos contido, ousa mais e começa a moldar sua liderança dentro da equipe, algo que Mario Götze ainda

não conseguiu, talvez vítima da própria timidez — por mais que Guardiola lhe peça para explodir, para usar a genialidade e a energia de que dispõe, para jogar como sabe. E acima de todos eles, reina Lahm: “Philipp é espetacular”, diz Pep. “Pega a bola e faz o que quer com ela. Leva-a onde quer e, principalmente, onde é importante para nós que ela esteja.”

Ao lado de Guardiola, jantando após o jogo, que é quando suas análises são mais extensas e detalhadas, Manel Estiarte diz o mesmo com outras palavras: “Ele não perde a bola, gira, movimenta a equipe, é um prodígio. Lahm é o coração desse time...”.

O triunfo retumbante do Bayern na liga não pode ser compreendido sem se considerar o deslocamento de Lahm para a posição de volante. O vigésimo quarto título de campeão alemão (contabilizado o obtido em 1932, antes do nascimento da atual Bundesliga) terá para sempre gravado o sobrenome Lahm. E sua origem estará naquela decisão de 30 de agosto de 2013 em Praga, que Guardiola lembra tantas vezes: “Se ganharmos alguma coisa nesta temporada, será por causa do Lahm...”. Para reforçar a ideia, entrará para a história que Lahm conseguiu anotar um gol no campeonato, em fevereiro, no clássico contra o Nuremberg, depois de... 95 jogos sem marcar (a última vez tinha sido três anos antes, em 2011).

O feito alcançado por Lahm nesta temporada é ainda mais admirável quando se leva em conta que, em teoria, ele não é um especialista na posição de volante, em sair com a bola, dividir o adversário e superar a primeira linha de defesa. Ninguém o conhece melhor que seu representante, Roman Grill: “Se fizermos um balanço”, explica, “acho que Philipp contribuiu muito na organização defensiva, mas também na fluidez do jogo. Já como lateral ele tinha esse dom de ver o companheiro e lhe passar a bola em situação de vantagem, facilitando o jogo coletivo. Mas na posição de volante, essa capacidade ganha ainda mais destaque. Se analisarmos o todo, Javi Martínez é mais forte com a cabeça e Schweinsteiger tem a grande virtude de se colocar muito bem, mas na soma de todas as qualidades, Philipp talvez seja o mais completo para esse papel”.

Grill também concorda com a ideia de que o trio formado por Lahm, Kroos e Thiago dá grande fluidez ao jogo: “Na minha visão, acho que o Bayern funcionou melhor quando no meio de campo havia três jogadores muito técnicos, como eles, porque assim o time não perdia a bola, conseguia conservá-la o tempo todo. Isso significou um salto de qualidade para o Bayern. Acho que esse é o melhor sistema para o meio de campo: um triângulo com o volante único no fundo”.

No entanto, e apesar do bom rendimento desse trio, Guardiola acrescenta novos matizes ao meio de campo. Alguns são táticos, como por exemplo, posicionar os laterais bem fechados, junto dos meios-campistas e longe dos

lados do campo, seu posicionamento natural. Grill considera isso muito positivo: “Subir com os laterais pelo meio é o movimento tático de Pep que mais chama a atenção. Para mim, foi uma decisão muito inteligente e estratégica. Ele parece ter entendido a característica dos jogadores. Acho que fez o que fez por uma razão: está muito claro que o que ele quer é controlar o meio de campo e manter a superioridade nessa zona. Para isso, deve atacar com apenas um homem aberto de cada lado. Tem Robben e Ribéry e isso já basta. Por isso digo que ele foi muito esperto ao compreender seus jogadores. Fazer Robben e Ribéry mudarem de estilo de jogo? Isso é muito complicado, então ele optou por colocar os dois laterais por dentro porque imaginava que os dois da frente não iriam ouvi-lo”, ele ri. “O que conseguiu, então, foi ter superioridade no meio graças a Rafinha e Alaba, dando oportunidade a Thiago e Götze, ou a quem jogasse no meio-campo, de avançar mais, tendo com isso mais atletas perto do gol. Esse foi um movimento ganhador, uma ideia inteligente que devemos aplaudir.”

Outros matizes são de caráter pessoal. O Bayern é um clube que apoia os seus atletas e não os deixa sozinhos na adversidade. Tem a convicção de que abriga uma grande família. Isso vale tanto no caso de lesões prolongadas, como a de Badstuber — cuja recuperação evitaria a contratação de um substituto —, quanto na hipótese de graves processos judiciais, caso do brasileiro Breno, que passou mais de um ano na prisão por incendiar a própria casa e por fim foi acolhido como membro da comissão técnica do time juvenil. Em escala bastante diferente, também houve dificuldades relacionadas ao estado físico de Schweinsteiger. Depois de duas cirurgias no tornozelo em apenas cinco meses (junho e novembro), sua temporada vem sendo um calvário. Em outubro, o Bayern teve a chance de contratar para a próxima temporada um dos melhores meios-campistas do mundo: era um negócio excepcional, tanto pelo perfil técnico-tático quanto pelas condições econômicas, mas o clube desistiu porque queria seguir dando mostras de apoio a Schweinsteiger.

No mês de fevereiro, quando Lahm, Kroos e Thiago já vinham rendendo muito bem, Pep escolheu modificar a estrutura de jogo. Por quê? Só há uma razão: para não deixar Schweinsteiger pelo caminho. É um dilema para o técnico: ainda que o rendimento global do time possa ser prejudicado no curto prazo, ele prefere recuperar Bastian. A opinião de Roman Grill é que, com essa decisão, a fluidez de jogo pode desaparecer: “Para mim, o meio de campo do Bayern com Philipp, Thiago, Kroos ou Götze ainda não atingiu seu potencial máximo. Por essa razão me decepcionei um pouco nos últimos dois ou três jogos quando Pep não seguiu com essa forma de jogar e optou por recuar Lahm [para dar lugar a Schweinsteiger], porque acho que as repetições ainda são muito importantes para esses jogadores, que acabam de aprender algo novo. Não penso só em Lahm, mas também por exemplo em Kroos, que sabe cadenciar o jogo, mas ainda perde a concentração de vez em quando durante a partida. Então,

seria muito importante que esses jogadores seguissem com esse sistema. Lamento que Pep tenha modificado, ao que parece, essa escalação”.

Grill tem razão: o trio Lahm, Kroos, Thiago funciona melhor e dá mais fluidez e continuidade ao jogo. Mas é possível entender a decisão de Guardiola: ele não quer perder um jogador como Schweinsteiger, por mais complicada que seja a temporada para ele. Conciliar as duas opções é como quadrar um círculo: impossível. Mas um técnico é pago para tomar esse tipo de decisão. Mesmo que, no curto prazo, não sejam acertadas.



*Munique, 11 de março de 2014*

Ele ainda não decidiu a escalação desta noite. Faltam somente nove horas para um jogo muito importante, a volta das oitavas de final da Champions League contra o Arsenal, e Guardiola segue fechado em sua “caverna” de Säbener Straße, ponderando sobre colocar Schweinsteiger ou Lahm no meio de campo. Kroos tem uma ligeira congestão nasal, mas sua feição é a de quem está disposto a não perder esse jogo por nada. Guardiola tem dúvidas e dá voltas em torno do assunto: “Não fico tranquilo até decidir quem joga. Não se trata apenas de decidir como atacar o rival, mas sobretudo de eleger os melhores para a estratégia escolhida. Vejo com clareza como quero jogar, mas quem são os atletas mais indicados? Essa é a principal decisão”.

É meio-dia em Munique e o time já treinou e ouviu a penúltima preleção antes do confronto, a que esmiúça as ações estratégicas do adversário, finalizada com uma leve sessão em que se repassa como atacar e se defender nas bolas paradas, os escanteios e faltas laterais. Mas Guardiola ainda pensa na escalação. Não chega a uma conclusão porque há dois pequenos problemas: Kroos está resfriado — a quem pergunta ele diz estar bem — e Schweinsteiger ainda não se recuperou totalmente, ainda que também afirme se encontrar em perfeitas condições.

Pep tem dúvidas. Sua comissão técnica o aconselha a escalar os que levaram a equipe até esta fase de oitavas de final, quando as coisas eram complicadas e o grupo vivia uma epidemia de lesões, muitas delas fruto da temporada anterior, incrivelmente desgastante. Enquanto tomamos café juntos no vestiário, um membro da comissão técnica resume o momento vivido: “Meu conselho seria colocar os que nos trouxeram até aqui. Isto é como uma final. Se passarmos para as quartas será um grande sucesso e manteremos a competitividade. Se cairmos, o fim da temporada será longo. Portanto, é como uma final e é uma boa escolha jogar com os que nos trouxeram até aqui, com os que carregaram o time nos meses de tantas lesões”.

Isso equivaleria a escalar Rafinha como lateral e Lahm e Kroos no meio de campo. Mas Guardiola tem dúvidas, apesar das ponderações feitas no dia anterior. Era o meio da tarde de segunda-feira, 10 de março, e ele dizia o seguinte: “Uma opção é colocar os que nos trouxeram até aqui. Direto. Os que tiveram que jogar mais minutos por conta das lesões dos outros”.

É curioso ver como ele muda de ideia de um dia para o outro. Ontem, sentia com clareza que o jogo era uma espécie de marco na temporada: podia

significar o fim da linha em relação aos grandes objetivos (apesar de estarmos ainda no início de março) ou então o início da disparada final. “O jogo de amanhã é importante porque, se formos eliminados, o final da temporada será muito longo, com a liga já conquistada. Temos que chegar às quartas e, a partir daí, lutar por tudo.”

Mas, com quem? Ontem, ele achava que devia escalar os que vinham carregando o piano, mas durante a noite surgiu outra ideia: não correr o menor risco. As quartas de final estão ao alcance das mãos, basta controlar o jogo, amarrá-lo, fazer o que não foi feito no Emirates Stadium durante os primeiros minutos, e o passo será dado. Se conseguirmos controlar os noventa minutos, faltarão apenas quatro jogos para chegar a outra final europeia.

Guardiola se debate entre atacar ou controlar. Quase sempre opta por atacar, mas hoje tem dúvidas. Tanto que ao meio-dia ainda não resolveu o dilema. No fundo, sente-se bem em situações extremas, como quando não tem jogadores suficientes e precisa jogar uma final de Champions improvisando meia defesa — aconteceu em 2009 e em 2011. Nesses momentos, pode recorrer a toda a sua capacidade inventiva. Agora está diante de um cenário novo, pois dispõe do elenco todo, o que na verdade é um problema bom. É o que em Munique se chama de *Luxusproblem*. Todos os jogadores são profissionais e podem entender. Ou não.

Na semana passada ele almoçou com Toni Kroos e reafirmou ao atleta que conta com ele para ser um dos líderes da equipe nas próximas temporadas. Não interferiu nas tratativas financeiras entre clube e jogador nem se arriscou garantindo-lhe uma titularidade que não pode prometer a ninguém, mas deixou patente sua confiança no meia. Anos antes, fez exatamente o mesmo com Yaya Touré. Disse a Kroos que quer tê-lo ao seu lado e se ofereceu para ajudá-lo a ser um jogador ainda melhor do que já é. Mas hoje vai deixá-lo fora do time titular. Porque ele está resfriado, mas também porque quer que Schweinsteiger não fique para trás na dinâmica do grupo. Pretende que todos cheguem em forma a abril e maio.

Exceto por Badstuber, não há lesionados. É um quadro sem precedentes na temporada: foi preciso esperar até 10 de março para que todos os jogadores estivessem disponíveis. Até aqueles que recentemente sofreram pancadas duras treinam sem problemas, pois já não sentem dores. Os atletas usam o traje especial da Champions League, o que serve para alegrar todo o grupo. Ninguém quer perder o duelo com o Arsenal.

O treino do dia anterior à partida não dá pistas sobre a escalação. Neste caso, porque Pep ainda não decidiu se partirá em busca do gol ou se será mais prudente, segurando o jogo. Mas a sessão de treinos tem outro foco, a preparação para cortar no início qualquer ataque do time londrino. Ele repassa em detalhes

todo o movimento da linha defensiva quando a bola chega ao goleiro rival e este a envia a um dos lados do campo. “Sabemos que Fabianski lança a bola para sua direita”, explica Carles Planchart. “Se Giroud a recebe é para matar no peito e segurá-la. Se a bola vai para Sagna, é para que o nosso lateral avance até ele e Sagna alongue a jogada de cabeça, usando o espaço que ficou vazio às suas costas.”

E a tarde de segunda é dedicada à estratégia de defesa desses tiros de meta de Fabianski, substituído no caso por Manuel Neuer. Durante vinte minutos, Dante e Schweinsteiger ocupam-se de marcar um jogador (Pizarro) que faz o papel de Giroud, e Alaba aperfeiçoa a investida contra Sagna.

Em seguida, Guardiola explica detalhadamente como Arteta atrai o médio-volante adversário para criar um vazio no meio de campo bávaro, que será ocupado por Özil. Pep realiza os movimentos de Arteta enquanto explica aos jogadores, espalhados pelo campo: “Özil é o perigoso. É quem temos que vigiar de verdade. Arteta atrai, nós investimos contra ele e então Özil cai por essa zona, acompanhado de Cazorla ou Chamberlain e assim eles conseguem a superioridade”. É ensaiada uma forma de impedir o movimento de Özil. Pep exige que Robben e Ribéry fechem por dentro e, principalmente, que Javi Martínez, no papel de zagueiro, ocupe a área que se esvaziou. Rafinha, por sua vez, deverá preencher o espaço deixado por Javi.

O treino é um ensaio constante desses movimentos. Guardiola não para de gritar os nomes dos jogadores do Arsenal: Arteta, Özil, Cazorla, Mertesacker. Todos eles ecoam em Säbener Straße enquanto os atletas do Bayern se empenham em ritmo alucinante se considerarmos que estamos na véspera do confronto. Certo: são poucos minutos, apenas 20, mas o ritmo é incomum. Pep revoluciona os jogadores, que se mostram excepcionais. O time irradia tamanha sensação de segurança que parece improvável que não consiga eliminar o Arsenal. Ao final, com todos suados, Guardiola nos resume o ocorrido com simplicidade: “Joga-se no ritmo em que se treina. Assim, no jogo, o acerto tático depende do talento do jogador, mas o ritmo virá do treinamento. Se você treina mal, joga mal. Se treina como uma fera, joga como uma fera. E esses caras treinam como feras”.

Guardiola escolhe o controle em vez da agressividade. Opta por Schweinsteiger no lugar de Kroos. Quando o ônibus deixa a cidade esportiva rumo ao hotel Dolce, onde a equipe passará as seis horas anteriores à partida, o técnico já tomou a decisão e se sente aliviado e otimista: “Controle. Escolhi o controle. Controle e mais controle”.

Robben faz um jogo formidável. Corre, defende e ataca com precisão. Exibe uma maturidade desconhecida em um atleta que muitas vezes se destacou por sua irregularidade, por ser capaz de jogadas incríveis ao mesmo tempo em que

exibia falhas importantes. Aos trinta anos, alcançou um ótimo ponto de equilíbrio e pode tanto protagonizar um lance fantástico como liderar o *pressing* exercido pelo Bayern, forçando o adversário a cair em uma armadilha fatal. Guardiola comemorará sua exibição com um abraço surpreendente no holandês.

Aos nove minutos do segundo tempo, Schweinsteiger dispara desde o meio do campo, Cazorla não o acompanha e o alemão chega a tempo ao miolo da área para arrematar um cruzamento de Ribéry e abrir o marcador. Dois minutos depois o Arsenal empata, mas nada mais acontece. O Bayern não jogou uma partida brilhante, mas manteve o controle e a eliminatória esteve nas suas mãos durante 173 dos seus 180 minutos: só fraquejou no início do jogo de ida, até que Neuer defendeu o pênalti de Özil. A eliminatória se encerra da mesma maneira que começou: Fabianski defende um pênalti batido por Müller, o que evita o triunfo alemão na partida de volta.

Guardiola está eufórico. Ainda que no dia seguinte surjam analistas que falem de um Bayern regular, o técnico está mais feliz do que nunca. Alcançou as quartas de final e isso significa que haverá novas oportunidades para chegar ainda mais longe na máxima competição europeia: “Eu queria controle e nós conseguimos. Chutamos mal a gol, concordo, mas controlamos o jogo e era isso que eu queria. Sei que em Munique todos gostam muito de atacar e correr o tempo todo, mas o jogo exigia o inverso. Com o 2 a 0 da ida não era inteligente expor-se correndo demais. O.k., não tivemos fluidez no meio de campo, mas fizemos o jogo que tinha que ser feito”, explica.

Às dez da manhã do dia seguinte ele já reviu o jogo e expressa sua mescla bem particular de alegria pelo triunfo e autocrítica pelos erros cometidos: “Cometemos um erro que foi deixar no mesmo corredor o nosso lateral e o nosso ponta. Lahm e Robben em um lado e Alaba e Ribéry no outro. Estavam no mesmo eixo e isso nos tirou a superioridade. É muito importante que não se anulem. Se os pontas estão abertos, os laterais têm que estar por dentro ou o contrário”.

Como sempre, depois de um jogo, ele já maquina novas soluções: “Os laterais precisam se posicionar como se fossem meias, de modo que Götze possa se mover livremente por onde quiser. Mas os laterais têm que estar por dentro. Quando nosso ponta entra, o lateral deve abrir, e com Götze o time consegue superioridade. Mas ao atuarem alinhados, o lateral ficava atrás do ponta e tudo sempre acabava no um contra um, sem nenhuma superioridade. Temos que corrigir isso...”.

Nessa manhã luminosa em que a alegria inunda Säbener Straße, Guardiola toma outra decisão: Ribéry e Götze não estão em perfeita forma e precisam de uma pequena pré-temporada. Nas três semanas seguintes, Lorenzo Buenaventura trabalhará especialmente com eles para que estejam no ponto para o dia 1º de



abril, quando começam as quartas de final. A Champions já é o objetivo principal.



Vou esperar por você, Uli

*Munique, 14 de março de 2014*

Na quinta-feira, 13 de março, tínhamos programado viajar juntos à Basileia para ver ao vivo o jogo da Liga Europa entre o FC Basel e o Red Bull Salzburg. Guardiola está encantado com Roger Schmidt, o técnico do time de Salzburgo, que no mês de abril seria contratado pelo Bayer Leverkusen para a temporada 2014/2015. Fazia tempo que vinha assistindo aos jogos do time austríaco. Quando se enfrentaram em janeiro, em um jogo amistoso no qual o Bayern perdeu por 3 a 0, Guardiola se convenceu de que Schmidt tinha grandes qualidades como técnico. Portanto, decidiu ir vê-lo ao vivo, mas na tarde anterior à viagem ficou claro que não poderia ir: ao meio-dia da sexta-feira seria conhecida a sentença judicial contra Uli Hoeneß. Na quarta-feira, dia 12, tudo estava em paz no Bayern. Até que...

Três anos e meio de prisão. Foi um terremoto, mesmo que não se tratasse de uma surpresa pela forma como evoluiu o processo por evasão fiscal, que deixou claro que Hoeneß cometera uma fraude milionária contra a Fazenda da Alemanha. A decisão judicial foi um duro golpe para o pessoal do Bayern. Ele não era só o presidente — ainda que o delito não tivesse nenhuma relação com a instituição —, mas a alma do clube. Era muito mais que um brilhante ex-jogador. Desde que assumira a direção comercial geral em 1979, Uli havia sido o grande construtor do Bayern moderno, e o transformara em uma instituição modelo, de muito sucesso. É claro que a condenação levou à sua renúncia do cargo de presidente. Em um comunicado emitido pelo clube, Hoeneß assumiu toda a culpa, aceitou a decisão judicial e renunciou.

Guardiola foi a primeira pessoa do Bayern a falar publicamente depois da condenação. Ao meio-dia da sexta-feira, na coletiva de imprensa anterior ao jogo contra o Bayer Leverkusen, ele disse: “Uli é só coração. Você percebe logo por que ele é tão querido no Bayern. Eu nunca vi um dirigente ser tão querido dentro de um clube. É muito difícil imaginar o Bayern sem ele”.

Que Guardiola fosse o primeiro a falar em público quando saiu a sentença não era um detalhe irrelevante. Podia dar espaço para muitas interpretações. Uma delas, a de que o clube confiava cegamente nele como porta-voz, como porta-bandeira. Algo que lhe dava orgulho. Outra, a de que o clube havia se escondido atrás dele e isso o inquietava porque o fazia se lembrar de velhos problemas vividos no Barça. De qualquer forma, ele aceitou sem hesitar ser o primeiro a mostrar a cara e não economizou na emoção: “Uli merece todo o nosso respeito. Trabalhei incrivelmente bem com ele. Ele é meu amigo e continuará sendo.

Espero que possa voltar no futuro e que possa nos apoiar e nos ajudar como fez até agora. Nestes nove meses percebi como Uli é importante no clube. É a pessoa mais importante e aqui dentro todos o estimam e todos o amam. Uli é tudo no Bayern. O número um. Uli é o clube”.

Suas palavras foram tão emotivas por uma razão fundamental: Hoeneß tinha se transformado em seu amigo. Fazia pouco tempo que se conheciam mas Guardiola se sentia muito próximo de Uli. Almoçavam juntos todas as semanas, dividiam suas impressões sobre o futebol e, principalmente, sentiam carinho mútuo. Sem Uli, Pep ia se sentir quase órfão no Bayern, mesmo que Rummenigge, que é muito inteligente, tentasse nos meses seguintes ocupar o vazio deixado pelo presidente.

Foi justamente Kalle Rummenigge quem explicou a situação aos jogadores. Foi uma mensagem breve, no auditório de Säbener Straße. Uma mensagem institucional para garantir a estabilidade do clube e da equipe, mas em que apareceu o lado mais emotivo de Rummenigge. Com o rosto abatido e falando em voz baixa, na terceira palavra começou a chorar e não conseguiu se conter. O elenco assistiu comovido à cena enquanto o dirigente se esforçava para concluir seu comunicado entre soluços.

A sacudida foi tão forte para o Bayern que qualquer cenário era possível: desde o apoio irrestrito a Guardiola até a ruptura. Pep sentia que Hoeneß era o pai do clube. Era quem o tinha contratado. Quem havia decidido que era preciso contratá-lo. Como seria o futuro sem esse “pai”?

O fato é que Guardiola iria estar mais sozinho. Isso influiria na duração de sua passagem por Munique? Seus colaboradores na comissão técnica achavam que sim, apesar de ser muito cedo para ter certeza. Mas eles imaginavam que se Hoeneß lhe pedisse para esperar até que ele sasse da prisão, Pep concordaria.

O técnico disse algo assim alguns dias mais tarde: “Quero dar o melhor ao clube, continuar trabalhando dois ou três anos aqui, porque meu sonho é trabalhar novamente com ele quando voltar. Sem Uli Hoeneß nada disso seria possível”.

No jogo do sábado contra o Bayer Leverkusen sentiu sua falta. Normalmente, os três membros do *board* do clube, Hoeneß, Rummenigge e Jan-Christian Dreesen, diretor financeiro, dirigiam-se à sala do treinador assim que terminavam os jogos na Allianz Arena. Ali, conversavam por alguns minutos e, em seguida, Rummenigge e Dreesen visitavam o vestiário para cumprimentar os jogadores e Hoeneß continuava na sala com Pep para trocar opiniões. No começo, Uli dava força a Guardiola quando o técnico ainda não sentia que o time era seu, nos primeiros jogos. Uli o havia apoiado às cegas e naquele sábado, 15 de março, Pep sentiu falta dessa conversa apesar de o jogo ter sido tranquilo, com vitória do Bayern por 2 a 1 diante da equipe de Leverkusen.

O Bayern chegou a cinquenta jogos invicto (25 com Heynckes e 25 com Guardiola), já que a última derrota na liga ocorrera em outubro de 2012, justamente frente ao Bayer Leverkusen na Allianz Arena. Pep batia seu recorde pessoal de vitórias consecutivas: as dezesseis que tinha conseguido com o Barça abriam passagem para as dezessete obtidas com o Bayern. O estádio, com os torcedores todos em pé, ovacionou jogadores como Robben, Mandžukić e Kroos, e como o Dortmund havia perdido para o Borussia Mönchengladbach, o título da liga já estava praticamente decidido. Depois de uma batalha de cânticos entre os torcedores do Bayer e do Leverkusen, o estádio começou a cantar, aos trinta do segundo tempo, em apoio ao ex-presidente: “Uli Hoeneß, du bist der best Mann!” [Uli Hoeneß, você é o melhor!]. Os cânticos tinham um tom nostálgico. Viam-se vários cartazes de apoio no estádio: todos escritos à mão por torcedores que, além do juízo moral que cada um poderia fazer sobre a conduta pessoal de Hoeneß, simplesmente queriam dizer adeus a quem os havia liderado nos bons e nos maus momentos.



*Munique, 15 de março de 2014*

Ribéry não ia jogar contra o Bayer Leverkusen. Sua condição física não aconselhava. Em meio ao desgosto por não ter ganhado a Bola de Ouro, o processo judicial que enfrentou, uma lesão muscular e, por fim, a cirurgia para tratar do nervo que o incomodava nas costas, Franck praticamente não tinha atuado em 2014. Guardiola, que começava a se desesperar, decidiu que ele devia fazer uma pequena pré-temporada. Duas semanas de trabalho duro para recuperar a forma. Disse-lhe isso antes do jogo contra o Leverkusen. Mas Claudio Pizarro se ressentiu de uma pancada no quadril durante o treinamento prévio à partida e foi preciso desconvocá-lo, e por isso Ribéry jogou no seu lugar. Antes do confronto, Pep chamou o jogador francês à sua sala e lhe explicou como precisava que ele recuperasse o nível de 2013, quando era quase impossível pará-lo.

Mas durante as seis semanas seguintes o problema de má forma de Ribéry continuaria sem solução, a ponto de o jogador se bloquear mentalmente, angustiado por não estar conseguindo recuperar seu melhor nível. Guardiola se sentia aflito, apesar de não falar do caso em público — assim como os demais jogadores, que se esforçavam para apoiar o companheiro em sua recuperação. No esporte é impossível estar sempre no ápice da forma, e Ribéry iria sofrer com esse problema no momento decisivo da temporada.

Depois da vitória diante do Leverkusen, o título da liga estava praticamente nas mãos do Bayern, que o conquistaria dez dias mais tarde em Berlim ao alcançar 25 pontos de vantagem sobre o Borussia Dortmund quando faltavam sete jogos por disputar. Seria a segunda vez desde o ano 2000 que o Bayern conseguiria manter o título da liga conquistado na temporada anterior. Não era surpreendente? Em quinze temporadas, apenas duas vezes o clube conseguira repetir o título nacional de forma consecutiva. É um dado que Rummenigge, Hoeneß e Guardiola mencionaram várias vezes. Foram sete técnicos diferentes em dez anos, e historicamente após cada sucesso houvera uma queda espetacular. Reservadamente, os principais dirigentes do Bayern tinham concluído, junto ao técnico, que a hipótese mais provável depois da tríplice coroa de 2013 era o fracasso.

Mas não foi assim, em grande parte porque os jogadores se sentiram muito estimulados com a chegada de Guardiola. Todos eles encararam a temporada como se estivessem começando de novo, e não como costuma acontecer sempre que se vence tudo. Por isso, já contavam mais três títulos conquistados

(Supercopa europeia, Mundial de Clubes e Bundesliga) e vislumbravam duas finais no horizonte.

Depois do jogo contra o Bayer Leverkusen jantei com Pep e Domènec Torrent, o assistente técnico, e mencionei os recordes batidos na liga. Guardiola não sabia dos cinquenta jogos de invencibilidade, nem que tinha igualado as 25 partidas sem perder de Heynckes, nem dos outros números, mas Torrent foi direto em seu comentário: “Olha, Pep, não vamos nos preocupar com os recordes. Esqueçamos os recordes e vamos atrás do que interessa, a Champions. Tanto faz se perdermos jogos ou se levarmos gols a partir de agora. Deixemos os recordes para a próxima temporada”.

“Tem razão”, respondeu Guardiola. “Vamos fechar a liga o quanto antes e nos concentrar na Copa e na Champions.” A conversa logo derivou para os jogadores e para a necessidade de que atletas como Ribéry, Götze ou Schweinsteiger alcançassem sua plenitude de forma.

Então, o técnico fez aquilo de que tanto gosta, passou explicar como quer que seu time jogue: “Está claro. O time tem que jogar por fora. Dois pontas colados na linha lateral, um centroavante dentro da área — não para chutar diretamente, mas para a segunda bola — e quatro caras esperando esse segundo lance, dois laterais e dois meias (ou um meia e um volante), para aproveitar o rebote e arrematar em gol. Além disso, dessa forma cortamos os contra-ataques bem à frente, na raiz”. E um objetivo: “Na próxima temporada, temos que jogar melhor”.

Então fiz uma pergunta indiscreta: “E como conseguirá jogar melhor se tiver os mesmos jogadores?”. Guardiola se fez de distraído e não respondeu. Para mudar de assunto, replicou com uma pergunta tão fascinante que me deixou completamente desconcertado: “Se amanhã fosse a final da Champions, qual seria a sua escalação?”.

Propor uma escalação ao técnico do Bayern e ao seu assistente era uma tentação que eu não podia recusar. Assim, armado de uma inconsciência quase irracional, respondi: “Bom, está muito claro para mim. Colocaria os onze que hoje estão em melhor forma e os posicionaria em um 4-2-1-3”. E dei os onze nomes que eu escalaria, mas por que fui falar? Guardiola escutou em silêncio e não abriu a boca. Domènec Torrent por sua vez, demorou menos de dois segundos para me indagar: “E se fosse contra o Real de Cristiano Ronaldo e Bale, não escalaria Boateng, que é o zagueiro mais rápido que temos? E se fosse contra o Barça, enfrentaria Messi sem Schweinsteiger? E se fosse contra o Chelsea, jogaria com um 9 fixo sem Götze nem Müller?”.

Quantas variáveis! Naquela noite aprendi que teria sido melhor ficar calado. Guardiola não opinou sobre minha escalação, mas as perguntas de Torrent me fizeram compreender que não basta ter toda a informação, é preciso pensar e

pesar muitos outros fatores, já que qualquer deslize ou precipitação na hora de escolher pode provocar um erro grave. É óbvio que eu sabia que ser técnico é uma tarefa complexa e difícil, mas naquele jantar compreendi isso melhor do que nunca e ainda percebi que, muitas vezes, nós que analisamos de fora somos menos meticolosos e detalhistas que aqueles que criticamos tão facilmente.

Também entendi que as eternas dúvidas de Guardiola não se devem a seu caráter, nem a sua falta de ousadia ou decisão, mas a um desejo profundo de avaliar todas as possibilidades. Claro, pensei na mente do enxadrista que analisa todas as variáveis possíveis e disse a ele: “A escolha da escalação me faz lembrar o jogador de xadrez diante das peças do tabuleiro”.

“Não sabe o quanto é parecido”, respondeu Pep. “Você certamente leu a entrevista de Leontxo García com Magnus Carlsen no *El País*? Fiquei encantado com uma afirmação de Carlsen. Ele disse que não se importa em sacrificar uma possível vantagem na saída das peças porque sabe que na parte final da partida ele é o mais forte. Fez-me pensar muito e tenho que aprender a aplicar isso no futebol...”



*Munique, 25 de março de 2014*

Durante as comemorações no vestiário de Berlim, Ribéry cortou o lábio de Manel Estiarte. A sete rodadas do final, o Bayern conquistou a Bundesliga. Quanto à receita de Guardiola sobre como ganhar uma liga (não a perder nas primeiras oito rodadas e resolvê-la nas últimas oito), houve sobra na segunda parte, pois em 25 de março eram 25 os pontos de vantagem sobre o Borussia Dortmund, mas restavam só 21 em disputa. Sobraram sete rodadas da receita.

Foi a sétima vez consecutiva que o Bayern conquistou o título da liga fora de seu estádio e a façanha foi notável: aos treze minutos já vencia a partida por 2 a 0 depois de um início arrasador. O técnico modificou o plano de jogo dos últimos dias e fez os laterais jogarem por fora, pois percebera que os pontas do Hertha marcavam homem a homem, de forma que, com Rafinha e Alaba nos lados do campo, os berlinenses eram obrigados a defender com seis jogadores em linha e, assim, esvaziavam o meio de campo. Müller, Götze, Robben, Kroos e Schweinsteiger se aproveitaram disso para dominar com autoridade a zona central. No intervalo, com o título da liga praticamente decidido, vários jogadores comentaram o ocorrido com Guardiola, que falara do assunto na preleção.

O elenco todo estava presente no Olympiastadion de Berlim, ainda que os lesionados Badstuber e Contento tenham viajado no dia do jogo, assim como Javi, que três dias antes sofrera uma pancada na cabeça jogando contra o Mainz e perdera momentaneamente a memória. O confronto, que terminou com vitória dos bávaros por 3 a 1, transformou a equipe de Guardiola na primeira a ganhar o título alemão no mês de março e também na mais precoce a faturar a taça na história das principais ligas europeias. Depois de 27 jogos, acumulava 25 vitórias e dois empates, com 79 gols a favor e apenas treze contra. Conquistara a liga sem derrotas e batendo todos os recordes existentes, fazendo uma média de quase três gols por jogo (2,92) e com uma solidez defensiva sem precedentes (0,48 gols por partida). Era, além de tudo, o terceiro título da temporada.

A festa no vestiário acabou com todos na piscina. Normalmente um homem sóbrio e de poucas palavras, Hermann Gerland se aproximou de Guardiola e lhe deu sua opinião: “Você é um gênio”. À meia-noite, Manel Estiarte já exibia dois pontos de sutura no lábio porque enquanto o atiravam na piscina, Ribéry havia lhe acertado uma cotovelada involuntária. E na festa à noite, a animação cresceu. Não foi o clube que a organizou, mas Bastian Schweinsteiger, que tem esse hobby curioso. Oito dias antes ele já havia organizado uma festa à fantasia para os jogadores e suas mulheres. Agora, em Berlim, convocara todo o elenco para o



bar local Kitty Cheng, no bairro de Mitte.

Às duas da madrugada, Pep Guardiola começou a dançar. Nenhum de seus amigos íntimos o tinha visto dançar antes. Nem nas festas familiares ou nos triunfos do Barcelona o técnico tinha se arriscado. Sempre permanecia sentado, rodeado de amigos ou colaboradores, falando sobre mil coisas, a maior parte relacionada com o futebol. Não precisamos ir longe: em Marrakech, três meses antes, depois de ganhar o Mundial de Clubes, ele tinha celebrado conversando com amigos como Sala i Martín e o cineasta David Trueba. É verdade que naquela festa quase ninguém tinha se animado a dançar: só a esposa de Pep, Cristina; sua filha mais velha, Maria; a mãe de Cristina, a esposa de Sala i Martín e, finalmente, ainda que com timidez, Dante e Rafinha, os brasileiros mais agitados.

Em Berlim foi diferente. David Alaba se encarregou da música: não só fez às vezes de dj, como também cantou com boa voz. O entusiasmo do plantel era tamanho e tão contagiante que, pela primeira vez na vida, Guardiola resolveu dançar com os jogadores. Parecia um deles. Beberam e se divertiram. A certa altura da noite, Ribéry se aproximou de Pep, pegou-o pelo pescoço e disse: “Pep, te amo. Te levo no coração. Eu sou um cara simples mas sempre vou te levar no coração. Nunca podia imaginar que iria aprender tanto como neste ano”.

A farra se estendeu até muito tarde. Pep foi dormir quase às cinco. Alguns jogadores chegaram ao hotel na hora do café da manhã e todos os rostos refletiam, na viagem de volta a Munique, o esgotamento causado pela intensa comemoração. Durante o voo, os capitães pediram diversas vezes ao técnico que adiasse para sexta-feira o treinamento da quarta, pois assim poderiam descansar. Guardiola acabou aceitando: o título da liga havia sido conquistado de forma tão brilhante que podia fazer algum tipo de concessão.

Achei interessante reparar na vibração da equipe no primeiro treino depois da conquista. O trabalho depois de uma grande vitória pode indicar muitas coisas: ficaram saciados de triunfos? Continuam famintos? A grande vitória é um “ponto e parágrafo”? Ou um ponto final? Achei que seria muito significativo verificar como o time treinava depois de conseguir manter o título da liga pela primeira vez em nove anos. Era apenas a segunda vez no século xxi que o Bayern, depois de ganhar o campeonato, conseguia o bi. É um dado que sugere muita instabilidade após o sucesso, uma incapacidade de continuar ganhando de maneira consistente.

A alegria dos jogadores, simbolizada por Schweinsteiger, que apareceu com uma máscara do esquiador local Felix Neureuther, durou o tempo que Guardiola levou para aparecer no campo e ordenar o aquecimento. Acabaram-se as risadas e a equipe se voltou para o trabalho, dividida em três grupos de sete jogadores que realizaram quatro jogos de cinco minutos de “área dupla”, com

nove repetições de exercícios de velocidade reativa mais seis de velocidade explosiva.

Não houve trégua nem relaxamento. Durante a sessão, Guardiola se aproximou por um instante da lateral e me disse, contundente: “Ribéry está fazendo o melhor treino do ano. Fantástico, está fantástico”.

E assim foi. A vibração logo depois da conquista era a de um time faminto, em que cada atleta lutava com unhas e dentes por um lugar entre os titulares. A fase final da Champions se aproximava e ninguém queria ficar no banco. Nenhum deles tampouco imaginava o atropelamento que sofreriam nas semifinais diante do Real Madrid.

Com a liga no bolso e a Champions no horizonte, foi um dia para se sentar com Guardiola e escutá-lo: “Os piores dez minutos do ano foram no Emirates. A mão de Manu [Neuer] nos salvou. Os melhores minutos, provavelmente os de Manchester contra o City e os primeiros quarenta contra o Hertha em Berlim”.

Falei dos recordes batidos pelo Bayern: “Ah, essa conversa dos recordes. Que os recordes não nos envenenem. Dá no mesmo se nos ganharem ou fizerem gols em nós. Agora é a vez da Champions e da Copa. A liga acabou”.

Restavam apenas quatro dias para que o time enfrentasse o Manchester United nas quartas de final: “Olha”, disse Pep, “até o time que parece mais fraco pode batê-lo na Champions. O United vai dar trabalho, não tenha dúvidas. Teremos que atacar com laterais abertos porque os deles fecham muito e temos que vigiar os contra-ataques por dentro com Rooney e a velocidade por fora de Valencia ou Young. Eles lançarão bolas longas e preciso ter os meus melhores jogadores no meio para manter a bola, passá-la e dominar o meio de campo. Mas, cuidado, Old Trafford é outra história. E lá estará o sr. Ferguson e isso pesa muito...”. O Bayern era claramente favorito nessas quartas de final: “Sim”, ele continuou, “mas não está escrito em lugar nenhum que o Bayern já é semifinalista. Não vejo isso em lugar nenhum. A única coisa que eu sei é que nos restam dois jogos na Champions. Certeza, certeza, só temos dois. Se quisermos jogar mais dois jogos depois, temos que ganhar no campo. É isso que penso em dizer a eles na preleção de Manchester: nos restam dois jogos e temos que ganhar o direito de jogar mais dois”.

Nesse momento, ele se lembrou de um detalhe e o anotou na sua agenda: “Tenho que falar com Boateng porque no outro dia contra o Mainz ele salvou por milagre uma escapada do atacante, mas arriscou ser expulso, e se isso acontece na Champions prefiro que marquem um gol a termos que ficar com dez jogadores”.

Aproveitei o momento, com Guardiola relaxado e sem pressa, para avaliar a evolução do time: “Melhorou uma barbaridade no jogo de posição. No começo

foi muito difícil porque é um tipo de exercício que exige muito e os jogadores tiveram que aprendê-lo do início. Mas a evolução foi fantástica e agora são verdadeiros especialistas. Não preciso mais dizer a eles quando devem avançar e pressionar nem que mantenham a posição”.

Mas os jogos de posição, assim como os *rondos*, fundamentos do trabalho de Guardiola, são só uma parte da metodologia: “Ainda nos faltam muitas coisas para trabalhar, mas são coisas que faremos no segundo ano. Nesta temporada já ensinamos tudo. Agora só precisamos competir com o aprendizado adquirido. Na próxima temporada ensinaremos muitos outros conceitos: podemos perder mais jogos, mas jogaremos melhor. Os jogadores já terão um ano de contato com o novo ‘idioma’ de jogo e serão muito mais sólidos. Testaremos mais variantes: um dia jogaremos com três zagueiros, outro com os pontas bem abertos, e passaremos muito a bola na região central com o ponta de lança e os meias... Enfim, acho que cresceremos”.

Inevitavelmente, a bola surge como a chave do jogo: “No futebol, quem dá a velocidade é a bola. E os passes. Na verdade, no futebol e em todos os esportes. No basquete, se você se desfaz da bola uma vez atrás da outra, fica fácil para a defesa. Mas se você a move rapidamente, de um jogador para outro, cria muitos problemas para o oponente. No futebol, acontece o mesmo: é-sua-é-minha, tac-tac, e você força o rival a recuar, mesmo que pareça que não está fazendo nada. Por esta razão me interessa tanto tocar a bola no campo adversário. Quero que meus dois atacantes prendam os quatro zagueiros rivais (melhor se conseguir prendê-los com um atacante só, que tem que ser muito bom para conseguir isso), e os demais devem tocar a bola na zona central do campo. Tocar muito, não só para manter a posse mas para passar a bola rapidamente e assim matar o adversário. A bola nos organiza e desorganiza o rival. Técnicos como Juanma Lillo e Raúl Caneda sempre disseram isso. Apesar de não parecer, com os passes rápidos você vai se organizando e atordoa o adversário”.

Mas nada disso é possível se os jogadores não acreditam na ideia: “Eccolo qua!” [expressão italiana que significa “aqui está”, “isso mesmo”, que Pep Guardiola usa constantemente]. “A questão-chave é como continuar seduzindo os jogadores para que aceitem os novos conceitos. A palavra é *seduzir*, não *motivar*. O que aconteceu no Barça não foi que eu não conseguia motivá-los: são ótimos atletas e pessoas maravilhosas. Eu não conseguia seduzi-los. Em quatro anos, havíamos introduzido mil pequenas inovações táticas e os passos seguintes não eram simples. E olhar nos olhos dos jogadores é como observar um casal de noivos: você pode ver paixão e sedução ou pode ver que essa paixão vai se apagando lentamente. E aqui, no Bayern, acontecerá o mesmo. Quando alguns anos tiverem passado, provavelmente não conseguirei mais seduzir meus jogadores e será hora de ir embora. São os olhos. É a sedução...”



## CAPÍTULO 5

### **CAIR E LEVANTAR**

“Você não consegue avaliar o sucesso se nunca fracassou.”

STEFFI GRAF

## Thiago está fora

*Munique, 29 de março de 2014*

Se março foi mágico para o Bayern, abril seria um mês trágico.

Com a liga recém-conquistada, Guardiola faz muitas mudanças na equipe que enfrenta o Hoffenheim. Thiago deve jogar porque nas duas últimas semanas atuara por poucos minutos em razão de um hematoma na perna. Precisava recuperar o ritmo competitivo que o transformara no eixo principal do time desde janeiro. Então, sobe ao gramado da Allianz Arena como titular porque Pep quer que também seja assim em Old Trafford, contra o Manchester United, poucos dias depois. Mas com dez minutos de jogo, ele rompe o ligamento. O árbitro já tinha apitado e Thiago relaxou o pé direito em um choque com Kevin Volland. Grave erro. A pancada é tão dura que faz o joelho girar completamente e produz uma ruptura de 80 por cento do ligamento colateral interno.

No dia anterior, Guardiola havia rejeitado duas propostas: na primeira lhe ofereciam um zagueiro central de muita fama, mas o rigor tático do jogador não o convencia e ele descartou a contratação; na segunda, mostravam-lhe um cheque em branco para que se sentasse na próxima temporada no banco de outro grande clube europeu. É claro, sua resposta também foi negativa.

Aproveitou esse mesmo dia para fechar publicamente a pasta de arquivos da liga. “Estou muito feliz por já ter conseguido esse título”, disse Guardiola. “Por respeito à Bundesliga continuaremos lutando em todos os jogos, mas na terça-feira temos uma final em Manchester. Sim, são quartas de final, mas é como se fosse uma final porque só temos três partidas garantidas: as duas contra o Manchester e a semifinal da Copa contra o Kaiserslautern. Os recordes não me importam, só esses três jogos.”

Guardiola quis, com essas palavras, encerrar uma etapa (a do triunfo na liga) e abrir outra, completamente focada na Champions e na Copa. Quis evitar que seus jogadores se ocupassem de assuntos secundários como os recordes e se concentrassem apenas e tão somente nos títulos que ainda estavam em jogo. Foi uma ideia louvável, mas sua execução provocaria uma queda contundente no rendimento geral da equipe. Foi o germe de uma desmobilização que acabaria em desastre. Uma proposta bem-intencionada, claramente protetiva do elenco, e cuja pretensão era enfocar somente as competições que ainda estavam em disputa, mas que desembocaria em uma grande derrocada. A perda de Thiago também influenciaria na queda porque era ele quem aglutinava o meio de campo, quem dava continuidade ao jogo. Thiago era o cimento que unia todas as peças.

A pressão alta adotada pelo Hoffenheim maltrata um Bayern repleto de reservas. Semanas antes, times como o Nuremberg, o Mainz e o Wolfsburg haviam aplicado pressão idêntica sobre os zagueiros bávaros, a fim de dificultar o início das jogadas, e em todas as ocasiões criaram dificuldades para o Bayern, mesmo que o balanço final nos três casos tenha sido positivo, com vitórias do time de Guardiola. Mas os triunfos não ocultavam o fato de que alguns técnicos alemães, como Markus Weinzierl do FC Augsburg, Thomas Tuchel do Mainz 05, ou Dieter Hecking do VfL Wolfsburg, começavam a encontrar soluções para enfrentar Pep, e a pressão alta sobre os zagueiros parecia ser uma medida interessante.

O Hoffenheim faz tanta pressão que o Bayern precisa mudar seu plano de jogo e recorrer ao contra-ataque, o que acaba sendo tão chocante quanto o resultado final (3 a 3, depois de o Bayern ter chegado a abrir 3 a 1). Pela primeira e única vez em toda a liga, o adversário chuta mais a gol que o próprio Bayern: vinte arremates do Hoffenheim contra onze da equipe de Guardiola. O jogo deixa má impressão no time da casa, que vê ser interrompida a série de dezenove vitórias consecutivas (todas as partidas foram vencidas desde o empate com o Leverkusen em 5 de outubro de 2013). O time continuava invicto após 53 jogos, e Guardiola mantinha um retrospecto de 25 vitórias e somente três empates depois de 28 partidas. No entanto, era também o primeiro empate em casa, jogando pela liga, em quinze meses, e a primeira vez que o Bayern sofria três gols na Bundesliga em dois anos.

Aos 21 minutos, Thiago pede substituição e o castelo de Guardiola começa a desmoronar ao mesmo tempo em que são desfeitos os planos para o jogo de Manchester. Thiago é um homem crucial. Não só pela qualidade do seu último passe, mas porque é ele quem junta e aglutina todos os que jogam no meio. Atua como um ímã. Muito sentido por perdê-lo nesse momento do ano, Pep confessa que a ausência do jogador será, provavelmente, decisiva para os jogos da Champions League.

No jantar dos jogadores, Lorenzo Buenaventura encontra no Twitter a foto da jogada em que Thiago se machucou e comenta com Robben: “Arjen, é preciso entrar sempre com tensão, nunca relaxado. Fique atento para não repetir o que Thiago fez”. Poucos minutos depois, o próprio Thiago liga do hospital para o preparador físico e comunica o diagnóstico: “Ligamento quase rompido por completo, de seis a oito semanas fora. Adeus à Copa do Mundo”.

Buenaventura avisa Javi Martínez e os dois partem em seguida para a casa de Thiago para tentar consolá-lo. Ocorre então um incidente que lhes permite, naquele momento de tristeza, rir durante alguns minutos. Thiago liga para o pai, Mazinho, campeão do mundo em 1994, e lhe conta o diagnóstico médico, mas Mazinho não entende bem o recado e depois de alguns minutos liga para

Buenaventura, com quem tem grande amizade, e lhe diz com voz chorosa: “Loren, estou arrasado. O caso do Thiago é muito grave: de seis a oito meses fora!”.

Mazinho tinha achado que Thiago havia rompido os ligamentos cruzados do joelho e que precisaria de mais de meio ano para se recuperar. Buenaventura e Thiago têm um ataque de riso e acalmam Mazinho, explicando-lhe que não são meses, mas semanas, e que se trata do ligamento colateral, lesão bem menos grave que a dos cruzados. É o único bom momento de uma noite amarga.

Na manhã de domingo, 30 de março, os jogadores que haviam empatado com o Hoffenheim se dividem em dois grupos. Alguns ficam no gramado, entre eles Pizarro, que tinha dormido mal porque no sábado jogara seu primeiro jogo inteiro da temporada, terminado entre câimbras. Outros, como Ribéry, Schweinsteiger, Van Buyten, Götze e Shaqiri, montam em bicicletas e pedalam durante meia hora pelas ciclovias da cidade.

Thiago e Guardiola se reúnem com o dr. Müller-Wohlfahrt para discutir o tratamento adequado. O médico engessa a perna do jogador, e Thiago insiste em se tratar com o dr. Ramón Cugat em Barcelona mediante a injeção de fatores de crescimento diretamente no ligamento: “Sei que os fatores doem muito quando são injetados no ligamento interno, porque é como se te queimassem a pele”, explica o jogador, “mas terei que aguentar a dor”. Enquanto saem do vestiário, os companheiros lhe desejam uma recuperação rápida: “Não demore, Thiago, precisamos de você”, diz Neuer.

O ânimo do jogador é o de alguém disposto a lutar para voltar logo: “Foi um baque terrível, ontem fiquei muito mal, foi um golpe fortíssimo, inesperado. À noite eu estava arrasado, mas esta manhã já me refiz. Vim tomar o café da manhã com os colegas e agora já estou pensando que resta um dia a menos. A cabeça influi muito e já a coloquei para funcionar a todo vapor para me recuperar. Dizem que são de seis a oito semanas de recuperação, mas eu quero estar pronto em cinco”.

Neste último domingo de março, Guardiola promete a Thiago que fará todo o possível para chegar às finais da Copa e da Champions e Thiago promete ao técnico que tentará se recuperar para estar em condições de disputá-las. Mas, claro, não é fácil que nenhuma das promessas se cumpra...





## O Guardiola do pós-jogo

*Munique, 29 de março de 2014*

É o mais fascinante, como um vulcão em erupção. É o melhor momento de Guardiola, o pós-jogo. Essa meia hora em que, já respondidas as perguntas dos jornalistas, ele vai ao restaurante dos jogadores na Allianz Arena, pede uma taça de champanhe, belisca pedaços de queijo parmesão e discorre sobre o confronto recém-encerrado. Sua explicação é apaixonada e acaba sendo um privilégio poder vê-la.

Normalmente fica em pé, ou sentado em uma mesa do restaurante. Ainda não está em condições de jantar. Não comeu nada durante o dia, pois não consegue: o estômago se fecha e ele só aceita um café pela manhã e água, muita água durante toda a jornada. Quando o jogo termina, sua fome é voraz, mas ele também não consegue se sentar tranquilamente para jantar o prato de salmão marinado de que tanto gosta. Antes disso, precisa de meia hora em que descarrega toda a adrenalina do jogo e também dos dias anteriores. Fala sem parar sobre o acontecido na partida. Lembra-se de todos os lances: “Viu o que Rafinha fez aos dezoito minutos? Ele se colocou dois metros mais para dentro e fechou o corredor por onde eles estavam chegando...”. Não, eu não tinha visto. Tem uma memória quase fotográfica, a qual lhe permite recordar e analisar tudo o que aconteceu durante o jogo — e inevitavelmente provoca comparações com a mente de Rafa Nadal, um tenista capaz de se lembrar de cada bola e cada ponto de seus jogos, de sua importância, do erro que ele ou seu oponente cometeu, do que significou cada jogada, e lembra-se disso ainda muito depois do ocorrido. De forma parecida, Guardiola registra cada lance: como aconteceu, quem participou e que consequências teve. Por outro lado, zero de estatísticas.

“Tiveram pouca posse, cerca de 63 por cento”, eu digo.

“É mesmo? Caramba!”, ele responde.

“Mas Starke deu mais toques na bola e mais passes que qualquer jogador do Hoffenheim...”

“É? Caramba! Que coisa...”

Ele não gosta das estatísticas. O que o apaixona é o jogo em si e sua análise posterior. “Viu como Philipp é esperto? Como esse cara gira, como protege a bola e divide o adversário?” Ou então: “Tenho que falar com Toni, porque contra o Manchester United ele certamente não poderá fazer esse movimento de dominar e girar para a direita porque vão desarmá-lo e lançarão um contra-ataque”.

Pep chama Carles Planchart para que se aproxime da mesa: “Carles, amanhã

de manhã deixe preparado um vídeo da jogada aos 36 minutos que você comentou comigo. Quero mostrar aos zagueiros como é a melhor maneira de colocar o corpo para desacelerar o atacante”.

Nessa incrível meia hora, de pé em um canto do restaurante, fazendo gestos como se estivesse ainda no banco de reservas, Guardiola reproduz todo o jogo recém-disputado. E o dissectiona. Faz sua autópsia músculo por músculo, tendão por tendão, até deixar o esqueleto limpo. Analisa os seus jogadores, os adversários, as fases que o jogo teve, os porquês de cada lance, como aconteceram os gols — e não me refiro à execução do arremate final, mas sim à forma como foram construídos desde o início, o que às vezes significa voltar até minutos antes da finalização em si.

Ele mistura jogos. Enquanto radiografa o confronto recém--terminado, já explica como será o seguinte, como treinará a equipe durante a semana, que atletas terão um descanso. Volta, continua comendo pedaços de queijo, quase não bebe o champanhe, concorda com Domènec Torrent que, para o próximo jogo, eles precisam ensaiar uma cobrança de falta bastante específica. Abraça-se a Robben, que é um ótimo pai e vem se despedir com os três filhos loiros, bonitos como sóis, e aproveita para lembrar ao holandês que a jogada que fez com a perna direita aos 35 do segundo tempo tem que se repetir mais vezes. Logo comenta sua admiração por Roger Schmidt, o técnico do Red Bull Salzburg, e detalha o modelo de jogo do campeão austríaco: como seus atacantes pressionam, como os laterais avançam e que posições os meios-campistas ocupam nesses momentos.

Enquanto explica tudo isso de forma tão detalhada que parece que amanhã mesmo enfrentará o Salzburg, tento entender a razão pela qual Pep vem se dedicando a analisar essa equipe. Claro que dois minutos mais tarde ele já está falando do passe pelo alto que Iniesta deu às costas dos zagueiros adversários no jogo desta mesma tarde do Barça contra o Espanyol...

“Mas quando você viu essa jogada?”, pergunto.

“Em um corredor. Que maravilha. Andrés é um gênio...”, ele responde.

Essa meia hora de Pep é especial, porque nela se resume a sua verdadeira paixão: ele decifra o jogo, faz uma autocrítica contundente, analisa o todo da partida e ao mesmo tempo os seus detalhes, propõe melhorias, faz associações com outros confrontos ou equipes, prevê os próximos passos, os jogos seguintes, os próximos adversários e como enfrentá-los. Eu já disse antes que Guardiola é, sobretudo, um *resultadista* indomável? Essa meia hora de champanhe e parmesão é um monumento à paixão pelo futebol, mas também uma lição de clareza de raciocínio e pragmatismo.

Certa noite estávamos com Patricia González, jovem selecionadora do

feminino sub-19 do Azerbaijão. Durante o jantar, Guardiola olhou para ela e disse: “Patricia, vou lhe dar um conselho: coloque sempre os bons. Sempre!”. A jovem treinadora fez então uma pergunta capciosa: “Quem são os bons, Pep? Os mais famosos?”. A resposta foi precisa: “Não, os bons de verdade são os que nunca perdem a bola. Os que passam a bola e não a perdem. Esses são os bons. E são os que têm que jogar mesmo que tenham menos nome que os outros”.



*Manchester, 1º de abril de 2014*

Trata-se da terceira visita do Bayern a um estádio inglês nesta edição da Champions. O time de Guardiola prevaleceu nos dois anteriores: no Etihad Stadium do Manchester City, onde fez uma verdadeira exibição de jogo e saiu com a vitória (3 a 1), e no Emirates Stadium do Arsenal, em que sofreu durante sete minutos mas ofereceu um recital a partir de meia hora de jogo para acabar vencendo (2 a 0). O Bayern dominou igualmente em Old Trafford, apesar de não ter conseguido ganhar. O Manchester United fazia uma temporada amarga e discreta, mas se defendeu com muita coragem e evitou o triunfo alemão (1 a 1).

O Bayern encurralou o Manchester em sua área, obrigando-o a se defender com uma linha tripla disposta em um 6-2-2 que quase não conseguiu produzir contragolpes. Em um dos poucos que realizou, Welbeck acabou sozinho com Boateng. O zagueiro alemão hesitou, talvez recordando o conselho que Guardiola lhe dera, e permitiu que o atacante inglês ficasse cara a cara com Neuer. Mas no mano a mano, o goleiro se saiu melhor e evitou o gol. Com Lahm de volante e Kroos e Schweinsteiger como meias, o Bayern foi dono do jogo, mas deixou evidentes alguns indícios de problemas já observados anteriormente: o grande domínio não se traduz em chances de gol; a taxa de acerto nas finalizações é muito baixa, uma tendência que já perdura por toda a temporada; além disso, muitos adversários tendem a se fechar, o que reduz os espaços e dificulta os arremates bávaros; Franck Ribéry atravessa uma fase ruim e não consegue se livrar de seus marcadores, de modo que o ataque do Bayern depende quase exclusivamente do lado direito e, portanto, apenas de Robben; e Schweinsteiger vem sendo mais importante marcando gols (em Old Trafford anotou o quarto tento nos seis últimos jogos) que no jogo em si, porque desacelera demais.

São somente pequenos sintomas notados em uma partida brilha-te, dominada pelo Bayern — apesar do surpreendente gol sofrido depois da cobrança de escanteio, em cabeçada de Vidić. Digo que foi surpreendente porque até então a equipe sofrera apenas três gols desse tipo em toda a temporada: um de Adrián Ramos, atacante do Hertha; outro de Niklas Süle, zagueiro do Hoffenheim, que aproveitou uma bola rebatida após um erro de Neuer, e o terceiro, um gol contra, obra de Rafinha contra o Schalke. Três gols após tantas cobranças de escanteio em 45 jogos oficiais é um ótimo número para uma defesa que adotou a marcação por zona, marca registrada de Guardiola.

Para Pep, a defesa por zona é fundamental em seu sistema: “Eu acredito que assim nos defendemos melhor porque cada jogador deve se ocupar apenas da

sua zona e vigiar as costas do companheiro que está à sua frente”.

O Bayern costuma se defender nas cobranças de escanteio com os jogadores dispostos no 4-3-2-1, ou então, no 5-3-1-1, e Lahm tende a ser o coringa que, por exemplo, corre rapidamente para abafar uma cobrança curta do adversário. A primeira posição da primeira linha é sempre ocupada por quem atua melhor no jogo aéreo, especialistas como Mandžukić ou Javi Martínez. Em seguida posicionam-se os dois zagueiros e o último posto, no segundo pau, fica sempre com Alaba, que é quem corre melhor para trás se a cobrança for muito aberta.

Esse tipo de defesa não é infalível e também tem defeitos, claro, mas Guardiola confia muito nela e a prefere em relação à marcação individual: “Se sua marcação é individual, quatro adversários podem puxá-lo para o segundo pau enquanto a bola vem no primeiro. Ou o contrário; e isso, na defesa por zona, não acontece”. Esse conceito é aplicável no jogo todo: “É muito melhor defender em zona que marcar o homem. Não há nada mais simples para um jogador que se ocupar da sua zona e ser responsável por ela porque, além de tudo, essa responsabilidade individual se transforma em coletiva a partir da solidariedade do grupo”.

Para Guardiola, defender resume-se a pouco mais de meia dúzia de mecanismos: “A essência do futebol consiste em adivinhar a melhor maneira de atacar o rival. E é preciso iniciar o jogo saindo de trás já com uma ideia muito clara sobre como o nosso adversário ataca e defende”.

Para que os jogadores tenham sempre esses conceitos frescos na memória, é preciso repassá-los com frequência: “Sempre temos que repassar as prioridades”, esclarece. “Por exemplo, como se defender do adversário. Antes de cada jogo importante dedicamos vinte minutos a repassar a forma como nos defenderemos, temos que explicar aos jogadores o que eles encontrarão, como seremos atacados, onde acharemos os espaços e quais as áreas onde podemos fazer estragos. Eles precisam confiar na comissão técnica porque normalmente acontecerá aquilo que dissemos que aconteceria.”

No gol de Vidić, a defesa do Bayern cometeu vários pequenos erros. O principal foi que um dos jogadores se esqueceu de respeitar a marcação por zona... É um sintoma das ligeiras desatenções que, semanas mais tarde, culminarão em catástrofe diante do Real Madrid. O gol inglês foi devolvido nove minutos mais tarde por Schweinsteiger, ao aproveitar uma bola cruzada por Rafinha, que Mandžukić havia ajeitado de cabeça para o meio da área.

O Bayern saiu de Old Trafford com um resultado muito aquém de suas possibilidades: dominou amplamente a partida, mas acertou somente um dos quinze chutes que deu, apesar de ter mostrado dois novos traços defensivos interessantes: primeiro, nos arremessos laterais do United, Lahm se colocava como terceiro zagueiro enquanto o lateral do lado oposto fazia o balanço e

chegava a se aproximar da metade do campo; além disso, quando o United tentava organizar o ataque, o Bayern conduzia o rival até um dos lados do campo para encerrá-lo dentro de um triângulo imaginário, cujo vértice superior era sempre ocupado por Robben. O resto do campo ficava vazio, mas isso não preocupava Guardiola, que não sentiu perigo algum.

Conquistador do Etihad e do Emirates, o Bayern também saiu sem ser derrotado de Old Trafford e, vencida a liga, era inevitável que se voltasse a falar em tríplice coroa. Repetir a tríplice coroa? Mais que um sonho, é uma utopia com pouco fundamento. Nenhuma equipe jamais conseguiu duas tríplices coroas. Desde que o futebol existe, somente o Celtic de Glasgow, o Ajax de Amsterdã, o PSV Eindhoven, o Manchester United, o FC Barcelona, a Inter de Milão e o Bayern de Munique conseguiram ganhar o campeonato, a Copa nacional e a Copa da Europa na mesma temporada. E apenas uma vez. Além disso, nenhum time conseguiu, em mais de duas décadas de competição, manter o título da Champions League por dois anos consecutivos.

Com tais precedentes, que argumentos permitem sonhar com a repetição da tríplice coroa, que o Bayern só alcançara até 2013, depois de um século de história? É o que pergunto a um homem sensato como Jupp Heynckes, que faz suas ponderações: “O Bayern teve em sua história grandes times, com mitos como Sepp Maier, Beckenbauer e Gerd Müller, e, no entanto, eles não conseguiram. Agora, defendemos a tríplice coroa e Pep já ganhou a liga, mas estamos falando de algo muito difícil, muito difícil...”.

Jupp Heynckes me atende pouco depois do jogo de Manchester, e lhe peço que avalie o rendimento de Guardiola em seu primeiro ano de Bayern: “Eu conheço Pep de quando ele era volante do Barça. Era um estrategista no meio de campo, com bom passe e magnífica visão de jogo, e como pessoa gosto muito de sua forma de ser. Não me surpreendeu em nada o que ele fez. Estive muitos anos na Espanha e conheço a filosofia de jogo do Barça e a de Pep, sei como suas equipes jogam. Por isso, sabíamos de antemão o que podia mudar no Bayern — por exemplo, a colocação dos laterais por dentro como ele vem fazendo. Os alemães têm problemas para compreender esse movimento [ele ri], porque você deixa só os dois zagueiros e posiciona os laterais junto de Toni Kroos no meio, e esse movimento choca um pouco. Lembro que no ano passado, quando jogamos as semifinais da Champions contra o Barça, me perguntaram se eu iria pedir conselhos a Pep, mas não era preciso: conheço o Barça a fundo e por essa razão não me surpreende em nada o que Pep está fazendo em Munique. Ele entendeu muito bem o que é o Bayern, sua boa organização, sua dimensão e a qualidade de seus profissionais. E se encaixou muito bem porque é muito boa pessoa”.

Quero saber se, na opinião de Heynckes, as inovações de Guardiola podem significar um contraste forte demais para a tradição futebolística alemã, um

possível choque cultural: “Cada um tem sua filosofia de jogo, uma maneira de dirigir sua equipe. Logicamente, Pep aprendeu com Johan Cruyff, com o esquema do Ajax e com La Masia. Eu nasci em Mönchengladbach, meu mentor foi Hennes Weisweiler, e talvez meu caminho tenha sido diferente do de Pep, mas neste ano gosto muito do Bayern. Esses jogadores foram meus atletas no ano passado, nós ganhamos a tríplice coroa e em cinquenta anos de Bundesliga ninguém conseguiu coisa parecida. Essa equipe tem personalidade e os jogadores se dedicam muito; além disso, Pep é um técnico excelente. Sua categoria já foi demonstrada no Barcelona. Por tudo isso, gosto do estilo de jogo desse Bayern”.

Mas justamente agora o rendimento do Bayern parece cair. Três fatores contribuem: a ausência de Thiago, o relaxamento do plantel depois do sexto troféu em doze meses e a escalação de jogadores pouco habituais para dar descanso aos titulares. E desse modo chega a primeira derrota da temporada na Bundesliga. É em Augsburg, campo sempre complicado para o Bayern. O técnico deixa em casa Lahm, Robben e Ribéry; no banco sentam-se Rafinha, Dante, Boateng, Alaba, Götze e Müller, e no departamento médico a atração é Starke, com ruptura dos ligamentos do cotovelo.

Em Augsburg termina a invencibilidade da equipe na liga, de 53 partidas consecutivas, desde 28 de outubro de 2012 até 5 de abril de 2014, 53 jogos dos quais Heynckes dirigiu os primeiros 25 e Guardiola os 28 seguintes. Depois de 65 jogos consecutivos, o Bayern não marca. Não é nada sério, apenas uma derrota, mas o time mostrou sintomas de descompressão. Após a arrasadora conquista da Bundesliga, o foco se voltou por completo para a Champions, mas é complicado simplesmente escolher em que momento se competirá em nível máximo.





O 2-3-3-2 contra o United

*Munique, 8 de abril de 2014*

“Agora é com eles apenas. Dei a eles todas as ferramentas táticas que podia. Está nas mãos deles. Amanhã, não faremos nem a preleção antes do jogo. Eles não precisam mais dela porque já sabem tudo. No vestiário, eu os cumprimentarei e darei um abraço em cada um. Agora é a hora deles.”

Terminou o último treino antes do confronto com o Manchester United. Dentro de 24 horas, a Allianz Arena viverá outra grande noite europeia: a volta das quartas de final da Champions contra o time de Wayne Rooney. Durante dois dias, Guardiola apresentou a seus jogadores o plano para derrotar o histórico rival inglês. Focado na defesa do título de campeão da Europa, Pep cumpriu o objetivo que havia proposto a si mesmo: desprezar os recordes. Muito embora ele e Domènec Torrent tenham tocado no assunto muitas vezes, não era certeza que o técnico adotaria em campo aquilo que haviam decidido nos escritórios. Mas ele adotou, e por isso acabou empatando com o Hoffenheim e perdendo em Augsburg. Uma vez conquistada a Bundesliga, Pep a colocou de lado e voltou todos os esforços do time para a Champions. Sofreu várias críticas por isso, além da reprovação por ter desnaturado a liga oferecendo menor oposição aos rivais depois da conquista. “Eu entendo”, ele me confessou dois dias antes do jogo de volta contra o United, segunda-feira pela manhã, “mas já ganhamos o título e minha obrigação é pensar na Champions.”

Alguns jornais também foram duros com Guardiola e chegaram a deduzir que ele colocara em risco uma hipotética repetição da triplice coroa (algo que ninguém jamais conquistou na história do futebol). No caso dos jornais, Pep não se incomodou pelo espírito crítico: “A crítica é boa”, disse-me, taxativo, “e é necessária para um grande clube. As pessoas podem achar que as críticas me incomodam, mas não é assim. É a crítica que faz você não dormir. Por isso eu também sou crítico com os meus jogadores e comigo mesmo”.

Para o jogo em Augsburg no sábado anterior, Guardiola deixou em casa três atletas essenciais, Lahm, Ribéry e Robben, e no domingo deu folga a todos. Queria que estivessem descansados na segunda porque a semana começou com sessão dupla de trabalho. Era imprescindível contar com o tempo e a disponibilidade mental necessários para transmitir o plano.

A ideia de jogo não era um plano qualquer. Pep, Torrent, Planchart e os demais analistas tinham radiografado o Manchester United por todos os ângulos possíveis. A exaustiva análise resultou na proposta escolhida pelo treinador. Às nove da manhã de segunda-feira, o plano e a escalação da quarta já estavam decididos.

Guardiola dedicou a manhã e a tarde a explicá-los aos jogadores. Primeiro, revisaram os lances de bola parada do time inglês. No ataque e na defesa. Em vídeo e no campo. O técnico insistiu em um ponto: em Old Trafford, o United só tivera duas chances de perigo real, a do gol de Vidić em um escanteio e o mano a mano de Welbeck com Neuer. O objetivo foi estabelecido desde o primeiro momento: defender-se melhor nas bolas paradas e conceder ainda menos chances perigosas que na ida.

Na segunda-feira, o elenco já intuía quem seriam os onze escolhidos. As ausências por cartão de Javi Martínez e Schweinsteiger, e por lesão de Thiago (que continuava em Barcelona, tratando do joelho com fatores de crescimento na clínica do dr. Cugat), reduziam muito as possibilidades. Mas o que os jogadores não imaginavam era a proposta concreta de jogo que Guardiola explicou na terça-feira, depois da refeição. “Nós nos posicionaremos em um 2-3-3-2”, lhes disse o técnico.

Os jogadores gostaram. Em seguida, ele anunciou a escalação. Jogariam Neuer; Boateng, Dante; Lahm, Kroos, Alaba; Robben, Götze, Ribéry; Müller e Mandžukić. Não só revelou os onze titulares, mas a forma especial em que pensara posicioná-los no campo, com uma formação de quatro linhas bem diferenciadas.

Como era previsível que a equipe passaria 75 por cento do tempo atacando, no campo adversário, o técnico queria que a linha defensiva fosse formada unicamente pelos dois zagueiros, e que os dois laterais se colocassem no meio de campo ao lado de Kroos. Falou com Lahm, o capitão, e detalhou o que esperava dele. Ainda que pudesse parecer pela escalação, não queria que ele jogasse como lateral, mas como meio-campista, em uma linha de três junto de Kroos e Alaba. Além disso, como Kroos tem a tendência de cair para a esquerda, Lahm acabaria se deslocando para o eixo central, como autêntico volante, e Alaba avançaria um pouco mais, à esquerda. Claro, na fase defensiva, os dois laterais tinham que retomar o posicionamento tradicional, formando uma linha de quatro zagueiros.

À frente dos três meios-campistas estaria Mario Götze, com total liberdade de movimentos. Na fase de construção do jogo, Götze deveria ser o vértice superior de um losango; na fase de conclusão, seria mais um finalizador na área. Era o homem-chave junto com Lahm, Kroos e Alaba: Guardiola iria reunir no meio de campo os jogadores mais confiáveis no passe.

Robben e Ribéry tinham que jogar muito abertos nos lados do campo. Da linha intermediária para a frente, todo o espaço de fora seria deles: “Arjen e Franck vocês jogarão como pontas-laterais. Terão que voltar ao meio de campo para pegar a bola e levá-la pelos lados. Amanhã, a responsabilidade será toda de vocês porque os laterais vão atuar como meios-campistas”.

Horas mais tarde, Pep me confessaria o seguinte: “Nunca joguei assim, com os pontas fazendo as laterais. Nem nos dias mais ousados no Barça. Também será novidade para mim, mas vejo tudo com clareza. Eles jogarão bem. Vejo nos olhos de Arjen e Franck dá para notar na atitude dos dois. E outro que atuará bem é Müller: dá para ver...”.

Müller estaria na primeira linha de ataque, junto a Mandžukić. Dois centroavantes que deviam se colocar entre os zagueiros e os laterais do Manchester. Era uma ideia que Guardiola havia explicado muitas vezes nas conversas com a comissão técnica: “Dois prendem quatro. Os atacantes devem prender quatro zagueiros. Müller e Mandžukić têm que se ocupar de toda a defesa do United. Quero que sejam quatro zagueiros para vigiar dois atacantes, porque assim Franck e Arjen receberão a bola com muito mais liberdade”. O sacrificado era Rafinha, que não iria ser titular justamente no dia em que Luiz Felipe Scolari, técnico da seleção brasileira, assistiria ao jogo, ao lado de Parreira, seu assistente e ex-técnico da mesma seleção.

Pela primeira vez na temporada, Guardiola anuncia a formação titular aos atletas um dia antes do jogo. No treino se pratica tudo o que o foi explicado na palestra, claro. Com colete verde, os titulares se posicionam em um 2-3-3-2, enquanto Pizarro imita os movimentos de Rooney, e Javi Martínez e Van Buyten interpretam o papel de Vidić e Ferdinand. No campo nº- 1, convenientemente acortinado e longe do olhar dos curiosos, Guardiola explica várias vezes os movimentos. A bola chega limpa para Ribéry ou Robben, muito abertos nas pontas, enquanto Mandžukić e Müller prendem os quatro zagueiros adversários. Se os pontas só têm um marcador, devem tentar o fundo. Se são marcados por dois rivais, devem recuar a bola ao meio-campista mais próximo, ou seja, Alaba ou Lahm, que buscariam a associação por dentro com Götze e os dois atacantes.

Ao fim de cada explicação, os jogadores repetem as jogadas a toda velocidade, confinando o imaginário Manchester na própria área. O técnico acha que o Manchester virá à Allianz Arena com a intenção de jogar totalmente fechado, esperando a oportunidade para lançar um contra-ataque a partir de Rooney. Por esta razão, quer manter Lahm e Alaba muito próximos de Kroos no meio de campo.

A tarde segue com repetições de movimentos e para cada circunstância o técnico sugere uma variante. Um membro da comissão técnica resume bem o que vê: “Ele explicou tudo o que um técnico pode explicar. Já conhecem todas as lições, sabem o que fazer. Só falta executá-las”.

Alguns jogos de posição encerram a sessão, apesar de Pep impedir que Robben participe deles, pois um dia antes sofreu uma pancada no pé. Não quer correr riscos: a equipe já tem problemas suficientes. Na semana anterior, Tom Starke, o goleiro reserva, tinha se lesionado com gravidade, e o técnico também

não conta com Thiago e Shaqiri, machucados em Augsburg, nem com os suspensos Schweinsteiger e Martínez: “É uma pena não poder ter Thiago no banco. Em caso de apuros, ele poderia ser a solução”.

Há nervosismo, sem dúvida.

“Meu estômago está fechado”, diz Estiarte. “Antes de jogos desse tipo, não consigo comer nada desde o dia anterior. Trabalhamos o ano todo para momentos como este.”

Manuel Neuer compartilha as sensações: “Quero que amanhã chegue logo. Porque o dia do jogo sempre é melhor que o dia anterior. Você se concentra no hotel e logo está sentado no ônibus, vai aquecer e jogar. Mas o dia anterior é longo, longo...”. Neuer substitui Robben nos jogos de posição. Como sempre na véspera de um jogo da Champions, Lorenzo Buenaventura ordena duas repetições de cinco minutos em vez das três habituais: não quer desgastar os jogadores em excesso pois no dia seguinte podem disputar uma prorrogação. O exercício é ótimo e termina com um grito pouco habitual de Pep: “Acabou! Se jogarmos assim amanhã, passaremos às semifinais!”. Neuer dera uma aula com os pés, e é inevitável dividir com Guardiola a piada que surgira no Twitter alguns dias antes, em que Neuer pedia ao treinador um lugar no meio de campo tendo em vista as baixas de Thiago, Schweinsteiger e Javi: “Hahaha!”, Pep ri. “Não descarte a ideia, não descarte... Manu é capaz de tudo.”

Quando já não resta mais ninguém nos campos de treinamento eu lhe pergunto se ele também está nervoso: “Sim, mas não muito. Se executarmos bem esse 2-3-3-2, ganharemos. Vamos marcar na segunda bola. Lembra o que expliquei em agosto sobre o Barça × Chelsea de 2012? Então, temos que fazer o que naquele dia eu não consegui com o Barça: procurar o rebote e a segunda bola. Isso eles sabem fazer, já sabem tudo o que precisam saber. Não farei preleção amanhã. Eles já sabem tudo. Só precisam entrar com coragem e jogar como sabem. Se fizerem isso, é certeza que passaremos”. É a hora dos jogadores.

Poucas vezes vi Pep tão seguro.



*Munique, 9 de abril de 2014*

Para compreender Guardiola na dimensão de treinador completamente voltado para o futebol é importante saber o que acontece em sua sala na Allianz Arena às 23h15 da quarta-feira, 9 de abril. Faz 45 minutos que o Bayern alcançou as semifinais da Champions League pela quarta vez em cinco anos; é a quinta vez que o próprio Guardiola as alcança em cinco temporadas. O sucesso é enorme e a euforia se espalha por todo o estádio: jogadores, torcedores, dirigentes... Todos manifestam grande alegria. Guardiola especialmente. Abraçou todos os jogadores no vestiário, já conversou com Uli Hoeneß, que desceu para parabenizá-lo, e comparece à coletiva de imprensa oficial, mas antes testemunhamos um gesto inesperado de alguém que acaba de ganhar um jogo tão importante. Em meio aos gritos de euforia que tomam o vestiário, ele pede a Manel Estiarte que arrume um encontro urgente com uma pessoa que está visitando a Allianz Arena.

Dois minutos mais tarde, Pep se fecha em sua sala com essa pessoa e durante quinze minutos os dois analisam os pontos-chave do jogo de um dos três possíveis rivais da semifinal... Antes de saborear o sucesso ele quer se preparar para o combate seguinte, e se pode colher informações em primeira mão, melhor. Ainda não teve tempo de comemorar, nem de brindar com a família, nem de sentir intimamente o sabor da vitória, nem sequer de compartilhar sua opinião com a imprensa, e já está coletando informações detalhadas de um dos potenciais oponentes. Este é o verdadeiro Pep: incapaz de saborear o sucesso plenamente porque já está pensando no passo seguinte.

Mas não foi uma vitória simples, ainda que o jogo tenha se desenvolvido como Guardiola imaginava: o Bayern se colocou em um 2-3-3-2, com os laterais no meio de campo e Toni Kroos como volante, vigiando Rooney. Com a bola em seu poder, o time de Munique controlou todo o primeiro tempo, quando finalizou treze vezes, contra apenas um chute do United, que no entanto protegeu muito bem a própria meta. No intervalo, a análise da comissão técnica bávara foi justamente essa: a equipe dominava, mas não conseguia encontrar espaços livres para decidir o jogo.

De qualquer forma, com o placar em 0 a 0 o Bayern estava classificado para as semifinais; e como vinha acontecendo em toda a temporada, em situações favoráveis o time de Pep se deixa levar. Foi assim na Champions contra o City e na liga diante do Gladbach ou do Hoffenheim. O mesmo sentimento de superioridade é notado perante o United, quando o 0 a 0 já significa a passagem

às semifinais e a equipe se limita a manter o controle. Guardiola agita os braços várias vezes, pede mais intensidade, mais força e profundidade de seus jogadores, mas a reação só chega depois de um direto no queixo, na forma de um disparo espetacular que o francês Evra mandou para as redes de Neuer. Foi aí que tudo tremeu, porque nesse preciso instante, aos onze minutos do segundo tempo, o Bayern estava eliminado.

Então, os jogadores acordaram. E como! Passaram-se apenas 69 segundos até que Ribéry e Götze provocassem desequilíbrio na ponta esquerda e Müller arrastasse para fora de posição os zagueiros do United, facilitando o cabeceio goleador de Mandžukić — marcado apenas por Evra. Nesse ponto, Guardiola modificou seu plano, pôs Rafinha no lugar de Götze e posicionou Lahm e Kroos como dupla de volantes. Em pouco mais de dez minutos, um Bayern desenfreado massacrrou o United e marcou mais duas vezes com Müller e Robben, quando Pep se virou para a torcida e pediu aplausos para os jogadores.

Já é meia-noite quando ele enfim chega ao restaurante dos jogadores, abraça os três filhos e beija longamente a esposa. Tem muita fome, como acontece depois de todos os jogos, já que é incapaz de comer qualquer coisa durante o dia. Ele simplesmente não come. Por essa razão, sempre janta em dobro. Hoje escolhe seu prato favorito, salmão marinado, e assim que termina o primeiro filé se levanta para outra porção. “Bastante pimenta pra mim”, diz ao cozinheiro. E em vez de uma taça de champanhe, como de hábito, pede duas: “Não, é melhor trazer quatro taças. Ou a garrafa inteira”.

O Guardiola visto após os jogos é sua versão mais brincalhona e descontraída. Mas a noite de hoje é muito especial: chegou à sua quinta semifinal de Champions. Cinco em cinco. Nunca parou na fase anterior. O jantar se transforma em um relato pormenorizado do jogo, os acertos e os erros, os jogadores que foram bem e os que estiveram um ponto abaixo do esperado: “Arjen está fantástico. Fantástico. E Rafinha foi sensacional. Sair do banco tão ligado é coisa de quem é bom. E Kroos? Esteve excepcional. Há um ano jogava como meia-

-atacante, e hoje bloqueou Rooney jogando como volante defensivo. Rooney! Puxa, estou orgulhoso dos meus jogadores”. Comento com ele as dificuldades para vencer a defesa inglesa: “Claro, o que você achava... Eles são muito bons. Gostei do nosso 2-3-3-2, mas demoramos a achar espaços por onde entrar. No primeiro tempo só conseguimos graças a Robben. No segundo, conseguimos entrar por todos os lados”. Também lhe digo que até o gol de Evra para o Manchester, os atletas do Bayern pareciam jogar com o freio de mão puxado: “É verdade, e não sei a razão. Falamos disso depois com Lahm e ele também não tem uma resposta. Às vezes essas coisas acontecem e não há uma explicação clara...”.

Guardiola está no modo “enxurrada de ideias”. Analisa o jogo desenvolvido pela equipe e, paralelamente, já descreve como enfrentará qualquer um dos três adversários. Ele prefere que o sorteio o emparelhe com o Atlético de Madrid. E se chegarem à final? “Na final, dá no mesmo. Tomara que cheguemos. Principalmente por Thiago...”

Madrugada adentro, Pep deixará o estádio com a filha Valentina adormecida nos braços. O técnico terá dificuldades para dormir, mas às 8h30 do dia seguinte já estará em sua sala, começando a analisar o próximo rival na liga, nada menos que o Borussia Dortmund. O treino geral no campo nº- 2 será relaxado e alegre, porém em dado momento Guardiola interromperá as brincadeiras. A sessão é aberta ao público, mas os que atuaram contra o Manchester se afastam dos torcedores, dirigindo-se ao campo nº- 1, para praticar alguns *rondos*. Em um deles, Dante leva uma caneta e todos gritam, brincam e riem. O alvoroço é tão grande que Pep, irritado com o escândalo, vai até lá rapidamente, ordena seriedade e respeito pelos torcedores que enchem Säbener Straße. Os titulares fazem a parte final da sessão, que consiste em doze séries de corrida de sessenta metros, bem suaves, diante do público e em silêncio.



## O tratado de uma derrota

*Munique, 12 de abril de 2014*

A caminhada de Guardiola no Bayern se iniciou com uma derrota em Dortmund, na Supercopa da Alemanha, em 27 de julho de 2013, e sofre outro grande tropeço oito meses e meio mais tarde diante do mesmo time, desta vez em Munique e pela liga. Ninguém melhor que Jürgen Klopp para fazer um balanço de seu grande rival, ainda que o técnico alemão prefira relativizar a análise: “Bom, Pep não é meu rival. Eu luto contra outras dezesseis equipes, então na realidade tanto ele como eu temos dezessete rivais e não apenas um”. Klopp faz a gentileza de conversar alguns minutos conosco, ao sair da Allianz Arena, para avaliar o estilo de Guardiola: “Tem uma habilidade incrível para desenvolver as equipes que dirige, porque cria uma forma de jogar muito complexa, realmente complexa, especial e difícil de enfrentar. Fez isso no Barcelona e está fazendo de novo neste primeiro ano no Bayern”. Além do modo de jogar, o técnico do Borussia acha que a grande força do time de Pep, ainda mais significativa, é a capacidade de competir continuamente: “O que ele faz é muito difícil. É duro se manter tão concentrado na partida seguinte, ainda mais quando se tem tanto sucesso. Estive pensando nisso durante o ano: que a coisa mais importante que Pep conseguiu, além de jogar um futebol brilhante e extremamente difícil de pôr em prática, foi suportar o ‘ritmo de leão’ o tempo todo, um jogo depois do outro. Isso é o mais difícil, mas até agora ele está conseguindo. E não acho que vá parar”.

Klopp está feliz. Conseguiu vencer por 3 a 0 na Allianz Arena, devolvendo a Guardiola exatamente o mesmo resultado obtido pelo Bayern em Dortmund no final de novembro de 2013. É verdade que o significado não é o mesmo: em Dortmund, a liga estava em jogo e, na partida de Munique, já não havia nada em disputa, apenas o orgulho. Para o Bayern, foi um golpe duro, mais um neste mês de abril irregular e repleto de percalços.

Pep não se preparou mal para o jogo. Posicionou a equipe em um 2-3-2-3 em que Rafinha, Lahm e Alaba compunham a primeira linha de meios-campistas e Schweinsteiger e Götze a de meias-armadores. Se o Dortmund marcava a saída de bola com Lahm, era Rafinha quem assumia a responsabilidade, e com muita qualidade. Tudo ia bem para o Bayern até que o time se defendeu mal de um arremesso lateral e o BVB desferiu uma de suas características chicotadas, que resultou em gol de Mkhitaryan. Isso bastou para que a equipe de Guardiola perdesse o rumo, com as coisas piorando no segundo tempo, quando Neuer foi substituído por Raeder em razão de uma contratura na panturrilha esquerda. Em



poucos minutos, um contra-ataque e um passe longo do Borussia acabaram com o Bayern, e fecharam o placar em um 3 a 0 amargo, que deixou sensações ruins.

Já não se trata apenas de uns poucos sintomas, mas de algo mais sério: o time vem em queda livre a apenas uma semana e meia do confronto com o Real Madrid nas semifinais da Champions. Há jogadores contundidos (Thiago, Neuer, Shaqiri), sofrendo uma espécie de bloqueio (Ribéry e Götze) ou em má forma física (Schweinsteiger, Mandžukić), e o estado de ânimo coletivo se aproxima da impotência. A descompressão depois da conquista da liga abriu caminho para a perda de identidade, justamente nas semanas decisivas da temporada. A equipe perdeu seu *momentum*, esse estado de graça de que os times desfrutam quando estão em forma.

É interessante observar atentamente o comportamento de Guardiola na derrota. Não é uma situação habitual para ele: em seus 303 jogos como técnico de primeira divisão (quatro anos no Barcelona, um no Bayern) perdeu apenas 27 vezes: uma derrota a cada onze jogos em média. Essas derrotas oferecem uma dimensão real às vitórias e não é por acaso que um de seus livros de cabeceira é *Saber perder*, do amigo David Trueba, o cineasta. A derrota é uma catarse, uma revelação ou, como me disse certa noite o jornalista Isaac Lluh, referindo-se ao fracasso de Dortmund na Supercopa da Alemanha no início da temporada, pode ser também uma necessidade: “Para Pep, começar perdendo significou essa dose de drama e epopeia de que todo herói precisa para realizar, em seguida, a façanha”.

Sempre há uma queda, entre outras razões porque todo triunfo é construído a partir dos fragmentos da derrota anterior, desde que essa derrota seja compreendida claramente.

O Bayern acaba de perder, e não foi uma derrota qualquer. Guardiola sentiu o golpe sofrido em plena Allianz Arena porque não havia economizado potência na escalação: jogou com os titulares, não como na derrota em Augsburg, quando recheou a equipe de reservas e jovens. E trabalhou duro analisando o rival e buscando o suporte tático para superá-lo. Tudo em vão: o Dortmund de Jürgen Klopp foi superior.

Na coletiva pós-jogo, Pep se mostra mais aberto e fala mais que o habitual. Tem boa relação com Klopp, cumprimenta-o em público, reconhece os próprios erros e a necessidade de fazer a equipe recuperar o ritmo de competição perdido depois da conquista da Bundesliga. Nos corredores internos da Allianz Arena, Guardiola para diante de cada torcedor que lhe pede um autógrafo ou uma foto. Sorri. A derrota, superficialmente, não parece afetá-lo.

No Players Lounge, ele saúda carinhosamente os jogadores e as famílias, mas eu noto uma diferença em relação às outras noites: ele janta com Cristina, sua esposa. Talvez seja apenas casualidade, mas acredito que haja uma razão para

isso. Normalmente, Guardiola chega ao restaurante do time e abraça os filhos, Valentina, Mârius e Maria. Enche-os de beijos e afagos e em seguida abraça Cristina, sua esposa, e passa alguns minutos falando com ela. Mas logo chegam amigos e conhecidos, ou familiares dos atletas que querem uma foto com ele ou então cumprimentá-lo, e Pep entende que não pode compartilhar o momento plenamente com a família, passando a se dedicar aos compromissos profissionais enquanto janta ao lado de Estiarte ou Torrent. Somente mais tarde poderá ficar mais à vontade.

Hoje não. Hoje, ele se senta com Cristina e em vez de champanhe pede uma taça de vinho tinto. Sentado na mesa ao lado tenho a impressão de que Pep precisa de um momento de intimidade para digerir a conjuntura ruim a sós com sua companheira. Como se fosse imprescindível para ele guardar luto pela derrota, ter alguns minutos de recolhimento, mais pessoais que futebolísticos, antes de voltar a ligar o motor.

Durante meia hora, ninguém se aproxima da mesa de Guardiola, como se todos os presentes tivessem tomado consciência de que o técnico precisava de alguns instantes de recolhimento. Pouco depois, são os próprios filhos que rompem a introspecção de Pep para informá-lo de que o Barça perdeu em Granada e talvez tenha deixado escapar a chance de defender o título da liga espanhola. Resta pouca gente no restaurante. Arjen Robben, irritado, explica suas sensações depois da derrota: o time tem que voltar a lutar com fome se quiser chegar à final da Champions. Guardiola fechou o parêntese e, taça de vinho à mão, muda de mesa e volta a ser aquele Pep enérgico e entusiasta, como se Cristina houvesse recarregado sua bateria: “Eu errei”. Acho que ele está se referindo a alguma questão tática, mas não. Fala do modo de administrar o sucesso: “A 95 por cento, ninguém é nada. Nem eu. Não é ser falso humilde, nada disso. Eu também não sou nada se não usar todas as minhas forças. Ouça o que digo: eu não me sinto um bom técnico. Sei que é difícil acreditar, que as pessoas pensam que é falsa humildade, mas é o que sinto de verdade: eu hesito muito, duvido de tudo e não tenho certeza de nada. Mas sei que uma coisa é certa: eu errei. Acreditamos que éramos os melhores e desde Berlim [quando ganharam a Bundesliga] nós caímos. Mas não de um jeito qualquer. Nós despencamos”.

Mârius e Maria aproximam-se da nossa mesa e escutam o pai com atenção. De vez em quando o interrompem para perguntar sobre algum pequeno detalhe, mas Guardiola segue com seu discurso: “Olha, o elogio enfraquece. Acontece com todo mundo. Depois de Berlim eu fiquei frouxo. Me pediram para não treinar no dia seguinte e eu aceitei. Para evitar lesões deixei de fazer treinos com jogos de onze contra onze e nos demos mal. Quis proteger os jogadores de qualquer lesão e só consegui afrouxá-los. E frouxos nós não somos ninguém. Isso

não é um problema tático. Esta equipe ficou 53 jogos invicta, com Jupp e comigo, com mil táticas diferentes. Foram 53 jogos, com lesionados, com desfalques importantes, com táticas diferentes, sem perder. Mas nós corríamos. Corríamos como leões e paramos de fazer isso. Não é tática porcaria nenhuma!”.

Cristina também se junta à mesa. Quer acompanhar o marido nesse processo de recuperação da energia emocional e sugere que, no sucesso, o relaxamento é inevitável: “Mas Pep, isso acontece com todos nós. Eu cheguei ao estádio relaxada, sem estar nervosa como em outros dias, pensando que enfrentaríamos o Dortmund com a liga já decidida”, diz a esposa. “Claro, claro, você tem razão, não vou negar. Eu mesmo fui outro hoje. Imagine que até consegui comer antes do jogo...” Ao meio-dia, no hotel da concentração, ele comeu um prato de camarões, sinal de que os nervos estavam controlados: “Sim”, ele acrescenta, “mas me preparei para o jogo com o mesmo interesse de sempre. Ontem saí da cidade esportiva às nove da noite. Gostaria de ter passado a tarde em casa com as crianças, mas passei fechado na sala, analisando o Borussia e procurando soluções. Quando fui embora de Säbener Straße com Carles Planchart não restava ninguém. Nós mesmos fechamos a porta. Eu trabalho duro, e hoje foi uma merda”.

Quero saber se, além de tudo, há razões táticas que expliquem a derrota tão doida: “Eu acho que começamos bem o jogo, mesmo não encontrando Götze entre as linhas. Se os dois meios-campistas do Dortmund cuidavam dos nossos dois meios-campistas, então é claro que Götze ficava livre, mas não tivemos capacidade para encontrá-lo. Não tenho muitas queixas do primeiro tempo: com Rafinha e Alaba jogando por dentro, quantos contra-ataques eles armaram na primeira etapa? Nenhum. Bom, já na segunda, quando eu os coloquei por fora para deixar quatro atacantes à frente, eles nos destruíram. Esse movimento pode ser interessante se jogarmos a final da Copa contra eles. Mas não consegui ver isso com clareza durante o jogo porque estava muito irritado”. Seus filhos lhe perguntam sobre alguns jogadores, mas Guardiola diz que a questão é a atitude coletiva: “Não podemos nos sentir deuses. Não somos deuses e temos que correr. Mesmo quando um time vai bem tudo está por um fio. Basta que deixemos de correr um pouco para que o fio se rompa e todo o trabalho se perca”.

À medida que fala e fala, Guardiola vai delineando seu plano de trabalho nos próximos dias: “*S’ha acabat el bròquil* [em catalão, “Acabou a brincadeira”]. Não farei mais rodízio em Brunswick [no sábado seguinte, jogam na casa do lanterna, o Eintracht Braunschweig]. Se alguém se contundir, azar, no Bernabéu jogará outro. No fim das contas, ganhamos a Bundesliga com meio time quebrado, ganhamos em campos difíceis, sem muitos dos titulares, como no dia do 3 a 0 contra o Dortmund. Veja: ninguém fazia gol na gente e em apenas três

dias viramos um time de rabeira de tabela. Temos que acabar com isso”.

Màrius, de onze anos, pergunta ao pai se ele pensa em dizer essas coisas aos jogadores: “É claro! Na segunda-feira, treino. E na terça, a conversa será assim. Direi a eles que me equivoquei. Muito. Mas os jogadores têm que correr como feras, sem acreditar que o sucesso lhes dá algum tipo de superioridade. Para sermos bons, para continuarmos sendo bons, nós temos que correr. Eu sou pago para treiná-los e eles são pagos para correr. Não nos pagam para jogar bonito, mas para correr. Quando um time para de correr, não é nada. Se quisermos jogar as duas finais [da Copa da Alemanha e da Champions], temos que exigir o máximo de nós”. Digo a ele o mesmo que Cristina havia comentado: o relaxamento é inevitável quando se ganha. “Sim, é claro, é até lógico que aconteça, mas eu não aceito. Já me aconteceu no Barça, depois de conquistar cada liga tivemos uma queda, mas eu não aceito. Não quero sair de férias com essa merda na cabeça, com essa derrota por 3 a 0 e sem ter feito todo o possível. Nunca tinham me vencido por 3 a 0, não é?”. É uma pergunta retórica, porque Guardiola sabe que não, que nunca tinha perdido por placar semelhante em casa — ainda que algo pior, a derrota por 4 a 0 diante do Real Madrid, estivesse por vir.

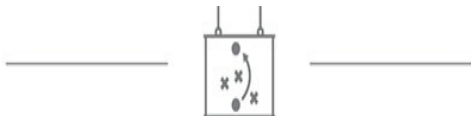
O passo seguinte consiste em chegar à final da Copa: “Espero que o Kaiserslautern [time da segunda divisão, que na quarta-feira visita a Allianz Arena para a semifinal] pague o preço pelo acontecido hoje. Mas, veja, posso dizer uma coisa: talvez essa derrota tenha chegado em boa hora. Porque se tivéssemos vencido o Dortmund, teríamos acreditado que éramos ainda melhores. Pode ser que esta derrota seja boa. Agora, se chegarmos à final, não seremos favoritos na Copa. Se jogarmos contra o Dortmund, é claro que os favoritos serão eles. E na Champions, é evidente que não somos favoritos contra o Real Madrid”. Sua cabeça já está pensando na conversa de terça-feira e nos jogos das duas quartas-feiras seguintes (Kaiserslautern e Real Madrid): “Agora temos que voltar a treinar sem descanso. E contra o Real, dois atacantes nossos têm que segurar os quatro zagueiros, nossos pontas têm que fazer o papel dos laterais, como diante do United, e no meio os bons têm que jogar, com muita posse de bola. Contra o Real, vou falar pouco: passo esses dois conceitos táticos, alguma recomendação mais concreta a algum jogador, e temos que correr como nunca. Para ganhar, precisamos de duas ideias: controlar o contra-ataque e manter longas posses de bola. E *laufen*, muito *laufen*. Correr como animais...”.

Faz quase três horas que o jogo contra o Dortmund terminou. A Allianz Arena está praticamente vazia e, como sempre, Pep carrega nos braços a pequena Valentina, adormecida. A cena se repete jogo após jogo, mas hoje acontece na derrota. Nessas três horas, Guardiola percorreu em alta velocidade as curvas da derrota. Aceitou-a e mastigou-a sentindo seu gosto amargo, falou dela,

identificou erros próprios e dos jogadores, tentou suavizá-la estabelecendo a pauta que deve seguir nos próximos dias, e já a transformou em um fator positivo, capaz de dar força ao grupo.

No elevador, enquanto descemos, ele projeta a próxima temporada: “Lewandowski e mais alguém. Mais concorrência interna. Que ninguém se sinta titular, que seja preciso ganhar a posição suando sangue em cada treinamento. Se não atuarmos assim, pode nos acontecer o mesmo que com outros times. Temos que nos renovar no sucesso, se não quisermos ficar atrás do Dortmund na próxima liga”.

Guardiola não deixa o estádio sem antes mencionar uma de suas reflexões mais presentes nos últimos dias: sua ideia de jogo é contracultural na Alemanha. Não dá conotação negativa à constatação, mas a vê como uma realidade, uma oportunidade de ampliar horizontes.



## Choque cultural

*Madri, 23 de abril de 2014*

O Bayern jogou no Bernabéu com a personalidade que poucas equipes demonstraram nesse estádio. Começou encurralando o Real Madrid, manteve a bola em seu poder e a controlou de tal maneira que já aos nove minutos começaram a ser ouvidas as primeiras vaías dos torcedores locais, contrariados pela forma como o time de Munique sobrepujava os merengues. A conversa de Guardiola com seus jogadores tinha sido breve e direta: “Vocês são grandes jogadores. Entrem nesse campo histórico e demonstrem isso. Entrem e joguem como sabem. Isto é futebol, então sejam jogadores de futebol”.

Durante dezoito minutos, o Bayern deu uma verdadeira exibição de jogo. Poucos dias antes, o Real Madrid ganhou a Copa do Rei do Barcelona jogando muito fechado atrás, distribuído em um 4-4-2 que lhe permitira controlar o adversário e matá-lo no contra-ataque. Magnífico taticamente, o técnico Carlo Ancelotti projetou do mesmo modo o confronto diante do Bayern: cedeu o domínio do jogo e da bola ao conjunto alemão e se fechou em sua área, onde Pepe e Sergio Ramos foram dois colossos. O Bayern fez tudo o que seu treinador pedira: Kroos se apoderou da bola e passou a distribuí-la de um lado para o outro, Robben se aproximou da zona central do campo, os laterais cruzaram à procura de Mandžukić, e a equipe finalizou as jogadas para evitar o contragolpe *blanco*. Mas o domínio arrasador não se transformou em chances de perigo real até que Mandžukić, aos dezoito minutos, tocou a bola de cabeça, dentro da área, para Toni Kroos disparar à queima-roupa. O lance parecia destinado a acabar em gol, mas Pepe colocou o corpo no caminho e desviou a bola, que foi parar nos pés de Benzema. Até esse momento, o Real só havia cruzado três vezes a linha do círculo central, mas então nem sequer precisou armar um verdadeiro contra-ataque para abrir o placar: seus jogadores simplesmente avançaram sem que nenhum atleta do Bayern oferecesse resistência, e Benzema marcou para o time da casa diante de uma mistura de passividade e timidez dos zagueiros bávaros.

Foi um duro golpe psicológico para uma equipe que nas três semanas anteriores vinha atuando mal e cuja estrutura se mantinha firme apenas pelo alto nível de jogo de atletas como Lahm, Kroos e Robben. Até mesmo um goleiro excepcional como Neuer voltara cheio de dúvidas e equívocos depois da lesão sofrida onze dias antes contra o Borussia Dortmund. O Bayern tinha deixado o *momentum* escapar e agora, depois de um início de jogo esplêndido no Bernabéu, sentia o amargor de levar o gol de um adversário que o esperava todo encolhido.

Guardiola tentou renovar o ânimo de seus atletas durante a semana e meia

passada entre a derrota diante do Dortmund (12 de abril) e a visita a Madri (23 de abril). Na terça-feira, dia 15, reuniu o elenco e falou de seus sentimentos com a derrota por 3 a 0 para o Dortmund na Allianz Arena. No auditório de Säbener Straße, com as luzes apagadas, Pep começou a conversa pedindo desculpas aos jogadores por não se expressar melhor em alemão: “Mas acho que vocês me entenderão sem problemas”, disse. Explicou que, quando chegava em casa depois dos treinos ou de um jogo, costumava abrir uma garrafa de vinho para o jantar e a dividia com a mulher. Os jogadores riram porque Pep fez um gesto que indicava garrafas enormes. “Nesses momentos em casa”, prosseguiu, “penso em vocês, em como posso ajudá-los, no que posso fazer para que joguem ainda melhor, com mais segurança. Em como posso fazer algo que os ajude.” Mas o que ele não pode fazer, disse, “é correr por vocês”. E mostrou um vídeo rápido em que se podia ver o ritmo do time antes de conquistar o título da liga e depois de fazê-lo. A diferença era muito clara. Tinham realmente deixado de correr. “Isso é muito normal e acontece com todos nós quando já ganhamos. Mas temos que pensar que, se não corrermos, não somos praticamente nada. Que se pedirmos a bola no pé em vez de pedi-la no espaço aberto nos tornamos inofensivos.” Nesse ponto, acendeu as luzes e pôs uma lousa diante dos atletas. Estavam anotados alguns números:

27 jogos = 13 gols

3 jogos = 7 gols

Era o balanço de gols sofridos nos jogos de liga disputados até aquele dia. Apenas treze gols nos primeiros 27 jogos, os que foram necessários para a conquista do título. E desde então, sete gols em apenas três jogos. O desmoronamento do time era evidente. Os números refletiam a realidade melhor que as palavras.

Nos dois jogos seguintes, os jogadores se esforçaram para corrigir o problema. Venceram o Kaiserslautern (5 a 1) na semifinal da Copa e visitaram o lanterna da liga, o Eintracht Braunschweig, batido por 2 a 0. Não foram jogos fáceis. Apesar de estar na segunda divisão, o Kaiserslautern foi valente em sua visita à Allianz. Guardiola escalou o melhor time disponível, exceto por Neuer. O jogo deixou impressões ambíguas: por um lado, muita alegria porque levava o time à final de Berlim e à chance de mais um título, diante do Borussia Dortmund; por outro, a exibição havia sido apenas regular, sem a vitalidade mostrada em fevereiro e março. Os jogadores tentavam, mas a fluência não vinha. E também não apareceu em Brunsvique, onde o último colocado do campeonato lutou com unhas e dentes para evitar um rebaixamento que já parecia certo. A partida foi, talvez, a pior do Bayern na temporada. Alguns atletas erraram mais da metade

dos passes no primeiro tempo, e o percentual global de passes certos do time terminou em paupérrimos 78 por cento.

Cinco dias antes do confronto diante do Real Madrid, estava evidente que o jogador mais brilhante de 2013 vinha sofrendo um bloqueio: Franck Ribéry estava em má forma, e não por falta de interesse ou vontade. Esforçava-se ao máximo, mas não conseguia voltar ao estado de graça que lhe permitia se livrar de qualquer zagueiro rival. Podia se tratar de um bloqueio mental, ainda que fosse indiscutível que os sérios problemas nas costas (ele fora operado em 6 de fevereiro) tinham relação com seu baixo rendimento. Essas dores lombares acabariam impedindo-o de jogar a Copa do Mundo alguns meses depois.

A vitória em Brunsvique começou aos trinta minutos do segundo tempo com um gol de Pizarro, o atacante mais efetivo do ano. Diante do bom rendimento (marcou um gol a cada 68 minutos), Guardiola insistiu na renovação de seu contrato por mais uma temporada.

Em Madri, o que os esperava era uma equipe fortíssima, que acabaria se consagrando como sucessora do Bayern no posto de campeã da Europa. Guardiola hesitava em escalar Ribéry para o jogo devido a seu estado de forma. E também não tinha motivos para estar otimista: antes de deixarem Munique todos souberam do falecimento do pai de Højbjerg. Além disso, Alaba estava gripado, Neuer voltava de lesão, Götze não embalava, o jogo coletivo tinha muitos defeitos e, para completar, Javi Martínez — que seria titular — fora acometido de uma gastroenterite que o fez perder quase quatro quilos durante o fim de semana.

Os jogadores se esforçaram e correram muito mais nos dois jogos disputados depois da conversa de 15 de abril, mas o time não mostrou a qualidade das partidas anteriores. Apesar de tudo, o Bayern se encontrava onde queria: era detentor de três títulos, finalista da Copa e estava a 180 minutos da final da Champions. Mas tinha pela frente o Real Madrid, a equipe em melhor forma no continente.

Guardiola escolheu ser valente no Bernabéu, um estádio em que vivera grandes momentos com o Barcelona. Não tinha gostado nada das conversas em Munique sobre a *besta negra*, em referência ao que o Bayern representaria para o Real, porque Pep é especialmente respeitoso com esse clube, que não em vão sempre foi o seu grande adversário — quando jogador e também como técnico. Mas a despeito do delicado momento que o time atravessava, Pep queria ser corajoso e protagonista no Bernabéu: “Trabalhamos muito para chegar até aqui”, ele comentou comigo, “e temos que levar isso em conta. Tivemos o plantel completo só por três semanas da temporada, só três semanas. Ralamos muito para estar onde estamos e agora não vamos nos render. Precisamos desfrutar o momento e estou entusiasmado. Temos que tentar tirar a bola do Real, sair bem



de trás e dominar o jogo”.

A bola foi do Bayern. Nos primeiros quinze minutos, os alemães tiveram nada menos que 80 por cento de posse, quase sempre no campo adversário, pois o Real mal conseguia sair de sua área. Schweins-teiger cabeceou a gol depois de um escanteio, mas com pouca força e Casillas defendeu. Robben chutou com um desvio, de fora da área. O domínio bávaro foi completo, mas o time não conseguiu criar chances de verdadeiro perigo. Até que aos dezoito minutos, Kroos teve a oportunidade perfeita para abrir o placar. Pepe surgiu para bloqueá-lo, a bola rebateu e caiu no pé de Benzema; nenhum atleta do Bayern defendeu com firmeza e, dezenove segundos mais tarde, Neuer sofria o gol, em finalização do próprio Benzema. Era o pior que podia acontecer a um time que chegava inseguro àquela decisão: dominava a partida com coragem e, no entanto, levava um gol na primeira chance do adversário.

O Bayern só começou a se recuperar do baque depois de seis minutos, e nesse período o Real criou duas chances razoáveis e uma terceira muito perigosa, com Cristiano Ronaldo. Mas a equipe afinal não se abateu psicologicamente, o que diz muito sobre a coragem dos jogadores, e logo recuperou o domínio das ações e voltou a pressionar o conjunto local até que, no último instante do primeiro tempo, Di María se viu sozinho diante de Manuel Neuer e chutou alto demais. Com planos de jogo diferentes, ambos os times estavam atuando muito bem. O Real havia cedido nada menos que nove escanteios nesse primeiro tempo, mas conseguira impedir bons arremates dos bávaros. O Bayern dominara a partida por completo, mas sua presença na área de Casillas ainda era tímida.

Depois do intervalo, o Real teve a bola nos primeiros seis minutos, quando dominou o jogo, mas logo a dinâmica inicial foi retomada. O Bayern foi ligeiramente mais perigoso no ataque e os contragolpes do time de Madri se reduziram ao mínimo (apenas um com Bale aos 43 minutos). Desde a entrada de Müller e Götze substituindo Ribéry e Mandžukić, a equipe de Guardiola controlou menos a partida ainda que, por outro lado, tenha criado mais chances de perigo, as quais culminaram com um tiro à queima-roupa de Götze aos 39 minutos do segundo tempo, desviado por Casillas.

O ataque do Bayern não foi eficaz: o time teve quinze escanteios, cruzou 31 bolas na área, acertou 94 por cento dos passes e finalizou dezoito vezes, o dobro do Real, mas as chances de verdadeiro perigo foram insuficientes. O arremate de Götze simbolizou esse domínio sem sucesso. Poderia ter sido o gol que Kalle Rummenigge havia pedido no dia em que o sorteio emparelhou Bayern e Real: “Se marcarmos no Bernabéu”, disse Rummenigge na manhã do sorteio, “estaremos na final”. Mas Casillas evitou o gol de Götze e o Bayern deixou o jogo com o semblante preocupado.

Guardiola seria muito criticado — já havia sido nas semanas anteriores, depois

das derrotas para o Augsburg e o Dortmund. Alguns jornais fariam do ocaso de um modo de jogar. Franz Beckenbauer pronunciaria as seguintes palavras em participação televisiva na Sky Alemanha: “A posse não significa nada quando o adversário tem as chances. Podemos ficar contentes pelo Real ter marcado só um gol”. Mas Pep também receberia mensagens de apoio. Uma delas, de um ex-jogador do Barça: “Pep, pode ficar muito orgulhoso do seu time. O que vocês fizeram no Bernabéu é para poucos”, dizia o sms.

No confronto diante do Real Madrid se produziria um grave erro geral de avaliação. Basta rever os noventa minutos para entender. O Bayern jogou uma partida formidável (o Real Madrid também), talvez uma das melhores em muito tempo, apenas foi muito mal nas finalizações. Mas as conclusões tiradas logo após o jogo foram em sentido contrário e geraram um clima de pessimismo entre jogadores, imprensa e torcida, que acabou pesando significativamente no desastroso planejamento de Guardiola para a partida de volta.

O Bayern jogara excepcionalmente bem, apesar de ser indiscutível que finalizou mal, muito mal. Todas as análises, porém, se concentraram no gol de Benzema e nas duas chances perdidas por Cristiano e Di María e pouco valorizaram o domínio e a personalidade que a equipe havia demonstrado em um dos estádios mais emblemáticos do mundo. Um grave erro de avaliação.

Em paralelo a isso, aflorou o choque cultural entre a forma de jogar que Guardiola implantara e a tradição do futebol alemão. “É claro que esta forma de jogar é contracultural”, diz Pep no jantar depois do jogo. “Não ache que eu não entendo isso. A maneira de jogar predominante na Alemanha é diferente da minha. Certamente, eles gostam mais do estilo do Real ou do Dortmund, mas amigo, eu fui o contratado pelo Bayern. E tento equilibrar as minhas ideias e a cultura alemã, mas no fim o que acaba importando são os jogadores. E posso dizer uma coisa: os jogadores são a favor dessa ideia.”

O choque cultural pode ser interpretado em chave negativa ou não, mas é uma realidade. Se a Bundesliga se caracteriza por seus excelentes contra-ataques e pelo jogo direto, vertical e rápido, o modelo de jogo de Guardiola se opõe frontalmente a isso. Seu jogo de posição se baseia no avanço em conjunto e em ganhar posições ao longo do terreno de jogo, como no caso de alpinistas que escalam uma montanha em grupo. É um modo de jogar que não vê problemas em um recuo se uma via de ataque está fechada, nem em insistir tanto quanto o necessário nos passes até conseguir desordenar o adversário. Evidentemente, são duas culturas diferentes de futebol, muito diferentes, de modo que esse contraste é inevitável.

Rummenigge parece mais preocupado que Guardiola com esse choque cultural. Depois do jantar no hotel Intercontinental de Madri ele se aproxima da mesa da comissão técnica, ao lado de Matthias Sammer, e durante meia hora

anima o técnico, que lhe parece abatido. Diz a Pep para não se afastar da sua ideia, para confiar nela e nos jogadores, na forma de jogar que permitiu chegar até ali com tantos bons resultados. Diz que essa é a ideia que, como clube, o Bayern apoia e quer aprofundar durante os próximos anos.

Guardiola e seus colegas da comissão, Domènec Torrent e Carles Planchart, passam as horas seguintes dissecando a partida e pensando em soluções para o jogo da volta. O técnico acha que seria boa ideia jogar com três zagueiros e povoar o meio de campo para evitar um gol do Real, porque sofrê-lo forçaria o Bayern a marcar três e seus atacantes não estavam no melhor momento do ano. Até as 3h48, eles detalham o plano de jogo do confronto da terça-feira seguinte, e Guardiola pede a Torrent que não o deixe mudar de ideia, aconteça o que acontecer. Ele sabe como quer jogar e não pretende mudar de opinião.

Pep não está abatido pelo resultado, nem pelas críticas. Apenas recebeu uma ligação de um médico que o informou sobre o delicado estado de saúde de Tito Vilanova.



A catástrofe

“Eu me equivoquei, cara. Me equivoquei por completo. Fiz uma grande cagada. A pior cagada que já fiz como técnico.”

*Munique, 29 de abril de 2014*

Guardiola acaba de chegar à sua sala na Allianz Arena depois de participar da entrevista coletiva em que assumiu toda a responsabilidade pela catástrofe. O Real Madrid massacrou o Bayern (4 a 0) nesta semifinal de Champions que marcará para sempre a trajetória de Pep como técnico: é a pior derrota de sua carreira e também a pior do Bayern em toda a história das competições europeias. O Bayern foi batido, massacrado e humilhado em seu próprio estádio pela equipe que quatro semanas depois se consagraria campeã da Europa, roubando essa honraria do clube de Munique.

Nos escanteios, o Bayern só havia sofrido dois gols em finalizações diretas ao longo de toda a temporada: de Adrián Ramos, do Hertha, na liga; e de Nemanja Vidić, do Manchester United, na Champions (Süle, do Hoffenheim, também marcou mas depois de a bola ter escapado de Neuer; e Rafinha fez um gol contra). O tento seguinte aconteceu contra o Real, depois da cabeçada de Sergio Ramos, que subiu de forma majestosa no meio da defesa bávara aos dezesseis minutos e levou às cordas a equipe de Pep. Foi o início da queda.

Em todo o ano ninguém marcara um gol de falta indireta contra o Bayern, mas aos vinte minutos de jogo Di María cobrou uma infração lateral, Pepe raspol de cabeça para trás e Sergio Ramos venceu Neuer de novo, aproveitando que Dante protegia incorretamente a posição. Quinze minutos mais tarde Cristiano Ronaldo marcou em um contra-ataque que se iniciou com uma bola perdida no ataque por Ribéry, e para fechar a noite negra, o Bayern sofreu no último minuto de jogo o segundo gol da temporada em cobrança de falta direta, graças à precisão de Cristiano Ronaldo, que chutou rasteiro quando todos na barreira saltaram. Um gol que deixou um sabor amargo, de profunda humilhação.

O modo como o Real conseguiu três de seus quatro gols — de bola parada — poderia forjar uma imagem irreal do acontecido. Era, por um lado, um fato inédito e surpreendente porque o Bayern tinha sido até então o time mais confiável da Europa em bolas paradas: nos 52 jogos anteriores sofrera apenas um gol de falta (marcado por Sejad Salihović, do Hoffenheim) e somente dois de escanteios com finalização direta do rival. Os números não deixavam dúvidas. Basta pensar que um time excepcional como a Juventus de Turim, grande

campeã da liga italiana com nada menos que 102 pontos, recorde absoluto, levou durante o ano dez gols entre cobranças de escanteio e faltas laterais.

Mas, se pensarmos na forma como os gols foram produzidos, só veríamos a parte superficial do problema. A verdadeira causa da derrota residia no jogo praticado e foi nisso que Guardiola errou gravemente. Para entender, precisamos retroceder uma semana, até a madrugada da sexta-feira anterior, numa sala do hotel Intercontinental de Madri, onde o Bayern realizava seu habitual jantar pós-jogo. Todas as mesas estão vazias, exceto três: em uma estão os funcionários da área de imprensa do clube; em outra, um pequeno grupo de patrocinadores do Bayern, e na terceira, Pep e seus auxiliares. Eles concluem com clareza o diagnóstico do acontecido no Bernabéu, na derrota por 1 a 0. Sentem orgulho pela maneira como atuaram no estádio do Real, impondo seu plano de jogo, mas também têm consciência de quais jogadores estão em má forma e o que isso significa quando é preciso atacar uma defesa composta de jogadores sensacionais, bem dirigidos e que se fecham com perfeição. Guardiola está diante de um dos dilemas do futebol, um dilema que antes dele muitos outros técnicos enfrentaram: como atacar bem em espaços tão reduzidos? Muitas vezes essa pergunta é respondida com declarações como “chutando forte” (o Bayern finalizou dezoito vezes no Bernabéu, o dobro do Real) ou “mandando bolas para o centroavante” (o Bayern cruzou 31 vezes, o triplo do Real). Mas a realidade do futebol é que, desde há décadas, o ataque posicional contra uma equipe muito fechada acaba exigindo um profundo trabalho coletivo prévio e soluções individuais. Ou seja, na maioria das vezes a solução chega graças ao talento de um atacante. E hoje, os atacantes do Bayern — salvo Robben — passam por um momento delicado, não conseguem driblar seus marcadores e não conseguem chutar diante de zagueiros que bloqueiam seus espaços.

Este é o problema básico do jogo de posição: é imprescindível ter atacantes com muito talento e em ótima forma para superar a falta de espaços. Chegar até a área é fruto de um processo de construção de jogo, em que o técnico pode ter grande influência, mas resolver a jogada dentro da área depende da capacidade do jogador. Naturalmente, todo time tem liberdade para escolher o modelo de jogo, mas com Guardiola o Bayern escolheu o jogo de posição. Com todas as suas virtudes, mas também com as dificuldades que o estilo acarreta.

Às três da madrugada da sexta-feira, 24 de abril, Guardiola já sabe que o Real Madrid se fechará na Allianz Arena. E que ele terá as mesmas armas do jogo de ida. E essas armas são um Robben em grande forma, um Ribéry bloqueado e com dores, um Mandžukić que só conseguiu finalizar um dos quinze escanteios favoráveis ao Bayern no Bernabéu, e um Müller de movimentos anárquicos. Também se recorda do que lhe disse Garry Kasparov uma vez: “Lembre-se, Pep: você não ganhará os jogos somente por ter as peças mais adiantadas”.

Nesse momento de reflexão, ele decidiu jogar a partida de volta com um 3-4-3. Jogar com três zagueiros, posicionar os laterais na linha média, perto dos meios-campistas, para povoar bastante o centro do campo, e provavelmente escalar Götze no ataque para ganhar ainda mais superioridade no meio, já que o alemão tende a voltar para apoiar os armadores. Este 3-4-3 é, na verdade, um 3-5-2 que permite proteger-se bem dos contra-ataques que, sem a menor dúvida, o Real utilizará e, ao mesmo tempo, dominar o meio de campo, ter a bola e não confinar exageradamente o rival na própria área. Escuto Guardiola dizer a Torrent: “Dome, não me deixe mudar de opinião. Tem que ser assim”.

Mas no avião de volta a Munique ele começou a pensar diferente. Considerou que só haviam treinado a defesa com três zagueiros nas atividades de dezembro e que faltava pouco tempo para prepará-la. Além disso, Javi Martínez não só padecia de uma forte gastroenterite, como também de tendinite em ambos os joelhos, e não aguentaria os noventa minutos contra o Real. Deixaria o 3-4-3 para a próxima temporada. Chegou a Munique com o 4-2-3-1 na cabeça. Dera bons resultados na Bundesliga, permitia obter superioridade no meio de campo, o time estava acostumado a esse sistema e valia tanto para Ribéry quanto para Götze. Se conseguisse recuperar Ribéry e libertá-lo do bloqueio que estava vivendo...

Na sexta-feira, 25 de abril, Pep falou rapidamente com os jogadores: “Sempre agradecerei a vocês pelo que fizeram no Bernabéu. Vocês foram valentes e jogaram como eu acho que o futebol deve ser jogado. Estou orgulhoso de vocês”.

Tito Vilanova faleceu nesse mesmo dia. Foi um golpe duríssimo para sua família, para o Barça e sua torcida, e para seus amigos. O mundo do futebol se emocionou. Para Guardiola, assim como para Torrent, Planchart, Estiarte e Buenaventura, que compartilharam tantos anos com ele, o abatimento foi absoluto.

O jogo de sábado na Allianz Arena contra o Werder Bremen foi complicado. O Bayern teve uma atenção especial com seu técnico, a quem dedicou naquele momento todos os tipos de cuidado: o clube redigiu uma nota de pêsames em alemão e catalão, o estádio respeitou um minuto de silêncio e os jogadores carregaram uma braçadeira preta em sinal de luto. Guardiola passou todo o jogo deslocado e só se levantou para abraçar Ribéry, aos 25 minutos do segundo tempo, e lhe dizer como ele também é bom quando se movimenta pelo centro do ataque. Ainda que o Werder Bremen tenha tomado a dianteira no placar por duas vezes, através de dois contra-ataques, o Bayern virou para 5 a 2 e passou a sensação de que Ribéry começava a se reencontrar. Robben jogou apenas quinze minutos, mas marcou o quinto gol bávaro no primeiro toque na bola, e Guardiola fez a anotação mental de que deveria aproximar o ponta holandês do comando do ataque e afastá-lo gradualmente da faixa lateral.

O técnico jantou com alguns amigos, mas não estava com a cabeça no restaurante. De vez em quando mostrava fotos nas quais aparecia junto a Tito Vilanova. A que mais gostou foi uma em que estavam no vestiário do estádio Vicente Calderón (Atlético de Madrid) debatendo sobre uma proposta de jogo. Foi um jantar estranho, no qual se brindou por Tito e quase não se falou de futebol, mas de muitas outras coisas. Pep tinha a cabeça em outro lugar.

Na segunda-feira, os jogadores estavam animados, muito animados, ansiosos pela revanche contra o Real. Em Munique se havia criado um ambiente mais propício a uma virada épica que a uma fria análise tática. E Pep se deixou influenciar. Esse foi seu grande erro. Até mesmo suas declarações na coletiva soaram estranhas. Ele perguntou aos jogadores sobre o que sentiam e eles lhe falaram do espírito alemão para as viradas, da paixão que a Allianz Arena irradiava nas noites heroicas, pediram a ele para jogar com o coração, partir com tudo e atacar ferozmente desde o primeiro minuto. E Guardiola mudou de ideia. O esquema 3-4-3 inicial deu espaço ao 4-2-3-1, mas na segunda--feira se transformou em um 4-2-4. Como em Dortmund em julho de 2013, em sua estreia na Alemanha, ele se debatia entre a paciência e a paixão, e acabou se inclinando pela paixão. E como em Dortmund, ele se deu mal, muito mal.

O treinamento da segunda-feira consistiu em alguns *rondos*, um breve trabalho de força explosiva e dois jogos de dez minutos de onze contra onze, concluídos com cruzamentos para a área durante mais de vinte minutos, antecipando o que aconteceria no dia seguinte. Alaba e Ribéry tinham um pouco de febre e dor de garganta, e os joelhos de Javi doíam. A escalção estava decidida e Pep falou com Ribéry para lhe dizer que, por fim, seria titular.

A conversa anterior ao jogo, nos salões presidenciais do hotel Charles, carregou o tom de otimismo que se vivia em Munique: “Rapazes, não se trata de entrar em campo e desfrutar. Desta vez é preciso entrar e morder. Temos que ir em todas as bolas. Vocês são alemães, sejam alemães e deem tudo em campo”.

A virada épica foi um desastre. Pela forma como os gols foram sofridos, mas sobretudo porque o Bayern esteve irreconhecível. Não foi o time dono da bola, que havia dominado no Bernabéu, em Manchester, em Londres e em tantos outros campos, mas um conjunto despojado do seu principal atributo: o meio de campo. Lembrou demais o acontecido na Supercopa alemã, quando o Bayern teve um meio formado por Thiago, Kroos e Müller, e também se converteu no fim em um 4-2-4, uma equipe dividida em duas metades.

A Allianz Arena reunia as condições ideais para a virada. Um ambiente espetacular, tomado por cânticos a favor do Bayern, um caldeirão fervente. Os jogadores entraram motivados. Pela primeira e única vez na temporada reuniram-se no círculo central antes do início, buscando o estímulo que os levaria até a final. O árbitro não havia apitado o começo do jogo e o estádio já entoava

em coro seu grito de guerra: “Auf geht’s, Bayern, schießt ein Tor!” [Vamos, Bayern, marca um gol!].

O Bayern era pura adrenalina, mas as duas primeiras jogadas já prenunciavam o que aconteceria depois. Aos vinte segundos, Ribéry recolheu a bola no canto esquerdo e tentou escapar de Carvajal, mas Gareth Bale veio em auxílio do lateral do Real Madrid e juntos eles interromperam o ataque. Todo o resto da noite foi sempre um três contra dois nas pontas a favor do Real. Aos 45 segundos, o time espanhol lançou um contra-ataque e pôs o Bayern em xeque.

Pep diria mais tarde que com poucos minutos de jogo já sentiu que o time não estava funcionando. Na verdade, isso se comprovou no primeiro lance. O árbitro apitou, o Real passou para trás e Mandžukić e Müller partiram como loucos perseguindo a bola. Era um gesto de coragem e ambição, mas também uma indicação de que o meio de campo do Bayern iria ficar vazio a noite toda, a mercê do adversário. O técnico tinha deixado Rafinha no banco e colocado Lahm, o capitão, na lateral direita. Essa escolha acabou sendo crucial porque, na noite mais importante do ano, Guardiola tirou do meio de campo o homem que tinha reordenado todas as peças, o melhor meio-campista da temporada, o eixo da equipe. Kroos (direita) e Schweinsteiger (esquerda) formaram a dupla de volantes alterando o lado que ocupam naturalmente, mas sempre estiveram em nível inferior ao adversário: quando atacavam, porque lhes faltava a qualidade do último passe de Lahm, Thiago ou Götze; quando defendiam, simplesmente porque estavam em menor número que os *madridistas*.

O Real jogou com mais cabeça que o Bayern, que atuou acelerado, sem controlar o jogo. Foi uma noite perfeita para compreender que uma coisa é ter a bola em seu poder e outra diferente é controlar o jogo. O Bayern tinha a bola; o Real, no entanto, teve o controle das ações. Foi assim porque Pep desobedeceu a suas próprias ideias, as que vinha semeando ao longo da temporada. O time saiu mal com a bola de trás, muitas vezes com lançamentos longos, deixou seus meios-campistas em inferioridade, não avançou de forma conjunta, com os jogadores agrupados e, por fim, não conseguiu criar superioridade em nenhuma zona do campo. Portanto, cada bola perdida era uma oportunidade para o Real, que além de tudo viu Luka Modrić ter uma atuação soberba. Sem moderação nem paciência, o Bayern jogou rachado em dois. Os primeiros gols, de Sergio Ramos, chegaram em um escanteio e uma falta indireta nos quais, é claro, o Bayern se defendeu mal, mas isso não foi uma casualidade, apenas fruto do modo descuidado de atuar da equipe, de sua absoluta falta de controle tático e emocional.

O Bayern não deixou de lutar nem sequer quando Cristiano Ronaldo marcou o terceiro gol, em um contra-ataque fulgurante que começou com um passe involuntário de Ribéry a Bale e terminou em quatro combinações *madridistas*,



rápidas e precisas. A essa altura, Javi Martínez já estava aquecendo na lateral. O conjunto alemão não tinha sentido de jogo, mas sim de orgulho, pois insistia e insistia, sobretudo pelo meio através de Robben, cujo esforço gerou quatro escanteios favoráveis em apenas sete minutos, ainda que nenhum tenha dado resultado. Se na ida o Bayern havia cobrado quinze escanteios e finalizado sete, mas sem eficácia, na volta cobrou nove e só conseguiu finalizar um, que acabou desviado. O Real se defendia esplendidamente bem e qualquer disparo dos bávaros acabava rebatendo no corpo dos zagueiros.

Guardiola aproveitou o intervalo para recompor a equipe. Colocou Martínez no lugar de Mandžukić e posicionou o time em um 4-3-3, com Schweinsteiger adiantado em relação a Kroos e Javi. Foi como um bálsamo, mas já era tarde demais. A saída de bola melhorou, o Bayern controlou o jogo e conseguiu linhas de passe melhores. É tentador pensar no que poderia ter acontecido se Javi Martínez tivesse estado em condições físicas de jogar as partidas inteiras de ida e de volta. Claro que se poderia cogitar o mesmo quanto à ausência de Thiago, ou lamentar as dores nas costas que tanto prejudicaram o jogo de Ribéry. Mas a realidade já havia chegado e o Bayern iria ficar fora da final da Champions — e por larga diferença.

A torcida do Bayern vaiou a troca de Ribéry por Götze, mas o francês já não suportava mais devido à lombalgia, e viria a pagar um alto preço pelo esforço nas semanas seguintes. Pior ainda: o estádio apupou Guardiola na troca de Müller por Pizarro, e ouviram-se gritos a favor do atacante bávaro. Sem deixar dúvidas, os torcedores se mostraram contra Pep.

O técnico assumiu toda a responsabilidade. Nem sequer mencionou o pedido dos jogadores e os protegeu, afastando-os do fracasso, atraindo para si todas as culpas. Ele esvaziara o meio de campo no dia em que teve que enfrentar uma verdadeira manada de leões. À sua frente, havia um time excepcional, em que Modrić e Xabi Alonso dominavam a distribuição certa do jogo, Benzema ditava o ritmo necessário para cada jogada e Cristiano e Bale, além da grande velocidade, mostravam-se espetaculares na gestão dos espaços. O Bayern os enfrentou em inferioridade em vez de utilizar mais meios-campistas e atacantes e ter mais controle que furor.

Ao longo da temporada, Guardiola havia feito reflexões interessantes sobre o “choque cultural” de seu jogo em relação ao alemão. Depois de ganhar por 3 a 0 em Dortmund ele tinha dito: “Mandando bolas para a área marcaremos gols, mas não conseguiremos dominar o jogo”. Mas desta vez nem sequer foi assim porque nos 180 minutos contra o Real, sua equipe havia cruzado 74 vezes na área de Casillas mas conseguira finalizar — e mal — meia dezena de vezes.

Tempos atrás, Pep havia sido contundente: “Dominamos o jogo quando reunimos os bons por dentro... E se eu perder, dá no mesmo. Irei feliz para casa

porque terei jogado da forma em que acredito”. E, no entanto, no dia mais importante do ano ele traiu a si mesmo. Não jogou como acreditava que devia fazer nem tentou construir o jogo que considera imprescindível para avançar e ganhar. É verdade que talvez não tivesse todos os atletas necessários para executar o plano com qualidade, e também é verdade que seu estilo supõe um risco elevado e exige precisão quase cirúrgica, mas a origem da catástrofe residia em sua própria decisão: Pep havia traído Pep.

Um time, dizia o técnico semanas antes, é como um vaso de cristal que pende por um fio. O Bayern tinha se estilhaçado. O fio (do jogo) tinha se rompido. É raro um time implodir de modo tão brusco em tão pouco tempo, e uma derrota como essa poderia significar um ponto de inflexão na trajetória de Guardiola. Na Alemanha, tudo mudaria e era possível pensar, lendo-se os jornais, que se havia passado da idolatria ao desprezo.

Todo grande esportista sofreu derrotas maiúsculas, quedas espetaculares. Até a noite de 29 de abril Pep ainda não tinha experimentado esse momento, mas agora já carrega a sua ferida. Uma ferida de que nunca se esquecerá. Pode-se também supor que a chaga fosse necessária para que o técnico pudesse relançar a carreira com ainda mais energia, porque as grandes vitórias sempre nasceram das grandes derrotas.

Passada a meia-noite ele se fecha em sua sala na Allianz Arena. Ali estão Domènec Torrent, Carles Planchart e Manel Estiarte. Para reverem a partida juntos, mas basicamente para tentar levantar o astral do técnico. Porque Pep está abatido.

Falta saber como ele sairá desse poço em que caiu. Em que direção seguirá, se para cima ou para baixo.

“Toda a temporada me negando a usar um 4-2-4. Todo o ano resistindo. E uso no dia mais importante... Que grande cagada!”



## O apoio de Rummenigge

*Munique, 1º de maio de 2014*

À saída do estádio, a mulher de Rummenigge expressou ao principal executivo do Bayern sua preocupação com Guardiola. Tinha achado o técnico abatido, desmoralizado, desanimado. Kalle compartilhava a preocupação. Mais do que pela catástrofe que significava perder para o Real Madrid daquela forma, o dirigente estava inquieto por Guardiola, a quem considerava essencial para o futuro do clube. Rummenigge, além de apoiar Pep com determinação, é um apaixonado

por seu modelo de jogo. Acredita que o Bayern deve praticar o jogo de posição, mesmo com suas fragilidades e dificuldades, e ainda que isso represente nadar contra a corrente dos modelos mais comuns ou difundidos, como o jogo de ataque direto. Na semana anterior tinha revelado surpresa ante o reduzido número de passes dados pelo time na partida de Brunsvique, mas Guardiola lhe explicou que tomou a decisão voluntariamente, diante das condições do gramado, que dificultavam a troca de passes. O dirigente não queria que as críticas provocassem dúvidas no técnico sobre a verdadeira vontade do Bayern. Mas então aconteceu a catástrofe contra o Real.

Não havia melhor momento para saber se o clube realmente apoiava Pep ou se havia dúvidas. Então, pouco depois do desastre, Kalle Rummenigge me recebeu em sua sala. A primeira pergunta era inevitável:

“O Bayern apoia a proposta de jogo de Guardiola depois da eliminação na Champions, ainda que seja um modelo pouco usual na Alemanha?”

“Veja, quando contratamos Pep, sabíamos perfeitamente o que podíamos esperar dele com relação ao jogo. Aprecio a responsabilidade, e o técnico é o responsável pela tática. Pep tem uma tática clara: a posse de bola é o que importa para ele. Portanto, não tive surpresa alguma. E depois, Pep tem uma grande vantagem: não é um sujeito complicado. Quando prepara o time, sempre leva em conta que está na Alemanha e respeita a cultura alemã. Nós, na Alemanha, certamente estamos acostumados a um jogo físico, veloz e direto, mas neste ano testemunhamos no nosso jogo todos os atributos possíveis. Tivemos a posse de bola, atuamos bem no ataque, defendemos bem, fomos velozes... Por diferentes razões, nas últimas três semanas perdemos um pouco a concentração, talvez porque tenhamos vencido o campeonato nacional muito cedo e a equipe — alguns jogadores — tenha perdido um pouco o foco. Mas acho que a responsabilidade e a credibilidade de Pep dependem justamente da sua filosofia. Assim, não devemos esperar dele que seja diferente do que é.”

“Na terça, diante do Real, no entanto, o fracasso foi enorme.”

“Certo, na terça, eu vi Pep desanimado pela primeira vez. Basicamente, porque ele mudou aspectos de suas ideias sem estar completamente convencido. Fez algumas coisas que não eram próprias dele; por isso, estava muito irritado consigo mesmo, por não ter sido fiel a suas ideias. Ele viu com clareza. Esvaziou o meio de campo e jogou de forma direta. Deixou-se condicionar pelo jogo de ida no Bernabéu. Não digo que pelo jogo que o Bayern fez lá, mas pelo resultado obtido. Mas digo uma coisa: sua tática no Bernabéu foi criticada de maneira injusta, porque jogou como sempre fizera ao longo da temporada, querendo a bola. Só que não conseguimos marcar um gol e isso provocou as críticas. Se tivéssemos jogado igual e marcado um gol em Madri, então Pep seria um gênio. Mas, bem, nós que já temos bastante tempo de futebol não podemos nos deixar condicionar por um gol a favor ou contra, sem analisar o jogo desenvolvido. Se Götze tivesse marcado no Bernabéu, então o Bayern e Pep seriam fabulosos e geniais. Como não marcou, fracasso! Não, o problema que vejo na Alemanha é que geralmente o alemão não pensa muito na tática. Tem uma visão do jogo que é muito física, direta e veloz — e isso já basta. Mas o futebol é muito mais. Há um motivo para termos vencido a liga nacional com tanta vantagem. O motivo é Pep. E ponto final.”

“Pep ainda tem dois anos de contrato com o Bayern. O que você espera dele nesses dois anos?”

“Acho que ele pode ajudar muito a mudar a cultura do futebol alemão. Mesmo que nas três últimas semanas as coisas não tenham corrido bem e que tenham surgido pessoas que querem minimizar o valor daquilo que Pep fez. A opinião pública esteve sempre a seu favor; agora tentou derrubá-lo lá de cima, dizendo que sua filosofia é equivocada, não é a correta. Mas eu acho o contrário. Falei com os jogadores que estão há mais tempo aqui conosco e que já tiveram cinco, seis ou sete técnicos diferentes em poucos anos, e todos eles concordam: Pep é o mais diferente, no sentido positivo do termo, completo, variado, rico... Tem credibilidade entre os jogadores.”

“Em relação a esse choque cultural que mencionamos, entre o modelo de jogo de Pep e o da tradição alemã, é curioso que alguns dos jogadores do Bayern que melhor interpretaram o modelo de Pep neste ano tenham sido, justamente, alemães. Penso em Lahm, Kroos, Boateng, Neuer ou Götze.”

“Pep conseguiu mudar um pouco a filosofia do futebol alemão. Eu gostaria que Pep tivesse conquistado este ano todos os títulos por uma razão: porque teria demonstrado à opinião pública que com a sua filosofia é possível ganhar tudo. Porque o futebol alemão talvez tenha pecado por ser simples demais, mas o futebol não pode ser medido exclusivamente pelos títulos obtidos, porque essa é uma medida ruim. Há três anos fomos três vezes vice-campeões, na Bundesliga,

na Copa e na Champions, apesar de termos jogado a final em casa, mas não conseguimos ganhar nada; nem nesse momento pensei em dizer que Heynckes não tinha feito um bom trabalho. E, de fato, no ano seguinte Jupp ganhou tudo. E então as pessoas disseram: Heynckes acertou sempre, porque ganhou tudo. E no ano anterior, então? Tive a sorte de viver cinco anos fora, na Itália, como jogador, e isso me permite ver o futebol de um modo diferente do habitual na Alemanha.”

“O Bayern está satisfeito com Guardiola em seu primeiro ano como técnico?”

“Quando repasso todo o acontecido na temporada, vejo que gosto da associação entre Pep e o Bayern. Gosto porque acredito, antes de tudo, que ele é um grande treinador. Porque tem as ideias claras, tem um plano definido e tem uma filosofia clara sobre o futebol e sua tática. E, graças a tudo isso, ele conseguiu algo que normalmente não acontece: no ano passado ganhamos três títulos; a temporada posterior à das grandes conquistas é sempre muito complicada, porque os jogadores estão cansados e um pouco desmotivados. No entanto, não aconteceu como em 2001, quando depois de ganhar a Champions contra o Valencia, tudo se complicou e só conseguimos ficar em terceiro na liga, fomos eliminados nas quartas da Champions e sequer chegamos à final da Copa. Aquela foi uma temporada decepcionante. Acho que, graças a Pep, conseguimos evitar algo parecido. Porque o que acontece normalmente é que a motivação e o desejo dos jogadores decrescem de forma inevitável depois das grandes conquistas. Graças a Pep, permanecemos no nível mais alto. É verdade que, em momentos como o de terça-feira passada, quando você perde em casa por 4 a 0 contra o Real Madrid, as pessoas se decepcionam e a imprensa começa a criticar; mas, na minha opinião, não devemos dar muita importância a essas críticas. O importante é ter uma visão global da temporada. Se penso em como nós jogamos neste ano... Não nos esqueçamos de que há apenas quatro semanas, quando ganhamos o título da liga em Berlim, a mesma imprensa escreveu que o campeonato era chato, porque o Bayern jogava bem demais e tinha um nível muito alto para os concorrentes. E agora parece que somos ruins. Tivemos uma queda mental, que nos fez perder alguns jogos, e certamente a derrota da terça-feira é dolorosa, mas são coisas que acontecem e são compreensíveis.”

“Essa derrota vai obscurecer de forma inevitável o balanço da temporada.”

“Não devemos esquecer que há uma lei no futebol, na Champions League, que diz que quem ganhou o título no ano passado não ganha neste. Não sabemos por quê, mas é assim há 22 anos. Nós procuramos quebrar essa regra para fazer história novamente na Champions, mas não conseguimos. Para mim, a estabilidade deve ser buscada na forma de jogar, nos títulos também, claro, e por fim no ponto que você alcança nas competições. Com Pep, e mesmo antes de Pep, o Barcelona sempre foi para mim uma espécie de benchmark, de exemplo:

quase todos os anos chega à final da Champions e à fase final de todas as competições. Isso que realmente importa. Digamos mais: o nível dos competidores hoje é muito semelhante. A diferença entre sucesso e fracasso é mínima, pode depender de um pênalti que não foi, de um pequeno erro, de um detalhe ou da perda de um jogador valioso em razão de uma lesão... Mas se uma equipe chega sempre às semifinais das competições, então essa é uma grande equipe. Não se esqueça de que nós, do ponto de vista estatístico, jogamos 38 partidas de Champions nos últimos três anos. Somos o time número um. Nem o Real, nem o Barcelona, nem o Manchester United, nem o Chelsea jogaram mais partidas que nós nessas últimas três temporadas.”

“Os números exatos desses últimos três anos são: 38 jogos para o Bayern, 37 para o Real Madrid, 34 para o Barcelona, 29 para o Chelsea e 24 para o United. Se ampliarmos isso para os últimos cinco anos, temos um empate de 59 jogos entre o Bayern e o Barcelona, 57 do Real Madrid e 47 do Chelsea e do United.”

“O número de jogos é indicativo da solidez do time. Mesmo nesta temporada, apesar da dura derrota, o time foi bem. O jogo contra o Real condiciona a nossa avaliação, é claro, mas eu valorizo a forma como nos apresentamos contra o City e o United em Manchester, contra o Arsenal em Londres ou no Bernabéu contra o Real. Para mim, isso é muito importante. Temos que ser racionais, muito mais racionais. Estou bem contente com Pep como nosso técnico, porque vejo que ele tem qualidades enormes. Se depois do jogo contra o Real ele estava abatido, eu entendo, mas é um grande, grande técnico.”

“Ainda que a final da Champions League de 2015 se dispute na Alemanha (Berlim), Rummenigge voltará a dizer que o objetivo mais importante da temporada 2014/2015 é a Bundesliga?”

“Sim, sem dúvida. O título mais relevante de qualquer temporada sempre é a liga. Na Alemanha, na Espanha, na Itália ou na Inglaterra, em todas as partes. Porque se você joga 34 jogos, como na Bundesliga, não pode ganhar o título por uma casualidade. Não é possível. Na Champions League, com o nível existente, basta um dia ruim na semifinal para você cair fora, como aconteceu conosco. Na liga você pode perder um jogo por 4 a 0; mas, se estiver em boa forma na sequência, pode ganhar dez partidas consecutivas e o problema está resolvido. A Champions é imprevisível. É o título mais importante e glamoroso, mas o título mais relevante sempre é o campeonato nacional.”

“O Bayern logo terá que tomar uma decisão: manter o time que ganhou tudo e continuou ganhando ou se renovar.”

“Precisamos fazer mudanças com sutileza, sensibilidade e inteligência. O diretor esportivo Sammer, o técnico e eu sempre tentamos afinar o discurso, além de levar em conta as possibilidades financeiras do clube, que são muito importantes para nós; com tudo isso, precisamos fazer as coisas da maneira certa

e com prudência. Sem nos deixar influenciar pelo momento difícil depois da derrota para o Real. Porque se você me tivesse feito essa pergunta há cinco semanas, eu teria dito que não devíamos mudar muitas coisas — porque o time funcionava bem, tínhamos conquistado a liga batendo todos os recordes, defendíamos o título da Champions, estávamos na final da Copa... Hoje somos condicionados por essa derrota, e a questão muda um pouco de figura, mas eu defendo que, se as coisas não correram bem, é melhor ir para casa, dormir um pouco e depois se reunir com calma para discutir com eficiência e racionalidade.”

“Mas parece evidente que a contratação de Robert Lewandowski não bastará e que será necessário garantir algum outro jogador de primeiro nível, o que por sua vez aumentará ainda mais essa sensação de que se trata de um gigante que não quer que ninguém lhe faça frente, pelo menos na Alemanha.”

“Nos últimos dez anos, o Bayern ganhou a metade dos títulos da liga, mas houve outros campeões: o Dortmund, que venceu duas vezes, o Wolfsburg ou o Stuttgart, um time que, no entanto, este ano passou algumas rodadas na zona de rebaixamento. O Bayern é um clube potente, e nós tentamos ser assim em todos os âmbitos. Graças a uma base financeira sólida, podemos tentar contratações importantes. Mas se um clube permite que seus jogadores saiam graças a uma cláusula negociada previamente, isso não é nossa culpa. Na Alemanha, somos um pouco estranhos. Se contratávamos um jogador do Dortmund ou do Schalke, ou em outros tempos do Bremen, sempre se escrevia a mesma coisa: que o Bayern não contratava para se reforçar, mas para enfraquecer o rival. Mas não é isso: onde se encontram reforços no futebol alemão? Bom, atualmente é no Dortmund ou no Schalke, nos times que lutam contra você no campeonato. É lógico que seja assim e, seguramente, acontece igual em outros países. Dizem o mesmo todos os anos, mas eu não vou continuar repetindo: se alguém acaba livre no mercado como no caso de Lewandowski, seria uma loucura não tentar contratá-lo. Porque, nesse caso, todos nós sabíamos que o atleta iria deixar o Dortmund: a caminho da Inglaterra, da Espanha ou de qualquer outro lugar. O que nós fizemos foi convencê-lo de que o Bayern deveria ser seu destino. Eu seria idiota se não tivesse me interessado por Lewandowski.”

“É verdade que o Real tentou contratar Lewandowski?”

“Sim, é. No final de dezembro de 2013, o Real lhe propôs um acordo. Quando soubemos, reagimos imediatamente e fechamos a contratação. É um grande atacante e acho que será um ótimo reforço para nós.”

“Se o Bayern vai ao mercado, significa que sua base de jovens não é boa o bastante?”

“Os alemães gostam dos jogadores jovens e aqui no Bayern nós vemos isso: Lahm, Schweinsteiger, Müller, Badstuber... Jogadores crescidos aqui e que

entusiasma o torcedor. Eu sei que Pep, por sua filosofia de jogo, sempre recorre a atletas jovens da base. Nosso problema é que não temos seis jogadores jovens com capacidade para atuar no primeiro time. Hoje temos apenas dois. Teremos que fazer melhor o trabalho para encontrar esses jogadores. Eu gostaria de encontrá-los, pelo bem da equipe e também porque, do ponto de vista financeiro, são muito mais rentáveis para o clube.”

Ainda que Guardiola explicasse nos dias seguintes que o planejamento para a temporada seguinte só se iniciaria depois da final da Copa, Rummenigge e ele se encontrariam cinco dias mais tarde, na terça-feira, 6 de maio. Junto de Matthias Sammer e do diretor financeiro, Jan-Christian Dreesen, decidiriam quais jogadores deixariam o clube e, principalmente, quem eles queriam trazer para voltar a lutar por todos os títulos possíveis.



*Munique, 1<sup>o</sup> de maio de 2014*

Valentina brinca com a bola no gramado de Säbener Straße. É a única nota de alegria nesta tarde de quinta-feira. O time voltou a se reunir após o desastre e, como é lógico, os rostos são mais sérios que o habitual, mas a sessão de treino se desenvolve com a mesma intensidade de sempre. Consiste em um trabalho de força reativa e um jogo de “área dupla”, do qual Holger Badstuber participa pela primeira vez, depois de uma recuperação que parecia não ter fim. Thiago trabalha à parte, repetindo seguidas vezes piques curtos e giros para fortalecer o joelho. À distância, parece um dia qualquer.

A fragilidade de Guardiola desapareceu. O técnico desanimado da terça-feira hoje se sente muito mais forte e não esconde isso: “Desse tombo só se sai de duas formas. Ou você fraqueja e se deixa levar de uma vez ou se levanta com mais força. Eu posso dizer que me levantei com mais energia e mais convicção. Hoje acredito mais nesta maneira de jogar”. Os minutos seguintes equivalem a um verdadeiro mea-culpa do técnico, após o que comento com ele que seu plano de jogo na terça-feira foi uma traição de suas próprias ideias. Atrevo-me a dizer que as críticas recebidas são merecidas, especialmente porque ele esvaziou o meio de campo e jogou de forma totalmente oposta a suas ideias: “Você tem razão. Foi assim e é minha culpa. Em vez de seguir minha ideia segui os jogadores, mas sem a ideia. E errei. É a segunda vez que acontece: em 2010 no Barça contra a Inter também fiz isso. Condicionei o jogo à estrela contratada na época, aos 60 milhões que ele havia custado, em vez de aprofundar o modo de jogar em que eu acredito. Contra o Real, provavelmente teríamos perdido de qualquer forma porque eles estão no momento perfeito, mas teria sido com ideias claras, não com uma salada que não era nada”.

O técnico não acusa os jogadores, está assumindo toda a responsabilidade. É verdade que no dia anterior ao jogo ele ouviu oito ou nove deles e todos lhe propuseram tentar a virada jogando de peito aberto e sem controle. Pep aceitou e aí estava o seu erro: traiu a si mesmo. Não pelo resultado ou pela derrota, que podiam ter ocorrido da mesma maneira, mas porque na partida mais importante do ano jogou de um modo que não era o seu. “Não posso treinar como se fosse outra pessoa”, ele pontua. “São as minhas ideias de jogo. Não digo que são as melhores, mas são as minhas, são as que eu tenho. E devo convencer os jogadores de que com elas podemos ir adiante, como fomos na liga e em todas as coisas boas que fizemos neste primeiro ano.” Mas, além de impor suas ideias de jogo ele tem que tomar decisões. Um técnico não pode ser politicamente

correto e Pep às vezes foi — até além da conta. Como sugeriu Roman Grill, o representante de Philipp Lahm, às vezes é necessário mudar as lideranças da equipe e fazer jogar aqueles que multiplicam o rendimento coletivo, ainda que não sejam os de maior fama ou popularidade. Para alcançar os objetivos, nem sempre os jogadores mais renomados são os mais indicados. Guardiola precisa dar um novo passo, sem esperar o próximo ano e sem se importar com o que digam fora do Bayern. Se quer levar adiante o jogo de posição que promove, e se quer praticá-lo no nível máximo, precisa que seus meios-campistas passem a bola rapidamente, sem retê-la em excesso, e que seus atacantes façam realmente a diferença quando chegam à área. Se o Bayern não o apoiar nesse passo o futuro será menos brilhante do que poderia. “No ano que vem não haverá menos ideias de jogo, haverá mais”, diz o técnico.

A derrota foi um desastre, mas não deixou necessariamente em evidência sua proposta de jogo: afinal, o Bayern não jogou como em Manchester ou Leverkusen, nem como em fevereiro ou março. Muitos fatores contribuíram para isso, mas quem se equivocou foi Pep ao mudar sua proposta de jogo. Ele se traiu, mas não tem receios de admitir o erro. Explica detalhadamente que, no avião de volta de Madri, contente depois de rever o jogo inteiro e perceber que o time jogara muito bem (ainda que tenha sido péssimo dentro da área adversária), o plano para o confronto da volta era atuar com três zagueiros e quatro meios-campistas, no 3-4-3. Também reconhece que, já em Munique, começou a acreditar que seria melhor entrar com o 4-2-3-1 que funcionou muito bem até abril. E que por fim, na segunda-feira antes do jogo, deixou-se levar pelo clima positivo entre os atletas e optou por esse 4-2-4 suicida, que foi o seu pecado. O técnico vai desenhando em um papel os três planos de jogo: um, outro e, finalmente, o terceiro plano... Quando já os desenhou, rasga o papel em pedaços, não aceita me dar, como se se tratasse de um sonho ruim o qual quer esquecer. “Já foi. Acabou. De agora em diante, se é para errar que seja com as minhas ideias.” Na verdade, Guardiola utiliza uma expressão muito mais escatológica...

Cristina assiste ao treino acompanhada dos três filhos. Não é preciso dizer que, aproveitando o dia festivo, a mulher de Guardiola pretende animar o marido. Maria, a filha mais velha, escreverá na lousa da sala do pai uma carinhosa mensagem de apoio e também deixará um recado ao lado em inglês: “Not erase” [Não apaguem]. Os jogadores tentam esquecer o golpe. Vê-se Robben, entre outros, profundamente abalado.

As reações depois da derrota não foram unânimes. A maioria se colocou ao lado de Guardiola, agradecendo-lhe por assumir toda a culpa em uma noite tão difícil. Mesmo sem ter jogado um minuto, Rafinha começou a chorar no vestiário quando o técnico, quebrando um costume, veio dizer algumas palavras

de conforto e assumir a responsabilidade. Javi se abraçou com Pep e quase todos os jogadores se sentiram em dívida com o técnico.

Terminado o treinamento deste 1º de maio, Pep e Lahm se reúnem no centro do campo nº 2. Durante sessenta minutos, técnico e capitão protagonizam a conversa mais longa da temporada. Guardiola pede desculpas por ter falhado e explica em detalhes o que o levou a renunciar a sua ideia inicial de jogar com três zagueiros. Expressa seus sentimentos ao atleta, manifesta a certeza de que o passo seguinte será reforçar a ideia de jogo iniciada neste ano, que deverá ser aprofundada. Lahm fala pouco e escuta muito. Quando fala, demonstra um apoio firme e contundente ao técnico: “Nós o apoiamos até a morte, Pep. Até a morte”. O capitão não fala só por si. A grande maioria do vestiário apoia o técnico. Os jogadores acreditam nele e acham que essa maneira de jogar pode trazer muito mais conquistas no futuro. O resto da conversa ficará entre eles. Para o técnico, a frase de Lahm é mais importante que qualquer outra coisa: “Até a morte com você”, lhe disse o capitão.

Quando para de brincar com Valentina e Mârius, que não se cansam de chutar bolas na direção de um pequeno gol, Guardiola prossegue com a reflexão: “Não estou aqui para mudar a cultura futebolística da Alemanha, nem a do Bayern. Não é o meu objetivo. Mas também não posso transmitir aos meus jogadores uma ideia em que não acredito. Sinto muito, tenho minhas próprias ideias de jogo e na próxima temporada jogaremos com elas. Podem me criticar pelo desastre contra o Real e, claro, eu aceito, mas não sou um radical, uma pessoa fechada. Eu escuto, vejo e busco a evolução, mas não me peça que faça coisas em que não acredito. Seria ruim para o Bayern e os jogadores não confiariam em mim. Sei que estou na Alemanha e me adapto a isso. Aqui, joguei com um centroavante puro, às vezes até com dois centroavantes puros. Fiz coisas que nunca havia feito no Barcelona e nunca pretendi que o Bayern jogasse como o Barça, porque tenho jogadores muito diferentes. Você sabe. Mas não podemos jogar com as ideias dos jogadores, porque cada um vai querer uma coisa diferente e é impossível: não há outra solução, senão jogar com as ideias do técnico”.

O clube o apoiará? “Veja, ganhamos a liga de maneira incrível com essas ideias. E no Bernabéu jogamos muito bem, apesar de termos perdido. Eu quero o melhor para este clube e para os jogadores. Estou orgulhoso de fazer parte do Bayern e quero fazer o melhor que posso. Será assim até o último dia e com todas as minhas forças. Mas com todas as minhas ideias. Os dirigentes? No mundo todo o técnico depende do resultado. Não se trata de estarem convencidos ou não. Eu não vivo da confiança dos diretores, mas da confiança dos jogadores. E essa tem que ser renovada a cada dia, sobretudo depois da derrota. Uma derrota tão grande como essa estará sempre na minha mente e no meu coração,

mas ao mesmo tempo reforça minha convicção no que penso, no que sinto. Não me faz cambalear, ao contrário. O único caminho que conheço para ganhar é jogar bem — do modo que eu entendo que é jogar bem: encher o meio de campo e passar muito mais a bola. Porque, quando fizemos isso e jogamos bem, quase sempre ganhamos.”

Na terça-feira seguinte ele se reunirá com Rummenigge, Sammer e Dreesen. Analisará as saídas inevitáveis, o papel dos jogadores consagrados e as contratações necessárias. Perceberá se o clube o apoia com palavras ou com ações. Pep chegou a um ponto na carreira como técnico em que já não pode continuar sendo o tempo todo politicamente correto...



*Munique, 15 de maio de 2014*

No sábado, dia 17, o jogo será contra o Borussia Dortmund. É a final da Copa da Alemanha, a última partida de uma temporada que, como num capricho do destino, para Guardiola terá começado e terminado do mesmo modo: com um título em disputa contra a equipe de Jürgen Klopp. E, como aconteceu em julho de 2013, o Dortmund está em um momento de forma melhor que o Bayern, apesar de a equipe de Pep ter recuperado o ânimo nas duas semanas que se passaram desde a queda diante do Real Madrid. Essas duas semanas provocaram um efeito positivo no elenco: a maioria dos jogadores se aproximou muito mais do treinador, formando um grupo fechado.

Quando tocamos nesse assunto com os jogadores, as respostas são semelhantes: “Estamos com Pep”; “Vamos até a morte com Pep”; “Aprendemos a lição”; “Temos um plano de jogo e não podemos nos afastar dele”. Naturalmente, a maioria não quer dizer *todos*. Há aqueles que se sentem reservas e observam tudo com distanciamento. Há os que não acreditam em Pep nem em suas ideias, e há os que têm vivido um ano de tensão com o técnico e não escondem o desconforto. Mas a maioria está com o treinador, muito mais que há duas semanas. Perceberam com clareza que não há como voltar atrás. Compreenderam que sua forma de jogar pode dar grande rendimento à equipe. Não apenas conquistas e troféus, mas estabilidade, consistência e a possibilidade de permanecer muito mais tempo na elite mundial. No campo de treinos podemos contar no mínimo quinze atletas totalmente comprometidos com essa maneira de jogar. Onze deles serão titulares no sábado na final da Copa.

O Borussia Dortmund atravessa seu melhor momento na temporada. Desde que foi derrotado pelo Real Madrid no Bernabéu (3 a 0), em 2 de abril, não voltou a perder uma partida sequer e exibe um estilo de jogo formidável, veloz e direto. Nas últimas cinco semanas disputou oito jogos, ganhou sete, empatou um, marcou 22 gols e sofreu apenas sete. Os resultados obtidos pelo time de Klopp são espetaculares, tendo vencido: em Dortmund, o Real por 2 a 0; o Bayern, na Allianz Arena, por 3 a 0; o Wolfsburg por duas vezes (na liga e na Copa); de goleada, o Mainz (4 a 2) e o Hertha em Berlim (4 a 0). O Dortmund chega à final da Copa a toda velocidade. É favorito indiscutível.

Guardiola se sente estranho. A pancada do Real o fortaleceu. Ele se expressa com mais convicção, como se o golpe o tivesse alertado de que deve hesitar menos e acreditar mais em suas próprias ideias. Na segunda-feira pela manhã, cinco dias antes da final, já decidiu como e com que atletas seu time jogará.

Robben será o centroavante, serão três zagueiros, um losango no meio e o jovem Højbjerg entrará como titular. Mandžukić não será convocado para o jogo.

Guardiola reviu todas as partidas recentes do Borussia Dortmund e conhece bem o adversário: “Quando nos derrotaram por 3 a 0 na Allianz Arena, eles só tiveram dois escanteios. No sábado, ganharam do Hertha em Berlim por 4 a 0 e só tiveram um. Isso não é por acaso”. Pode-se interpretar que o Dortmund não costuma abrir o jogo pelos lados e cruzar para a área, preferindo esperar para tentar roubar a bola e canalizar seus contra-ataques pelas zonas mais centrais do campo. Além disso, sempre finaliza a jogada, ainda que arremate de forma imprecisa. Por essa razão, quase não tem cobranças de escanteio a favor, pois todo o jogo de contra-ataque é centralizado e sempre se tenta concluí-lo com um chute a gol. O Dortmund treina constantemente essa dinâmica: aproximação para tentar cercar o adversário no meio de campo, roubo de bola, corrida rápida e arremate.

Guardiola desenhou um plano de jogo muito concreto para a final da Copa: jogar com três zagueiros que permitam manter uma linha defensiva compacta justamente nas áreas centrais; posicionar os dois laterais junto ao volante, que será Lahm; criar um losango no meio de campo com o capitão, Kroos, Højbjerg e Götze, que deverá se deslocar da lateral para a ponta de lança; e empregar Robben como centroavante, com instruções muito claras: “Arjen tem que estar descansado, sempre. Não quero que se desgaste pressionando, mas que esteja descansado e explosivo. E nada de bola no pé: a bola é no espaço, e ele deve correr”.

Guardiola foi introduzindo esse plano de jogo desde a segunda--feira, quando os jogadores já tinham se recuperado dos efeitos da festa pelo título da liga. Um gol de Pizarro no último segundo do Bayern × Stuttgart permitiu encerrar o campeonato com mais um triunfo e um balanço excepcional: 29 vitórias, três empates e duas derrotas; 94 gols a favor, 23 contra e noventa pontos, dezenove a mais que o vice-campeão (o Borussia Dortmund) e trinta a mais que o quarto colocado (o Bayer Leverkusen). O título foi comemorado em Munique no dia 10 de maio, mas foi conquistado sete semanas antes, em Berlim. Foi tão precoce que parece que, desde então, um ano se passou. Mas nada contém a euforia dos jogadores, que fazem a festa com banhos de cerveja. O alvo, claro, é Guardiola, que para a ocasião veste seu suéter vermelho preferido. Boateng é o primeiro a tentar, e Pep o recebe de braços abertos: “Eu queria comemorar em grande estilo. Era a hora. Queria esse banho, porque ele significa que somos os campeões e isso não é pouca coisa. É minha primeira Bundesliga e eu estou feliz!”.

Alguns minutos mais tarde, já com a salva de prata nas mãos (antes que ela escorregasse e caísse no gramado), Pep levou outro banho, desta vez liderado por

Van Buyten, que não teve piedade e lançou a cerveja de bem mais de dois metros de altura. Se não havia piedade com Pep ou entre os jogadores, o assistente técnico Domènec Torrent deixou o campo de jogo quase sem se molhar, mas ninguém saiu tão incólume quanto Manel Estiarte, que conseguiu se livrar da ducha de cerveja com um velho truque: encarregou-se de trazer os três filhos de Pep ao gramado e, quando David Alaba se aproximou dele, teve que se conter para não molhar as crianças. Estiarte se livrou dessa vez, mas certamente não conseguiria escapar se o Bayern ganhasse a Copa (e assim foi).

A festa continuou até tarde e permitiu que milhares de torcedores vissem de perto os jogadores em seus momentos mais descontraídos, e ouvissem Pep dizer algumas poucas, mas corretas, frases da sacada da nova *rathaus* (prefeitura): “Ich liebe euch. Ich bin ein Münchener”. Pode ter soado protocolar, mas para Guardiola essas palavras dedicadas à cidade que o acolheu — “Amo vocês. Eu sou de Munique.” — foram uma definitiva demonstração de afeto.

Na segunda-feira já não havia sinal dos banhos de cerveja, mas muito trabalho por ser feito com vistas à final. Thiago se juntou ao grupo e foi brilhante nos jogos de posição. A comissão queria que ele jogasse alguns minutos da final. Guardiola sonhava com o losango formado por Lahm, Kroos, Thiago e Götze, que em fevereiro e março tinha feito o time voar. Mas Thiago voltou a se contundir. Foi na última ação da última jogada do treino. Seu joelho parecia totalmente curado depois de quatro semanas de tratamento em Barcelona e mais alguns dias com os preparadores do Bayern. Tudo ia bem, ele estava pré-convocado para o Mundial e dava sinais de que poderia jogar a última meia hora da final da Copa da Alemanha; mas, na última ação da atividade, o ligamento colateral interno do seu joelho direito voltou a se romper. Nada de Copa da Alemanha, nada de Mundial no Brasil: quem esperava Thiago era o cirurgião. Para trás ficava uma trajetória que podia ter sido brilhante, mas que foi comprometida pelas duas graves lesões sofridas no tornozelo e no joelho, as duas em choques com um rival. O melhor Thiago ainda não havia aparecido (ele pôde jogar apenas dezenove partidas como titular), mas ficou evidente para todo o time sua força de vontade para não desistir e tentar ajudar na última batalha, ainda que o preço a pagar tenha sido alto.

Sem Thiago nem Schweinsteiger, com dores no tendão do joelho, o técnico escolheu o jovem Højbjerg para ser titular contra o Dortmund. Tinham passado dez meses desde o retiro de pré-temporada no Trentino italiano, onde Pep vislumbrou o talento do jogador dinamarquês. Durante quase um ano, trabalhara bastante no aperfeiçoamento do garoto e chegara a hora de lhe dar uma verdadeira oportunidade: ele seria titular na final da Copa. Nesses dez meses, Højbjerg nunca falhara. Houve dias, inclusive, em que mesmo não convocado para treinar com o primeiro time, ele se aproximava do vestiário dos mais

velhos, fazendo-se de desentendido; quando Guardiola o via, dava--lhe um abraço e mandava que fosse treinar com o grupo. Fiel como poucos e sedento por conhecimento como ninguém, Højbjerg sentia verdadeira paixão pelo técnico: “Pep treina para hoje, mas também para amanhã. Ele sabe que é preciso ganhar hoje, mas também no futuro. Por isso ajuda tanto os jovens. Está injetando os conceitos táticos nas veias da equipe. E não para o jogo desta semana, mas para os próximos anos. Ele quer ganhar todas as semanas, mas também quer continuar ganhando no futuro. Nesse aspecto, vai mais longe que Heynckes. Pep não se resume à preparação do próximo jogo: sua filosofia de jogo é sua paixão. Com Heynckes, era ganhar e ganhar. Com Pep é ganhar e ganhar hoje, mas também durante os anos seguintes. A equipe sabe agora com certeza que pode continuar ganhando durante os próximos cinco anos. Temos mentalidade positiva e predisposição; se aprendermos a ser mais emocionais, acho que poderemos ser um time ainda melhor”.

Nas últimas semanas, Højbjerg havia tido excelentes atuações, a ponto de ser convocado pela seleção da Dinamarca para disputar dois jogos amistosos (contra Hungria e Suécia): “Imagine, contra Zlatan [Ibrahimovic]! E em Copenhague, na minha casa. É um grande sonho, e além de tudo, logo atrás do estádio fica a capela aonde eu sempre ia com o meu pai [que falecera no mês anterior]. Minha mãe está muito feliz, tanto que irá a Berlim com meus irmãos para ver a final da Copa”.

Højbjerg ainda não sabia que Guardiola decidira escalá-lo como titular contra o Dortmund, mesmo que nos treinos isso já estivesse claro. Na semana anterior, Lorenzo Buenaventura havia introduzido cargas significativas de força-resistência, mas com a proximidade da final todas as sessões eram principalmente táticas, e Højbjerg interpretava o momento assim: “O melhor que podia acontecer ao Bayern nesta temporada era a chegada de Pep. No ano passado, o time era muito bom e eu me perguntava antes do verão, como o Bayern vai evoluir? Como pode melhorar? E a cada treino, todos os dias, a cada vídeo ou conversa no campo de jogo, Pep trazia aperfeiçoamentos táticos. Porque todos nós sabíamos que a equipe podia jogar bem, mas quando você evolui taticamente pode ser ainda melhor com a bola em seu poder. O Bayern era um time a 99 por cento, e Pep trouxe o 1 por cento que faltava”.

Guardiola trabalhava intensamente com os defensores, com Javi Martínez transformado em terceiro zagueiro — entre Boateng e Dante — e com a missão específica de se ocupar de Lewandowski no sábado. O técnico simulava seguidas vezes o sistema de ataque do Dortmund para que seus atletas aprendessem a melhor maneira de conter o rival. Javi treinou muito bem, o que provocou o comentário de Guardiola ao final: “Javi está em ótima forma. Recuperou o nível físico de que precisava”.



Os times são momentos, e esses momentos não duram o ano todo. Não é possível que durem. O Bayern teve um momento doce em fevereiro e março, depois o perdeu por completo em abril, mas parece tê-lo recuperado. É verdade que ainda faltam jogadores que, por diferentes razões, não estão nas melhores condições (Ribéry está em má forma; Thiago e Schweinsteiger, lesionados; Mandžukić, pensando em seu novo time), mas a roda volta a girar com fluidez, no compasso de Lahm e Kroos. O capitão analisa com Guardiola a melhor maneira de superar os volantes do Dortmund. Ambos gesticulam e imitam os movimentos da dupla adversária. Lahm claramente é quem comanda o time: é o chefe de operações. Pep o transformou em seu prolongamento tático no campo.

Toni Kroos é o outro cérebro do time, a quem o técnico indaga sobre o plano de jogo previsto para o sábado. É uma conversa particular, mas posso ouvir algumas palavras: “Bem Pep, muito bem, muito à vontade, eu gostei. Me parece que é uma boa maneira de jogar a final”.

Kroos é outro prolongamento de Pep no campo: acredita em sua ideia de jogo e está arrastando a língua no chão por ele. Não há treino em que não se esgote. Hoje mesmo mostrou isso, correndo sem parar mesmo quando a atividade não exigia tanto. Guardiola confia cegamente em Toni e insiste com ele que Robben precisa estar descansado e receber a bola no espaço vazio e não no pé.

De repente, Pep muda de assunto e me diz: “Li esta manhã a frase que sua filha colocou no Twitter [‘A derrota tem algo positivo, nunca

é definitiva. Por outro lado, a vitória tem algo negativo, nunca é definitiva’], de José Saramago]. Gostei muito e é muito verdadeira. Tudo é sempre passageiro”.

Os momentos das equipes nunca são definitivos e este parece ser, de novo, o momento do Bayern, ainda que se trate apenas de alguns treinos e o time ainda precise demonstrar isso na grande final de sábado, na qual todos os prognósticos o apontam como derrotado. O que não se pode imaginar de fora é que Pep está se preparando para essa final como nunca. Nas segundas e terças, estabelece as bases do plano de jogo. Na quarta pela manhã trabalha a transição defensiva de sua equipe, e depois do almoço chama novamente os defensores para outro treino específico em que detalha as virtudes do Dortmund no ataque.

Na quinta-feira se despede de Mandžukić. É outra das mudanças visíveis de Guardiola. Não quer deixar nenhum assunto pendente, portanto chama o croata à sua sala antes do treino e lhe deseja sorte em seu novo time. É a última sessão de trabalho em que estarão juntos e Pep lhe diz que ele não será convocado para o jogo de Berlim.

O treino contém uma leve carga de força explosiva e dois trabalhos táticos que são ensaiados à exaustão. Primeiro, os atacantes e meios-campistas treinam a

pressão sobre a saída de bola dos zagueiros do Dortmund. Os sete jogadores encarregados de pressionar repassam todos os movimentos, uma e outra vez, sem preocupação com o tempo. Quando a atividade atinge uma coordenação evidente, Guardiola convoca a defesa titular e realiza o segundo exercício, exatamente o oposto — ou seja, a própria saída de bola a partir de Neuer.

A principal variante em relação à maioria dos jogos da temporada é que ele jogará com três zagueiros. Diante da pressão dos adversários, os três (Boateng, Martínez e Dante) fazem a bola circular de um lado para o outro, contando com o apoio de Lahm, que se desloca de sua posição para ajudá-los. Lahm terá muito trabalho no sábado. Javi se mostra afiado em seus movimentos, e Pep insiste com ele para que os passes a Boateng ou Dante sempre façam uma curva e sejam para a frente, a fim de facilitar a condução dos companheiros ou o passe ao meio-campista avançado. No caso de Robben, as instruções são muito sutis: “Arjen, ande. Ande de um lado para o outro, não se canse correndo. Preciso de você descansado. Ande e, quando perceber que pode receber a bola na frente, desembeste a correr”.

O Guardiola desses dias é diferente do de abril, que sentia que o time estava perdido e desconectado e tentava retomar a vibração à base de instruções apaixonadas. Agora é um Guardiola repousado. Da lateral do campo, é possível perceber que as mensagens que passa são tão claras e explícitas, que é inevitável que os jogadores as assimilem sem dificuldades. A linguagem corporal dos atletas parece confirmar isso.

Enquanto Thiago passa por cirurgia, o Bayern termina a parte mais importante da preparação para a final, com três atividades de estratégia. É o último treino da temporada em Säbener Straße. Primeiro, os escanteios contrários, em que é treinada a defesa por zona. Em seguida, os favoráveis, que são cobrados curtos. Por fim, as faltas batidas na área dos meios-campistas rivais.

“*Jungs* [rapazes]”, avisa Pep, “uma final desse tipo muitas vezes é decidida por uma jogada de estratégia. Temos que acertar.”

O trabalho está feito. Foi intenso, seletivo, específico e muito detalhado. O técnico concentrou toda a sua capacidade analítica para dar aos atletas todas as armas possíveis. Não falou na escalação, mas os jogadores já sabem quem jogará a final. Mostraram intensidade, concentração e disposição para aprender a usar essas armas em uma semana agitada de ensaios. Vão a Berlim para fechar a temporada. De novo, Berlim, onde ganharam a liga.

Mas dessa vez, no eterno dilema entre paixão e paciência, Guardiola escolheu a paciência, o controle e a ortodoxia. Irá fundo com suas ideias.



Javi e Robben, defesa e ataque

*Munique, 16 de maio de 2014*

Torcedores do Bayern se acotovelam à porta do hotel The Regent, situado uma rua abaixo do Unter den Linden, o belo passeio de tílias da capital alemã. Ainda que hoje seja a véspera da grande final da Copa, os jogadores estão tranquilos e confiantes no interior de um hotel silencioso e calmo. Fazemos um balanço da temporada que está prestes a se concluir com dois deles. Amanhã, um estará no comando da defesa e outro, no comando do ataque.

Javi Martínez teve um ano marcado por problemas físicos. Passou por duas cirurgias (foi operado na virilha e na boca), sofreu torções de tornozelo, tendinite nos joelhos e duas ou três gastroenterites. Pôde ser titular em apenas dezenove jogos na temporada (e entrou como suplente catorze vezes). Amanhã chegará a seu jogo número vinte como titular, muito distante dos 34 de sua primeira temporada no Bayern, ou dos 53 da última no Athletic de Bilbao. Apesar de tantas dificuldades, está satisfeito com a experiência com Guardiola:

“Ele tem muito talento, e a maior prova é que o Bayern de hoje em dia é um time muito bem trabalhado em todas as suas linhas. Qualquer técnico que vem ver nossos jogos e treinos percebe isso, que tudo segue um roteiro, da defesa até o ataque, do goleiro ao centroavante. E ele também sabe conduzir muito bem o vestiário. Sabe como tratar os que jogam e os que não jogam, sabe brincar quando é hora de brincadeiras. Para o vestiário, Pep é ideal.”

“Não falta a ele um pouco de agressividade, como já disseram?”

“Não! Ele tem muita agressividade. Claro, quando é preciso ter, não a todo momento. Quando o time está relaxado, ou quando precisamos, Pep usa muita agressividade e muito ímpeto. Se tem que dar uma bronca em um jogador veterano ou de mais prestígio, ele dá. É o técnico e é ele quem manda.”

“Em julho do ano passado, quando você voltou das férias e Guardiola já era o novo treinador, imaginava que jogaria como zagueiro central?”

“Não, não, quando cheguei não sabia o que Pep esperava de mim. É verdade que através dos meios de comunicação eu tinha ouvido falar do interesse do Barça, quando Pep estava lá, para me trazer como zagueiro; mas, quando cheguei no verão, eu não sabia exatamente o que ele esperava de mim. Logo me disse que contava comigo para jogar muitas vezes como zagueiro, mas também como volante, e que acreditava que eu tinha condições de ser um bom zagueiro e precisava trabalhar muito e com dedicação para compreender os conceitos dele. A verdade é que, no futebol de Guardiola, as posições de volante e de zagueiro

são muito parecidas. Muitas vezes o volante atua como terceiro zagueiro, sobretudo na saída de bola. Pelas minhas condições, eu me vejo bem como zagueiro, porque acredito que minha maior qualidade é a concentração defensiva. Estou sempre concentrado e me parece que isso é bom para um zagueiro.”

“De Heynckes a Guardiola produziram-se muitas mudanças táticas...”

“Sim, foi um salto muito grande: desde a forma de jogar até o papel que eu desempenho, e também os outros jogadores, em comparação com o ano passado. São mudanças sensíveis. O bom é que ainda não alcançamos o nosso teto e temos uma boa margem de melhora. Pep sabe disso e trabalha muito todos os dias para que possamos corresponder em campo.”

“Vocês já ganharam três títulos, sem falar do que pode acontecer amanhã, mas também caíram de forma espalhafatosa na Champions. Foi um problema de arrogância, de saciedade com tantas vitórias?”

“Cada um tem que cobrar a si mesmo e ter consciência da necessidade de manter a fome de vitórias. Somos pessoas jovens que querem escrever uma bela história no mundo do futebol. E o futebol é presente, não passado. É isso que temos que manter no Bayern: a fome, a vontade de continuar ganhando títulos. No momento em que relaxarmos e acreditarmos que já somos bons, deixaremos de conquistar títulos.”

Essas são as ideias de Javi Martínez, que amanhã estará no centro da defesa. Chega a vez, então, de Arjen Robben, que jogará no comando do ataque. A temporada de Robben foi o oposto da de Javi: ele nunca tinha disputado tantos jogos em um ano. Nem no próprio Bayern, nem no Real Madrid, Chelsea ou PSV Eindhoven, porque as lesões sempre foram sua grande fraqueza. Tudo isso mudou nesta temporada, em que ele foi 37 vezes titular do Bayern e disputou um total de 45 jogos, nos quais marcou 21 gols e deu catorze passes para gol. Os melhores números de sua vida.

“Sim, sem dúvidas”, confirma Robben. “Ainda que minha primeira temporada no Bayern (2009/2010) também tenha sido muita boa e a última, a da triplice coroa, tenha sido muito importante. Mas esta foi sensacional, porque pude trabalhar com Pep e ele me ajudou muito, me deu um nível superior ao que eu tinha. E, fisicamente, tudo funcionou muito bem. Estou sem lesões desde janeiro de 2013 e tive muita sequência de jogo. Mas o ponto mais importante da temporada foi poder trabalhar com Pep, porque gosto muito de como ele pensa o futebol, como o concebe.”

“Você teve apenas um leve problema no adutor e o incidente em Augsburg com o corte no joelho. Por que sua consistência física mudou tanto? Como conseguiu isso?”

“Se pensarmos bem, desde o meu início no Bayern, eu melhorei muito. Cada ano foi um pouco melhor nesse sentido. Comecei trabalhando com um osteopata, que já me acompanhou no meu último ano no Real, e continuo com ele desde então. Parece que nos cinco anos que estou em Munique tive só duas lesões realmente graves; o resto foram pequenos incômodos, sem grande importância. Consegui ter o controle do meu corpo. A experiência e a idade me ajudaram muito. Normalmente é o contrário, e você se sente melhor quando é mais jovem. Comigo acontece o inverso: fico mais velho e cada vez controlo melhor o meu corpo e me sinto melhor.”

“Existia uma ideia preconcebida de que Guardiola e Robben não se dariam bem...”

“Sim, existia essa ideia. Me perguntaram sobre isso muitas vezes, na Alemanha e na Holanda. Todo mundo me dizia que Pep ia ser um problema, porque eu sou muito individualista e jogo com dribles; já Pep, diziam, era isso que chamam de tiquitaca... Então, diziam que seríamos incompatíveis. Mas eu não tinha a menor dúvida de que nos entenderíamos. Não duvidei nem por um segundo.”

“Você marcou o gol da final da Champions que o Bayern ganhou em Wembley. Mesmo assim, quando chegou ao Trentino para iniciar a pré-temporada, não teve o comportamento de uma grande estrela e isso foi uma surpresa muito agradável para Pep.”

“Olha, eu tinha muita confiança em Pep desde que anunciaram sua contratação. Tive boa impressão quando o conheci e também quando conheci Dome [Torrent] e Loren [Buenaventura]. Eu também queria participar da maneira deles de ver o futebol. Lembro da primeira conversa que tive com o professor, no Trentino, porque foi muito importante. Ele me disse: ‘Desfrute do futebol. Você marcou na final da Champions e sempre marca nos jogos importantes; então desfrute, relaxe, desfrute do futebol e da sua família, seja feliz...’. Essas foram suas primeiras palavras no primeiro dia, e é muito importante que o seu técnico lhe diga isso, porque dá muita confiança. Então, tive boas impressões desde o primeiro instante.”

“Há jogadores que dizem que o Bayern de Heynckes era fantástico, mas que era necessário dar um passo além, fazer uma mudança, porque se tudo seguisse igual talvez o time se estagnasse.”

“Sim, sim, concordo. É o perigo que se corre depois de ganhar tudo. Se você continua igual, trabalha da mesma forma e mantém as mesmas ideias, é possível que corra perigo. Depois de uma tríplice coroa, é muito fácil relaxar. Com um novo técnico e com uma nova ideia de futebol, a evolução era mais factível. A mudança nos obrigou a ficar mais ligados.”

“Foi difícil para você compreender a ideia e os conceitos de jogo de Guardiola?”

“Bom, foi um processo difícil, é claro. Para os jogadores e também para Pep, porque é difícil chegar a um novo país com as dificuldades do idioma... Pep se esforçou muito para aprender o alemão antes de chegar, e foi incrível como chegou falando. Mas os primeiros meses são sempre difíceis nessa adaptação mútua. A cada semana, a cada mês, fomos melhorando. E jogamos grandes jogos, como contra o Manchester City, que foi maravilhoso. Gosto muito desse estilo, porque me lembra um pouco do jogo tradicional holandês, o que foi praticado por Van Gaal, por exemplo. Tem esse sabor próprio, de ir sempre para o ataque, sem se defender fechado atrás. E sempre gostei muito dessa ideia.”

“Atacar tanto e com o time tão avançado não é algo muito frequente no futebol atual. Os times, na maioria, esperam agrupados na própria área. Vocês sempre terão a dificuldade de atacar equipes muito fechadas e, mentalmente, deve ser algo muito cansativo.”

“É evidente que no futebol defender-se é mais fácil que atacar. Mas, se você tem a bola, deve buscar novos caminhos; construir sempre é mais difícil que destruir, mas o professor nos disse ontem: ‘Se você está no campo, como jogador, é claro que quer desfrutar do jogo, e com a nossa ideia pode-se desfrutar mais’. Mas é claro que enfrentar uma equipe muito fechada é difícil, bastante difícil.”

“Surpreende que neste ano você tenha conseguido marcar mais gols e ao mesmo tempo dar mais passes de gol aos companheiros. Isso tem a ver com a nova ideia de jogo?”

“Acho que sim. Em um momento da temporada, Pep me disse que eu não tinha que buscar o gol de maneira obsessiva, que devia seguir jogando, porque assim eu chegaria ao gol. E aconteceu. Se você joga e joga, busca os espaços, tem a bola e atua coletivamente, quase sempre marca. Em todos os jogos acabei tendo chances de fazer gol. Se você toca bastante na bola e participa, automaticamente são criadas chances de gol e de passe.”

“Em fevereiro e março vocês jogaram muito bem. No entanto, em abril foram muito mal. Foi por uma dessas fases do futebol ou por alguma outra razão? Foi um problema ganhar a liga tão cedo?”

“É muito difícil explicar por que aconteceu. Não foi apenas por ganhar a liga tão cedo. Para mim, até hoje é difícil explicar todas as causas. Como pudemos jogar tão bem na liga e ganhar de forma tão contundente e, entretanto, depois de ganhar o título aqui mesmo em Berlim, cairmos tanto... A cada semana, jogávamos pior. Mas não é fácil saber com certeza por que aconteceu. Não foi só por ganhar a liga tão rapidamente, mas por muitas pequenas coisas, porque um

time é algo muito complexo e ao mesmo tempo muito frágil. Por exemplo, tivemos muitas lesões em abril. Preciso de tempo para pôr tudo em perspectiva e entender de verdade.”

“Já nos treinos desta semana, a equipe parece estar voltando a seu melhor momento...”

“Sim, eu tenho a mesma sensação. Acho que estamos muito bem para ganhar a Copa amanhã, ainda que as pessoas pensem o contrário. O mais importante no futebol sempre é a cabeça. E agora estamos muito focados.”

“Pep diz que essa maneira de jogar representa certo choque cultural na Alemanha. Pode acabar se tornando popular no país esse conceito de jogo?”

“Acho que sim, sem dúvida. Nos meses em que ganhamos a liga, todos diziam que o Bayern era incrível e que Pep tinha melhorado o time. Mas o futebol sempre é feito de resultados. Jogamos bem o ano todo e só ouvíamos elogios, mas assim que perdemos tudo parecia ruim. Não acredito que a realidade seja essa. A realidade é que, com esse sistema de jogo, atuamos muito bem e conseguimos grandes resultados. Estou convencido de que no ano que vem podemos e devemos jogar melhor. Gosto do caminho que estamos trilhando. Já estou ansioso pela próxima temporada.”

“No próximo ano, o time estará mais adaptado.”

“Sem dúvida, porque o primeiro ano de um novo modelo e um novo técnico sempre é o mais difícil. E nessas condições ganhamos três títulos, batemos todos os recordes na Bundesliga, fomos semifinalistas da Champions e amanhã jogamos pelo título da Copa da Alemanha. Conseguir isso no primeiro ano é incrível, é um saldo muito positivo. E nós, a equipe, sabemos que na próxima temporada podemos melhorar ainda mais nossa maneira de jogar, porque já a conhecemos melhor.”





Com aqueles que acreditam

*Berlim, 17 de maio de 2014*

A lesão aconteceu em um choque com Ribéry. Na disputa por uma bola no último treino da temporada, na sexta-feira à tarde, no campo do Olympiastadion de Berlim, David Alaba sofreu uma ruptura nos músculos abdominais. Não poderá jogar a final, e será um desfalque de peso.

Depois do jantar, Guardiola chamou Rafinha e lhe fez uma pergunta muito simples: “Rafa, você pode jogar na esquerda?”. A resposta do brasileiro foi direta: “Pep, jogo onde você me pedir”.

O técnico já tinha substituto para Alaba, mesmo que a troca o obrigasse a posicionar os laterais um pouco mais abertos que o previsto. Agora só lhe faltava um substituto para Rafinha na direita, mas ele decidiu deixar o *garoto* dormir tranquilo.

No sábado pela manhã, depois do café, Guardiola chama Højbjerg e lhe diz que ele será titular, não no meio de campo, mas como lateral direito. O rapaz responde que não há problema, jogará onde a equipe precisar.

Berlim se transformou. A cidade é tomada pela cor amarela. Milhares de torcedores *borussers* ocupam a capital e, ao contrário, quase não há sinal da cor vermelha dos bávaros. Então, como se não bastasse o estado de forma dos dois times, e as taxativas opiniões da imprensa, a torcida também é decididamente favorável ao Dortmund.

Pep já tem escalação e plano de jogo. A equipe da semifinal representa uma declaração de intenções para a temporada seguinte: pelos nomes, porque em campo estarão os que acreditam com mais firmeza na ideia de jogo (fora os lesionados) e pelo plano em si. O técnico dá mais uma volta no parafuso da constante evolução tática que procura desenvolver. Assumiu por fim que a evolução deve ser o irrenunciável sinal de identidade do time.

Pep sussurra o hino alemão exatamente na parte em que diz “Blüh’ im Glanze dieses Glückes” [Floresce com o brilho desta felicidade]. São oito da noite, chove em Berlim e, além do título da Copa, estão em jogo muitas coisas. Para superar esse momento delicado pós-desastre diante do Real Madrid, Guardiola fez uma mudança que vai muito além da tática: adotou uma nova estratégia, que foi trabalhando e amadurecendo. Refletiu sobre as virtudes da equipe e concluiu que os momentos em que jogou melhor foi fazendo a saída de bola com três jogadores (a saída lavolpiana); foi contando com um lateral capaz de correr por todo o campo e, ao mesmo tempo, vigiar o corredor central; foi com um volante

encarregado de controlar os contra-ataques do adversário ao mesmo tempo em que preenche o meio de campo; foi com um atacante que empurra o adversário para trás, e com um meia-atacante que sabe se movimentar perto do centroavante.

Com o intuito de se preparar para o jogo, anotou esses cinco princípios na lousa da sua sala e elaborou uma proposta que seus atletas treinaram em detalhes. Alguns dias depois, viamos o plano de jogo desenhado no gramado um instante antes de começar a final: é um 3-6-1, que na fase defensiva se transformará em um 5-4-1, e na ofensiva será um 3-4-3. Na final, Højbjerg é o lateral direito, Rafinha o esquerdo, Lahm e Kroos ocupam a zona central, Götze parte da esquerda para ser o vértice superior do losango central, assim como faz Müller pela direita, enquanto Robben fica livre no comando para se mover por todas as posições do ataque. Além disso tudo, o Bayern começará esperando, sem pressa, com a linha defensiva mais recuada que o habitual para não dar espaços ao Dortmund.

No Olympiastadion o amarelo predomina, ouvem-se os cânticos da torcida de Dortmund e os fãs do Bayern estão silenciosos, conscientes de sua teórica inferioridade. Mas o início do jogo é desconcertante para Jürgen Klopp e seus atletas. O Bayern parece outro. Não é aquele time ousado que se lançava ao ataque de peito aberto, arriscando-se atrás. Os papéis estão trocados e antes que fosse possível perceber os detalhes, Thomas Müller quase marca, em chute desviado pelo rosto de Weidenfeller, e Robben tem uma segunda chance depois de um passe longo e certeiro de Lahm.

O desconcerto do Dortmund é perceptível. Trata-se de um time muito hábil em montar armadilhas para o adversário. Sobretudo para o Bayern. O Dortmund é como um gato que sempre tenta o Bayern com um bom pedaço de queijo protegido entre suas garras. Os homens de Klopp facilitam a saída bávara, permitem um avanço tranquilo e esperam o Bayern (o rato!) até certo ponto do campo e então, rápidos, destroem o inimigo. Hoje, no entanto, esse rato está mais esperto e decide seguir um caminho diferente. Guardiola constrói uma superioridade gigantesca no meio de campo: fixa três zagueiros atrás e coloca seis homens na zona central. Para isso, o Dortmund não tem nem terá resposta. A pressão exercida pelos homens de frente será inútil durante a noite toda graças à superioridade numérica do Bayern. Como consequência, o time de Pep dispõe de um número menor de ataques dirigidos ao gol de Weidenfeller, mas quase todos levam muito perigo.

Pep escolhe menos ataque e mais controle. Robben está sozinho à frente, mas é suficiente para prender três defensores: os dois zagueiros e um lateral. Quando Müller o ajuda, surge uma combinação formidável para os interesses do Bayern. Dois atacantes prendem quatro defensores, de forma que no meio de campo

acontece o oposto: os cinco meias de Guardiola sempre superam os quatro que Klopp alinha no mesmo espaço.

Philipp Lahm é peça-chave nesta final. Tem que ajudar na saída de bola desde a linha de defesa e, simultaneamente, está encarregado de pressionar Şahin todas as vezes que Weidenfeller lhe passa a bola para iniciar a jogada. O capitão tem pela frente uma tarde de esforços longos e repetidos, porque setenta metros do eixo vertical do campo estão sob sua responsabilidade, mas aos oito minutos ele sofre uma pancada na panturrilha esquerda da qual não se recuperará. Com quinze minutos, precisa de atendimento médico; aos vinte, manca claramente; aos 28, não aguenta mais. Para o Bayern, é uma baixa aparentemente decisiva: sem Thiago, sem Alaba, sem Schweinsteiger e agora sem Lahm, o Bayern dos meios-campistas desapareceu...

No banco praticamente não há opções e o escolhido é Ribéry, que está há várias semanas com problemas nas costas que afetam também os músculos de suas pernas. Guardiola toma então uma decisão surpreendente que será fundamental no jogo: Ribéry não jogará como ponta, mas formando a dupla de volantes, ao lado de Toni Kroos. É uma decisão inédita, de improviso, porém demolidora para o Dortmund, que demora mais de meia hora para reagir. Até esse momento, o jogo do Bayern não havia sido brilhante, mas atingira seu objetivo: a equipe de Klopp não conseguira armar um contragolpe sequer.

Apesar de Neuer ainda se mostrar inseguro com os pés, o Bayern mantém seu plano de jogo sem problemas graças à participação escalonada de Javi Martínez, Kroos e Ribéry no início das jogadas. Os três formam um eixo central que se apoia nos homens de lado e, com Højbjerg atuando bem, o time sai jogando com facilidade. Javi mostra toda a inteligência tática e concentração defensiva que já se conhecia dele; Ribéry atua em ótimo nível — parece inverossímil que um atacante como ele jogue tão bem na posição de volante; e Kroos simplesmente faz papel de Lahm e de Kroos ao mesmo tempo.

Com uma hora de partida, depois de Müller ter outra chance de ouro fabricada em conjunto por Robben e Ribéry, o técnico do Dortmund mexe em sua primeira peça: Oliver Kirch substitui Mkhitaryan e iguala forças no meio de campo, especialmente porque Guardiola responde deslocando Ribéry e Götze, que passa a ocupar a posição de segundo volante ao lado de Kroos. Com essa troca de posições, Pep quer aproximar Ribéry do gol, mas faz desaparecer o efeito positivo que o francês vinha provocando no meio.

A final poderia ter sido tingida de amarelo se o árbitro estivesse atento ao cabeceio de Hummels depois de uma falta lateral, quando Dante afastou uma bola que já tinha cruzado a linha do gol do Bayern. Mantido o 0 a 0, a prorrogação chegou depois de o Dortmund ter conseguido chutar só duas vezes contra a meta de Neuer (incluindo o “não gol” de Hummels), contra cinco

oportunidades criadas por um Bayern que jogou de forma inteligente, buscando acima de tudo impedir que o rival utilizasse suas maiores armas.

Na conversa que antecede a prorrogação, Pep se limita a lembrar os jogadores de que estavam entrando numa fase em que a cabeça manda, não as pernas, e dá um conselho geral: “Procurem Mario [Götze]. Procurem-no entre as linhas”.

Ribéry está no limite de suas forças. A dor nas costas se torna insuportável e o técnico conversa com Robben sobre as possíveis opções de troca: “Pep me perguntou se eu tinha condições de continuar”, explicou-me, de madrugada, o jogador holandês. “E eu lhe disse que sim, que era necessário, porque Franck não aguentava mais e Højbjerg tinha levado uma pancada na panturrilha. Tínhamos que suportar, fosse como fosse.”

A prorrogação talvez seja uma questão mental, como Guardiola define, mas é claro que as pernas de alguns atletas estavam no limite. O desgaste só aumenta até que a final ganha contornos dramáticos. Pouco depois de Kroos cometer seu único erro da noite, permitindo um chute forte e seco de Aubameyang, o goleiro Neuer desloca o ombro direito por causa da grama molhada. Eram apenas dois minutos da prorrogação e, durante a meia hora seguinte, ele precisará de aplicação de gelo diversas vezes para diminuir a dor.

Em seguida, é Kroos quem sofre uma entrada na panturrilha que o faz mancarr até o apito final, enquanto Müller sente câimbras nos músculos isquiotibiais e Højbjerg tem que ser substituído por Van Buyten. Apesar dos problemas, o Bayern segue evoluindo bem na saída de jogo, graças à parceria Javi-Kroos, e o Dortmund continua sem armar nenhum contra-ataque.

Claudio Pizarro espera na lateral, pronto para substituir Ribéry, quando sai o gol que muda a final: Boateng cruza uma bola de lado a lado, Ribéry domina e espera a chegada de Robben até a região da marca do pênalti para fazer o passe, e o holandês finaliza nas mãos de Weidenfeller, que logo aciona Großkreutz; mas Boateng se antecipa, rouba a bola e joga na área, onde Robben é mais rápido que todos e faz o 1 a 0, um golpe decisivo. A euforia de Guardiola dura pouco mais de dois segundos, porque ele imediatamente pensa na substituição de Ribéry, que a essa altura já puxava bastante a perna direita.

Os últimos quinze minutos se resumem a ataques desesperados do Dortmund, que só consegue chutar a gol uma vez, com Reus, e a contra-ataques do Bayern, que tem duas chances claras de gol, mais uma finalização na trave de Robben, antes que Müller, aos dezessete do segundo tempo da prorrogação, feche o jogo ao marcar o segundo — méritos de um roubo de bola de Rafinha, do esforço incansável de Robben, da habilidade no passe de Pizarro e da esperteza do próprio Müller para se livrar de Schmelzer e Weidenfeller.

O Bayern consegue o *doblete*, Liga e Copa, transformando-se no segundo time na história do futebol a alcançá-lo nas mesmas condições (o PSV obteve a primeira combinação de Liga e Copa depois de uma tríplice coroa em 1988 e 1989). O time de Munique chega ao quarto título na temporada, de seis disputados, e para Guardiola é o décimo oitavo troféu de 25 possíveis, em cinco temporadas como técnico de elite (catorze de dezenove no Barcelona, quatro de seis no Bayern).

A equipe comemora em grande estilo. Boateng levanta Guardiola do chão como se o técnico fosse uma pena. Neuer, apesar do braço contundido, o imita. Pep dá fortes abraços em Javi, Rafinha, Götze e Kroos, e saúda Robben de forma especial. Recebida a taça, Dante e Van Buyten repetem o banho de cerveja sobre a cabeça de Pep; desta vez, nem mesmo Estiarte consegue escapar intacto.

No jantar depois da final, os jogadores estão entusiasmados com o técnico: “Encontrei meu lugar ideal. Enfim achei a posição para render meu máximo”, diz Javi. Para o capitão Lahm, ele é importantíssimo: “Nós, jogadores do Bayern, mostramos nosso valor. O crescimento da autoestima é impressionante”. Na palavra de todos eles, percebe--se a raiva pelo desastre ocorrido diante do Real Madrid, o apoio ao técnico e o desejo de aprofundar sua ideia de jogo.

São duas da madrugada, a alegria está no auge e Rafinha passa seu recado de fim de temporada: “Antes do jogo, eu disse a Dome [Torrent] que íamos juntos até a morte. Estávamos com meio time quebrado e demos tudo no campo. Tem que ter muita coragem para pôr em campo um garoto de dezoito anos na posição em que Pep o escalou. Ou para me posicionar como lateral esquerdo. Para Guardiola, isso é importantíssimo: se alguém tinha dúvidas, que as engula...”. As palavras de Robben são parecidas: “Esta vitória é imensa por tudo o que significa. É muito importante, porque reafirma nossa ideia, em que acreditamos mais a cada dia. Ganhamos com a ideia de Pep, e o segundo ano será melhor”.

Durante a festa, Guardiola encontra um canto para ficar com a família. Sente-se feliz, claro, mas hoje — mais do que nunca — está irritado consigo mesmo pelo jogo contra o Real, por não ter jogado naquele dia com o mesmo plano executado na final da Copa.

Às três e meia da manhã, ele diz adeus à festa, com a filha Valentina adormecida, agarrada a seu pescoço como um bebê.

Chove na rua.



O menino e o capitão

*Berlim, 18 de maio de 2014*

O Bayern viaja a Munique com a Copa conquistada em Berlim, a capital que neste ano se transformou no talismã de Pep para os títulos nacionais. Milhares de torcedores esperam na Marienplatz para festejar a dobradinha de conquistas e chega o momento de fazermos um balanço com os dois jogadores que simbolizam o primeiro ano de Guardiola: o jovem Højbjerg e o capitão Lahm.

Antes da volta à Baviera, pergunto a Højbjerg em que o técnico o ajudou.

“Ele me ajudou a ser ousado com a bola. A não ter medo da bola, jamais ter medo de jogar. E a jogar sempre. Do mesmo jeito se à minha frente está Xabi Alonso ou um atleta amador. Atuar sem medo e sempre se atrever. ‘Mostrar os colhões’, como diz Pep. O jovem faz as coisas com moderação; mas, se tudo for feito com moderação, você não evolui: tem que dar o máximo para conseguir progredir. Pep exigiu que eu jogasse com a bola sem medo. E me ensinou muito sobre tática e atuação defensiva. Aprendi a guardar posição quando meu companheiro avança e a atacar até o fim quando sou eu quem vai à frente. Ele me ensinou tática, coragem com a bola e, sobretudo, coração. A jogar com a cabeça e o coração ao mesmo tempo. Quando passei por uma fase difícil [a doença do pai], Pep me ajudou demais. Ele me disse que eu só devia dedicar uma hora e meia por dia ao futebol, mas que essa hora e meia tinha que ser no meu máximo, e que depois eu devia me despreocupar do jogo e ficar tranqüilo.”

Højbjerg chegou ao Bayern em 2012 com apenas dezesseis anos e sofreu muito para se adaptar aos treinos realizados quatro vezes por semana.

“Eu era novo e meu corpo não aguentava tanto trabalho. Passei um ano sentindo dores por todas as partes. E neste ano com Pep me aconteceu algo parecido porque treinando seis vezes por semana com os mais velhos houve momentos em que foi difícil suportar.”

“Para você, a temporada foi mais de aprendizado que de competição...”

“Sem dúvida. Quando me levanto pela manhã e saio da cama, digo a mim mesmo: hoje serei melhor que ontem. Hoje serei um futebolista melhor. Aprenderei algo novo. Quero aprender a cada dia algo novo. Quero ser melhor, melhor e melhor... Acho que Pep percebe essa vontade que eu tenho de evoluir constantemente. E tudo o que ele me passa eu tento desenvolver. Eu, como jogador, sempre faço o que acredito que será melhor para a minha evolução. Não sou egoísta, mas tenho grande confiança em mim mesmo e às vezes sou um pouco inocente e acho que a minha solução é a correta, mas vejo que preciso

aprender que existem soluções melhores. Com Pep me aconteceu isso: percebi que ele me traz soluções melhores.”

“O que você aprendeu exatamente?”

“Foi a primeira vez que compreendi que para estar entre os melhores do mundo é preciso dominar os conceitos defensivos, ser muito disciplinado e conhecer a tática. Notei a importância da cabeça porque é preciso ter o entendimento da estrutura defensiva. Ter consciência de que cada corrida, cada toque na bola, cada chute deve ser realizado a 100 por cento. Aprendi muito desde o último verão, física e mentalmente. E na parte tática também. Eu me transformei em um jogador melhor do que era antes de Pep porque adquiri conhecimentos que não tinha. Mas, ainda percebo que sou capaz de realizar cinco jogadas seguidas bem concentrado e correto, mas que na sexta me distraio, erro e perco a bola... Estou nesse ponto em que é preciso dar o salto do futebol juvenil para o futebol profissional e a chave é a cabeça. Existem colegas de time, como Dante, que todos os dias me lembram de como é importante a concentração mental, o treino diário e dar 100 por cento em todos os momentos.”

“O que Pep foi para você?”

“Ele é a paixão e o coração postos no futebol. Claro, é o meu técnico, mas é mais do que isso: é o meu segundo pai. É um sujeito legal e passa o dia nos explicando como podemos jogar melhor.”

“Há alguma diferença emocional na equipe em relação ao ano passado?”

“No ano passado, éramos um pouco mais ‘alemães’. Ou seja, sem grandes excessos emocionais. Em alemão dizemos *gerade* (corretos). Você sabe... Agora existe mais emoção e eu gosto disso. Sou um jogador muito emocional, gosto de jogar com o coração, mas os alemães não estão tão acostumados a isso quanto os brasileiros ou espanhóis da equipe, ou quanto Pizarro e eu mesmo. Mais emocional não é melhor nem pior, só é diferente. Mas essa mudança se percebe com muita clareza e acho que é uma boa contribuição. Se formos mais emocionais seguiremos com vontade de continuar ganhando todas as semanas. E Pep está sempre trazendo emoção.”

“Esse comedimento emocional acontece tanto na derrota quanto na vitória.”

“Sim, somos um time muito alemão, acostumado a não mostrar excessivamente as emoções. Às vezes, podemos parecer um pouco arrogantes e frios. Eu prefiro ser mais emotivo: a pessoa vibra para conseguir ganhar. Jogamos e treinamos para que no final da temporada possamos organizar uma bela festa como a de ontem à noite e extravasar as emoções.”

“Você será parte importante dessa equipe.”

“Às vezes acho que será muito difícil me firmar no Bayern e há pessoas que



me dizem que não conseguirei. Com dezoito anos é muito difícil jogar aqui. Às vezes penso que dentro de duas temporadas terei apenas vinte anos ainda... Alguns dias reflito sobre essa realidade: estou há quase um ano com Pep Guardiola, estou no Bayern de Munique, no melhor time do mundo, com o melhor técnico do mundo, e aprendi mais que em toda a minha carreira até agora. E acho que sim, que conseguirei me desenvolver e chegar a ser um bom jogador, e isto já é muito importante para mim. É como se eu estivesse na escola. Compreendo perfeitamente que não posso jogar toda semana, porque o time tem que ganhar os jogos. Então, eu me sinto como se estivesse na escola de Pep e do Bayern e me sinto feliz, mas é claro que chegará o dia em que será necessário que eu jogue toda semana e não será fácil, não sou bobo. Sei que talvez tenha que sair do Bayern e ir jogar em outros times da Bundesliga ou em outro lugar e isso não será ruim. Sempre terei orgulho de ter trabalhado com Pep e de ter aprendido tanto com ele no Bayern. Hoje, o que eu preciso é aprender e aprender. Aprender sempre, o tempo todo. E em dez anos poderei dizer aos mais jovens: eu passo a vocês o meu conhecimento. Hoje recebo e amanhã passarei conhecimento.”

“Uma crítica que não pode ser feita a você é a de falta de personalidade. Com dezoito anos, ontem você jogou uma grande final.”

“Tenho um coração muito grande e me entrego ao máximo, e isso às vezes tem algumas desvantagens, mas também é o que me dá força. Herdei a mentalidade determinada dos meus pais e da minha família, tenho personalidade. Às vezes, essa personalidade me faz falhar, mas no longo prazo me ajudará muito a ganhar. Só preciso encontrar o meu caminho e o equilíbrio preciso.”

Depois da conversa com o mais jovem do elenco, quem me espera é o capitão, o homem que, nas palavras do técnico, “reordenou todas as peças”. Lahm, o lateral que foi convertido em volante em plena final da Supercopa europeia, em 30 de agosto de 2013.

“Como você se lembra, Philipp, daquele momento em que sua posição mudou de forma tão radical?”

“O bom é que joguei bastante nessa posição de volante com Pep na pré-temporada. Ele me pôs ali várias vezes nos amistosos. Fazia muitos anos que eu não jogava nessa posição, mas ele tomou essa decisão e sabia que eu era capaz de atuar desse modo. E poder jogar ali na Supercopa foi especial para mim porque eu gosto muito de jogar no meio de campo e é incrível quando o técnico deposita confiança em você e acredita que você é capaz apesar de tantos anos sem jogar nessa posição.”

“A partir daquele dia, a posição era sua. Pep lhe causou um problema por isso ou você se sentiu confortável como o número 6?”

“Eu me senti muito bem jogando nessa posição durante a temporada. Acho que Pep me colocou nessa posição porque passei a sensação de estar muito confortável nela. A verdade é que me sinto muito bem como volante, foi uma situação nova para mim porque jogava quase sempre como lateral. Foi interessante, porque é preciso sempre estar alerta ao extremo quando se joga em uma posição nova. Claro, jogar como volante é totalmente diferente porque há muitos jogadores ao seu redor, mas ganhei a confiança de Pep e acho que durante a temporada eu a justifiquei.”

“Para os próximos anos, Philipp Lahm vê a si mesmo como volante mais que como lateral?”

“Acho que neste ano demonstrei que posso jogar nas duas posições. Como disse, gosto muito de jogar no meio de campo. Depois de dez anos como lateral é uma coisa nova e eu posso me ocupar de funções diferentes. Isso não significa que nunca mais vá jogar de lateral direito ou esquerdo, mas jogar no meio de campo me diverte muito. Bom, claro, a decisão é do técnico...”

“Com respeito ao Bayern de Jupp Heynckes, o que mudou de forma profunda na equipe com a chegada de Guardiola?”

“Aprofundamos o jogo de posição e, no meu caso específico, tive muito mais a bola que na temporada com Jupp. Dominamos mais os jogos. Por exemplo, na temporada passada, nos jogos decisivos das quartas de final e semifinais da Champions, esperamos demais — todos atrás — para jogar praticamente no contra-ataque. Com bastante energia, claro, mas não passávamos muito tempo com a bola, e não ditávamos o ritmo do jogo, não dominávamos tanto quanto agora. A segunda coisa em que evoluímos foi na distribuição do espaço de cada jogador e, naturalmente, depois da perda da bola, na forma como passamos a pressionar logo em seguida. Em grande parte, nesses dois aspectos melhoramos significativamente em relação ao ano passado.”

“A adaptação aos conceitos propostos por Pep não foi rápida nem fácil...”

“Claro que foi difícil. Era uma coisa nova para os jogadores, mas uma coisa nova tem que ser feita depois que já se ganhou tudo. Ganhamos a tríplice coroa e veio um novo treinador que tentou trazer algo novo para a equipe. Acho que para muitos jogadores isso foi difícil. Tudo funcionava bem antes e nossa forma antiga de jogar nos ajudou a ganhar tudo, mas, mesmo assim, optamos por algo novo e diferente. Acho ainda que Pep se adaptou muito bem ao futebol alemão, que acabou transformando-o um pouco também. Mas é claro que é difícil, porque os jogadores simplesmente precisam de tempo para se acostumar e o técnico também tem que se ajustar um pouco aos atletas. Mas acho que ele conseguiu fazer isso bem.”

“Guardiola falou bastante de um choque cultural entre os seus conceitos de

futebol e os da tradição alemã. Esse choque é real? Vai continuar existindo? As duas partes podem se entender?”

“É um processo, um choque cultural. Acho que o próprio Pep se disse surpreso muitas vezes com tantas equipes na Alemanha jogando no contra-ataque. Muitos adversários jogam muito fechados contra o Bayern e, de repente, armam um contra-ataque veloz. Não querem ficar muito com a bola, preferem ser defensivos. Acho que é uma diferença entre o futebol espanhol e o alemão, mas é um processo em que um ensina ao outro. Os jogadores aprendem com o técnico, mas Pep também vai conhecendo cada vez melhor o futebol alemão, a forma de jogar e os adversários. De todo modo, acho que esse processo já está encerrado.”

“O normal, depois de uma tríplice coroa como a que vocês ganharam com Heynckes, é cair de rendimento. Em toda a história só o PSV conseguiu dois títulos no ano seguinte ao da tríplice coroa. Pep foi importante para esse sucesso e para que o time não rendesse menos?”

“Tenho certeza de que o mérito pela equipe ter mantido o rendimento é, em boa parte, dele. Normalmente, após uma tríplice coroa, os jogadores estão saciados e é difícil ganhar a liga de novo, mas acho que Pep — com sua forma de trabalhar, com a comissão técnica e com a nova maneira de pensar o nosso jogo — conseguiu fazer tudo parecer muito novo e tínhamos que estar bem atentos para que as coisas funcionassem. Só foi possível, porque desde o início tivemos um bom ritmo na Bundesliga e, no final, fomos campeões de maneira incrível.”

“Qual é o melhor e o pior de Pep?”

“O grande ponto forte de Pep é a tática. Ele prepara o time de forma magnífica contra todos os rivais. Ele é o melhor e isso, ao mesmo tempo, é uma pequena fraqueza. Porque é um perfeccionista: quer que tudo seja perfeito, até o mínimo detalhe. E isso é bom, é especial, mas às vezes para ele mesmo acaba sendo demais, porque nunca está contente, nunca consegue dizer ‘Isto é incrível’.”

“Acha que o caminho de Pep no Bayern será longo?”

“Tenho certeza. Claro, isso sempre depende dos jogadores. Quando se tem sucesso existem mais chances de permanecer mais tempo; quando um técnico não obtém sucesso em um clube de prestígio como o Bayern, passa a ser questionado até pelos jogadores. Mas o mais provável é que tenhamos sucesso e acho que estaremos bem com Pep. Estou muito feliz com ele.”

“Quando um time pratica o jogo de posição, sabe que o adversário costuma esperar fechado, preparando um contra-ataque. Imagino que, para o jogador, pode ser muito desgastante mentalmente ter que lutar sempre da mesma forma.”

“Eu só posso falar como jogador e acho muito mais prazeroso ter sempre a bola e não apenas defender e defender para passar cinco segundos atacando e logo ter que voltar a defender. É mais bonito ter a partida nas mãos, ter a bola. Sim, é ruim, porque o rival mantém onze homens atrás. Claro que é difícil, mas prefiro ter a iniciativa do jogo a ficar esperando.”

“Mas, pensando no ataque posicional, o que o time deve fazer: chutar mais, cruzar melhor? Que soluções existem contra esse bloqueio?”

“Contra a retranca, os jogadores devem se concentrar 100 por cento, porque cada passe é importante. Imaginar que quanto mais rápido a bola vai, menos você recebe o contato do adversário, fora que os movimentos são importantes para deixar espaços livres para os companheiros. Os lances mais decisivos acontecem quando ultrapassamos três quartos do campo. É importante distribuir bem o espaço e ter jogadores capazes, que sejam muito bons tecnicamente e queiram ter sempre a bola.”

Paradoxos da temporada: o volante de dezoito anos teve que jogar a final da Copa da Alemanha como lateral, e o lateral de trinta anos foi indiscutivelmente o melhor volante da temporada. Højbjerg e Lahm, os símbolos de Pep.



## PALAVRA DE GUARDIOLA

*Munique, 20 de maio de 2014*

Quando você estiver lendo este livro, o primeiro título da temporada 2014/2015 já terá sido disputado. Como se vivêssemos em uma roda que gira e gira sem parar, o ano terá começado outra vez no Westfalenstadion, de novo com a Supercopa da Alemanha como troféu em jogo. O segundo ano de Pep Guardiola na Alemanha inicia com o mesmo adversário contra o qual começou e terminou o primeiro: o Borussia Dortmund de Jürgen Klopp.

Na primeira temporada de Guardiola no Bayern, o time disputou 56 jogos oficiais, com 44 vitórias, seis empates e seis derrotas. Ou seja, 78,5 por cento dos confrontos terminaram com vitória bávara, percentual que na Bundesliga subiu a 85,3 por cento. A equipe marcou 150 gols (com média de 2,67 por partida) e sofreu 44 (0,78 por partida). Em lances de bola parada, conseguiu marcar 28 (catorze em escanteios, nove em faltas indiretas e cinco de faltas diretas) e levou oito (cinco em escanteios, incluindo rebotes e gols contra, um em falta indireta e dois em faltas diretas).

Além dos 56 jogos oficiais, foram catorze amistosos e 279 sessões de treinamento nos 326 dias transcorridos entre 26 de junho de 2013 e 17 de maio de 2014. Houve duas semanas de férias, de modo que aconteceram efetivamente 312 dias de trabalho, durante os quais foram realizadas as 349 atividades mencionadas (os setenta jogos e os 279 treinos). A maioria dos jogadores ainda disputou uma média de oito partidas com suas respectivas seleções antes do início da Copa do Mundo no Brasil.

O componente técnico esteve presente nas 279 sessões de treinamento, que por suas características dividiram-se em quatro grandes grupos: 89 foram majoritariamente táticas; de setenta a 75 reuniram características físicas quantitativas (que podemos associar a conceitos como o de força-resistência); de sessenta a 65 tiveram traços qualitativos (como os de força explosiva); e 66 apresentaram finalidade preventiva, basicamente com musculação e alongamento. Algumas sessões incluíram trabalhos de grupos diferentes, por isso as parciais somam mais de 279.

Do elenco, nove jogadores se destacaram pela sequência atingida ao longo das 39 semanas de competição, das quais apenas seis não tiveram partida intersemanal — ou seja, em 33 semanas da temporada o Bayern atuou duas vezes. Os jogadores que ultrapassaram o limite de 4 mil minutos jogados — ou que se aproximaram dele — e participaram de 90 por cento das sessões de treinamento, ou mais, foram: Neuer, Lahm, Boateng, Dante, Alaba, Kroos,

Müller, Mandžukić e Robben. Os que perderam menos treinos por contusão foram: Müller, baixa apenas por dois dias; Alaba, que faltou três vezes; e Kroos, ausente em quatro oportunidades.

Para além dos números e em poucas palavras, o primeiro ano de Guardiola pode ser resumido assim: adaptação ao futebol alemão, de forte tendência ao contra-ataque; adaptação aos jogadores do Bayern e à epidemia de lesões sofridas; ensinamento dos conceitos básicos do jogo de posição (o novo “idioma”); alta competitividade em todos os campeonatos disputados; e resultados melhores que os esperados.

Com o fim da temporada, abre-se uma nova pasta de assuntos pendentes: a evolução tática imprescindível para que o time não fique preso a uma fórmula de sucesso já bem conhecida; a adaptação dos novos jogadores para que aprendam a interpretar melhor o idioma de jogo; a gestão e a renovação de um grupo de atletas que se mantêm na elite europeia há cinco anos; o estabelecimento das bases para outro grande ciclo de conquistas; e a máxima competitividade em todos os campeonatos.

Com esses elementos à mão, o encerramento deste livro deve pertencer ao próprio Guardiola; por isso, nós nos encontramos na terça-feira, 20 de maio, na sua sala em Säbener Straße, por onde os jogadores passaram para se despedir. Alguns já a caminho da Copa do Mundo, e outros — como Thiago, Neuer ou Lahm — ainda sob os cuidados dos fisioterapeutas. Na segunda-feira, Pep passou o dia jogando golfe com Cristina e, nesta terça, chega à sua sala na hora marcada. Ainda está em cima da mesa o relatório sobre o Borussia Dortmund. Na lousa, as chaves do 3-6-1 apresentado em Berlim, o recado carinhoso da filha Maria e duas frases sublinhadas em cor verde. Uma, extraída do filme *Moneyball*, diz assim: “Sei que estão batendo forte em você. Mas o primeiro a derrubar o muro sempre sangra. Sempre”. A outra frase escrita na tela branca que domina a sala é do próprio Guardiola: “Praticamente todos os problemas de um time são questões de ego”.

“Pep, chegou a hora de fazer um balanço pessoal do seu primeiro ano em Munique — em que houve sucessos, fracassos, drama e alegria. Você está à vontade aqui?”

“Ainda preciso de mais tempo para considerar que a equipe é minha [disse, após uma pausa que me pareceu muito longa, mas que depois verifiquei ter durado oito segundos]. Preciso de mais tempo. Vencemos bastante e por isso estamos todos felizes, porque a vitória sempre nos dá tempo de fazer mais coisas. Ganhar títulos lhe dá tempo para construir o futuro. Mas a verdadeira satisfação a gente sente quando percebe que o time é seu e joga como você quer. E, para isso, ainda preciso de tempo. O time ainda não é inteiramente meu. Se terei esse tempo? As grandes equipes precisam ganhar sempre, mas se eu tiver esse tempo

e puder decidir que caminho seguir... Mas ainda não, ainda não. Preciso de mais tempo. Por quê? Porque o que estou tentando criar vai contra a cultura alemã. Tenho que convencer os jogadores do que quero, porque eles são de Munique, Greifswald, Rosenheim ou Gelsenkirchen, e eu sou de Santpedor. E nesse processo do ‘você se adapta e eu me adapto’, precisa haver um mix. Eu não posso e não quero convencer Beckenbauer sobre nossa maneira de jogar, mas ele também não me convencerá. Portanto, nessa questão, temos que encontrar um ponto de equilíbrio. Mas eu tenho que convencer esses jogadores. E é contracultural, porque acontece depois de uma tríplice coroa e com a mesma base de atletas. Se você ganha a tríplice coroa e chegam sete novos jogadores, é mais simples mudar a maneira de jogar. Mas não foi assim. Quando eu entrei para o Barça, oito novos jogadores também foram contratados e, além disso, o ano anterior da equipe foi desastroso. Já o Bayern vinha do sucesso absoluto e chegaram apenas dois novos atletas (Thiago e Götze). A realidade é essa e não é simples administrar isso.”

“Você se sentiu desorientado em algum momento?”

“Foi um desafio. No Barça, eu conduzi a recuperação de uma equipe que tinha perdido a liga espanhola por dezoito pontos. Aqui, cheguei depois de uma tríplice coroa. É uma diferença gigantesca. E nas duas vezes conseguimos bons resultados, que é o que importa para os presidentes e diretores. Nesse sentido, o saldo é positivo: quatro títulos de seis. É verdade, perdemos a Champions, mas o pior foi o gosto amargo que a derrota deixou, a maneira como perdemos. Não por ter sido nas semifinais — até aí não há nada de errado. Não há defesa para a forma como perdemos do Real. Temos que baixar a cabeça e aceitar. Ponto. Mas o resto foi bom. É um país novo para mim, uma equipe que vinha da tríplice coroa, com só dois jogadores novos, um novo idioma, toda essa questão da língua. Uma coisa é você se expressar, outra é se fazer entender de verdade pelos jogadores. Para isso, preciso da palavra e ainda não sei usar bem o vocabulário. Há um ano, se você me dissesse ‘Guten Abend!’, eu não saberia se estava me dando um boa-tarde ou um boa-noite. Claro, não é fácil assimilar rapidamente as palavras necessárias para a comunicação com os jogadores.”

“O desafio de suceder Heynckes era muito grande.”

“Sim, mas também posso lhe dizer que ganhamos muitos jogos graças ao trabalho de Jupp [Heynckes] no ano passado, à dinâmica vencedora da equipe, à mentalidade de ganhar, ganhar e ganhar... Por isso, era tão importante ganhar também a Copa da Alemanha depois da liga, porque você ganha margem para continuar o trabalho. Traz autoestima aos jogadores, que sentem que voltaram a ganhar depois de ter conquistado tudo. Se tivéssemos perdido na Copa, os meses seguintes poderiam ser mais difíceis. Bom, eu também dirigi o Barça depois de uma tríplice coroa, mas era diferente, porque eu estava no banco naquelas

conquistas e aqui o trabalho foi de Jupp. Era um autodesafio, eu queria provar para mim mesmo que conseguiria: outro país, outro idioma, administrar o sucesso de outro técnico... Eram condições que eu sabia que seriam difíceis. Sim, eu ganhei títulos nesta temporada, quatro títulos, mas não é isso que realmente importa. A questão na verdade é deixar algo que eu possa sentir como próprio, a minha maneira de jogar: como na Telekom Cup do verão passado, no jogo de Manchester contra o City, no de Leverkusen contra o Bayer 04..."

"Nesta primeira temporada, você mencionou muitas vezes a palavra 'contracultura', mas qualquer coisa que você fizer fora de Barcelona será contracultural..."

"Sim, sim. Basicamente porque sou fã do ataque posicional, ou seja, de forçar a equipe adversária a permanecer na própria área, sem poder sair. São poucos os que jogam assim. O Barça, Paco Jémez [técnico do Rayo Vallecano] e quase mais ninguém. A maioria espera e contra-ataca. E jogar com o ataque posicional é muito difícil. Por quê? Porque é preciso uma grande dose de humildade da parte dos atletas. O ataque posicional implica que, como jogador, eu não participe por bastante tempo, mas ainda assim estarei ajudando o time. Quando participar, estarei sozinho e serei decisivo. E para jogar assim, é preciso valorizar a humildade, o sacrifício. Você tem que aceitar não participar. Mas isso significa que você está criando espaços para os demais companheiros. E é um processo muito, muito longo. Utilizar uma defesa de oito ou nove jogadores com movimentos bem coordenados traz outras exigências, mas é mais factível e isso se comprova na maioria dos jogos que vemos. No entanto, quando você trabalha sozinho no ataque posicional e faz isso com jogadores que ganharam tudo usando um modelo de jogo diferente... O mérito é de atletas como Thiago ou Philipp, que suportam, esperam, ficam fora de ação aguardando o momento certo, e então podem fazer o três contra dois. Ou de jogadores com o talento de Robben ou Ribéry, que aceitam que durante quinze minutos não vão participar diretamente do jogo, mas estarão ajudando a construir o processo que desembocará em um lance de perigo..."

"Houve um evidente processo de adaptação entre jogadores e técnico..."

"Sim, claro. E, por conta dessa exigência de humildade no ataque posicional, eu me adaptei aos jogadores. Mas acabamos jogando mal, porque esse jogo não permite que nos ajustemos à individualidade de cada atleta, mas exige que os jogadores se adaptem ao modelo de ataque posicional. Por exemplo, eu sou fã dos pontas e aqui tenho pontas sensacionais. Mas para que eles participem do jogo tirando proveito, temos que construir antes um processo que lhes dê essa vantagem a partir do primeiro passe, desde a saída de bola. E isso não é simples, é um processo longo e complexo. Vale o mesmo para os zagueiros, que hoje jogam cinquenta metros à frente do goleiro. É um risco? Claro que sim, sem



dúvida; porém, nos 27 jogos de que precisamos para ganhar a liga, sofremos apenas treze gols, lembre-se disso. É contracultural? Com respeito ao Barça, sem dúvidas. Xavi, Messi ou Iniesta estão praticando o mesmo tipo de jogo desde os dez anos. Claro que é contracultural!”

“Temos que destacar que você encontrou muito apoio nos jogadores.”

“Eu dou muito valor ao esforço de alguns jogadores para os quais esse estilo de jogo é mais custoso e não bate com as suas características. Acho que todos, interpretando-o melhor ou pior, valorizam o jogo de posição que nós fazemos, o trabalho tático, a ideia de não correr só por correr. É impossível que eles não gostem desse tipo de trabalho. E administrar uma tríplice coroa também não é fácil para o atleta.”

“Suponho que seja frustrante jogar sempre no ataque sabendo que basta um contragolpe para desmontar o seu trabalho.”

“Sim. Mas também é muito gratificante impedir que um adversário que quer jogar no contra-ataque consiga isso. O primeiro conceito que se deve aprender no ataque posicional é que, quando você ataca, deve estar protegido contra a perda de bola, onde quer que ela aconteça. No dia do desastre contra o Real Madrid, esse foi nosso grande erro. Vimos desde o início, mas era complicado mudar de sistema com o jogo em andamento e tivemos que esperar o intervalo, mas aí já estávamos perdendo por muito. Então, adotei um 4-3-3 com um ponta de lança e no segundo tempo não aconteceu nada, não sofremos nenhum contra-ataque. Na Alemanha, os jogadores estão acostumados a ter espaço. Veja, por exemplo, nosso segundo gol na final da Copa [gol de Müller]. Lá ele tinha espaço, que é do que ele gosta. Mas para conseguir isso, você precisa recuar um pouco. Porque se está encurralando o adversário na própria área, ali não haverá espaços e o jogo será muito mais difícil.”

“Há alguns meses você me disse: ‘Na próxima temporada, jogaremos melhor e perderemos mais jogos’.”

“Bom, é um modo de falar. O que eu penso realmente é que, se jogarmos melhor, perderemos menos. Espero ter meus jogadores sadios o ano todo, com menos lesões, ganhar alguns reforços e, com tudo isso, contar com mais possibilidades de jogar melhor — e, portanto, de ganhar. Acho que vamos jogar melhor. Não estaremos sempre nos comparando com o Bayern da tríplice coroa, mas com o que nós fizemos e como jogamos nesta temporada. É humano, inevitável e lógico que, depois de Heynckes, todo mundo pensasse ‘Por que temos que mudar?’. Certamente eu teria pensado o mesmo...”

“Mas a mudança depois da tríplice coroa poderia ser considerada inevitável, porque no futebol quem não evolui fica para trás.”

“Bom, não sei o que teria acontecido se eu não tivesse mudado a forma de

jogar, ninguém pode dizer... Mas, sim, é verdade que o futebol é evolução — e a evolução depende muito dos jogadores que você possui. Neste ano, eu joguei muitas vezes de uma maneira que não era a minha, mas precisava me adaptar aos jogadores. E eles precisavam jogar para ganhar ritmo. E é necessário errar para avançar passo a passo. Você precisa conhecer seus adversários, conhecer a liga... Bom, agora já joguei contra todos eles, já conheço os estádios, conheço os técnicos rivais, conheço meu próprio clube. E enquanto aprendia tudo isso, conseguimos ganhar quatro títulos, que são o oxigênio para continuarmos avançando e mudando as coisas. Os quatro títulos são um ativo para a próxima temporada e para a autoestima dos meus jogadores. E não são quatro títulos fáceis de ganhar. Também não adianta só chegar às finais: é preciso ganhá-las. E, depois de ganhar, o normal é o relaxamento. Kalle sempre me dizia isto: 'Nos anos após nossas conquistas na Champions, sempre vamos mal'. Neste ano, no entanto, mantivemos o nível e ganhamos a liga mais cedo do que nunca. Ganhamos com 25 vitórias e dois empates, e isso foi muito bom."

"Sente que o time evoluiu na direção que você pretende?"

"Olha, a mudança nestes onze meses foi gigantesca e o time teve momentos brilhantes, do mesmo modo que teve momentos ruins, como na surra da Champions. Mas, veja, jogamos partidas brilhantes na Champions — por exemplo, no Emirates, em Old Trafford e no Bernabéu. Esse tipo de desempenho — quando jogamos como realmente acho que devemos jogar — é o que realmente me importa. E, com o tempo, quero poder deixar na lembrança da torcida do Bayern muitos jogos desse tipo. Afinal, todos sabemos que, passado certo tempo, isso tudo vai acabar um dia..."

O segundo ano promete ser mais intenso que o primeiro, porque Guardiola quer ser mais Pep do que nunca: mais atrevido e mais profundo em sua concepção de jogo. Com jogadores mais convictos, mais comprometidos e mais conhecedores do novo "idioma" que ele propõe. Mas também um Pep, como se intuiu na final da Copa, com um repertório mais variado, que poderá levá-lo esporadicamente a se fechar um pouco mais.

Como vimos ao longo da temporada, um time é um ser vivo e não uma foto imutável. Flui, cresce, retrocede, avança... Um time é feito de momentos que marcam as conquistas. Um time é muito mais que um estado de ânimo: é tática e trabalho, mas também é talento e eficiência. É treinamento e ideias claras, mas também é emoção e sentimento.

Um time é um caminho às vezes novo, inédito e cheio de aventuras. Outras vezes, é um caminho conhecido, repleto de rotinas necessárias e repetitivas. Um time precisa ter um rumo claro, conhecer os perigos potenciais e avançar junto, comprometido. O caminho do futebol sempre volta a começar, porque não tem

final. O futebol tem muitas finais, mas nunca um ponto final.

Naquela noite em que jantaram em Nova York, Garry Kasparov olhou para Guardiola e disse:

“Quando ganhei meu segundo campeonato mundial em 1986, já sabia muito bem quem me derrotaria.”

“Ah, é? Quem?”, perguntou o técnico.

“O tempo, Pep, o tempo...”





Enquanto faz alongamentos à porta do vestiário, Pep Guardiola fala com o autor do livro sobre a sessão de treinos recém-concluída na cidade esportiva do Bayern de Munique.



Pep Guardiola na sua sala em Sábener Straße, depois da vitória na final da Copa da Alemanha.



O dia da apresentação como novo técnico do Bayern, no vestiário da Allianz Arena.





Lorenzo Buenaventura detalha para o autor do livro o planejamento da preparação física do Bayern.



No campo nº 1 de Säbener Straße, Pep explica os pormenores do jogo de posição e a sequência de movimentos que ensaia com os atletas.



Pep Guardiola e a esposa Cristina, durante a Oktoberfest de Munique.



Pep brinda com cerveja na Oktoberfest de Munique



Daniel van Buyten dá um banho no técnico durante as comemorações pela conquista da Bundesliga



Pep Guardiola com Arjen Robben, um dos destaques da equipe. O atacante holandês fez sua melhor temporada desde que chegou ao Bayern.





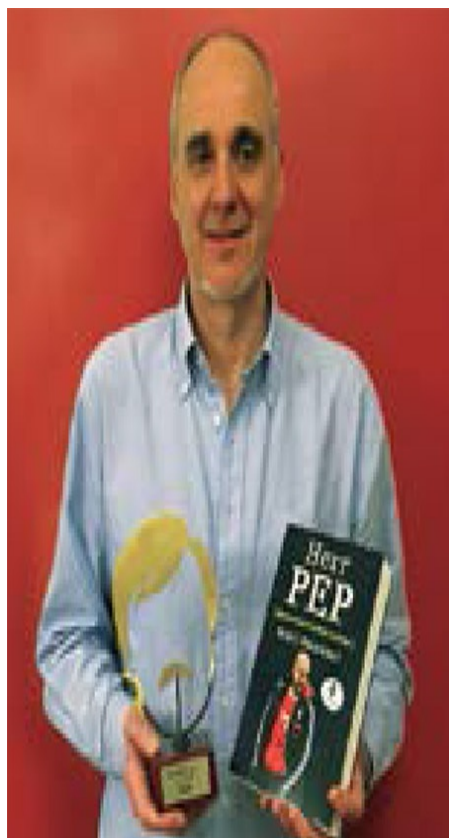
Franck Ribéry e Guardiola comemoram o gol do atacante francês contra o Chelsea na Supercopa da Europa conquistada pelo Bayern em Praga.



Quase dois meses depois de ganhar a liga, Pep recebeu o Meisterschale, a salva de prata que se entrega ao campeão, em uma grande festa realizada na Allianz Arena.



O quarto título da primeira temporada: a Copa da Alemanha, carregada por Pep Guardiola na prefeitura de Munique.



MARTÍ PERARNAU, nascido em Barcelona em 1955, participou dos Jogos Olímpicos de Moscou em 1980 nas provas de salto em altura, especialidade em que foi campeão e recordista na Espanha em todas as categorias. Como jornalista, dirigiu a editoria de esportes de diversos periódicos e da *Televisión Española* na Catalunha. Há mais de vinte anos vem se dedicando também ao mundo da gestão, primeiro como diretor do centro de imprensa das Olimpíadas de Barcelona, em 1992, e posteriormente, já em Madri, como executivo de empresas do ramo audiovisual. Atualmente, comanda sua própria agência de publicidade e colabora, como analista, em vários meios de comunicação. Em abril de 2011 publicou seu primeiro livro, *Senda de Campeones*, cujo enfoque são as categorias de base (La Masia) do FC Barcelona. Por sua segunda obra, chamada *Herr Pep* e lançada no Brasil sob o título *Guardiola Confidencial*, recebeu, em fevereiro de 2015, o prêmio de Livro do Ano de 2014 oferecido pela revista *Panenka*. Dirige o magazine esportivo digital [www.martiperarnau.com](http://www.martiperarnau.com).



Copyright © Roca Editorial, 2014  
Copyright © KasaFutebol Editora Ltda, 2015

Primeira publicação na Espanha em 2014 by Roca Editorial. Título original: Herr Pep. This agreement by arrangement with SalmaiaLit and Roca Editorial.  
Não autorizada distribuição em Portugal, Angola e Moçambique.

*Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990, que entrou em vigor no Brasil em 2009.*

Título original: Herr Pep

Tradução: Gabriel Roberti Gobeth

Preparação: Andressa Bezerra Corrêa

Revisão: Luciana Duarte Baraldi e Patricia Calheiros Capa: Aline Temoteo

Foto de capa: Pep Guardiola, Four Four Two UK, em primeiro de fevereiro de 2014

Crédito da foto: Shamil Tanna/Four Four Two/Contour by Getty Images

Todos os direitos desta edição reservados à Editora Grande Área  
Av. Tenente Haraldo Egídio de Souza Santos, 777 – sala 01  
Jd. Chapadão – 13070-160 – Campinas – SP

## Table of Contents

[Prefácio](#)

[Capítulo 1](#)

[Momento 1](#)

[Momento 2](#)

[Momento 3](#)

[Momento 4](#)

[Momento 5](#)

[Momento 6](#)

[Momento 7](#)

[Momento 8](#)

[Momento 9](#)

[Momento 10](#)

[Momento 11](#)

[Momento 13](#)

[Momento 14](#)

[Capítulo 2](#)

[Momento 12](#)

[Momento 15](#)

[Momento 16](#)

[Momento 17](#)

[Momento 18](#)

[Momento 19](#)

[Momento 20](#)

[Momento 21](#)

[Momento 22](#)

[Momento 23](#)

[Momento 24](#)

[Momento 25](#)

[Momento 26](#)

[CAPÍTULO 3](#)

[Momento 27](#)

[Momento 28](#)

[Momento 29](#)

[Momento 30](#)

[Momento 31](#)

[Momento 32](#)

[Momento 33](#)

[Momento 34](#)

[Momento 35](#)

[Momento 36](#)

[Momento 37](#)

[Momento 38](#)

[Momento 39](#)

[Momento 40](#)

[Momento 41](#)

#### [CAPÍTULO 4](#)

[Momento 42](#)

[Momento 43](#)

[Momento 44](#)

[Momento 45](#)

[Momento 46](#)

[Momento 47](#)

[Momento 48](#)

[Momento 49](#)

[Momento 50](#)

[Momento 51](#)

[Momento 52](#)

[Momento 53](#)

#### [CAPÍTULO 5](#)

[Momento 54](#)

[Momento 55](#)

[Momento 56](#)

[Momento 57](#)

[Momento 58](#)

[Momento 59](#)

[Momento 60](#)

[Momento 61](#)

[Momento 62](#)

[Momento 63](#)

[Momento 64](#)

[Momento 65](#)

[Momento 66](#)

[Momento 67](#)

[Epílogo](#)

[Sumário](#)